I ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE



"A BOLA"
De B. Dawski - Museu de Desportos e Turismo - Varsóvia

C O L E T Â N E A

UNICAMP

FEF/UNICAMP-1993

613.709
En17c
1010372272

Encontro de História da Educação Física e do Esporte



"A Bola"
De S.Dawski - Museu de Desportos e Turismo
Varsóvia-1956

Coletânea

FEF - Unicamp / 1993

UNICAMP
BIBLIOTECA - FEF

Carlos Alberto Vogt
Reitor da Universidade Estadual de Campinas

José Martins Filho
Vice-Reitor da Universidade Estadual de Campinas

Ademir Gebara
Diretor da Faculdade de Educação Física

Heloísa Turini Bruhns
Chefe do Departamento de Estudos do Lazer

SUMÁRIO

Apresentação	01
Programa Oficial	02
Relato dos Participantes	02
Mesas Redondas	
1) História do Esporte	06
2) História do Lazer	47
3) História da Educação Física nos Cursos de Graduação	71
4) Educação Física e Esporte: História e Teoria	80
5) História da Educação Física Escolar	150
6) História da Educação Física no Brasil	168

Coordenação Geral

Prof. Dr. Ademir Gebara

Comissão Organizadora

Prof. Ms. Edison Valente

Prof. Ms. Fernando Marinho Mezzadri

Prof. Ms Nestor Soares Públio

Profa. Ms. Dagmar Ap. Cynthia F. Hunger

Prof. Verter Paes Cavalcanti

Profa. Cacilda Pereira Widmer

Profa. Rita de Cássia Garcia Verenguer

Profa. Maria Elisete Brigatti

Prof. Fernando Renato Cavichiolli

Prof. Marcelo Weishaupt Proni

Prof. Victor Andrade de Melo

Secretaria Geral

Sra. Maria José Marques

Editores da Coletânea

Profa. Cacilda Pereira Widmer
Prof. Ms. Edison Valente

PROGRAMAÇÃO

28 outubro 93

8:00 - 9:45 h : Entrega de Material

10:00 - 12:00 h : Mesa Redonda : ***História do Esporte***
Coordenador : Prof. Ms. Edison Francisco Valente

Prof. Ms. Fernando Marinho Mezzadri
" Esporte Espetáculo : um estudo em Ponta Grossa "

Prof. José Carlos de Almeida Moreno
"Unimep e o Basquete Feminino em Piracicaba'

Prof. Dr. Nestor Soares Publio
"Ginástica Olímpica : um século de história (1881-1981)

Marcelo Weishaupt Proni
" História das Artes Marciais : *um* roteiro de estudo "

Prof. Alancardek Di Mario
"O Atletismo e a Revolução Industrial"

Profa. Sílvia Christina Madrid Finck
"Algumas Reflexões sobre o Rítmo dos Movimentos do Homem"

12:00 - 13:45 h : *Almoço*

14:00 - 16:00 h : Mesa Redonda : ***História do Lazer***
Coordenador : Prof. Dr. Nestor Soares Publio

Prof. Cacilda Pereira Widmer
"O Lazer no Voô a Vela : um relato de experiências"

Prof. Dr. Ademir Gebara
"Tempo Livre e Meio Ambiente : uma perspectiva histórica.

Prof. Ms. José Luiz Finocchio
"O Trabalho e o Tempo Livre."

16:00 - 16:30h : Café

16:30 - 18:00 h : Conferência de Abertura : ***História do Futebol Brasileiro***
Prof. Dr. José Sebastião Witter (Departamento de História - USP)
Coordenador : Prof. Dr. Ademir Gebara

18:00 - 20:00 h : Mesa Redonda : ***História da Educação Física nos Cursos de Graduação***
Coordenadora : Cacilda Pereira Widmer

Profa. Dagmar Aparecida C. F. Hunger
" O Curso da História da Educação Física na Graduação "

Prof. Ary Camargo Segui
"O Curso da História da Educação Física na Graduação"

Prof. Airton Ruy dos Santos e Prof. Divoenyh Julieta Cabral
" Relato de uma Experiência Metodológica proposta pela Disciplina de História da Educação Física no Curso de Graduação da Universidade Federal do Paraná"

Prof. Ms. Lino Castellani Filho
" História da Educação Física no Brasil : na graduação da FEF/Unicamp "

20:00 h : Confraternização

29 de outubro

8:30 - 10:00 h : Conferência : ***"A Hermenêutica a a Pesquisa Histórica"***
Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa (UERJ e UFF)
Coordenador : Prof. Ms. Edison Francisco Valente

10:00 - 10:30h : Café

10:30 - 12:30h : Mesa Redonda : ***"Educação Física a Esporte : história e teoria"***
Coordenadora : Prof. Dagmar Ap. E. F. Hunger

Prof. Ms. Mara Lúcia Cristan
"A Relativa Autonomia do Campo Esportivo".

Acad. Victor Andrade de Melo
"Arte popular e novas possibilidades do estudo da história da Educação Física e dos Esportes".

Prof. Maria Elisete Brigatti
" O Tempo como Elemento Diferenciador entre Jogo e Esporte "

Prof. Luis Alberto Pilatti
" A Questão do Esporte e do Jogo"

12:30 - 14:00 h : *Almoço*

14:00 - 16:00 h : Mesa Redonda: *"Educação Física s Esporte : história e teoria"*
Coordenadora : Prof. Rita de Cássia Garcia Verenguer

Profa. Marizabel Kowalski
" A Especialização Desportiva e a Grande Indústria "

Prof. Ms. Marcio Pizarro Noronha
" O corpo e o gênero numa abordagem histórico-antropológica: um estudo entre bailarinos e halterofilistas "

Profa. Marilita Ap. Arantes Rodrigues
" Pesquisando a História do Esporte Clubístico : um estudo de caso ".

Prof. Ms. Edison Francisco Valente
" Pesquisa histórica : um relato de experiências "

Prof. Dr. Sílvio Sanchez Gamboa "
"Concepções de Tempo e a Questão da Historicidade do Objeto nas Ciências Sociais"

16:00 - 16:30h : Café

16:30 -18:30h : Mesa Redonda : *"História da Educação Física Escolar"*
Coordenador : Prof. Ms. Fernando Marinho Mezzadri

Prof. Ms. Ricardo de Figueiredo Lucena
" A Lei na gênese e contribuição da Educação Física escolar brasileira "

Prof. Dirce Maria Correa Silva
" XXII Jogos Escolares Municipais de Vitória - XXII JEMVI 1992 "

Prof. Ms. Paulo da Trindade Nery Silva / Profa. Dr. Maria Beatriz R. Ferreira
" A Prática da Avaliação da Aprendizagem em Educação Física na Escola de 1° Grau"

30 outubro 93

8:00 - 10:00 h : Mesa Redonda: *"História da Educação Física no Brasil"*
Coordenadora : Prof. Maria Elisete Brigatti

Prof. Ms. Silvana Vilodre Goellner
" O Método Francês e a Educação Física no Brasil : da caserna à escola "

Prof. Pedro Angelo Pagni
" As propostas de Fernando de Azevedo sobre a Educação Física "

Acad. Victor Andrade de Melo
" Alberto Latorre de Faria, história oral e a Educação Física brasileira "

Prof. Ms. Amarílio Ferreira Neto
" A Educação Física no Estado do Espírito Santo "

Prof. Antonio Carlos Frasson
"A Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa"

10:00 - 10:15 h : Café

10:15 - 12:15h : Mesa Redonda : *"História da Educação Física no Brasil"*
Coordenador : Acad. Victor Andrade de Melo

Prof. Verter Paes Cavalcanti
"Educação Física : discurso histórico - um processo de materialização ideológica"

Prof. Rita de Cássia Garcia Verenguer
" História da Educação Física no Brasil : considerações preliminares acerca de sua construção "

Prof. Alexandra Marques Abrantes Viana
" A Educação Física crítica "

Acad. Marcelo Guina
" O cotidiano e a história da Educação Física : um estudo de caso "

Prof. Carlos da Fonseca Brandão
" Aspectos da produção científica em Educação Física publicado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte "

O ESPORTE ESPETÁCULO:
UM ESTUDO DE CASO EM PONTA GROSSA

PROF . MS. Fernando Marinho Mezzadri
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

ABSTRACT:

This article has the purpose of understand the sport as a phenomenon, beginning by an inner theoretical approach inside the human and social, following this initial structuration, we can say tbat eachbired of sport has a set of onen relationship between the cultural, economics, political and social aspects.

Starting from of this comprehension of the sport, we decided to select Ponta Grossa City to example the delimited object of study. It regaining, then, the base of the practices discussion face theoretical position.

Este artigo pretende compreender o fenômeno esporte, a partir de uma abordagen teórica, Bourdieu 1983 (1), aplicada a um estudo de caso em Ponta Grossa. Recuperando, então, na história do esporte, alguns fatos marcantes, para entender a atual estruturação do mesmo neste município.

Antes de abordarmos a questão teórica deste fenômeno, transcorreremos inicialmente, pela discussão dos trabalhos científicos existentes na área do esporte.

O esporte, frequentemente vem sendo debatido no âmbito do saber da fisiologia, da performance esportiva e da psicologia, tendo menor participação as ciências sociais e humanas.

Para exemplificar este pensamento, o pesquisador Sobral 1990 (2), enfatiza, a importância de aproximar cada vez mais as ciências do esporte com as ciências do treinamento desportivo. Qualificando a técnica gestual, para melhorar o rendimento atlético. Ao nosso entender, este vetor conduz a ampla gama dos trabalhos em ciências do esporte.

O desenrolar das discussões a partir da abordagem acima levantada, significa dizer que a preocupação maior dos pesquisadores está em direcionar os estudos científicos, na perspectiva do desenvolvimento técnico.(3) Podemos dizer, então, que a produção científica existente na área, está ligada as revoluções técnicas e tecnicocientíficas, projetando um homem máquina, executor dos espetáculos.

Não obstante esta compreensão, e, além das abordagens das ciências socias e humanas, se faz necessário ao nosso entender, acrescentar que cada esporte possui conjunto de relações próprias, entre a estrutura social-econômica-política e cultural de cada um deles.

O conjunto de relações acima exposto depende: dos aspectos culturais de cada região; da interferência política de seus governos; do nível social de cada praticante; e, principalmenete do espaço econômico destinado à um determinado esporte.

Posicionar desta forma significa não reduzir o esporte a simples técnicas gestuais, mas sim ampliar a esfera da compreensão do mesmo.

Partindo das colocações anteriores, se faz necessário ao nosso ver, um resgate histórico do esporte. Também nessa perspectiva, Bourdieu comenta :
" isto quer dizer que uma das tarefas mais importante da história social do esporte poderia ser a sua própria fundação, fazendo a genealogia histórica da aparição de seu objeto como realidade específica irredutível a qualquer outro."(4)

O esporte teve seu início nos colégios burgueses, public schools inglesas, onde filhos de família aristocratica ou da grande burguesia estudavam. (5) Passava-se, então, de jogos populares das festas agrárias e religiosas, para atividades esportivas.

Durante as primeiras práticas esportivas nas escolas inglesas, não existiam regras pré fixadas, os próprios executantes organizavam suas formas de ação, mas se verificava mudança de atitude por parte dos executores e idealizadores.

A partir da Revolução Industrial, acontecimento esse intrinsicamente ligado ao esporte, dois fatores começaram a ser introduzido nesta nova atividade física: a competição e o rendimento.

Através destes fatores, iniciou-se de forma gradual a institucionalização do esporte. Inicialmente a organização ocorreu na Inglaterra, na época o país mais avançado industrialmente, passando com o tempo, aos demais países do mundo.

A institucionalização esportiva, provém da determinação de regras próprias por uma entidade organizada exclusivamente, para comandar todos os eventos do esporte representado.

Construir o esporte a partir da formação institucional, significa para Bourdieu, há existência de um campo esportivo específico. Composta nesse caso, por um conjunto de relações entre o consumo, a demanda e a oferta.

Num exemplo prático, podemos dizer que o executor (atleta) de uma modalidade esportiva possui em seu redor uma gama de profissionais auxiliares (instrutores, médicos, psicólogos, jornalista, fisiologistas, etc.) perspectivando, então, uma melhora no rendimento atlético. O campo esportivo também envolve, o organizador do espetáculo, a venda dos produtos que cercam o evento,como roupas, jornais, loterias, e outros. Completando o conjunto dessa relação, existe o consumidor do espetáculo, entendendo aqui como sendo a platéia.

A estruturação do esporte enquanto espetáculo, significa uma abordagem própria do mesmo, ou seja, uma organização e um desenvolvimento próprio. Muitas vezes independente de qualquer outro fator externo. Nessa linha de pensamento, Bourdieu 1987 comenta:

" Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do cojunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que ele seja, e preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes." (6)

A característica desse esporte dito moderno, passa pelo entendimento mais amplo desse fenômeno, não basta só descrever os acontecimentos dos fatos, mas sim ter uma visão concreta destes fatos, entre eles podemos exemplificar, a mercantilizacão do evento, a utilizacão do poder publico, entre outros.

Em primeiro lugar, como já mencionamos antes, o esporte deve ser compreendido como um espetáculo, organizado com suas próprias regras e lógicas específicas. Nessa mesma forma de pensamento Bourdie comenta,

" A história do esporte é uma história relativamente autônoma que mesmo estando articulado com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis e evoluções, suas próprias crises,em suma, sua cronologia específica." (7)

Essa argumentação de Bourdieu, pode-se verificar na prática, através da constituição do esporte espetáculo. Formação essa, capaz de envolver milhões de pessoas ao mesmo tempo.

A organização própria do esporte, enquanto fenômeno social, como já comentamos antes, ocorre pelo campo esportivo. Dentro desse objeto central, podemos incorporar práticas opostas, mas de frequente acontecimento como: o esporte-prática (jogo, fair-play) contra o esporte espetáculo (consumo); esporte da elite econômica e o esporte popular, ou seja, práticas diferenciadas nos seus objetivos; entre outros.

Entender o campo esportivo na sua ampla abordagem teórica, significa recuperar mecanismos autônomos e específicos da área de conhecimento denominda Ciências do Esporte. Então, para visualizar melhor esse processo, estudaremos o caso de Ponta Grossa.

Aparentemente, o desenvolvimento histórico do esporte em Ponta Grossa passou por momentos distintos como: início do futebol profissional, jogos estudantís, organização do Departamento de Esporte Municipal.

Não obstante a essa formação inicial, o esporte neste município sempre esteve atrelado ao poder público, sendo esse órgão gerenciador das principis competições realizadas nessa cidade. Para Simsons e Jennings (1992) "o esporte não passava de mais um instrumento de governo, num estado totalitário e abrangente..." (8). A partir desse argumento, podemos dizer que existe, em Ponta Grossa, uma política arcaica e ultrapassada na visualização do esporte espetáculo.

Antes de aprofundarmos, no caso específico de Ponta Grossa, cabe discutir a formação do campo esportivo nesse município sob a ótica de duas situações distintas: a primeira, visualiza o desenvolvimento próprio do esporte, ou seja, sem a interferência externa para com o mesmo; a segunda, aproxima o Estado da organização desses eventos esportivos.

Finalizando este artigo, destacamos que o esporte dentro de uma abordagem histórica, é interpretado de maneiras diferentes. Pois as questões teóricas e as necessidades do presente, direcionam as discussões do objeto estudado.

NOTAS

(1)BOURDIEU, Pierre.Como e possível ser esportivo? in questões de sociologia. R.J, Marco Zero, 1883.
(2) SOBRAL, Francisco. Para uma crítica axiologica do desporto e da educação corporal. Actas, Lisboa, 1990.
(3)BAVA JR., Augusto Caccia. Introdução a sociologia do trabalho.
(4)BOURDIEU, Pierre. Op cit. pag.137
(5)Idem. Ibid.
(6)BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Programa para uma sociologia do esporte. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.pag.208
(7)Idem. Ibid.
(8)SIMSON, Vyv. ANDREW, Jennings. Os Senhores dos Anéis. Editora Nova Cultura, São Paulo, 1992.

UNIMEP E O BASQUETE FEMININO EM PIRACICABA

PROF. JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA MORENO
PIRACICABA 1993

ABSTRACT:

"UNIMEP and the feminine basket in Piracicaba".

This text present a history of the feminine basket in Piracicaba country. This sport is the best developed in that city. Then, the UNIMEP is the team of the Methodist University wich was recognized in the world with your team of the feminine basket.

INTRODUÇÃO:

O basquetebol feminino em Piracicaba é uma modalidade sportiva desenvolvida, difundida, praticada e popular.

É um esporte de muita tradição e que já conquistou diversos títulos em todos os níveis, descobriu e desenvolveu muitos talentos desportivos desta modalidade.

Por ser Piracicaba uma cidade tão reconhecida e importante no cenário do basquetebol, é que resolvi fazer este trabalho.

Escolhi a A.D. UNIMEP como tema deste trabalho, porque foi uma equipe que muitos titulos conquistou, além de ficar conhecida internacionalmente em todo mundo, através de sua equipe de basquetebol feminino.

Outro motivo é o de ser professor da Universidade, ministrando a disciplina Basquetebol no Curso de Educação Física, e de ter participado como técnico da equipe no ano de 1989, tendo "sentido" de perto o quanto é forte e respeitado o nome UNIMEP nos meios esportivos e em especial no Basquetebol Feminino. Muitos alunos chegaram a fazer seu curso na UNIMEP pelo conhecimento através do basquetebol aí existente e sua propaganda.

Foi feito um levantamento histórico do basquetebol feminino da A.D.UNIMEP desde o seu início, tentando chegar a sua origem.

O que pretendo mostrar com este trabalho é que Piracicaba sempre teve um basquetebol feminino de alto nível e que durante o patrocínio das equipes pela Universidade, este esporte teve seu maior desenvolvimento em Piracicaba, alcançando assim o seu auge.

Abordarei alguns aspectos tais como: A publicidade no esporte; como a mídia se utiliza do esporte.

Quero contribuir, através deste trabalho para a grandeza do basquetebol, que é um esporte que mobiliza multidões de torcedores fanáticos, tendo por trás a movimentação de somas altíssimas de dinheiro e do qual já fiz parte como atleta e como tal, sabedor da importância do mesmo na formação do ser humano.

I- PUBLICIDADE - INVESTIMENTOS 1992

Leite Moça/Sedox (Sorocaba) - 1 milhão de dólares
(reserva de 5 milh•es para este ano -Nestle).
Melbrás (Van Melle/Divino) - 250.000 dólares (Jundiai)
Ponte Preta (Chapecó/Ensatur)- 600.000 dólares (Campinas)
(..Nossa Caixa) - 1.000.000 de dólares (Campinas)
UNIMED - 250.000 dólares (Araçatuba)
UNIMEP/Blue Life - 250.000 dólares (Piracicaba)
BCN: categorias menores- 100.000 dólares (Piracicaba)

PORQUE TANTO INVESTIMENTO?

Existem várias explicações, mas todas apontam para uma só direção: O retorno do que foi investido é muito mais rápido com as cestinhas do que em qualquer outro tipo de marketing. Exemplo disso: antes de se decidir pelo time de Jundiai, a Melbrás fez um minuncioso levantamento. Estudou outras modalidades esportivas, mas não pensou duas vezes quando, seu departamento de marketing chegou a uma conclusão surpreendente: tanto a CICA como a PERDIGÃO empresas que já tiveram equipes de Jundiaí, gastaram quatro vezes menos com o basquete da cidade do que investiram em publicidade tradicional para ter o mesmo retorno.

O publicitário Washingtom Olivetto, um dos mais requisitados do país em sua área, diz que qualquer pesquisa de marketing vai provar que hoje o basquete feminino lidera as opções de investimento e para uma empresa que alia vitória com saúde, essa modalidade é o melhor veículo. "Não é a toa que todos os patrocinadores do basquete feminino paulista atuam na área de saúde e alimentos.

Segundo opinião de Hortência, os patrocinadores estão descobrindo um esporte que vem fazendo sucesso a mais de vinte anos no interior.

Exemplos: Franca, no masculino, XV de Piracicaba que ajudou o Brasil a conquistar, em 1963 seu bicampeonato mundial na categoria. E Sorocaba que em 1960 teve grandes equipes feminina.

HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA UNIMEP

A A.D.UNIMEP foi fundada em 10 de janeiro de 1979, como agremiação desportiva eclética, constituída de pesssoas interessadas no desporto em geral e tendo como finalidade promover a Educação Física e o Esporte em todas as modalidades, podendo estabelecer convênios com outras agremiações.

Durante este tempo todo, a A.D.UNIMEP procurou se estruturar administrativamente, iniciando sua caminhada com 4 (quatro) modalidades: Basquete, Vôlei, Atletismo e Xadrez. Sendo Piracicaba, uma cidade de tradição no Basquete, as atenções foram voltadas todas para essa modalidade.

Todas as categorias, em todas as faixas etárias, são disputadas nos Campeonatos da Federação Paulista de Basquetebol e da Secretaria de Esportes Estadual, ou seja, Mini, Mirim, Infantil, Juvenil e Adulto.

Visando um futuro, a A.D.UNIMEP mantém várias escolinhas com centenas de crianças em atividades, para futuramente substituirem as grandes jogadoras que já passaram por essa agremiação e para continuar mantendo a tradição da cidade e do País, desenvolvendo simultaneamente um trabalho social.

Em 1979, embora com pouco tempo de atividade, já apareceram frutos do trabalho de iniciação nas escolinhas formadas e supervisionadas na Unimep, com a equipe mirim classificando-se em 3o. lugar no Estado de São Paulo.

Quanto à equipe principal, vários títulos e um 6o. lugar no Campeonato da Federação Paulista.

Animados pelos resultados do ano anterior, em 1980 as equipes foram sendo reforçadas com atletas renomadas no Basquetebol Brasileiro, como Paula e Vânia, ambas da Seleção Brasileira e com imenso cartel de conquistas, passaram a integrar a equipe com outras jogadoras infantis, mirins e juvenis, reforçando o elenco.

Em 1982 foram mantidas todas as categorias desde o mirim até o adulto e o trabalho das escolinhas foram intensificados especialmente junto aos estabelecimentos de Ensino, com 4 jogadoras dando orientações nas escolinhas mantendo assim, as crianças em atividades. Novamente muitas jogadoras se revelaram nos Campeonatos e foram chamadas para servir a Seleção Brasileira e Paulista, casos de Paula, Vânia, Annie, Branca, Neuza, Carminha, Nádia e Regiane, onde foram destaques na Imprensa, pela sua equipe e na seleção.

Nesse mesmo ano a jogadora Nádia foi escolhida como revelação do Basquetebol Feminino.

Em 1988 a UNIMEP que tinha como seu patrocinador o Banco de Crédito Nacional, foi obrigada a deixar o nome da Unimep, ficando somente B.C.N., extinguindo-se a tão gloriosa A.D.UNIMEP.

Um ano depois a A.D.UNIMEP voltou às suas atividades, formando outra equipe com alunas da própria Universidade e ex-jogadoras; o técnico escolhido foi o professor de Basquete da Universidade, assim como o preparador físico. Esta equipe ficou campeão Estadual da 1a. Divisão, reconquistando o direito de voltar a Divisão Especial, onde está até hoje.

FUNDAÇÃO DA A.D.UNIMEP

O anteprojeto do 1o. Estatuto da formação da Associação Desportiva UNIMEP foi elaborado em 09/03/78 e constava de 37 artigos.

O estatuto original data de 10/01/79 com 49 artigos dia de sua fundação.

A.D.UNIMEP TINHA COMO FINALIDADES:

1. Promover o esporte em Piracicaba, nos termos previstos em seus estatutos;
2. Desenvolver a Educação Física em todas as suas modalidades;
3. Incentivar e praticar os desportos amadoristas em todos os ramos e modalidades;
4. Estabelecer convênio com organizações desportivas e outras afins;

ART.24 - a diretoria compor-se-á dos seguintes membros:
Presidente, vice-Presidente, 1o. e 2o. secretários, 1o. e 2o. tesoureiros, diretor geral de Esportes e dos diretores dos Departamentos que foram criados.

ART.45 - O pavilhão da A.D.UNIMEP será nas cores marron e laranja tendo como logotipo o símbolo da UNIVERSIDADE.
Parágrafo _nico - Os uniformes serão nas cores azul e branco destacando sempre o logotipo da UNIVERSIDADE.

ART.46 - São expressamente proibidas em qualquer dependência vinculada à A.D.UNIMEP mnifestações de caráter político- partidária, discriminação social, racial e religiosa bem como a prática de atos indecorosos.

Fundada e 10/01/79 iniciou, efetivamente suas atividades em março do mesmo ano.

- O estatuto utilizado como básico para dar a redação ao Estatuto da Associação Desportiva Unimep foi o da Associação Atlética Banco do Brasil.

HISTÓRICO

A 1a. Diretoria da Associação Desportiva UNIMEP foi assim constituída:

Presidente: Gustavo Jacques Alvim
Vice-Presidente: Gelsio Aparecido Diniz
1o. Secretário: Adhemar José Spinelli
2o. Secretário: Oswaldo Raimundo da Silva
1o. Tesoureiro: José Nemésio Machado
2o. Tesouraria: Célio Câmara da Silva
Diretor Geral de Esportes: Laerte Ramos de Moura

Ata da sessão de Fundação da Associação Desportiva da Universidade Metodista de Piracicaba.

" Aos dez dias do mês de janeiro de 1979, reuniram-se nesta cidade, na sala da Reitoria da UNIMEP, sob a presidência do professor Elias Boaventura, reitor, para a fundação de uma agremiação desportiva, com finalidade de promover o esporte em Piracicaba, desenvolver a Educação Física e estabelecer convênios com outras organizações afins. Aberta a sessão e depois das palavras iniciais explicativas, o presidente abriu mão da direção, sendo que, por sugestão do senhor Benê Marques, assumiu a presidência o senhor Antônio Carlos Neder. Foi convidado para secretariar a sessão, Benjamin Garcia de Matos. Os presentes aprovaram por aclamação a idéia de fundação da associação, passando, ato contínuo, a apreciar os Estatutos previamente elaborados. Após leitura e exaustiva discussão de todos os artigos, foram os Estatutos unanimemente aprovados, devendo ser integralmente transcritos neste livro de atas, para devidos efeitos legais..."

RELATÓRIO DO BASQUETEBOL FEMININO NO ANO DE 1979

CATEGORIA MIRIM: Surpreendeu, pois em apenas três meses de treinamentos e enfrentando equipes experientes a se classificar em 3o. lugar no Campeonato Estadual superando equipes como Divino Salvador de Jundiaí, Bauru Tênis Clube e Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo do Campo.

CATEGORIA INFANTIL: Era a equipe mirim mais quatro jogadoras. Participou apenas da fase de classificação. Algumas jogadoras da equipe Mirim e Infantil tiveram a oportunidade de atuar na equipe principal, o que evidencia o elevado alcance da iniciativa de incentivar as categorias menores.

EQUIPE PRINCIPAL: Realizou 46 jogos durante o ano, a saber:
- 11 jogos pelo Troféu Imprensa, sagrando-se - Campeã
- 08 jogos pelos 11o. Jogos Regionais da Zona Leste - Campeã
- 02 Jogos pelos III Jogos Abertos de Cabo Frio - Campeã
- 02 Jogos pelo Troféu Bandeirantes obtendo 1o. lugar na sua chave, mas desistindo da sequência por não haver interesse.
- 03 jogos pelos "Jogos Abertos do Interior" sendo classificada.
- 20 jogos pelo Campeonato Estadual terminando em 6o. lugar.

NOTA: Durante o ano de 1979 três jogadoras da A.D.UNIMEP foram integradas à Seleção Brasileira (Marina, Cristina e Fátima). Todas foram alunas da UNIMEP.

PRINCIPAIS TÍTULOS CONQUISTADOS PELA A.D.UNIMEP

Campeã Estadual Miriam - FPB - 1985
Campeã Estadual Infantil - FPB - 1981/86/87
Campeã Estadual Juvenil - FPB - 1981/82/87
Campeã Estadual Adulto - FPB - 1981/84/85/86
Campeã Troféu Imprensa - 1979/85
Campeã Brasileira - CBB - Piracicaba - 1985
Campeã Brasileira - CBB - Blumenau /SC - 1986
Campeã Sul Americana - Argentina - 1986
Campeã Sul Americana - Equador - 1987
Campeã Jogos Regionais Zona Leste - SET/CER - 1980 a 1987
Campeã Jogos Abertos - SET/CER - 1986
Campeã Torneio Cristal Palace - Inglaterra - 1986
Campeã Copa Inconfidência Juvenil - Belo Horizonte/MG - 1986
Campeã Universitária - FUPE - 1985
Campeã Estadual 1a. Divisão - FPB - 1989
3a. Colocada no Campeonato Estadual Adulto - FPB - 1991
3a. Colocada no Campeonato Estadual Adulto - FPB - 1992

JOGADORAS A NÍVEL DE SELEÇÃO BRASILEIRA QUE ATUARAM PELA A.D.UNIMEP

Paula, Vânia Teixeira, Vânia Hernandes, Nádia, Branca, Neusa, Ruth, Anne, Marina Jurado, Carminha

Maria Helena Cardoso Maria Helena Campos Wagner Bérgamo
Sueli Yorioka

CONCLUSÃO

Através deste trabalho, que ainda pode, e deve ser ampliado, chegamos a alguns fatores determinantes e que muita influência tiveram no Basquetebol Feminino de Piracicaba, mais exatamente no período que essa modalidade esportiva foi encampada pela Universidade Metodista de Piracicaba, através da Associação Desportiva UNIMEP.

Destacamos agora, algumas das conclus•es a que chegamos:

- O apoio dado pela Universidade durante todos esses anos, foi de fundamental importância para a manutenção e organização em que se encontra o basquetebol feminino de Piracicaba.

- A Universidade muito se beneficiou e se beneficia à nível de Marketing, mantendo uma equipe de basquetebol competitiva.

Vários talentos esportivos foram descobertos e desenvolvidos aqui em Piracicaba, através da equipe de basquetebol.

A manutenção por um longo período de tempo da equipe de basquetebol, formou uma tradição na cidade, e também uma segurança às atletas que aqui vem para jogar (bolsas de estudo, ajuda de custo, etc.)

- Que a UNIMEP contribuiu em muito para o esporte brasileiro cedendo atletas e membros da comissão técnica.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, K. B - Esporte para Todos: um discurso ideológico. São Paulo. Ibrasa, 1984.

LIMA, Teotônio. - Alta Competição: Desporto de Dimens•es Humanas? Lisboa, Livros Horizonte,1981.

MELO NETO, F.P. de - O Dirigente Esportivo no Brasil: Herói ou Vilão? Artus, 1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim - Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade São Paulo, Cortez Editora e Autores Associados, 1992.

SILVA,E. O. - O Esporte Como Filão Publicitário. In: Gilda Korff Diegues (org.) Esporte e Poder. Petrópolis, Vozes, 1985.

GINÁSTICA OLÍMPICA: UM SÉCULO DE HISTÓRIA (1881-1991)

Prof. Nestor Soares Publio
Departamento de Esporte EEF-USP

ABSTRACT:

"Olympic Gymnastics: a century of History (1881-1991)"

Jahn's system after Yena in 1806, originated the International Gymnasties Federation on July 23, 1881. Although since 1806 gymnasties have taken part of Olympic Games programs it suffered a lot of transformations until 1948 (Olympic Games in London) After the publishing of the Code of Points in 1949 the rules were regulated for international championship, historical landmark for its becoming a so called "modern sport".

Em nossa opinião, a história da ginástica é muito importante, porque o trabalho que foi iniciado por Friedrich Ludwig Jahn, após a batalha de Yena em 1806, ocasionou, após a vitória dos aliados, o bloqueio ginástico na Alemanha, provocando a emigração alemã para a Europa, dando origem a fundação de diversas Sociedades de Ginástica.

Jahn, foi sem dávida nenhuma o grande responsável pela iniciação da ginástica em e com aparelhos que deu origem mais tarde ginástica esportiva de competição, denominada ginástica desportiva, ginástica com aparelhos, ginástica artística ou ginástica olímpica, como ficou popularizada no Brasil e oficializada pela Confederação Brasileira de Ginástica, junto ao Conselho Nacional de Esportes

Segundo Gillet, (1961), quando o movimento de Jahn começou a desenvolver-se, a Europa sublevou-se contra Napoleão, derrotando-o, todavia, o engajamento por demais político de Jahn e de sua ginástica originaram o bloqueio ginástico de 1820 a 1842.

Segundo Langlade (1970), as repercussões da obra de Jahn foram as seguintes:

a) - no início os países na órbita de influência cultural alemã aceitaram rapidamente o "turnen" de Jahn. Ele se manifestou mais claramente quando em

1819 foi declarado perigoso para o Estado e logo proibido. Muitos de seus discípulos emigraram ... Suíça, Holanda e Estados Unidos (Karl Euler), Karl Follen, Franz Lieber e outros. Imediatamente o movimento se estendeu ao mundo todo.

b) Neste século de história sua ginástica transformou-se numa ginástica internacional de competição. Atualmente, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) conta com Associações de quase todos os países do mundo.Seus eventos internacionais, em especial Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais e Gymnastradas, demonstram claramente a importância do movimento iniciado Jahn.

Segundo Klinger, citado por Huguenin (1981), no fim do s,culo XIX, o n£mero da sociedades de ginástica cresceu muito nos países europeus, num movimento social e político muito acentuado.

As primeiras federações nacionais que apareceram após o exemplo da Suíça,(a mais antiga, fundada em 1932) foram: em 1960, a "Deutsche Turnschaft", na Alemanha; em 1865, a Federação da B,lgica; em 1867 a Federação da Polonia; em 1868, a Federação da Holanda e em 1873, a União de Sociedades de Ginástica da França.

Sobre as origens da Federação Internacional de Ginástica, de Genst, em sua obra Histoire de l'Education Physique, citado por Langrade (1970), relata o seguinte:

"Foi principalmente N.J Cup,rus (1842-1928) que se dedicou de corpo e alma para a propagação dos exercícios físicos em Amberes primeiro, em toda B,lgica em seguida e finalmente na Europa e no mundo inteiro.Em 23 de julho de 1881, por iniciativa de Nicolas Cup,rus, presidente da Federação Belga, os representantes da B,lgica, Fran‡a e Holanda, decidiram fundar o "Comit^ das Federações Européias de Ginástica"(CFEG), que a partir de 1921 passou a denominar-se Federação Internacional de Ginástica".

Nicolas Cup,rus ficou 42 anos no cargo, tendo sido substituído por Charles Gazalet, da França.

Embora a ginástica olímpica faça parte dos programas dos Jogos Olímpicos desde seu restabelecimento em Atenas na Gr,cia, a partir de 1896, o CFEG esteve sempre ausente em virtude da posição de seu presidente, que era contra a id,ia de "esportivar" a ginástica, só passando a atuar mais efetivamente, 22 anos mais tarde.

A ginástica tornou-se um esporte de competição, graças a tenacidade de Charles Gazalet, presidente da União das Sociedades de Gin stica da França, apoiado por um grande número de ginastas. Embora Cupérus fosse contra, inclinou-se vontade da maioria, passando o CFEG a organizar a partir de 1903, em Anvers, o "I Torneio Internacional de Ginástica", que a partir de 1934 passaram a denominar-se "Campeonatos Mundiais" (CM).

Assim se iniciou, no começo do S,culo XX, uma tendência esportiva, marcada pelo confronto entre as nações, limitadas de início a alguns países europeus, depois aos Estados Unidos da Am,rica e a partir de 1952 aos demais países de todo o mundo.

Os programas das competições de ginástica nos Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais sofreram desde o seu início diversas modificações, quanto organização, provas disputadas, n£mero de ginastas por equipes, regulamentos dos eventos, premiações e sobretudo o julgamento.

Bordieu, salienta que o objeto da história , a história das transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em um dado momento. Salienta tamb,m Bordieu, que a prioridade das prioridades , a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas de cada esporte em particular.

No caso específico da ginástica olímpica, houve uma transformação muito grande durante sua evolução. No início, desde os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas em 1896, at, os Jogos de Londres em 1948 e desde os primeiros Torneios Internacionais, iniciados em 1903, at, o Campeonato Mundial de 1938 o julgamento era realizado através de impressão geral e sem nenhum crit,rio, por parte dos países participantes, nção havendo regras a serem seguidas pelos árbitros, o que ocasionava muitos atritos durante as competições. Os jogos de Londres em 1948 representou para a gin stica um marco histórico, porque a partir de entção os respons veis pela gin stica estipularam as regras para o julgamento com a publicação do Código de Pontuação, que foi a partir dessa época, utilizado por todos os países filiados FIG. At, 1948 os países podiam tamb,m levar para as competições os seus próprios aparelhos, o que causava um grandes problemas para os organizadores, ficando estipulado de comum acordo que nos campeonatos seguintes, os aparelhos utilizados por todos os participantes seriam determinados pela organização do campeonato.

Com relação às provas houve também uma modificação acentuada, pois nas primeiras competições,além dos aparelhos utilizados, como o cavalo, argolas, paralela e barra, diversos outros eventos eram realizados, conforme escolha do país sede. Entre esses eventos, poderíamos destacar os seguintes: provas de corrida de 100 e 150 jardas, saltos em altura, distância e com vara; arremessos de pesos ou pedras com as duas mçãos, levantamento e desenvolvimento de pedras, subida em corda lisa, natação e at, mesmo cabo de guerra. Somente a partir dos Jogos de Berlim em 1936 , que foram eliminadas as chamadas disciplinas atléticas, ficando definidas as doze provas tradicionais (s,ries obrigatórias e livres), nos seis aparelhos masculinos (solo, cavalo, argolas, salto, paralela e barra).

Com a evolução do nível t,cnico da ginástica, os fabricantes de aparelhos tiveram que uniformizar sua fabricação e atualmente só são aceitos aparelhos para as competições internacionais desde que aprovados por uma comissão técnica da FIG.

Outro grande problema sobre a evolução da ginástica como esporte, foi a premiação, a ponto do Comitê Olímpico Internacional praticamente obrigar a FIG a mudar a regulamentação de seus campeonatos a partir de 1972. Durante muito tempo e em várias competições premiou-se os ginastas com três títulos, através de uma única competição. Depois de 1972 em virtude dos atritos COI/FIG, o Comitê Executivo da FIG determinou a realização de três competições:

Competição I (a + b) = Classificação por equipes;

Competição II = Classificaǂção individual geral, e

Competição III = Classificação individual por aparelhos.

Esta modificação melhorou muito o espetáculo da ginástica, pois os melhores atletas passaram a proporcionar um verdadeiro "show" nas disputas dos títulos individuais.

Com a oferta de um melhor espetáculo, iniciou-se também uma maior procura pelo agora denominado "esporte moderno" tanto da parte de executantes e público como também por parte de patrocinadores e interessados de uma forma geral em se beneficiar de um dos mais belos espetáculos oferecidos em competições de alto nível, em virtude do alto risco, perfeição, domínio, elegância e segurança demonstrados pelos ginastas na execução t,cnica e na postura, dos exercícios apresentados.

A despeito de tudo isso, poderíamos afirmar que a ginástica alcançou realmente o seu espaço a partir de 1976, quando a televisão mostrou ao mundo a rainha dos Jogos de Montreal, no Canadá, a rumena de 14 anos Nadia Comanecci que com sua performance conquistou o mundo, gravando seu nome com letras de ouro, na história de ginástica olímpica internacional.

A Federação Internacional de Ginástica, fundada em 1881, com apenas três países (Bélgica, França e Holanda), um século depois, 1981 contava com um quadro de mais de oitenta países filiados, dos quais, mais de cinquenta, participando ativamente dos eventos internacionais, promovidos pela FIG., através de seu Comitê Técnico Masculino. A ginástica feminina iniciou sua participação nos Jogos Olímpicos de 1928 e no Campeonato Mundial de 1934 através do Comitê Técnico Feminino.

O grande sonho do fundador da FIG, só foi concretizado em 1953, quando se iniciaram as Gimnastradas que desde aquela ,poca são realizadas de quatro em quatro anos, reunindo ginastas de todo mundo numa confraternização universal sem caráter competitivo.

Atualmente a FIG , presidida pelo soviético Yuri Titov, e al,m do Comitê Executivo, possui mais quatro Comitês Técnicos, cada um com sua especialidade: masculino, feminino, ginástica rítmica desportiva e ginástica geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.O, História da Educação Física.Viçosa.
Universidade Federal de Viçosa.Departamento de Educação Física, 1979.

AMSLER,J.Regards sur L'Allemagne, Un centenaire:
Friedrich-Ludwig Jahn (1778-1852).Education Physique et Sport, 3 (13) : 3-5, 1952.
BARRULL, R., Les etapes de la Gymnastique au sol et aux agres en France et dans le monde, Montrejeau, Fabbro, 1984.
BESSELAAR, J.V.D. Introdução aos estudos históricos. 3.ed. Sção Paulo, EPU-EDUSP,1974.
BORDIEU, P. Questäes de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero Ltda,1983.
BORDIEU, P. Coisas Ditas. Programa para uma sociologia do esporte. Sção Paulo, Brasiliense, 1990.
BORG, W.R. e GALL, M.D. Educational Research.New York, Longman, 1979.
CARDOSO, C.F.S. Uma introdução ... história.Sção Paulo, Brasiliense, 1988.
COSTELLE, D. e BERLIOUX, M. Histoire des Jeux Olympiques. Paris, Larousse, 1980.
CUMINSKEY, F.J. A history of gymnasties: The olympiads and intervening years. International Gymnast. 1-16, 1983. Supplement.
GILLET, B. Histoire du Sport. Paris, Press Universitaires de France, 1961.
HENTGES, P., Notice sur l'origine et l'histoire des championnats du monde de gymnastique. Olympische Turnkunst, 1966, 1967 e 1968.
HUGUENIN, A. 100 ans de la F,d,ration Internacionale de Gymnastique 1881-1891.FIG. 1981.
LANGRADE, A. e N. R. Teoria geral de la gimnasia, Buenos Aires, Stadium, 1970
TRANIE, J. e CARMIGNIANI, J. C. Napoleon. 1813- La campagne d Allemagne, Paris, Pygmalion/Gerard Watelet, 1987.
ULMANN, J. De la gymnastique aux sports modernes. 2.ed. Paris,Vrin, 1982.
VAN DER STOCK, L. L'education physique en Belgique, in: SEURIN, P. L'education physique dans le monde. Bordeaux, Biere, p.41-5, 1961.
WILDT, KI-C. L'education physique en Alemmagne, in: SEURIN, P. L'education physique dans le monde. Bordeaux, Biere, p.13-9, 1961.
A. 100 ans de la F,d,ration Internacionale de Gymnastique 1881-1891.FIG. 1981.
LANGLANDE, A. e N. R. Teoria geral de

REFERÊNCIAS PARA O ESTUDO DAS ARTES MARCIAIS

Marcelo Weishaupt Proni

ABSTRACT:

"References for the study of the martial arts".

This preliminary text approach any theoretical eiements for investigation respecting of the martial arts in Brazil. The central objective is to propose questions and, simultaneitly, to provid subsidies for discussion about the meanings that the differents modalities of personal defense assumed in our society.

The text intend to support the idea that the differences in the way to organize and to perspectivate the various modalities of the martial arts may be understanded though of the type of relation that each one estabilish with the "playing-field".

A expansão das artes marciais no ocidente, após a II Guerra Mundial, é um fenômeno ainda pouco compreendido. No Brasil, essa expansão pode ser confirmada, especialmente a partir da década de 70, pelo número crescente de academias destinadas ao treinamento das mais diferentes modalidades de técnicas de luta ou de defesa pessoal. Mas, as opiniões a respeito das consequências dessa expansão são contraditórias: alguns afirmam que ela é fruto do aumento da violência urbana, ajudando a realimentar esse processo; outros defendem a idéia de que as artes marciais constituem um importante instrumento educativo e que deve ser corretamente explorado; uns a definem como um programa de condicionamento físico, exaltando os seus benefícios para a saúde; mas há quem alerte para a falta de embasamento científico da maioria dos responsáveis pela transmissão dessas técnicas e treinamentos.

O interesse pelas artes marciais certamente se concentra entre a população mais jovem, principalmente no grupo etário de 10 a 20 anos. Isto reforça ainda mais a idéia de que o tema tem grande relevância para qualquer discussão sobre o papel das atividades corporais no desenvolvimento psico-motor das crianças e na formação da personalidade durante a adolescência. A Educação Física não pode, portanto, deixar de investigar a expansão dessas práticas.

Durante as últimas décadas, algumas das chamadas artes marciais foram transformadas em modalidades esportivas. Este fato, aparentemente banal, pode ter

contribuído para tornar mais complexa a compreensão do significado contemporâneo dessas disciplinas corporais. Na verdade, as artes marciais não deixaram de ser o que sempre foram - técnicas de defesa pessoal -, mas para que elas pudessem ganhar espaço num mundo cada vez mais dominado pela concorrência e pelo imediatismo, foi preciso que as academias se adaptassem às novas exigências do mercado. E, em alguns casos, a expansão destas práticas acabou suscitando a aparição e o fortalecimento de federações de âmbito internacional, as quais padronizaram técnicas e estabeleceram normas para competições e torneios.

Se quisermos compreender como tem sido a trajetória das artes marciais na nossa sociedade, teremos que tomá-las como um conjunto específico de práticas, que não se confunde com o conjunto das práticas esportivas, mas que estabelece vínculos estreitos com este. Ou seja, se quisermos emitir algum juízo sobre a expansão das artes marciais no Brasil, será preciso tratá-las como um objeto de estudo particular (cuja origem e disseminação guardam uma história própria), examinar como essa expansão esteve associada ao processo que aqui denominamos de *esportivização das artes marciais*, e procurar explicitar a grande heterogeneidade, os conflitos e contradições que marcam esse processo.

Comentários gerais sobre o processo de esportivização:

A referência teórica mais instigante para fundamentar uma reflexão desta natureza são os apontamentos de Pierre Bourdieu.[1] 1 A preocupação central do autor ao tratar do esporte é com a delimitação do espaço-tempo onde nascem e se desenvolvem as distintas práticas esportivas. Mais precisamente, trata-se de uma visão histórica, voltada para a apreensão dos conflitos inerentes e do movimento das estruturas do que Bourdieu chama de "campo das práticas esportivas".

As propostas de Bourdieu para fundamentar uma sociologia do esporte levam-nos a refletir sobre várias questões. Em relação ao tema deste ensaio, é particularmente interessante explicitar o que se entende por "ser esportivo" e por "esportivização". Em primeiro lugar, as possibilidades de praticar determinados esportes variam de acordo com inúmeros fatores (econômicos, sociais, culturais). Além disso, a partir do momento que estabeleceu-se uma separação entre o profissional e o leigo, e especialmente depois que o esporte tornou-se um negócio lucrativo, desenvolveu-se uma dicotomia entre a prática e o consumo de muitos esportes. Portanto, o entendimento do que seja "ser esportivo" pode variar

---

1

[1] Bourdieu, P. - Como é possível ser esportivo? in *Questões de sociologia*, 1983; e Programa para uma sociologia do esporte, in *Coisas ditas*, 1990.

bastante, dependendo da posição que o indivíduo ocupa em relação ao campo esportivo.2

Em segundo lugar, a idéia de esportivização está calcada na transição dos antigos jogos comunitários para os atuais esportes de *performance*. Podemos visualizar essa transição como uma ruptura em vários aspectos relacionados ao significado socialmente atribuído a eles: a) a autonomização do jogo em relação às funções sociais ou religiosas; b) a conotação do esporte como "escola de formação do caráter"; c) a normatização da prática e a separação entre o profissional e o profano; d) a ênfase no rendimento e no resultado da competição; e) a mercantilização das práticas e dos artefatos esportivos; e f) a transformação do conceito de corporeidade (o corpo como instrumento).

Um segundo ponto que é preciso destacar diz respeito à preocupação do autor em evitar os equívocos comuns às generalizações e aos determinismos. Se é verdade que o surgimento do "campo esportivo" não pode ser visto descolado das transformações históricas e que cada esporte deve ser pensado como um elemento constitutivo deste campo de práticas esportivas, também é verdade que a constituição deste campo tem seus próprios determinantes e que o aparecimento de cada esporte particular tem sua própria história no seio de determinada sociedade. Neste quadro complexo e marcado por toda sorte de especificidades históricas, Bourdieu alerta que é possível identificar mecanismos através dos quais a estrutura social se espelha na constituição e na evolução das práticas esportivas, mas é preciso ter cuidado para não estabelecer uma relação direta entre a prática ou o consumo de um esporte, de um lado, e uma posição social, de outro.

Existe, por fim, um último ponto que pode contribuir para a reflexão a que nos propomos. Bourdieu dá a entender, em algumas passagens, que a heterogeneidade dentro do campo das práticas esportivas torna difícil estender as conclusões de um estudo particular ao conjunto das práticas, mas que é preciso compor um *campo de estudo*, é preciso ter em mente o universo dentro do qual cada esporte nasce e se desenvolve. Ele utiliza, por exemplo, algumas artes marciais - a luta, o aikidô e o judô - para ilustrar seu raciocínio em torno das diferentes formas de apropriação das "práticas esportivas"3 pelas diferentes camadas sociais. E, o que é mais importante, ele chama atenção para o fato de que uma mesma denominação pode englobar práticas esportivas com propósitos e expressões variados, pois o sentido

---

2 Poderíamos questionar se existe um "estilo de vida esportivo", condicionado por certos princípios e valores próprios à atividade esportiva. De fato, o estilo de vida predominante ao final do século XX é muito diferente daquele que prevalecia quando do ressurgimento dos Jogos Olímpicos. Em outras palavras, "ser esportivo" no atual momento histórico parece assumir uma conotação distinta daquela que inspirou o florescimento do esporte moderno durante o apogeu da hegemonia mundial britânica.

3 Bourdieu inclui as artes marciais dentro do "campo esportivo", sem questionar a validade deste procedimento.

social que lhes é atribuído por seus usuários dominantes em geral se modifica com o passar do tempo.

A percepção dessa heterogeneidade e das contradições inerentes às disputas pelo sentido dominante de uma prática qualquer nos leva a levantar a seguinte indagação: o que diferencia, nos termos de um estudo sociológico, os esportes que nasceram como tal das práticas que foram esportivizadas? E, dando um passo além: que espécie de conflitos se estabeleceram no interior das artes marciais que foram esportivizadas?

Um roteiro de estudo:

O primeiro passo no sentido de um maior entendimento da trajetória das artes marciais no Brasil deveria ser, evidentemente, a identificação das modalidades ou disciplinas corporais que podem ser classificadas como tal, e simultaneamente, a identificação dos agentes responsáveis pela sua prática e difusão (professores, alunos, empresários etc). Em outras palavras, identificar os elementos constitutivos deste campo de práticas e, inclusive, os princípios comuns às diferentes modalidades capazes de conferir uma certa unidade ao nosso objeto. Nesse sentido, seria obrigatório fazer uso de uma definição mais precisa do que caracteriza uma atividade corporal como arte marcial.

No caso do Brasil, a história das artes marciais é muito rica. Temos aqui uma modalidade de defesa pessoal genuinamente brasileira: a capoeira. Temos também a introdução de técnicas européias de combate, principalmente através da Escola do Exército, como é o caso da esgrima e do boxe. Temos ainda, como não poderia deixar de ser, a proliferação das modalidades de defesa pessoal asiáticas, entre as quais o judô, o caratê, o kung-fu e o tae-kwon-dô. E, mais recentemente, fortaleceu-se a procura de artes marciais menos violentas como o t'ai chi chuan e o aikidô. Na verdade, existe uma gama enorme de técnicas de defesa pessoal, e o termo arte marcial pode englobar modalidades corporais muito diferentes.

O segundo passo poderia ser, então, um exame mais detalhado da história de algumas artes marciais no país. Acredito que seria muito interessante fazer um paralelo entre a aparição e a evolução de quatro representantes muito peculiares desse universo: a capoeira, o boxe, o judô e o t'ai chi chuan. Esta escolha se deve às suas características intrínsecas e à forma como elas se relacionam com o campo esportivo. O judô é hoje um esporte olímpico, cujas regras de competição foram transformadas para atender às exigências do evento. A capoeira continua sendo basicamente uma luta/jogo, e embora tentativas tenham sido feitas para torná-la uma modalidade esportiva, parece haver uma resistência muito grande por parte dos seus praticantes. O boxe tornou-se, como é sabido, um esporte profissional, amplamente explorado em termos de espetáculo. E o t'ai chi chuan provavelmente nunca será considerado uma prática esportiva, sendo geralmente classificado como uma atividade física para a saúde.

O terceiro passo poderia ser uma análise de como estão estruturadas as artes marciais, hoje, no Brasil.[4] Aqui seria necessário estabelecer uma metodologia, prioridades, objetivos. O que se pretende com a visão dessas estruturas? Comparar formas de organização, estratégias de crescimento, o perfil dos praticantes? Ou, talvez, demonstrar como a mesma denominação pode encobrir práticas e significados muito diferentes. Certamente, as idéias expostas ao longo deste ensaio poderiam suscitar uma dezena de perguntas.

Em suma, estudar a expansão das artes marciais no Brasil implica uma análise de como elas se adaptaram às regras da nossa sociedade. Implica, também, captar as diferenças no processo de adaptação de cada tradição marcial, especialmente em relação ao processo que aqui denominamos de esportivização das artes marciais. Acredito que um estudo como este poderia dar subsídios, entre outras coisas, para refletirmos sobre como as artes marciais têm sido tratadas dentro dos cursos de Educação Física.

Bibliografia:

AREIAS, A. das, O que é capoeira. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984 .

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DESPEUX, C. Tai-Chi-Chuan. Arte marcial, técnica da longa vida. São Paulo: Pensamento, 1991.

MEC. Box (Curso de Educação Física por correspondência). Brasília: Divisão de Educação Física, 1965.

_____. Judô (Curso de Educação Física por correspondência). Brasília: Divisão de Educação Física, 1967.

_____. Judô (Caderno Técnico-didático). Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos, 1982.

SANTOS, L.S. Educação, Educação Física, Capoeira. Maringá-Pr: Universidade Estadual de Maringá, 1990.

SMITH, R.W. Western boxing and world wrestling: story and practice. Berkeley: North Atlantic, 1986.

[4] Como a realidade brasileira é muito heterogênea, talvez fosse melhor examinar uma situação mais próxima e mais concreta, por exemplo, concentrando esta parte do estudo no Estado de São Paulo ou mesmo na situação observável em um determinado município.

O ATLETISMO E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Prof. Alancardek Di Mario
UEPG/UNIMEP/CAPES

RESUMO: A revolução industrial estabelece um novo rítmo à sociedade e influe no surgimento de um fenômeno social denominado esporte, no qual o Atletismo surge como o primeiro nesse processo de criação da estrutura educacional. O atletismo por ter suas raízes nos movimentos naturais do ser humano já tinha, enquanto jogo, muito dos pressupostos do campo esportivo definido por Bourdieu. Historicamente isso pode ser constatado. O atletismo dentro do campo esportivo passa a esporte de alto rendimento. Uma visão do Atletismo segundo a leitura de Parlebás.

ABSTRACT: The Industrial Revolutkm marked society with a new rhythm of development and came to represent a strong influence in the emergence of a new social phenomenon named sport. Within this context, Athletics played, from the beginning,an important role in the proccss of creation of the educational structure. Rooted in the general natural traits of human motion, at that time Athletics already possessed, as a game, many of the pressupposttions whkh underlie the field of knowledge of sport, in the sense that Bourdieu defines it; and this can be ascertained historically. Athletics come to represent a sport of high efficiency. An outlook on Athletics according to the writings of Parlebas.

INTRODUÇÃO

Cumpridas as etapas da formação profissional na Faculdade de Educação Física, parti para a busca de trabalho, cheio de informações e de vontade de colocá-las em prática.

Na busca de oportunidades de trabalho vim para o interior do Paraná, mais precisamente para a cidade de Castro, onde consegui colocação em uma escola pública denominada Escola Estadual Dr. Linneu Madureira Novaes, no ano de 1973.

Qual não foi minha surpresa quando a Direção da escola me forneceu uma bola de futebol bastante usada como único material disponível para trabalhar com o basquete, o volei, o handebol e o próprio futebol; e como instalações desportivas apenas a rua que passava em frente a escola.

A minha experiência acadêmica era em ginásio de esporte, quadras poli esportivas, piscina e pista oficial para o atletismo. Ninguém jamais me mostrou outra realidade a não ser a utópica condição da escola bem dotada de materiais e instalações oficiais.

As aulas práticas, enquanto acadêmico, foram desenvolvidas com , no mínimo, uma bola para cada dois alunos, o que facilitava a aquisição dos fundamentos pedagógicos das modalidades trabalhadas.

Senti-me completamente perdido, sem condições nem se quer de elaborar meu planejamento anual, pois planejar com tal diagnóstico da realidade era impossível, pelo menos dentro da visão que a Escola de Educação Física havia me ensinado.

Busquei referencial bibliográfico que me amparasse e tudo que encontrava me reforçava a idéia da visão utopicamente elitista que a Faculdade de Educação Física me havia fornecido.

Procurei outros profissionais da cidade e da região, para verificar as soluções encontradas e se a minha era uma situação única. Constatei que com algumas pequenas

diferenças, a realidade era aquela mesma e que as soluções aplicadas eram de conformismo e negligência.

Entendia que não era aquele o caminho a seguir, pois não me sentia bem como um profissional que nada contribuía para justificar meu salário no final do mês.

Procurei dentro da minha visão tecnicista da época, encontrar uma alternativa e adapta-la àquela realidade. A escolha recaiu no Atletismo, que me parecia a menos complicada de desenvolve-la.

Entrei em contato com a Prefeitura local e com o Departamento de Transito para conseguir autorização para colocar cancelas na rua, impedindo o transito de carros, nos horários de aula de Educação Física.

Que difícil era colocar a visão de uma pista oficial de Atletismo em um trecho de rua de + ou - 100 metros de comprimento.

Em 1983, participei do Concurso Público da Universidade Estadual de Ponta Grossa para preenchimento de vaga em Atletismo do Curso de Educação Física, conseguindo minha aprovação.

O meu contato com a matéria foi a confirmação de que a realidade do meu curso de 10 anos antes era a mesma no curso em que agora ingressava como professor.

A pista oficial de Atletismo, agora mais sofisticada ainda, recoberta na sua totalidade com Rubertan e todos os materiais oficiais para a execução das provas da modalidade, agora também sofisticadas, com dardos de fibra de vidro, varas de salto de fibra de vidro, etc...

Tudo isso me deixou angustiado.

É preciso urgente que se mude essa visão e esses procedimentos na formação do futuro professor, preparando-o para trabalhar dentro da realidade de nossas escolas.

É fundamentai que nossos acadêmicos sejam orientados na busca da desmistificação do esporte de alto nível como único objetivo da Educação Física e em particular nesta proposta do Atletismo.

O despreparo de nossos professores para atuarem nesta realidade faz com que o Atletismo, mundialmente reconhecido como esporte base, não seja trabalhado nas escolas de 1 e 2 graus, causando sérios prejuízos nas vivências motoras de nossas crianças.

O ATLETISMO E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Dentre as mudanças que a revolução industrial apresenta, para o nosso objeto de estudo, é fundamental a questão de um novo ritmo.

Em 1767, foi inventada por Hargreaves, a maquina de fiar, dando início a transformação desse ritmo de trabalho, onde um só homem executava o trabalho de oito homens.

Em 1875, Watt cria a máquina movida à vapor, alterando novamente o ritmo de trabalho do homem. Não é mais o homem que determina, pelos seus músculos, o ritmo da máquina; mas é a máquina, que livre dos músculos do homem, determina um ritmo ininterrupto de trabalho que estabelece o ritmo de trabalho do homem.

O homem, dono do seu tempo, que executava tarefas em função da natureza, passa a realizar trabalho direto e disciplinado obedecendo ao ritmo da máquina .

Para adaptar-se ao processo e estabelecer condições futuras de continuísmo, criou-se um modelo escolar disciplinador do tempo dos alunos e direcionador para o mercado de trabalho.

Assim nasce a escola de nossos dias, onde o tempo é parcelado com o objetivo de controlar as atividades do educando. Marx já colocava que:

Na educação do futuro, o trabalho manual produtivo irá unido à instrução e à ginástica para todos os jovens de um e outro sexo, que passem de certa idade, e aos exercícios militares para os varões; é este o único método para formar seres humanos completos. (1)

O fim da atividade física, neste texto de Marx, é o trabalho manual produtivo; e o texto define que para se formar um ser humano completo, o único método é o treinamento militar e a ginástica , o que parece ser ideal para se formar seres autômatos e robotizados e não seres humanos.

A colocação não aponta para uma Educação Física Libertadora mas parece apontar para uma tendência autoritária que contrasta com as idéias gerais de Marx.

O movimento natural do homem é substituído por um movimento mecânico de rendimento. Do ponto de vista da Educação Física, o esporte que surge nesse processo de criação da estrutura educacional, tanto um como outro acabam por lidar com um movimento mecânico de rendimento naturalmente.

O atletismo, enquanto jogo que utiliza dos movimentos naturais do ser humano, sofre uma transformação à partir do novo ritmo da sociedade, imposto pelo maquinização, tornando-se um esporte de rendimento, altamente competitivo.

Segundo Bourdieu(2), a abordagem feita do fenômeno social, esporte moderno, é no aspecto mercadológico assumido pelos que detêm o poder de manipulação deste fenômeno social.

Apresenta uma oferta de bens e serviços à um consumidor de um conjunto de práticas habilmente sugeridas pelas vias de comunicação. Através da colocação da imagem de ídolos de modalidades diversas, associa-se a idéia do consumo dos produtos que se pretende impor ao atleta espectador, que se realiza em devaneios ao utilizar aqueles produtos que o levam a sentir-se como o ídolo.

Para explicar esse fenômeno social, Bourdieu sugere o estudo das condições históricas e sociais que permitem a criação de um Sistema Desportivo Internacional que normatize as ações que deverão ser desenvolvidas pelos esportes de aceitação popular, bem como da utilização do merchandising gerado pela demanda que consome os produtos embutidos em patrocínios, em troca da venda da imagem do produto à ser consumido.

Como a demanda é grande, isso gera a disputa pelo mercado, através da consciência de qualidade. O campo de trabalho gerado por esse processo é enorme, envolvendo professores, técnicos, médicos, psicólogos, massagistas, roupeiros, sapateiros, jornalistas esportivos, etc..., além do trabalho gerado na indústria dos produtos esportivos ofertados e na comercialização dos mesmos.

O atletismo é o único esporte moderno que tem sua raiz naquilo que se convencionou chamar de movimentos naturais. Por se basear nos movimentos naturais, muito dos pressupostos do que é o campo esportivo, pôde de alguma forma se estruturar anteriormente, ou seja, há os atletas, os técnicos, as competições , o público. Não há consumidor, nem o profissional do esporte, mas o atletismo antecipbu muitas características do esporte, que se estrutura enquanto campo esportivo à partir das situações que se seguem.

A partir do século XVIII, a Inglaterra introduz a prática do atletismo nas escolas primárias públicas, para crianças de ambos os sexos. (3)

Na condição histórica do fenômeno social, Bourdieu coloca como uma história autônoma, com seu próprio tempo, leis de evolução e crises. Assim ele vê o esporte moderno como prática específica, irredutível a um simples jogo ou divertimento festivo, que há uma ruptura com atividades que o precedem na sua evolução técnica.

Estabelecer o momento dessa ruptura seria fundar a legitimidade de uma ciência social do esporte, ou seja, estabelecer quando o simples jogo passa a ser esporte.

Segundo Bourdieu, historicamente essa passagem se realizou nas grandes escolas reservadas as elites sociais da burguesia inglesa, onde se tornaram alguns jogos populares e se impuseram uma mudança de significado e de função.

A escola aparece como o lugar onde essas práticas dotadas de funções sociais são convertidas em exercícios culturais com um fim em si mesmas. A escola é um lugar de exercício gratuito, espécie de retiro do mundo onde as elites praticam o fair play, que é a maneira de jogar sem esquecer que é apenas um jogo, sabendo manter a distância em relação ao papel do jogo.

As competições entre essas escolas deram origem à necessidade de aplicação de regras universais destinadas à nivelar comportamentos dentro dessas competições esportivas sociais. A teoria do amadorismo se estabelece e a diferença das artes se dá na afirmação das virtudes virís dos futuros líderes e a vontade de vencer como marca dos verdadeiros chefes, porém obedientes às regras estabelecidas, numa atitude cavalheiresca que não busca a vitória a qualquer preço, dentro do espírito do Barão Pierre de Coubertin.

Em 1828, Thomaz Arnold inicia a reforma pedagógica na Inglaterra, codificando as corridas, os saltos e os arremessos. É o nascedouro do espírito competitivo pela ação do atletismo disputado não só nas escolas mas sobretudo nas universidades, associações e clubes, espalhando seus raios benéficos para muitos outros países. (4)

É uma nova escola nascendo contra o liceu caserna napoleônico que se firma com Frederic La Play como: "A quoi tient la superiorité des anglo-saxons e de Le Education Nouvelle. Segundo Bourdieu, o que está em jogo é uma definição da educação burguesa oposta à definição pequeno-burguesa e professoral. É a energia, a coragem e a vontade como virtude de líderes contra o saber, a erudição e a docilidade escolar do liceu caserna. Valorizar a educação contra a instrução, a vontade contra a inteligência, o

esporte contra a cultura, é opor ao sucesso escolar outras formas de sucesso e de legitimar esses sucessos. É a exaltação do esporte como escola de caráter, como anti-intelectualismo. É o esporte como expressão de luta entre classes dominantes e dominadas.

Em 7 de Julho de 1912 foi fundada a Federação Internacional de Atletismo Amador, que dois anos depois estabelece as primeiras Regras Internacionais e publica a primeira lista de recordes mundiais para os homens.

Com isso, o treinamento que existia sómente com o objetivo de vencer a competição passa a ser um treinamento balizado pela marca vencedora da competição anterior, denominada como recorde, que irá servir de referencial de treinamento com o objetivo de superar essa marca.

O movimento natural passa a ser elaborado biomecanicamente para ser correto e assim obter economia de esforço com aumento de rendimento na busca de estabelecer novos recordes, o que continua até nossos dias.(5)

Estes acontecimentos estabelecem a mudança do atletismo-jogo para o atletismo-esporte, formando assim o que poderiamos denominar de o campo esportivo do atletismo.

A partir daí, aborda a luta pela legitimidade da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, do amadorismo contra o profissionalismo, da prática contra o espetáculo, da elite contra o popular, além da luta pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, opondo entre si treinadores, dirigentes, professores de ginástica, comerciantes de bens e serviços esportivos.

Estabelece a luta pelo monopólio do uso dos corpos entre os pedagogos e os médicos. A oposição entre formas de uso do corpo entre os disciplinadores e os defensores da expressão corporal que prega a desobediência à disciplina imposta pela

ginástica comum. É uma nova variante da moral burguesa que passa a privilegiar o liberalismo pedagógico.

Bourdieu aborda ainda, a relação entre a prática e o espectador, partindo do pressuposto de que a prática, depois da adolescência, é cada vez mais difícil à medida em que se desce na hierarquia social, enquanto que a probabilidade de assistir ao espetáculo aumenta. Assim, o esporte que era do povo como jogo, volta ao povo como espetáculo, dando surgimento à uma demanda comercial que se tornou bastante rentável.

A exploração desse comércio faz com que se massifique o gosto por determinado esporte sem o devido conhecimento dos detalhes que envolvem a prática e que geram o prazer, dando o surgimento da angústia do resultado como ponto crucial da disputa. Isso por sua vez, gera nos praticantes a necessidade de ganhar a qualquer custo para se manterem como mercadoria vendável, criando o profissional do esporte.

O movimento natural ao ser corrigido pelas leis da mecânica, estabelece um marco onde surgem os profissionais da área específica para educarem os futuros atletas e melhorarem o rendimento dos já praticantes.

Desta forma o atletismo natural dos gregos olímpicos da Antigüidade, dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, do aforisma de Pierre de Coubertin, o ***importante é competir***, passa após a revolução industrial a ser um esporte altamente competitivo, sempre em busca dos limites do homem.

Com o desenvolvimento da revolução industrial, o tempo natural ditado anteriormente pelas tarefas do plantio e da colheita, passam para um tempo controlado pela atividade das máquinas, que determina um novo ritmo à sociedade.

Cria-se uma máquina para controlar esse novo ritmo à qual se chamou de relógio, que começa a determinar o controle do tempo social e também o tempo individual.

Esta máquina de controlar o tempo, a princípio bastante imprecisa, evolue rapidamente com a invenção do cronometro em 1760, tornando-se cada vez mais exata e fracionando o tempo, possibilitando uma maior sincronia no trabalho das indústrias, estabelecendo um ritmo regular.

A influência do cronometro nas provas do Atletismo é de vital importância, passando a regular e medir o tempo de execução das provas, fracionando até centésimos de segundo nos dias atuais.Através desse contrôle se torna possível o estabelecimento dos recordes,que são o desafio permanete para a superação através do treinamento.

O controle do tempo, dentro da ética capitalista, passa a ser um mecanismo de disciplinar o trabalho e por consequência os trabalhadores, o que proporciona uma fracionalização do tempo disponível para o trabalho, tornando possível um tempo ocioso que deverá ser empregado de alguma forma. É nesse espaço que se instala um nicho que vem a ser denominado de campo esportivo, que de uma forma competente começa a determinar comportamentos à sociedade consumista que faz parte do processo capitalista.

Partindo do pressuposto protestante de que ganhar dinheiro não é pecado, desde que honestamente, como fruto de seu trabalho, empregando de forma disciplinada o seu tempo, pois ***tempo é dinheiro***, como dizia Benjamin Franklin, o campo esportivo tanto possibilita ganhar dinheiro quanto compensar a atividade básica que gera o ganho do dinheiro de maneira a retemperar o espírito para melhor produzir.

Para controlar esse tempo social, o homem tem um instrumento de poder que é o calendário, existente desde épocas remotas e que evoluiu e se adaptou aos interesses dos detentores do poder.

Temos o calendário gregoriano, estabelecido em 1582 pelo Papa Gregorio XIII para corrigir o calendário juliano, como oficial nos países cristãos. Sobreposto à este ca-

lendário, se estabelecem outros, como por exemplo, o calendário escolar que estrutura o tempo do sistema escolar, que é a educação formal.

A educação não formal, que abrange o campo esportivo, é estruturado pelo calendário esportivo. Segundo Le Goff (5).

Uma função essencial do calendário é a de ritmar a dialética do trabalho e do tempo livre, o entre cruzamento dos dois tempos: o tempo regular, mas linear do trabalho, mais sensível às mutações históricas, e o tempo cíclico da festa, mais tradicional, mas permeável às mudanças da história.

Nota-se um tempo regular (trabalho) e um tempo cíclico (tempo livre). No Atletismo, esse tempo regular é o tempo estruturado para as competições oficiais pela Federação Internacional de Atletismo Amador e pelas suas filiadas. O tempo cíclico é o tempo estruturado para o treinamento visando atingir o seu ponto máximo de rendimento na época das competições.

Como hipótese, acreditamos que a orientação dessas atividades baseadas em regras rígidas e em padrões de rendimento absoluto é que tornam a modalidade desinteressante para nossos alunos de primeiro grau. Aliado a isso, temos que considerar que a preferência esportiva nacional é para os esportes que tenham bola e o atletismo não tem.

Negar o rendimento, seria quase negar a essência do atletismo que se inspira no princípio ***citius, altius, fortius***(mais rápido, mais alto, mais forte), mas é preciso entender que a maioria dos iniciados não atingirão o nível de atleta e que é preciso corresponder as necessidades individuais de auto realização, de satisfazer os interesses de prática esportiva para o maior número de pessoas, sem a mistificação de que a prática esportiva é privilégio de atleta, constituindo algo para se ver e não para se fazer.

A sofisticação alcançada nos meios competitivos faz com que a modalidade se afaste cada vez mais da realidade escolar, em função dos meios estandartizados e oficializados.

Na leitura de Parlebás, adequando ao nosso trabalho, é possível resgatar supostos que venham orientar o desenvolvimento do mesmo:

- os meios não padronizados oferecem maior número de informações ao praticante e por extensão é mais adequado a pratica do atletismo, dito de outra forma, não é necessário pista de atletismo para a iniciação nas escolas.

- fundamentalmente o atletismo é uma atividade psicomotora, em essência, através da taxionomia proposta por Parlebás é possível torna-la outro tipo de atividade, principalmente com características sócio motoras, o que sem dúvida é pedagogicamente adequado as nossas escolas.

- a lógica interna das situações apresentadas por Parlebás podem ser utilizadas e adequadas para estabelecer uma relação de possibilidades aos nossos educadores de entender o que e porque de determinadas atividades, limitando a reprodução de atividades e propiciando ferramentas para desenvolvimento das mesmas.

Destes supostos, que podem ser hipóteses contidas nas análises de Parlebás, visualizamos importante instrumento teórico muito mais amplo que as simples questões aqui manifestadas para se entender a educação física de nossas escolas e por extensão desenvolver um trabalho destinado a estas.

Considerando que o Brasil é um país em dificuldades economico financeiras, nossas escolas não apresentam condições de trabalho dentro da concepção de instalações e equipamentos oficiais para a prática do atletismo apresentado aos nossos professores enquanto acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física, bem como seus conteúdos voltados para o rendimento absoluto.

Os argumentos citados nos apresentam algumas dificuldades para a prática do atletismo na iniciação esportiva de nossas crianças, causando sérios prejuízos nas experiências motoras básicas de nossos educandos.

BIBLIOGRAFIA

1- MARX, Karl. *O capital, pg. 240.* Editora Melso S.A., 1962

2- Confederação Brasileira de Atletismo. ***Regras Oficiais: História cronológica do atletismo,***

Palestra Edições.

3- idem

4- idem

5- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Ed. UNICAMP, 1992.

-- THOMPSON, E.P.*O tempo, a disciplina do trabalho e o Capitalismo, in:Trabalho, Educação*

e ***Prática Social.*** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

--WEBER, Max. ***A Ética protestante e o espírito do Capitalismo*** .São Paulo, Livraria Pioneira

Editora, 1967.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O RITMO DOS MOVIMENTOS DO HOMEM

Silvia Christina Madrid Finck

SEED-PR e UNIMEP/CAPES

ABSTRACT:

"Some reflection about the man's rythm movement".

The transformatioa of the work instrumeats of maa from tool to machine was responsible for some alterations on their movements, specialy in their rythm. Time interfered changing the rythm of produetion: firstly, it was determined by tasks which should be done, now it is determined by the clock. Rythm and time dimensions are also differents on a game and on a sport, estabilishing movements of execution (accomplishment) distinet from man, giving a better conotation of enjoyment to the game and efficiency to the sports. The game practiced in the past (tool) suffered transformations, letting the modern sport arising (machine) being alived and consumed by ali procreating the "Sports Industry". It is possible the relation among sport, work and produetion. The athlete/idol protagonist of the sporting show, many time is the model to our student. Sport predominates as a school subject - Physical Education is the intermediate between sporting and educational field at school. The game would be a possible way to systematize and democratize sports at school.

FERRAMENTA-JOGO, MÁQUINA-ESPORTE:

O homem ingressa na escola da vida no dia em que nasce, data em que também inicia a educação esportiva. Devidamente motivada, solicitada, apoiada e encorajada, a criança aprende, diariamente, novas formas de se mexer, ampliando-se desta maneira o seu campo de ação." (DIEM ,Lisellot. Esportes para crianças - uma abordagem pedagógica, 1977)

O texto "A Maquinaria e a Indústria Moderna", que compõem a obra escrita por Karl Marx, revela, analisa e discute o processo de transformação do instrumental de trabalho do homem, que de ferramenta manual transformou-se em máquina, culminando com a Revolução Industrial e a implantação do Capitalismo. O autor analisa as consequências que o emprego desmedido da máquina pelo capital trouxeram, para a vida do trabalhador e da sua família. As máquinas passaram a ser utilizadas para a busca do lucro cada vez maior por parte do capitalismo, transformando o trabalhador (artesão) numa extensão ou num complemento da mesma. Uma das maiores consequências, foi a adaptação e a alteração que o trabalhador se obrigou a fazer, no seu ritmo de execução de

trabalho, tendo então, que realizar seus próprios movimentos no ritmo estipulado pela máquina.

O homem exercia por conta própria um ofício manual utilizando ferramentas de sua propriedade, seu trabalho era artesanal, de produção mais demorada e mais valoroso. Detinha o conhecimento total da fabricação do produto, dando-lhe características próprias, impondo-lhe um ritmo de produção. O tempo que despendia para confeccionar seu produto era maior. A partir do surgimento da máquina, o conhecimento que o homem detinha passou a ser parcial, o trabalho foi dividido objetivando uma produção maior, aumentou o número de especialistas, o homem tornou-se um complemento da máquina sendo muitas vezes substituído por ela. O valor do trabalho foi alterado sendo barateado, a produção e o lucro aumentaram.

Não foi só a máquina que interferiu no ritmo de produção do homem. O tempo passou a ter uma conotação diferente com a invenção do relógio e a Revolução Industrial. A frase "tempo é dinheiro" revela em parte a relação do tempo com produção, sendo que um maior ou menor tempo é despendido na execução do trabalho, determinando-lhe também um ritmo.

Thompson (1991), discute o controle do tempo social enfocando suas mudanças. O tempo primeiramente natural era determinado pelos fenômenos da natureza como: as estações do ano, o amanhecer, o entardecer e a chuva. O homem estabelecia seu ritmo de trabalho em função de tais fenômenos, o ritmo do tempo era natural e irregular, sua medida era estabelecida também em relação as tarefas que deveriam ser desempenhadas sendo utilizado na medida da necessidade para executa-las. O tempo era condicionado ao trabalho desempenhado pelo artesão. Posteriormente ocorreram transformações na forma de compreender o tempo, segundo o autor a invenção do relógio foi determinante nesta questão, ocorrendo paralelamente a Revolução Industrial, onde houve uma sincronização do trabalho. Com a mudança na forma de compreender o tempo e a disciplina do trabalho foi alterada; antes, desempenhado de acordo com um ritmo natural, passa, agora, a ser sincronizado pelo relógio. O tempo de natural e irregular, passa a ser fracionado e regular, ocasionando maior significância para o relógio, primeiramente impreciso adquire uma exatidão maior controlando melhor o tempo e conseqüentemente o trabalho, suprindo a necessidade da indústria que objetiva uma maior produtividade. A marcação do tempo pelo relógio tornou-se universal e o trabalho ganhou um ritmo regular.

A Revolução Industrial trouxe também benefícios ao trabalhador, diminuindo e facilitando o seu trabalho, proporcionando também de certa forma um maior número de empregos, com a necessidade de fabricação das próprias máquinas. Portanto, a introdução da máquina no sistema de produção, não pode ser vista apenas como algo prejudicial ao trabalhador. O que prejudica, nos parece, é a forma como o sistema capitalista faz uso da mesma.

O tempo da ferramenta é diferente do tempo da máquina. O trabalho executado pelo homem com a ferramenta, tinha características diferenciadas do

trabalho executado com a implementação da máquina. A diferença se estabelece principalmente nas dimensões de tempo e ritmo, que estão relacionadas com o fator de uma menor ou maior produção. Tanto a ferramenta quanto a máquina impuseram ao homem movimentos diferenciados.

As dimensões de tempo e ritmo são também diferenciadas no jogo e no esporte, estabelecendo movimentos de execução diferentes ao homem, dando uma conotação maior de ludicidade ao jogo e de rendimento ao esporte. Ao mesmo tempo que jogo e esporte possuem diferenças, muitas vezes se assemelham, as regras e a competição são alguns componentes que caracterizam e diferenciam jogo e esporte, evidenciaremos algumas diferenças.

O jogo possibilita ao praticante um saber globalizado (competição), o ritmo de execução e as regras são estabelecidas pelos praticantes, os movimentos são compatíveis e o ritmo natural, estando de acordo com as possibilidades de execução de cada um. A competição está presente no sentido de querer ou representar alguma coisa obedecendo certas regras, mas o prazer o divertimento e o brincar predominam. A ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo e entusiasmo caracterizam o jogo no sentido lúdico, transferindo ao participantes para um mundo diferente, caracterizando uma separação espacial em relação à vida cotidiana. É lhe reservado, quer material ou idealmente, um espaço fechado e isolado do ambiente cotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras tem validade.

O esporte possibilita ao praticante um saber parcilizado e especializado, tendo que se adaptar ao ritmo próprio de cada modalidade esportiva e de seus movimentos específicos. O ritmo é crescente, construído e desenvolvido com as necessidades que forem sendo exigidas, buscando a performance do praticante. As regras são universais, rígidas devendo ser cumpridas não oferecendo possibilidades de mudanças. A competição tem por objetivo maior a vitória, o vencedor é valorizado e o perdedor muitas vezes ignorado. Algumas características são predominantes como a ordem, tensão, movimentos e ritmos específicos. O prazer está presente principalmente quando o praticante consegue realizar os movimentos dentro do padrão esperado, objetivando a vitória. O esporte é fascinante tanto para quem pratica como para quem assiste, transferindo as pessoas para um mundo específico, o esportivo, mesmo que seja durante o jogo.

O jogo praticado (ferramentas) em séculos anteriores, veio sofrendo transformações, surgindo o esporte moderno (máquina), vivenciado e consumido por todos, gerando a "indústria do esporte". No nosso dia a dia, podemos observar a dimensão e o crescimento tanto de um quanto do outro, pois estão interrelacionados. Descobriu-se o fascínio que o esporte exerce nas pessoas. A indústria do esporte incentiva cada vez mais a sua prática aliada ao rendimento pois isto é sinônimo de lucro. Quanto mais atletas de alto nível (rendimento) maior o poder de espetáculo esportivo e o número de espectadores / consumidores, aumentando conseqüentemente o lucro.

Há toda gama de produtos que são mercantilizados, alguns relacionados com o mundo esportivo outros não, o que interessa é o quanto e não o que se vende, é o lucro desmedido. Descobriu-se a imagem do atleta / ídolo como uma máquina de fazer dinheiro, utilizam e a exploram-na (indústria) e todos "ganham".

O esporte exerce um fascínio sobre os espectador, o jogo torna-se espetáculo, o público colabora para surgir o ídolo que para o patrocinador (indústria) é sinonimo de lucro. O público antes consumidor do espetáculo esportivo,passa a ser consumidor também dos produtos que o ídolo e o esporte vendem (indústria de esporte). Todo esse processo reflete na escola, influenciando crianças e jovens, que não querem apenas jogar como seus ídolos, mas também usar o tênis, bola, meias agasalhos... da mesma marca que ele usa. Tentam imitar os gestos esportivos, maneira de ser em quadra, corte de cabelo... é o sonho de ser como ele, idolatrado. O atleta / ídolo e os objetos que usa passam a ter quase a mesma importância para o aluno (espectador / consumidor) . Tais fatos revelam o poder e a influência que o esporte moderno aliado a indústria e aos meios de comunicação, exercem na escola, alterando e influenciando o comportamento dos alunos.

O campo esportivo se insere no campo educacional, invadindo os muros da escola, ficando a Educação Física como intermediária entre eles. O professor não leva em consideração o conhecimento que o aluno adquire sobre esporte através dos meios de comunicação, não aproveitando a motivação ofertada, para a prática esportiva escolar.

O movimento, enquanto ação motora, e o que caracteriza o jogo e o esporte (escolar ou espetáculo), sendo diferenciados na sua dimensão não o sendo na sua essência. Treinando no clube, escola ou participando das aulas de Educação Física, o indivíduo está executando movimentos, que diferenciam-se principalmente no seu ritmo.

Nas aulas de Educação Física, um grande número de crianças tem os primeiros contados com os fundamentos esportivos, essa experiências deveriam ser mais lúdicas, o jogo viabilizar divertimento e prazer, oportunizando a participação de todos. Sempre haverá uma maior ou menor interferência do professor quanto ao ritmo de execução das atividades, porém podendo e devendo ser adequados, de forma que todos participem das aulas. O jogo possibilita adaptação das regras do esporte e a participação de todos, facilitando a aprendizagem e motivando as crianças para a prática posterior das modalidades esportivas.

Nos treinamentos, no clube ou na escola, a nível ou não de iniciação, o ritmo dos movimentos esportivos se altera, pois existe o objetivo de um aprimoramento das técnicas específicas do esporte praticado. O técnico determina o ritmo, busca a performance, tendo os atletas (número reduzido) iniciantes ou não que se adequarem à esse ritmo.

Hoje o esporte está presente na vida das pessoas (espectadores e/ou praticantes) e não podemos negá-lo assim como não podemos negar as máquinas e as indústrias (consumidores e/ou trabalhadores).

O valor educacional do esporte é reconhecido por alguns e combatido por outros, dividindo a classe acadêmica e profissional. É desenvolvido na escola de forma predominante pelos profissionais de Educação Física, que parecem utilizar a mesma metodologia tanto nas aulas como nos treinos, estipulando o mesmo ritmo nos exercícios esportivos. O mal não está no esporte e sim no uso inadequado que professores de Educação Física fazem dele na escola.

Os efeitos do esporte para o educando como os da máquina para o trabalhador, requerem uma análise complexa, pois ambos proporcionam também benefícios, fazem parte do mundo moderno, alteraram e fazem parte da história deste século, refletindo nas relações sociais.

A influência dos meios de comunicação sobre os educandos em relação ao esporte é imensa portanto não podemos tirá-lo da escola, seria mesmo que voltarmos da máquina para a ferramenta. O esporte invade nossas vidas todos os dias, fazer de conta que isso não ocorre e/ou tentar expulsá-lo da escola, é ingênuo e inútil, assim como querer mover o mundo moderno a ferramentas.

O TEMPO E A PRODUÇÃO DO ESPORTE MODERNO:

"O esporte é o jogo institucionalizado. É uma forma cultural do movimento humano e deverá ser tematizado pela Educação Física..."(Secretaria de Estado da Educação, Pr.: 1987).

Bourdieu identifica uma ruptura entre jogo e esporte, surgindo o campo esportivo que possui uma lógica específica, no qual existe lutas próprias com regras próprias. Houve, segundo o autor, uma separação entre passado e presente, surgindo o esporte moderno com uma cultura específica e a definição de objetos de disputa. O esporte moderno teria sua própria história, compreendida por ela mesma através dos acontecimentos e ventos esportivos, podemos citar entre eles: o recorde e o espetáculo.

"...a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica." (Bourdieu, 1978:.p 137).

No papel de protagonista do espetáculo esportivo temos o atleta profissional, que alia sua prática a uma profissão sendo remunerado conforme aquilo que produz. O tempo do esporte para esse atleta tem relação com produção e trabalho, é o profissionalismo esportivo. A sua performace está condicionada com um maior numero de horas dedicadas ao treinamento (tempo). Podemos identificar a relação entre produção (performace), tempo (treinamento) e dinheiro (trabalho) no esporte moderno. Portanto "tempo é dinheiro" para o atleta profissional.

Com o esporte moderno, orientado pelo relógio e, com o tempo transformando-se em dinheiro, começa-se a perceber uma nova forma de conceituá-lo. O tempo passou a ser medido não só pelo relógio, mas também pelo dinheiro. Se o tempo for desperdiçado o ganho é menor.

"...o tempo versus a produtividade torna-se dinheiro, portanto, ele não passa, gasta-se." (Thompson, 1991:p. 80).

É possível estabelecer e identificar outra relação entre esporte, trabalho e produção, ao tomarmos por base as teorias citadas por Lenk que são: de adaptação e de compensação. A primeira relaciona esporte e trabalho, isto é, o esporte seria um meio de adaptar o indivíduo ao mundo do trabalho, exercitando-o através do esporte para que posteriormente possa desempenhar produtivamente sua função como trabalhador. Na teoria de compensação o esporte cumpriria entre outras, as funções de: suprir, enriquecer, identificar, integrar e libertar o indivíduo. O mundo do esporte seria uma reprodução do mundo industrial, onde o indivíduo superaria dificuldades. Em outras palavras, o esporte serviria para moldar o homem para o trabalho, para uma produção maior, o tempo utilizado na prática do esporte seria um investimento, que lhe proporcionaria um treinamento e uma compensação para desempenhar melhor o seu trabalho. Portanto, podemos relacionar a frase "tempo é dinheiro"com as contribuições de Lenk.

Weber (1967), nos diz que, a grande revolução não foi a industrial mas a religiosa, possibilitando assim a instauração do capitalismo (Europa Ocidental e Norte Americano), através do protestantismo que com sua força dinâmica impulsionou o novo sistema. Propagando na sociedade da época algumas idéias como: ganhar dinheiro não é pecado é, servir a Deus, "tempo é dinheiro"; "crédito é dinheiro". A partir daí houve um redimensionamento dos conceitos de tempo, do trabalho e da riqueza. O espírito do homem é empreendedor, de riqueza, ele cria a história dó mundo através do seu trabalho e daquilo que produzir com ele. O tempo não pode ser desperdiçado, está relacionado com produção é utilizado para ganhar cada vez mais e não para gastar.

"Ele não retira nada de sua riqueza para si mesmo, a não ser a sensação irracional de haver cumprido devidamente a sua tarefa."(Weber, 1967: p.47).

As idéias trasmitidas com a revolução religiosa, continuam até hoje em nossa sociedade com outras dimensões acrescidas, como o poder. Tudo está mais do que nunca, relacionado com tempo e dinheiro, podemos citar entre os demais setores: o esportivo e o educacional. No setor esportivo, podemos identificar o tempo do esporte e treinamento com o profissionalismo (maior performace, maior o lucro). Temos também o tempo de jogo relacionado com a ludicidade e o lazer, onde as pessoas usam-no para refazerem-se buscando um "crédito", para retornar ao mundo do trabalho, produzir e ganhar mais.

No setor educacional temos entre outros, o tempo de aula, da escola e da formação. O indivíduo busca o saber objetivando uma profissão que, preferencialmente, oportunize ganhos elevados. A criança escuta desde de cedo; estudar é importante, é preciso ter uma profissão. Muitas vezes não importa a profissão que se escolhe, e sim, o quanto ela vai nos dar em remuneração. A

escola é o lugar, onde o indivíduo é levado à busca do conhecimento para poder ganhar mais no futuro.

A Educação Física na escola tem o esporte, intermediando o campo esportivo e o educacional. Será que tem feito isso de forma adequada? O esporte na escola é o primeiro passo, um primeiro contato do aluno com os movimentos esportivos, é onde o esporte tem que ser democratizado. Poderia a escola num segundo momento ter uma elite esportiva?

A competição esta presente em nossa vida e no nosso cotidiano, buscamos sempre o melhor. Competimos com os outros e com nós mesmos, objetivando entre os outros melhores notas enquanto estudantes, melhor emprego enquanto profissionais, melhores salários. A vontade de superar-se é um dos aspectos positivos da competição podendo ser, entre outros, incutido em nossos alunos na escola.

Através do esporte as aulas de Educação Física, podemos oportunizar situações para o aluno testar-se, comparar-se e superar-se. O discurso de que o esporte é; alienante, elitista e competitivo, certamente já foi ouvido por muitos de nós. O esporte é real, está aí, no nosso dia a dia, pode ser praticado na escola por todos os alunos através do jogo. Tirar o esporte da escola é tirar do aluno a oportunidade de vivenciar situações com as quais irá se defrontar no mundo. Através do esporte escolar o aluno pode se fortalecer, aprender a competir de uma forma prazerosa, pois o mundo é competição e produção, negar isso na escola é tirar do aluno oportunidades de aprendizagem para enfrentar a vida em igualdade de condições. Ignorarmos na escola a competição e o esporte, não seria ingênuo?

A escola através da Educação Física pode sistematizar e democratizar o esporte, o jogo seria um possível caminho, propiciando vivências de valores de forma educativa, necessários para o enfrentamento da vida.

O esporte tem um valor educativo, mas também um valor mercantil. Na escola podemos ter: o aluno e o atleta, o jogo na aula de Educação Física e o esporte nos treinamentos, o professor e o técnico. Ou vamos continuar ensinando à nossos alunos que o mundo é apenas cor de rosa.

Bibliografia consultada:

BORDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? Congresso Internacional do Hispa. Paris, 1978.

LENK, Hans. Deporte, sociedad, filosofia (Texto).

MARX, Karl. A maquinaria e a indústria moderna. In: O Capital. Vol. I, 7a ed. São Paulo: 1982.

THOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. Trabalho, Educação e prática social. Silva T.T. da (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, cap. II, 1967.

"O LAZER NO VÔO A VELA: um relato de experiências"*

Cacilda Pereira Widmer
Mestranda FEF/UNICAMP/CNPq

ABSTRACT:

"The leisure in gliding: an account of experiences".

The proposal of the presented theme, is to recover part of the history of the flight sport in Brazil, whith enphasis on gliding, and to compare aspects related with the leisure.

O propósito da temática aqui apresentada, é o de resgatar um pouco da *história*[1] *da introdução do aerodesporto no Brasil*, em particular o *vôo a vela*. E tendo em vista as ambiguidades do lazer no vôo a vela, optou-se por fazer uma análise crítica, da comunidade volovelística, hoje.

As *Origens*

As primeiras experiências de vôo sem motor, em aeronaves mais pesadas que o ar, foram realizadas pelo alemão *Otto Lilienthal* no final do século passado. Seus aparelhos se assemelhavam mais às asas delta atuais do que propriamente aos planadores.

O grande impulso para o desenvolvimento do *vôo a vela* ocorreu na Alemanha, quando, depois da derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, o país viu-se impossibilitado de treinar seus pilotos em aeronaves motorizadas. Houve grande incentivo por parte do governo daquele país, no sentido de motivar os jovens à praticarem um esporte aerodesportivo, com isso estimulando o prazer de de voar com "uma certa manipulação" na ideologia política. Sendo assim, os esforços foram concentrados no desenvolvimento de planadores e no estudo das condições atmosféricas. Ainda hoje a Alemanha colhe os frutos deste pioneirismo, uma vez que neste país encontram-se alguns dos melhores fabricantes de planadores do mundo.

---

* texto apresentado no I Encontro de História da Educação Física e do Esporte, a ser realizado em Campinas (Unicamp - outubro/1993). Este texto é parte dos resultados parciais da pesquisa "História da Introdução de Atividades de Lazer no Brasil", que se encontra em processo de redação. A mesma, será apresentada como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação, na área de Estudos do Lazer, da UNICAMP - Campinas.

[1] ..."Então eu caminho por um mundo de curiosidade, excitando constantemente minha curiosidade, algumas vezes maravilhando-me: por que tal ou qual coisa? e ... *é isso que me faz pular para o passado: eu penso que nunca segui um comportamento histórica que não tivesse como ponto de partida uma questão colocada pelo presente*"... (Philippe Ariès - trecho de uma entrevista concedida ao Nouvel Oservateur, publicada no Brasil em Ensaios de Opinião n. 2+5)

O *vôo a vela* ou *vôo de planadores*, é um esporte "amador" que surgiu no início deste século e que hoje reúne mais de cem mil pilotos em todo o planeta. O volovelismo encontra sua mais nobre atividade nos vôos de distância e velocidade, realizados em campeonatos ou isoladamente, observando sempre os regulamentos estabelecidos pela FAI (*Fedération Aeronautique Internacionale*). Nestes vôos,[2] o espírito do esporte desponta, colocando piloto e máquina na busca de seus limites[3]

O Vôo a Vela no Brasil

No Brasil o esporte teve início no final da década de 20, precisamente em 1927, um grupo de alemães vieram para o Brasil e criaram o *Condor Syndicat* brasileiro, a qual derivou mais tarde a *Varig* no Brasil e *Lufthansa* na Alemanha. Então um grupo de pilotos da Varig, liderados pelo *Comandante Ruhl*, criavam o primeiro clube de vôo a vela no Brasil, que chamava VAE (Varig Aero Esporte), cuja sede foi na cidade de Ozório-RS, pelo fato de em Ozório existir uma colina, que permitia o vôo dinâmico com a brisa marítma, que era a técnica utilizada por estes pilotos nessa época.

Um homem que muito trabalhou pela indústria aeronáutica brasileira e depois o aerodesporto foi o americano *Orthon William Hoover*, que depois de idas e vindas ao seu país, voltou ao Brasil para ficar definitivamente depois da Primeira Guerra Mundial, chegou em setembro de 1919, e foi representante para o Brasil da fábrica norte-americana de aviões Curtiss.

Naquele tempo a principal pista de decolagem da capital paulista era apenas um capinzal na margem do Rio Tietê. Compreendendo as possibilidades da aviação no Estado de São Paulo, Hoover convenceu o Secretário da Justiça e Segurança a construir ali um bom aeroporto. Assim foi criado a Escola de Aviação da Força Pública, inaugurada, junto com a nova pista de decolagem, no dia 1 de janeiro de 1920, onde atualmente se ergue o Campo de Marte.

No mesmo ano Orthon Hoover criou a Escola Hoover de Pilotagem, num campo em Indianópolis. Onde hoje existe um luxuoso bairro residencial paulistano, Hoover levantava vôo, todas as manhãs, ensinando aos seus jovens alunos a técnica da pilotagem. Organizou também viagens de demonstração às cidades do interior paulista, visitando Tatuí, Leme, São Pedro e Ribeirão Preto. Em 1922 Hoover fechou sua Escola e viajou para o Rio de Janeiro, contratado pela comissão Organizadora dos Festejos do Centenário da Independência e seguiu abrindo Escolas e organizando encontros aerodesportivos e festas aviatórias.

Essa atividade de Orthon Hoover aproximou-o de outros entusiastas, que pensavam montar uma fábrica de aviões em São Paulo. Já havia intensa movimentação aeronáutica no

---

[2] . No início vem o desafio de permanecer no ar por 30 minutos, que pode parecer pouco para quem não está familiarizado com o esporte, mas é uma grande conquista para o iniciante. Segue-se o ganho de 1000 metros de altura, depois um vôo de 5 horas de duração, passamos depois para as navegações: 50, 300Km...
Daí para frente o próprio piloto vai se propondo novos desafios que dependerão unicamente de sua habilidade e experiência. Atualmente o recorde de vôo em distância em planadores supera os 2400Km (Nova Zelândia). (Informações obtidas através da ABVV - *Associação Brasileira de Vôo a Vela*)

[3]. É onde a habilidade e experiência adquiridas na fase de aprendizado são colocadas em prática. No vôo sem motor está o verdadeiro prazer de voar, contando somente com as forças da natureza e a atenta observação do meio que a cerca. Estes vôos tão sonhados por todo volovelista, vão sendo conquistados desde as primeiras decolagens solo.

Estado e Hoover juntou-se ao alsaciano Fritz Roesler e ao brasileiro Henrique Santos Dumont para formar a Empresa Aeronáutica Ypiranga - EAY, que começou a funcionar em 1931.

Desde o início o emprendimento industrial *EAY* foi prejudicado pela situação política de São Paulo. Duas Revoluções, em 1930 e 1932, criaram tropeços legais para a compra de peças e motores. E as restrições impostas pelo Governo Federal também não ajudaram muito. Mas, mesmo assim, o grupo já fabricava planadores em 1933. E assim começou a construção de planadores no Brasil.

Esses planadores "veleiros" produzidos pela EAY foram operados pelo Clube Politécnico de Planadores e eram dois tipos: o primeiro, batizado "Primário" era uma cópia do "Zoegling" alemão. O segundo, chamado "Secundário", e igualmente calcado nos planos alemães.

Em 1934, uma expedição alemã chegou ao Brasil para divulgar o *Nacional Socialismo Alemão*, através do esporte, assim indiretamente, fazia-se confraternizações, palestras, cursos, reuniões com os familiares, comemorações, vivências culturais, com isso os imigrantes daquele país poderiam ter novamente contatos com a situação política daquela época na Alemanha. Mandaram uma delegação composta de pioneiros do vôo a vela mundial, entre os quais o construtor *Wolf Hirth* e os pilotos de testes *Hanna Reitsch* (jovem aeronauta alemã que ficara famosa como piloto acrobático) e *Heini Dittmar*. Trouxeram consigo dois planadores com os quais realizaram vôos de altitude e de distância. Em Cumbica vários grupos de alemães representavam a *5ª coluna* no Brasil. Em algumas ocasiões o vôo a vela foi *utilizado* para reuniões secretas e na formação de pilotos para o Brasil, assim, sem conotação de lazer.

Essa Missão trouxe dois planadores. Um *"Condor"* e um "Grunau Baby",[4] e causou profunda impressão na juventude brasileira. Nas capitais do sul, principalmente, sua visita foi seguida de um rápido "despertar aeronáutico", com surgimento de novos clubes de vôo a vela e a construção de numerosos protótipos de planadores.

Ainda em 1934, foi fundado o Clube Politécnico de Planadores, à sombra da Escola Politécnica, por ocasião da visita ao Brasil da Missão Aeronáutica Alemã. Cresceu graças ao esforço de alunos como Almeida Prado, Lefevre, Dácio Moraes Jr. e Almirante Junqueira. E da dedicação de professores como Wendel, Winter e Gaspar Ricardo Jr.. Este último transformou a cadeira que lecionava - "Estradas"- em "Transportes". A partir de 1936, essa disciplina passou a incluir o *Transporte Aéreo*. Isto coincide com a chegada do alemão construtor e instrutor de aeronaves *Kurt Hendrich* em Bauru, 1940, e a criação de uma seção de aeronáutica no Instituto de Pesquisa Técnológica em São Paulo. Nesta mesma época o empresário Baby Pignatari construiu uma série de planadores do tipo "Grunau Baby" em sua fábrica em Utinga(SP).

A II Gerra Mundial veio encontrar o Brasil iniciando o processo de industrialização que se acentuaria mais tarde, durante os anos das décadas de 1950 e 1960. E o Estado de São Paulo era o principal foco dessa explosão de Fábricas.[5]

À partir disto, o vôo a vela começou a tomar impulso, criando-se vários focos de entusiastas do esporte em particular em Curitiba, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de

---

[4] Esse "Grunau Baby" voa até hoje em Bauru, e é um dos mais antigos planadores operacionais do Brasil.

[5] Datam desse período, em São Paulo, as primeiras linhas de montagem de automóveis e caminhões, as primeiras indústrias de material elétrico e as primeiras fábricas de alimentos enlatados. Dentre todos esses empreendimentos destacava-se o chamado Grupo Pignatari, um complexo de indústrias situado em Utinga, bairro de Santo André. Em 1941, funcionava ali, entre outras, a CIA Brasileira de Zinco, Alumínios Brasil e a Laminação Nacional de Metais. No conjunto, um completo parque industrial, independente, com cerca de 5000 funcionários, refeitórios, ambulatórios, aeroporto próprio, quadras de esporte e treze times de futebol! E foi uma dessas empresas a Laminação N. de Metais, que iniciou a produção de *planadores* desde fins de 1940. Em 1941, foram produzidos ali, 30 planadores "Alcatraz", cópias brasileiras do famoso "Grunau Baby" alemão. Em 1942, foram construídos mais 20 planadores tipo "Saracura".

Janeiro, onde se fundou naquela ocasião o Aeroclube Brasil(RJ). Isto serviu de alento para as primeiras construções de planadores no Brasil.

No Paraná, nas colônias teuto-brasileiras, foi sentida a influência direta do renascimento aeronáutico alemão. Na cidade de Ponta Grossa, formou-se um ativo grupo de entusiastas que copiando o desenho do "Holz der Teuffel", construíram vários protótipos. Esse grupo manteve intensa atividade a partir de 1932. O clube funcionou até o início da II Guerra Mundial, mas em 1942 tornou-se suspeito pelo apoio que recebia do Governo Nazista e suas aeronaves foram confiscadas e transferidas para o Aeroclube de Bauru.

Em Curitiba, por influência do Professor *Ewaldo Schiebler*, foi fundado o Aeroclube do Paraná e outro clube de vôo a vela. Do seu esforço surgiu na capital paranaense um intenso movimento de aviação desportiva e de fabricação de protótipos, que persiste até hoje e do qual o ponto alto é a "Indústria Paranaense de Estruturas", o maior fabricante nacional de planadores.

Na cidade de Bauru em 1943, o esporte do *vôo a vela* já estava bastante desenvolvido. Mas os únicos planadores disponíveis eram os *"Grunau Baby"* de construção local, aeronaves seguras, mas de performance limitada.

Os jovens pilotos do clube reclamavam por máquinas desenvolvidas, capazes de voar mais alto, durante períodos maiores. Visavam recordes de permanência e não de velocidade ou distância percorrida. E essas foram as características encomendadas ao engenheiro *Hans Widmer* (recém chegado da Suíça), para projetar o planador que tivesse estas características.

Naquele mesmo ano, foi então projetado por *Hans Widmer* e construído por *Kurt Hendrich* o primeiro planador de competição brasileiro chamado *"Flamingo"*.[6]

Nos quase cinquenta anos seguintes o "Flamingo" sofreu três reformas que o modernizaram, e acumulou milhares de horas de vôo. Continuou operando até hoje. Tendo o "Flamingo" participado e sendo campeão no 1º Campeonato Brasileiro de Vôo a Vela realizado na cidade de Ribeirão Preto em 1954.

O Lazer "Vôo a Vela"

Com o passar dos anos, os campeonatos e as práticas de vôo a vela passaram a ter outra conotação da época pioneira, ou pelo menos, diríamos que hoje o vôo a vela, é um campo fértil de estudos, sobre as barreiras para a sua prática e suas controvérsias em relação aos conceitos de lazer já adotados por outros autores, que nos leva a admitir estes conceitos como tempo,[7] atividade [8]e por último como atitude.

Na história do Lazer há este aprendizado: as várias formas de desfrutá-lo como tempo. Há como uma necessidade de conhecer na história e conseguir dela, para o uso de hoje, as formas apropriadas e variadas que a humanidade inventou para recrear-se, para projetar no espaço do Lazer, o seu futuro cultural e o seu destino histórico.

---

[6] O "Flamingo", construído em Bauru em 1944, sob a orientação de Kurt Hendrich, era calcado no projeto dos planadores alemães de alto rendimento de sua época. E também era, quando ficou pronto, *o mais elegante veleiro aéreo do Brasil.*

[7] A Sociologia define o *Lazer* como o *tempo* ocupado em atividades que não revertem em benefícios econômicos, as quais são necessárias à vida por suas exigências biológicas, psicológicas e sociais.(Gaelzer, 1979, p.44)

[8] Poderíamos dizer que o conceito de Lazer sofreu uma evolução. O conceito clássico estudado por Pieper (1963) e De Grazia (1962), nos Estados Unidos, que o definem como "um estado de ser no qual a atividade é realizada para o seu próprio intento". Apud Gaelzer, L., Lazer - benção ou maldição? Porto Alegre, Sulinas, 1979.

Veblem (1918) relaciona o Lazer com aspectos sociológicos como um símbolo de classe social, "como uma forma de vida das classes privilegiadas". Este autor, trata não só da ociosidade das diferentes categorias de ociosos da burguesia, mas também , do Lazer dos trabalhadores. A ociosidade (termo este, usado por Veblen, em A Teoria da Classe Ociosa) nega o trabalho, o Lazer o supõe. Veblen traz à luz sobretudo as despesas ostentatórias às quais a busca do prestígio social arrasta as classes dirigentes.

Depois da guerra de 1940, a Sociologia do Lazer conhecerá um surto de uma dimensão e de uma significação nova. Os Estados Unidos abordam os problemas da "sociedade de massa" marcada pelo consumo, pela cultura e pelo lazer de massa. Nesse novo contexto, as ambiguidades do Lazer provocam um florescimento de estudos. Em 1948 aparece "A Multidão Solitária" de David Riesman.[9] O autor defende a idéia de que a humanidade moderna conheceu duas "revoluções". A primeira data do Renascimento, tornando-se cada vez mais urbano, o homem não mais é dirigido, antes de tudo, pela tradição, mas pelas normas e valores da família restrita. A segunda revolução aparecia em meados do século XX, nos países que abordam o consumo, a cultura e o lazer de massa. O homem é movido por normas e valores veiculados pelos meios de comunicação de massa. (...)

Na Europa no mesmo período, Georges Friedmann concede uma posição privilegiada às significações do Lazer para "realojar o homem" na civilização técnica onde o trabalho é desumano para a maioria.[10] Ele distingue vigorosamente as funções de *distração* e de *compensação* do Lazer com respeito ao trabalho.[11]

Os determinismos sociais, políticos e econômicos pesam sobre a escolha da *atividade* escolhida para o Lazer. Nós colocaríamos em discussão o prazer na prática do vôo a vela X custos e manutenção da prática esportiva à nível de competição ou só por *hobby* X participação de familiares X sociabilização entre praticantes X filosofia de vida, e outros.

Segundo Widmer (autor de O Vôo a Vela e outros manuais de instrução de vôo a vela) "voar é um grande atrativo, tanto para jovens como para aqueles que, por uma razão ou outra, foram obrigados a postergar a curtição de certas sensações para uma fase posterior à da juventude." Será? O perfil do piloto de planador hoje, definitivamente não é o mesmo. Isso poderíamos dizer, que este fato não só ocorreu no *esporte vôo a vela*, mas também em várias outras modalidades.

Ainda segundo este autor, a maioria das pessoas já sonhou em voar como um pássaro, libertar-se das amarras que a prende ao solo, e observar, lá de cima, este mundo em que vivemos. Sentir como é pequena a dimensão do nosso cotidiano". (Widmer, 1989, p. 9)

---

[9] Este livro exerceu uma influência mundial nas discussões sobre o tema na época. Título original: The Lonely Crowd - A Multidão Solitária, SP, Perspectiva, 1971.

[10] Ver Friedmann, G., em "O Trabalho em Migalhas", SP, Perspectiva, 1972.

[11] Minha experiência no vôo a vela como "equipe de terra" e mulher de piloto atleta, vivenciando o vôo a vela na diretoria do Aeroclube de Bauru e em campanha para a próxima eleição da ABVV (Associação Brasileira de Vôo a Vela), é de que o vôo a vela hoje, está em decadência ideológica. O entusiasmo e o prazer da época pioneira, foram trocados pelo *status*, poder, compensação da vida *stressante* do cotidiano. E quando estes pilotos de hoje chegam aos seus aeroclubes para o tão sonhado vôo de final de semana, eles encontram uma série de dificuldades burocráticas, discussões em torno do rendimento de seus planadores, e as brigas recomeçam, porque todos querem estar entre os três melhores pilotos do ranking nacional, também se deparam com a falta "daqueles entusiastas" que estavam sempre trabalhando para o desenvolvimento do vôo a vela.

* A Associação Brasileira de Vôo a Vela é a entidade que congrega todos os clubes de planadores do Brasil. É ela que promove e organiza os campeonatos nacionais, pré-nacionais e estabelece o "ranking" brasileiro de pilotos e aeroclubes. Neste "ranking" encontram-se os melhores pilotos brasileiros, a partir da qual saem as equipes que representam o Brasil nos campeonatos mundiais. A ABVV também promove anualmente a convenção nacional de volovelistas, com o objetivo de integrar, trocar informações e experiências entre os pilotos de todas as regiões do Brasil.

O vôo a vela é um esporte altamente corporativo. Enquanto alguns se deliciam com os vôos, muitos outros permanecem no solo garantindo a infraestrutura. Até que ponto ou qual será o nível de prazer que a mulher ou os filhos de um piloto de planador vivenciam? Ou mesmo o jovem piloto, que não tem poder aquisitivo para voar um campeonato, ou mesmo vôos locais em finais de semana e que ficam assessorando os pilotos, sendo os chamados *"equipes de terra"*, estes, não escondem uma certa frustação por não estarem no ar, e sim empurrando o planador de quem vai voar, ou seja, daquele que ***pode consumir***. Finalizando este texto, hoje em dia, os homens sentem, frequentemente, suas vidas privadas como uma série de armadilhas. Percebem que dentro dos mundos cotidianos, não podem superar suas preocupações, e quase sempre têm razão nesse sentimento: tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem. Sua visão, sua capacidade, estão limitadas pelo cenário próximo: o emprêgo, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores. E quanto mais consciência têm, mesmo vagamente, das ambições e ameaças que transcendem seus cenários imediatos, mais encurralados parecem sentir-se.[12]

Subjacentes a essa sensação de estar encurralados estão mudanças aparentemente impessoais na estrutura mesma de sociedades e que se estendem por continentes inteiros. As realidades da história contemporânea constituem também realidades para o êxito e o fracasso de homens e mulheres, individualmente. Quando uma sociedade se industrializa, o camponês se transforma em trabalhador; o senhor feudal desaparece, ou passa a ser homem de negócios. Quando as classes ascendem ou caem, o homem tem emprêgo ou fica desempregado; quando a taxa de investimento se eleva ou desce, o homem se entusiasma, ou se desanima. Quando há guerras, o corretor de seguros se transforma no lançador de foguetes; o caixeiro da loja, em homem de radar; a mulher vive só, a criança cresce sem pai. A vida do indivíduo e a história da sociedade não podem ser compreendidas sem compreendermos essas alternativas.

E apesar disso, os homens não definem, habitualmente, suas ansiedades em têrmos de transformação histórica e contradição institucional. O bem-estar que desfrutam, não o atribuem habitualmente aos grandes altos e baixos das sociedades em que vivem. Raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar.[13]

Bibliografia

Andrade, R. P., e Piochi, A. E., ***História da Construção Aeronáutica no Brasil***, São Paulo, Aquárius Ed., 1982.

Forjas, M. C., ***Lazer e Consumo Cultural das Elites***, Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vertice/ANPOCS., São Paulo, 06 (3) FEV/ 1988.

Friedmann, G., ***O Trabalho em Migalhas***, São Paulo, Perspectiva, 1972.

Gaelzer, L., ***Lazer: bênção ou maldição***, Porto Alegre, Sulinas, 1979.

[12] Mills, C. Wright, em "A Imaginação Sociológica" no primeiro capitulo, a Promessa, discute o homem e o mundo moderno e a imaginação sociológica para a compreensão do mundo moderno, RJ, Zahar, 1969.

[13] Mills, nos dá a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino dentro de seu período. A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da *sociedade*.

Mills, C. Wright, ***A Imaginação Sociológica***, RJ, Zahar, 1969.

Opaschowski, H., ***Sport in der Freizeit***. Mehr Lust ais Leistung. Auf dem Weg zu einem neuen Sportverständnis, Bd. 8 der Schrftr. zur Freizeitforschung, Hamburg, Alemanha, 1987.

Riesman, D., ***A Multidão Solitária***, São Paulo, Perspectiva, 1971.

Widmer, C. P., ***História da Introdução de Atividades de Lazer no Brasil*** - manifestações em torno dos anos 20, 30 e 40, Projeto apresentado como pré-requisito parcial para exame de seleção para o curso de Mestrado junto à FEF/ Campinas, 1992.

Widmer, J. A., ***O Vôo a Vela***, São Paulo, Gepeto, 1989.

Veblen, T., ***A Teoria da Classe Ociosa***, São Paulo, Pioneira, ed.1965.

"TEMPO LIVRE E MEIO AMBIENTE: uma perspectiva histórica"

Prof. Dr. Ademir Gebara
FEF/UNICAMP/UNIMEP/CNPq.

ABSTRACT:

"Free Time and environment: a hitorical perspective".

Free time and environment are both important and provide a lot of useful pointers for the study of leisure in a specific historical formation. It will be argued that considering Brazilian History when the nation and the labour market were being formed, as well as the expantion of the agrarian frontier where taking place, free time was a decisive factor concerning leisure possibilities.

Aroud the 1950's things changed because a modern industrial country starts to be born, expanding an urban economy with large and modern factories, a financial sector and with an increasing urhanization process. The problema was no more free time, but above ali and also the possibility of having pubtic and free areas for leisure.

A proposição fundamental deste trabalho é que, para tratar as questões relativas ao estabelecimento de políticas públicas de lazer em uma perspectiva histórica, dois aspectos necessitam ser considerados: tempo livre e meio ambiente são temas fundamentais no sentido de permitir uma análise dinâmica do lazer em formações históricas específicas.

Tempo livre é aqui considerado enquanto um resultante da sociedade mercantil, ou seja é a existência de um tempo passível de se defrontar, no mercado, com o dinheiro; neste sentido o tempo tornar-se, como o trabalho livre, uma categoria jurídico-política que implica necessariamente na existência de um mercado livre de barreiras culturais, ou sociais, inibidoras de sua comercialização. Dito de outra maneira, independente de valores éticos, o tempo torna-se dinheiro.

Meio ambiente, quer seja público, quer seja privado, é o espaço potencialmente disponível ao ser humano para o exercício, em seu tempo livre, de atividades lúdicas. Uma praia pública é, nesta medida diferente de uma praia particular, tanto quanto um rio o é, de um esgoto a céu aberto.. Neste sentido a privatização dos espaços públicos e a poluição da natureza, limitam drasticamente as possibilidades espaciais para o exercício do Lazer.

O argumento que será desenvolvido, considerando o processo histórico vivido no Brasil, nos últimos 100 anos, pretende comparar as condições efetivas para construção de uma política de lazer, ou mesmo a existência de práticas de

lazer com amplitude social. Os dados empíricos deste texto foram pesquisados em nível regional, no Estado de São Paulo, posto que São Paulo representou historicamente os processos mais ativos de desenvolvimento econômico, urbanização, industrialização e incorporação da agricultura às exigências do mercado capitalista. Dentro do Estado de São Paulo, o trabalho enfocará a cidade de Campinas, escolhida por sintetizar um grande número de situações embutidas nas questões mais relevantes apontadas em relação ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

Desta maneira se tormarmos a História do Brasil em fins do século XIX, quando formava-se a nação e o mercado de trabalho livre, tanto quanto expandia-se a fronteira agrária, abrindo espaços novos para a convivência econômica e social, o tempo livre era o componente decisivo tendo em vista as possibilidades de lazer. Não se colocava, naquele momento qualquer questão relativa à privatização de espaços, ou mesmo relativo à poluição destes espaços.

Cem anos depois, em torno dos anos de 1950, este universo transformou-se: um país moderno e industrializado começou a nascer, expandindo uma economia urbana com fábricas e equipamentos sofisticados. O problema já não era prioritariamente tempo livre, mas sobretudo a possibilidade de usufruir dos benefícios de um processo de desenvolvimento acelerado. Áreas públicas e livres para o lazer tornavam-se mais raras e distantes. É neste sentido que o texto se desenvolverá analisando uma região, Campinas, onde estas transformações se verificaram, podendo ser explicitadas mais claramente.

Em meados do século passado, a vida institucional brasileira, estava já organizada, a burocracia estabelecida e a nação estava praticamente pacificada, tendo em vista as disputas regionais e o controle sobre a escravidão. Em paralelo a este processo, o país estava também começando a viver um momento interno de crescimento econômico e transformações sociais, impulsionados pela expansão da lavoura cafeeira no sudoeste do país.

Esta extraordinária expansão tornou-se possível pela incorporação de novas terras ao processo produtivo, tanto quanto pela continuidade do crescimento da população empregada nas empresas agrárias, como pôde ser testemunhado pelo Consul Inglês em Santos, em seu relatório de 1888.

"Pessoas interessadas no comércio do café, ao estimar as safras futuras, precisam ter em mente que às extensas áreas, já cultivadas, são somadas anualmente novas áreas produtoras de café.

Isto junto com o fato de que a mão de obra é agora livre, abundante, e mais confiável do que antigamente, torna evidente que a produção de café nesta província se dará em escala crescente"...(1)

Esse pequeno trecho do relatório consular de 1888, identifica dois aspectos essenciais para a expansão cafeeira no Brasil: disponibilidade de mão de obra e a

existência de uma fronteira agrária aberta, de dimensões pouco comum em qualquer outro local do globo.

De início, é preciso observar que quando se fala em abertura da fronteira agrária, em abundância de terras, estamos falando que, do ponto de vista do capital, a terra é passível de ser incorporada ao sistema produtivo. Em contrapartida, do ponto de vista do trabalhador, o acesso é posse da terra encontra-se bloqueado(2).

Uma fonte até aqui negligenciada pela historiografia brasileira, um relatório do consulado português no Rio de Janeiro exemplifica antologicamente esse tópico. Esse relatório foi cuidadosamente preparado e refere-se a muitos aspectos da vida brasileira. Respondendo sobre quinze questões elaboradas pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Emigração Portuguesa. Em resposta a questão: Os imigrantes encontram ou não facilidade de obter terras para cultivarem? com que condições? O Consul respondeu:

"A aquisição particular das terras devolutas é regida pela lei n_ 601 de 18 de setembro de 1850, regulamento n_ 1.318 de 30 de janeiro de 1854 e outras disposições posteriores. Pode o colono obtê-las por título de compra, dirigindo-se ao governo, ao qual compete prescrever a forma e o lugar da venda, assim como declarar a autoridade que a deverá realizar. As referidas terras são previamente medidas, divididas demarcadas e descritas, procede-se depois sua avaliação com indicação do preço mínimo, e sobre este, faz-se a transação. O artigo 17 da lei de 1850 dispõe que os estrangeiros que comprarem terras e nelas se estabelecerem, ou vierem a sua custa exercer qualquer indústria no país, serão naturalizados, querendo depois de dois anos de residência, e *ficarão isentos de serviço militar, menos da guarda nacional.*

As cláusulas de compra são muito favoráveis ao estrangeiro, o preço quase nulo (de 1/2 a 1 real por braça quadrada). O terreno é em geral fértil, e as condições naturais das culturas magníficas. Mas hoje há terras devolutas somente em regiões muito distantes dos lugares povoados e de estradas de qualquer espécie. O novo agricultor não tem portanto mercado fácil que receba os produtos de sua indústria ou lhe forneça a matéria de que carecer.

Por outro lado, esta base de operações, fonte do desenvolvimento agrícola, há de vir da população.

Fica assim de pé o difícil problema da agricultura no interior do Brasil, que só as emigrações coletivas e contínuas poderão resolver.(3)

A conclusão do Consul português, de que apenas um processo contínuo de imigração poderia resolver o problema agrícola no interior, é correta. Não obstante, o relatório também é explícito ao mencionar qua a agricultura no interior apenas seria melhorada se o complexo problema de posse da terra nas áreas de fronteira fosse resolvido. O Consul britânico apresentou, de maneira mais

explícita, a questão da violência necessariamente embutida no processo de ocupação das terras brasileiras:

"Desde 1854 os títulos de terras públicas não podem ser legalmente adquiridos apenas por ocupação, a menos que o processo tenha se iniciado antes de 1854, se bem que, na prática os posseiros não tem como ser removidos; cada um toma e mantém aquilo que quer, a menos que alguém mais forte venha e tome a terra para si."(4)

Uma fronteira agrária aberta não é apenas o cenário natural para a violência que permeia as disputas pela posse da terra, ela também tem um impacto decisivo sobre o controle da população que vive no seu interior. Tanto quanto a fronteira é aberta para a incorporação de novas terras, ela é fechada no sentido de criar condições para fixar a população trabalhadora no seu interior. Esta população poderia ter espaço ilimitado e todo o controle de seu tempo fora da área de fronteira, mas obviamente, na área já incorporada pelo capital, seriam necessárias regras para garantir a disciplina do trabalho e o controle social.

Vejamos alguns exemplos mais diretamente ligados ao controle da disciplina do trabalho que, neste caso significam também controle do lazer.

Art.20 - Quem permitir em sua casa reunião para dança, batuque ou jogos em que entrem escravos sem licença de seus senhores, será punido...(5)

Depois dos anos de 1880 é possível observar uma clara distinção nas Posturas Municipais. As proibições começam a ser abrandadas:

Art.125 - ' proibida, depois do toque de recolher, a assistência de escravos em função de dança, qualquer que ela seja...(6)

Art.67 - São proibidas as cantorias e danças de pretos, se não pagarem os chefes de tais divertimentos o imposto de 10$, se em tais reuniões consentir a polícia.(7)

Art.46 - São proibidas na cidade os bailes de pretos(de qualquer natureza), salvo com licença de autoridade.(8)

No primeiro exemplo o limite da permissão vai até o horário estipulado; nos outros dois, a referência passa de escravos para pretos, ao mesmo tempo que assume a existência de autorização prévia. O uso do termo genérico "preto" ao invés de escravo, evidencia que o processo de liberalização está sendo gradualizado e conseguido ao mesmo tempo que denota a emergência de novos problemas gerados por esse mesmo processo. Ser preto implica, explicitamente,

ser um cidadão diferente de um cidadão branco. O uso do termo sugere ainda a existência de dificuldades em se diferenciar entre preto e escravo.

A explicação dessas proibições vai desde o controle do contato entre escravos, e por extensão entre estes e a população livre, passando pelo controle da mobilidade do escravo, como se justificava com mais frequência, para garantir a produtividade do trabalho no dia seguinte.

O que acontecia fora da área sob controle?. De acordo com George L. Hunt, um cônsul britânico com larga experiência no Brasil, onde viveu desde 1862, em depoimento de 1876 a Comissão Real de Escravos foragidos de Londres ocorria o seguinte:

...ele não tem uma concepção de liberdade mais correta do que isso, ele ocuparia um pedaço de terra, cultivaria algumas bananas, pescaria nos rios, e pouco mais do que isso. Um escravo livre não é útil para coisa alguma parecida com trabalho sistemático.(9)

Este depoimento mostra claramente a conexão entre o controle da mão de obra e a questão do meio ambiente, exuberante no caso brasileiro. É muito importante para este argumento notar que, no século passado, quando a organização do mercado de trabalho ocorria, o maior problema era conseguir uma transição da escravidão para o trabalho livre, pacífica e consensual, no sentido de evitar a desorganização da produção, bem como de introduzir uma conduta ética no trabalhador, compatível com os valores do mundo de trabalho empresarial. Para atingir este objetivo, em um país com uma enorme, e aberta fronteira agrária, sem falar na abundância permanente de terras e rios, a população precisava ser confinada espacialmente dentro da área ocupada, sem acesso às terras virgens e inexploradas. Eis aí a razão do controle do lazer estar intimamente ligado ao controle do trabalhador em sua mobilidade e do trabalho em sua disciplina, como evidenciado pelas posturas municipais.

Do ponto de vista do espaço físico-geográfico, o país possuía um meio ambiente perfeito e paradiziaco para o lazer; a questão era que, tendo em vista as imposições postas pela necessidade de organizar o mercado de trabalho em função da expansão agrária, o acesso aos espaços não era permitido. Em suma, o tempo livre é apenas uma possibilidade ocasional e deslocada no interior de uma sociedade escravista.

O segundo momento, iniciado em torno dos anos de 1950-1960, é marcado tanto pela industrialização quanto pela continuidade da movimentação da fronteira agrária, agora em direção a Amazonia, ambas foram potencializadas por um formidável crescimento demográfico, forçando o processo migratório interno agora, das áreas agrícolas mais antigas para a fronteira, e mais espetacularmente para as cidades industriais transformando-se rapidamente em megalópolis.

A questão do lazer é então percebida de outra maneira. Destruição das florestas, pastagens, poluição, privatização de áreas públicas, rodovias, ferrovias, hidroelétricas e aeroportos estabelecem limites e parâmetros das possibilidades motrizes dos habitantes no nosso espaço geográfico. Já não se trata de conter a população inibindo a ocupação física de áreas virgens. A questão agora é redefinida pela apropriação privada do meio ambiente inviabilizando o uso público do espaço geográfico. Eis aí a barragem real para o acesso ao lazer.

Os rios não tem mais peixes e suas margens agriculturadas não são mais de bananeiras. Neste contexto, sem a recuperação e preservação do meio ambiente, o tempo, quer seja livre quer seja disponível, significa pouca coisa em relação a multiplicidade de possibilidades de lazer pré-existentes.

NOTAS

1)-Report on the trade and commerce of the province of São Paulo, throughout the Port of Santos, for the year 1888" in Great Britain Diplomatic and Consular Reports - Annual Series, n. 498,p.3

2)-A questão da posse da terra no Brasil é, até hoje, um problema muito complexo, tanto na sua dimensão teórica quanto nas suas implicações políticas. Esse trabalho considera que, desde o estabelecimento da lavoura cafeeira, a expansão capitalista define o processo de apropriação da terra no Brasil. Este argumento é melhor desenvolvido pelos seguintes autores: Ś.Silva - Expansão cafeeira, e Origens da Industria no Brasil, S.P. Alfa Omega; M.N.B Wanderley - O Capital e a Propriedade Fundiária (Jornal do Engenheiro Agrônomo - n. 80 julho 1978, p.18. Para um estudo da questão em São Paulo ver J.G. da Silva, coord. As transformações na Estrutura Agrária Paulista, 1818-1976 in Relatório Final do Convênio UNICAMP/FINEP (mimeo, Campinas, 1981) pp.5-32.

3)-Portugal, Câmara dos deputados, Primeiro Inquérito sobre a Emigração Portuguesa pela Comissão da Câmara dos Senhores Deputados(Lisboa, 1873) pp. 109-110.

4)-Report on Agricultural in Brazil during 1887 and 1888, Great Britain. In Diplomatic and Consular Reports-Annual Series. n. 498, p.3.

5)-Coleção de Leis da Província de São Paulo (C.L.P.S). Posturas Municipais de Pirassununga (São Paulo, 1866, p.90).

6)-Ibid. Paraibuna (São Paulo, 1883) p.42

7)-Ibid. Itapetininga (São Paulo, 1883) p.210

8)-Ibid. Amparo(São Paulo, 1883) p.265

9)-Account and Reports, London Parliamentary Papers. General Correspondence and Reports, Brazil, 1876, LXY, p.33.

O TRABALHO E O TEMPO LIVRE: LIBERTAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Prof.Ms. José Luiz Finocchio
Departamento de Educação Física-UFMS

ABSTRACT:

"The work and free time: freedom and humanization".

This paper assumes that physical culture is an element socially built in the historical process of development of man and of the opposite relations between work time and free time, between produetion and consumption.

It aiins at studying the forms of the human work in the capitalist society (as factor of humanization or negation), the use of science and technology as a force of either liberation or subjugation, and the free time as an element in the formation of man.

It concludes that the free time is factor essencial to development of man as a whole; it is a result of the humanized work.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho é parte integrante de um estudo maior que se propõe a interpretar o processo de formação da Cultura Corporal, considerada como elemento de um todo que a esclarece e a completa, analisando a sua ligação com o modo de produção de nossa sociedade, com o tempo de trabalho e com o tempo livre.

O entendimento do tempo livre passa pela perspectiva dada pela economia burguesa sobre o tempo de trabalho, dispondo-o com base da riqueza dos homens. A riqueza, no seu modo de produção, está na dependência do trabalho, e o tempo de trabalho é a base de sua medida: a riqueza concreta, expressa nos diferentes modos de uso, é constituída pelo trabalho concreto, a riqueza abstrata (valor) é criada pelo trabalho abstrato. Se para o capital a expansão da riqueza pressupõe necessariamente o trabalho, para o trabalhador reduz-se a não-liberdade, a não-tempo livre.

Mas trata-se de considerar também como o tempo de não-trabalho articula-se com a produção de riqueza material, de riqueza objetiva. Trata-se ainda, de inverter o pressuposto do capital, de o trabalhador construir a possibilidade de produzir um tempo para si e dele usufruir. Nesse sentido poderiamos falar

figuradamente no tempo livre como uma riqueza objetiva na perspectiva do trabalhador.

Um pressuposto que está na base deste trabalho é o de que as transformações socias devem ser buscadas no desenvolvimento das forças produtivas e nas relações que os homens são levados a estabelecer entre si, ao empregar os meios de produção por eles desenvolvidos a fim de satisfazer as suas necessidades.

Mais que a simples adaptação do ser humano à natureza e à manutenção da própria vida, a atividade produtiva dos homens desenvolveu também novas necessidades que, em seu entendimento, os levaram a se aperfeiçoar e a se desenvolver. Podemos dizer, assim, que o homem produz as suas necessidades e os bens materiais as satifazem.

Entretanto o desenvolvimento do homem está condicionado ao acesso que tem aos conhecimentos e habilidades historicamente produzidas pela humanidade, em função de suas particularidades objetivas.

Desse modo, a unidade ser humano não se reduz aos limites físicos e biológicos, mas abrange as forças materiais colocadas a seu dispor. A sua manifestação está determinada pelas condições históricas da existência humana, em atendimento às suas necessidades.

O Trabalho e a Ciência: liberdade ou subsunção?

O trabalho humano, isto é, a atividade prática pela qual os homens transformam a natureza, na economia política clássica, tem o sentido de uma atividade alienada, na qual o trabalhador cria objetos nos quais não se reconhece. Na medida em que o trabalho só interessa ao capital para a produção de bens visando ao lucro, se constitui ao mesmo tempo na sua desumanidade, pois,

> *"Em vez de ser para o homem, este é que é para o trabalho. (...) Este estado tem lugar quando o trabalho se volta contra o homem, se impõe e ele como obrigação que o o esmaga, rouba-lhe a liberdade (...) Em tal caso o trabalho não forma o homem, mas o deforma"*. (VIEIRA PINTO, 1985: 344).

A oposição existente entre o trabalho alienado e o homem, entre o operário e a sua essência humana, configura ao trabalho humano o sentido de negação do mesmo, como construtor de sua humanização.

Contudo, mesmo comportando a alienação em seu trabalho, ele continua sendo ser ativo, criador, no sentido de que só pode se alienar na medida em que é sujeito de sua produção, de seu trabalho.

> *"O homem só existe como tal e se autoproduz como ser que se objetiva e produz um mundo humano"*. **(VASQUEZ, 1986: 143).**

Enquanto o mesmo consiga ler, por trás da peseudoconcreticidade do objeto, as relações inter-humanas que o edificaram, estará dissolvendo as criações fetichizadas do mundo reificado e ideal, para alcançar a sua realidade.

O uso da maquinaria, a força revolucionária do capital moderno, veio alterar as condições de vida do trabalhador e constituiu-se num enorme avanço para a produção material. Com a maquinaria ampliou-se a possibilidade de o homem dar o atendimento às suas necessidades, pela elevação da produção de objetos que pudessem satisfazê-las e, qualitativamente, pelo potencial de desenvolvimento de novas necessidades que a efetivação das primeiras pudesse trazer.

A máquina trouxe consigo a esperança de libertação do homem pela sua capacidade de aceleramento produtivo, liberando-o dos trabalhos estafantes, reduzindo o tempo dos mesmos, possibilitando a transformação das condições de vida humana, de mudança de um homem escravo em um cidadão culto, que pudesse dispor de seu tempo livre para os prazeres de sua constituição de homem integral. Enquanto domínio tecnológico avançou qualitativamente, a qualidade de vida dos indivíduos pareceu retroceder. Apesar do capital aumentar a produção de bens, o trabalhador não modifica o seu estado atual. O capital não avança em seu estado de bem-estar, porque não derruba as relações.

Apesar de conduzir a força de trabalho ao esgotamento no interior do processo de trabalho, praticamente impossibilitando aos trabalhadores o desenvolvimento enquanto indivíduos, ele otimiza o sonho de homem integral.

> *"El capital es la contradiccion en movimiento, porque tiende a reducir el tiempo de trabajo a un mínimo, mientras que por otra parte pone al tiempo de trabajo como la única medida y fuente de la riqueza. El capital reduce, en consecuencia, el tiempo de trabajo en la forma de trabajo necesario, para aumentarlo en la forma de trabajo suplementarlo".* (MARX, 1978: 85).

O desenvolvimento da produção social no trabalho que o capital desencadeou, proporciona as condições materiais para o desenvolvimento do homem omnilateral (MANACORDA, 1969: 89 e 90).

O capital, ao desenvolver a base material segundo as determinações de sua valorização, diminui o tempo de trabalho na forma de tempo necessário, ampliando-o na forma de trabalho excedente. Assim, cada vez menos a criação da riqueza depende do quantum de trabalho empregado, e mais do emprego da ciência e do progresso da tecnologia aplicado ao aumento da produtividade, isto é, ao aumentodo trabalho excedente. Negando o tempo de trabalho como fonte de riqueza, o capital fornece a possibilidade histórica da utilização da produção social a serviço dos homens. Para o Trabalhador, na verdade se trata da redução do tempo de trabalho necessário com o objetivo de desenvolver o sobretrabalho, mas reduzido a um mínimo que dê atendimento a todas as suas capacidades e gozos.

Nesta contradição, o capital buscou novas formas de impor o trabalho, visto que as tentativas de aumento de produtividade através da tecnologia, além da diminuição do trabalho socialmente necessário e da queda tendencial da taxa de lucro, provocaram também um aumento do tempo livre. Resta-lhe, pois, a apropiação desse tempo, convertendo-o em tempo de trabalho, impondo o trabalho abstrato como substância de valor, ou seja, estruturando todo o tempo livre no sentido de por meio dele ampliar o valor. Desse modo, não só produz objetos que serão utilizados pela sociedade, mas também procura moldar as pessoas para os consumir, induzindo-os a novas necessidades criadas na forma econômica burguesa.

O tempo livre e o seu significado.

Conforme já dissemos, a alienação que se processa no trabalhador, resultante de um trabalho no qual não identifica o seu aspecto de humanização, expande-se também sobre o tempo livre. A prática de um trabalho dividido conduz a um homem unilateral, excluído da possibilidade do prazer e do consumo dos bens materiais e espirituais que produz.

Outrossim, é impedida a utilização do tempo disponível para o lazer, impossibilitando o seu emprego na forma de humanização do homem, na qual está a sua corporeidade e a satisfação de seus prazeres.

No antagonismo que se processa entre o tempo de trabalho e o de lazer, no modo de produção em análise, o tempo livre reveste-se de um valor imensurável. Ainda que implicados na mesma alienação, o tempo de trabalho, dedicado à necessidade, e o tempo livre, dedicado a liberdade, pela própria ocupação levam às contradições de seu direcionamento.

Poderiamos dizer que às questões do trabalho, da educação, da cultura, da cultura corporal, etc., afinal, sintetizam-se na superação da contradição entre o trabalho necessário e o tempo livre. Desse modo, a obtenção do tempo livre, como um tempo que possa ser plenamente empregado pelo trabalhador em seu proveito, pela educação, pelo lazer, pela sua humanização, enfim, pela sua liberdade, é também uma questão de luta diária pela superação de suas condições adversas, pela superação da exploração do trabalho humano. Dessa forma, esse tempo assume fundamental importância na luta dos trabalhadores na medida em que cria a sua base pela subtração do tempo de trabalho ao trabalho desumano. Se as lutas travadas pelos operários são tidas como lutas quantitativas, no sentido da redução da jornada de trabalho, elas revelar-se-ão como lutas qualitativas, à medida que produzam uma mudança na qualidade das relações de classe e mesmo no acesso às riquezas materiais e intelectuais.

Embora o homem moderno reivindique uma preparação para o trabalho e uma educação estendida a toda a sociedade, unificada, essa imagem é distorcida no mundo real, onde se processam as relações humanas. Se já não bastassem as

condições econômicas que impossibilitam o acesso do trabalhador à escola, a formação é dada sob a ideologia do capital, do homem unilateral.

Mesmo que essa educação dificilmente possa se constituir em educação integral, de qualquer modo, a formação do homem integral só poderá ser buscada no período de não-trabalho, ou seja, no tempo livre, âmbito onde se encontra situada também a educação escolar.

Para **MÉSZÀROS**:

> ***"O montante crescente de tempo socialmente supérfluo (ou tempo disponível), habitualmente denominado lazer, torna cada vez mais absurdo, e mesmo impossível na prática, manter um amplo segmento da população em estado de apática ignorância, divorciado de suas próprias capacidades intelectuais*** **(MÉSZAROS, 1987: 25).**

Por isso mesmo, a luta que o trabalhador deve encetar pelo tempo livre, não está baseada na simples diminuição da jornada de trabalho, mas sim na posse da riqueza que produz através do trabalho. Ale'm disso, as dormas de ocupação devem ser aquelas que atendam aos seus interesses, de homem e de classe, isto é, de humanização.

A riqueza social está posta na possibilidade o homem, através do seu trabalho, promover o desenvolvimento no que

> ***"(...) vem a ser o crescimento universal das capacidades e das necessidades, dos prazeres superiores. Este crescimento, única libertação possível do trabalho, é algo que só pode acontecer após o trabalho, é a consequência do crescimento das forças produtivas do trabalho e do mais-trabalho social".*** **(MANACORDA, 1988: 487)**

Há que se ter uma preparação, uma educação, para a integralidade do homem, sobre o qual a escola atue pela satisfação das necessidades e da libertação de cada individuo em particular e da sociedade em geral. Entretanto é preciso o entendimento de que a formação humana não se restringe à formação da consciência através de simples ações educativo-culturais. O desenvolvimento implica na transformação da realidade, pela nossa expressa consciente e intencional nesta mesma realidade.

A escola deverá ser o lugar daqueles que buscam o conhecimento visando as atividades produtivas, experimentais e culturais. A satisfação dos prazeres humanos deve ser acompanhada também pela educação do corpo, pelo seu descobrimento como elemento constitutivo de sua humanidade, pelo seu

descobrimento como elemento constitutivo de sua humanidade, pelo domínio de si e do prazer.

O esporte, entendido como jogo, como expressão da capacidade lúdica do homem, tem a sua prática no momento de não-trabalho, isto é, no ócio, no tempo de descanso, tempo livre. Todos esses elementos - ócio, tempo livre, esporte, escola - fazem parte de uma mesma condição, do não-trabalho. Nisso está a dignidade do trabalho: criar as condições para o não-trabalho. Por isso o trabalho é imprescindível e, na medida do possível, reduzimos a sua duração.

A humanização, mais que o desenvolvimento de potencialidades humanas inatas, é a própria criação dessas potencialidades pelo homem em sua atividade produtiva, isto é, pelo trabalho.

O homem omnilateral constitui, pois, aquele que alcança o pleno desenvolvimento e a posse das capacidades teóricas e práticas com que possa dar atendimento ao gozo de suas necessidades humanas, de trabalho e de não-trabalho.

Ora, para o seu pleno desenvolvimento, pressupõe-se que o trabalhador tenha um tempo livre, no qual tenha oportunizada a possibilidade de alcançar o seu mais alto grau de expressão humana: de ser produtor, criador de sua existência.

O trabalho, portanto, é um processo de libertação e o tempo livre a situação de sua liberdade.

BIBLIOGRAFIA:

FINOCCHIO, J.L. **Trabalho, Tempo Livre e Cultura Física: Aspectos do Desenvolvimento Humano**. Cam[p Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. CCHS. 1991. Tese (mestrado) - CCHS/UFMS.

GORZ, A. **A crítica da divisão do trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MANACORDA, M.A. **Marx y la Pedagogia Moderna. Barcelona: Oikos-Tau**, 1969.

--------. **Educação e Trabalho.** In Revista Educação em Questão. Natal: v. 2/3, n.2/1, 1988. pp. 103-109.

MÉSZAROS, I. **A necessidade de controle social.** São Paulo: Ensaio, 1987.

VASQUEZ, A.S. **Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VIEIRA PINTO, A. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FUTEBOL COM HISTÓRIA E COM ARTE

José Sebastão Witter

ABSTRACT:

"The soccer with history and art".

This text present ideas about the soccer game beginning of the idea that game is disputed by two teams with eleven players with differents positions. This article search to discuss the contemporary soccer and its aspects while history and art

.

Vamos partir da idéia de que todos sabem que o jogo de futebol contemporâneo é disputado por duas equipes compòstas por onze jogadores que podem ter diferentes posições dentro do campo, mas basicamente se compõe de defensores e atacantes. Dependendo do treinador um time pode ser mais defensivo ou ofensivo, entretanto, os jogadores são posicionados no campo de jogo de tal forma, que possam ultrapassar os adversários e atingir o objetivo principal do jogo de futebol: o gol. O time que marcar mais será o vencedor.

Os onze jogadores são reconhecidos por suas funções: o goleiro (ou guarda-metas ou guardião) é o jogador que defende, com as mãos, os chutes dos adversários. Joga debaixo das metas e dentro das pequena e grande áreas do campo, onde é soberano.

A linha de zagueiros, composta por 4 jogadores: o lateral direito, o zagueiro central, o 4o zagueiro e o lateral esquerdo. O meio campo é formado por 3 ou 4 jogadores, responsáveis pela armação do jogo e proteção da defesa. A linha de ataque é formada por 2 ou 3 jogadores, dependendo da tática de cada treinador. O futebol atual não utiliza jogadores com posições fixas e não desenvolve mais os treinos dos chamados "especialistas", como foram alguns dos maiores nomes do futebol mundial.

As formações tático-técnicas:

. goleiro
.. 2 zagueiros
... 3 meio-campistas
.... 5 avantes

. goleiro
.... zagueiros (4)
.... meio-campistas (4)
.. avantes

. goleiro
.... zagueiros (4)
... meio-campistas (3)
... avantes (3)

Atualmente há experiências:

. goleiro
... zagueiros (3)
..... meio-campistas (5)
.. avantes (2)

Mas todos sem função, como era composta uma equipe, antigamente. O jogador moderno deve saber atuar em todas as funções.

Antes se valorizava o jogador que soubesse fazer bem o que lhe determinava a sua característica. Então, além do goleiro, único jogador que continua especializado, haviam os laterais zagueiros de área, o centro médio, os pontas (direita e esquerda), os meias (direita e esquerda) e o centro-avante. As camisas de cada jogador eram numeradas de acordo com sua posição. Assim, o goleiro (1), o lateral direito (2), o zagueiro central(3), o quarto zagueiro (4), o lateral esquerdo (6), o centro médio (5),o ponta direita (7), o meia direito (8), o centro-avante (9), o meia esquerda (10) e o ponta esquerda (11). E assim se mantiveram as equipes até muito pouco tempo; hoje não há camisa determinada e nem posições fixas.

A grande "revolução" nesse sentido começou com o "carrossel" holandês da Copa de 1974.

Os grandes eventos do futebol, no final do século XX, são as Copas do Mundo realizadas, desde 1930. O Brasil participou de todas.

Mas, para que o Brasil fosse tri-campeão em 1970, houve uma longa tragetória desde a introdução do futebol em nosso país, no século XIX.

O século XIX foi, em si mesmo, uma etapa histórica espetacular. Os acontecimentos foram marcantes e com eles conviveram progresso, tremendas contradições e agudos problemas.

É uma época de criatividade e de consolidação do capitalismo. É um momento de crescimento urbano e fortalecimento das cidades, enquanto o mundo rural se esvaziava. Embora, com defasagem, no Brasil vivemos o mesmo fenômeno.

É um Brasil que começava a abolir a escravidão, introduzir o imigrante europeu e a mudar o seu regime de governo, que republicano, em 1894, era introduzido oficialmente o futebol, através de Charles Miller.

Há outra versão. O futebol teria sido praticado no Brasil na década de 70 ou80 dos novecentos, em regiões praianas (Santos, Rio, Recife), por marinheiros ingleses...

Aquela que permanece, no entanto,é 1894. Coincide com a eleição do nosso primeiro presidente civil - Prudente de Moraes. O futebol e a República cresceram juntos e se consolidaram, durante a Primeira República, acompanhando a trajetória do poder exercidos pelas elites do café e das indústrias e nos estados mais fortes da federação: São Paulo e Rio de Janeiro.

A princípio o jogo era jogado por grupos de rapazes da elite. O São Paulo Atletic, O Makensie College, entre outros foram os primeiros a terem um campo para a prática esportiva do futebol, numa chácara - a Dulley - na região do Bom Retiro.

Aos poucos, o futebol de elite foi cedendo lugar ao dos clubes, que começavam a surgir, na década de 1910 e 1920.

Surgem a Ponte Preta, o Corinthians, o Palestra Itália e o São Paulo.

Surgem no Rio: Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Bangu.

Aos poucos as fábricas começam a organizar campos de futebol para segurar os operários e estes acabam por formar equipes poderosas, com tal vigor que persistem até hoje. É o caso do Juventus em São Paulo e do Bangu, no Rio de Janeiro.

Aos poucos o futebol ganha público e em São Paulo, no Velódromo, as partidas disputadas levavam ao campo não só homens de terno e gravata, mas também mulheres de vestidos longos, como se fossem a um acontecimento de gala.

Era o período do amadorismo.

Aos poucos os campeonatos regionais surgiam e, em decorrência as disputasentre cariocas e paulistas começavam a ter significado. As competições internacionais também passavam a ter importância e significado.

Internacionalmente, o primeiro grande feito do Brasil foi a conquista do Campeonato Sulamericano de Futebol, em 1919.

Em seguida foi a excurssão do C.A. Paulistano à Europa nos anos 20.

Os anos vinte do nosso século foram anos de grandes transformações para o Brasil. Houve mudanças significativas na nossa vida política, intelectual,

econômica... Tudo seria diferente depois dos movimentos modernistas de 1922, da fundação do Partido Comunista, dos movimentos tenentistas, da Coluna Prestes, do crack na Bolsa de Nova York e da Revolução de 1930...

Após a excurssão vitoriosa do C.A. Paulistano e da realização da primeira Copa do Mundo em 1930, o amadorismo do futebol, que já vinha sendo questionado, passa por uma crise radical e começa a ser implantado o profissionalismo, apesar dos protestos de tantos setores da sociedade e de fortes clubes que consideravam o esporte incompatível com a profissionalização do praticante dele. Afinal, a "prática do futebol devia ser só por esporte". Não se aceitava a idéia de remuneração direta do atleta, que deveria praticar o "jogo de bola" por "amor à camisa".

Mas, a mudança veio em 1933. O futebol brasileiro, a partir de então, há sessenta anos passava a ser profissional.

Os clubes se reorganizaram e a Copa de 1934 iria fortalecer a idéia do profissionalismo e abrir um caminho enorme para os nossos atletas, que passaram a ser contratados por clubes europeus.

É o momento que começava a ser destaque o jogador.

Entre eles: Friedenreich; Leonidas da Silva; Mário de Andrade, Filó, Araken Patuska.

A Copa de 1938 consagraria Leonidas - O Diamante Negro - que passaria a ser o ídolo de toda uma geração.

Em 1958 - vinte anos depois - um outro negro - com 17 anos - começaria a mais brilhante carreira de um futebolista - Pelé - que ainda é o Rei e mantém a condecoração do atleta do século.

Mas, no futebol, que é essencialmente jogo de equipe, daí o nome Football Association, ninguém se destaca sem ter ao seu lado grandes jogadores, cada um deles sendo capaz de jogar juntos, com espírito de grupo e unidos pelos símbolos de seus clubes e pela camisa que vestem.

Depois de 1938, com a 2O Guerra Mundial, os encontros internacionais praticamente não existiram. Tudo recomeçaria, com força, depois da Copa de 1950 - marco da História do Futebol da Brasil. Em termos de Copa do Mundo foi a grande realização brasileira e o maior desastre...

Mas, no Brasil, entre 1938 e 1950, grandes times foram montados no Rio, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná.

A síndrome da Derrota para o Uruguai, no Maracanã (2x1), ainda não desapareceu. Dificilmente será esquecida, pois esse sentimento de perda irreparável é passado de geração em geração. E cada novo jogo entre as seleções do Brasil x Uruguai tem gosto de vingança e temor pela derrota...de novo?

A partir de 1958 até 1970 vivemos momentos inesquecíveis, pois a seleção brasileira era imbatível e tínhamos ainda o time do Santos F.C. a acumular vitórias dentro e fora do país.

Ao lado do Santos, no entanto, grandes times de futebol, em todo o país.

E também, somada a vivência de Feola, uma geração de grandes treinadores: Joreca, João Saldanha, Lula, Bela Gutman, Yustrich, Brandão e outros.

Depois os novos: Telê, Parreira, Coutinho, Falcão, Pepe, Cilinho, Jair Pereira, Carlos Alberto Silva, etc.

E agora: Nelsinho, Luxemburgo, Mário Sérgio.

As grandes conquistas do tri-campeonato acabaram por marcar o Brasil como grande campeão... A paritr de 1970, no entanto, a nossa seleção não voltou a repetir no campo a nossa tradição. Sempre há esperença na conquista do tetra, mas ele não vem...

Mas os fracassos da seleção não têm diminuído o vigor dos times que, sucessivamente, têm conseguido trazer título de raro valor como Taça Libertadores de América e de Campeão do Mundo entre clubes.

A história do nosso futebol é, indiscutivelmente, parte para nossa História e compreendê-lo como esporte e fenômeno cultural é compreender o próprio povo brasileiro.

Tanto é importante o futebol na nossa vida que, não raro, os políticos usam e abusam do direito de usufruir das conquistas dos nossos craques para aproveitar das suas imagens vencedoras e mostrar ao povo o seu "amor" ao esporte e o seu "respeito" pelo jogador.

Mas, em que pesem os usos e abusos que dele fazem, o futebol é a alegria do povo, no mundo inteiro.

O CURSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FíSICA NA GRADUAÇÃO

Dagmar A. Cynthia França Hunger
Departamento de Educação Física/UNESP/BAURU
Mestranda/Faculdade de Educação Física/UNICAMP

ABSTRACT:

"The Course of the Physical Education History in graduate"

This work aim to discuss the contents about a history's teaching program from Physical Education in graduate course. Present, too, questions about: what is the paper of the teacher in Physical Education?

O presente texto visa não somente discutir os conteúdos pertinentes a um programa de ensino da História da Educação Física nos cursos de graduação, mas, principalmente, levantar a seguinte questão: qual é o papel do docente responsável por tal disciplina?

Sabemos que o desenvolvimento do conhecimento na área de Ciências Humanas encontrou obstáculos durante o período da ditadura militar, o que levou muitos professores a desconsiderar a importância desse campo de estudos. A Educação Física não foi uma exceção à regra. Se reportarmos às épocas passadas, mais especificamente no que diz respeito as grades curriculares, a disciplina de História da Educação Física praticamente deixa de existir. Em nossa própria formação profissional (84 à 88), por exemplo, não tivemos tal conteúdo. A "abertura política", possibilitou uma análise mais crítica dos conteúdos da área de Educação Física, culminando em reestruturações curriculares. Observa-se a partir daí a reintrodução nos currículos da disciplina em questão.

Pergunta-se que "tipo" de História da Educação Física pode estar contribuindo para a formação do futuro professor?

As inquietações no tempo presente com relação ao entendimento do próprio conceito de História, confundem-se ainda mais quando temos que pensar o curso de História da Educação Física na graduação.

O que é História?

A História é a ciência do passado?
A História da Educação Física é a ciência do passado?
O passado pode ser objeto de ciência?
O passado da Educação Física pode ser objeto de ciência?
O objeto da História é: os homens ou dos homens no tempo?
O objeto da História da Educação Física é: os homens ou dos homens em movimento no tempo?
A História é a ciência da evolução das sociedades humanas?
A História da Educação Física é a ciência da evolução do movimento das sociedades humanas?
A verdade objetiva é possível na ciência da História?
A verdade objetiva é possível na ciência da História da Educação Física?
A História da Educação Física abrange conteúdos: dos jogos olímpicos, dos esportes, das danças, dos métodos ginásticos, da educação física escolar, da produção do conhecimento? E o que mais?

Para nosso esclarecimento, assumiremos, segundo LE GOFF (1992) que:

> ***Quanto à História, ela só pode ser uma Ciência da Mutação e da explicação da mudança (p. 15).***

E ainda, de acordo com RICOEUR (1961) citado por LE GOFF (1992):

> ***A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na sigularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado (...). A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente événementielle e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexacto [sic]. Esta descoberta não é inútil, justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexacto [sic] (...). A história quer se objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica (...). Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados (p. 21).***

Em vista do exposto, é possível verificar que o ensino da História da Educação Física é um campo difícil, abrangendo tudo o que se trata de cultura, é cultura, abrange tudo o que se desenvolve na escola e fora da escola. Então, o trabalho se torna bastante complexo.

Neste sentido, consideramos que um trabalho interdisciplinar torna-se fundamental. Devendo-se ater na função de ampliar a cultura do aluno e necessariamente voltar-se para a compreensão do avanço do conhecimento produzido e aplicado na área. Não seria um trabalho que ficaria restrito somente as interpretações de um docente, mas, teria a colaboração e reciprocidade com outras disciplinas e conseqüentemente com as interpretações de outros docentes. Consideramos interessante trabalhos que envolvessem mesas-redondas, com professores de história, artes, pedagogia, política, sociologia, antropologia e outros, em que cada um deles trouxesse a sua interpretação, dando margem à várias discussões e possibilitando a interdisciplinaridade.

Imaginando-se um professor ideal, seria interessante o professor responsável por esta disciplina propiciar ao aluno momentos para expressar-se corporalmente conteúdos históricos da área, como por exemplo: os métodos ginásticos, a evolução das técnicas dos esportes, a dança como cultura de determinados povos, entre outros.

Entretanto, o problema é que não sabemos até que ponto, o professor de História da Educação Física ainda está muito enraizado com a educação tradicional, com a transmissão do conhecimento, enquanto verdade absoluta, ou ainda, em última instância, limita suas aulas a um discurso político.

Não há porquê, do ponto de vista da amplitude do conteúdo, o professor de história manter-se isolado com transmissão acrítica de conhecimentos acumulados em livros *(classificados)* de História da Educação Física como: Inezil Pena Marinho, Fernando de Azevedo, Jordão Ramos, Vítor Marinho, Ademir Gebara, Paulo Ghiraldelli Filho, Lino Castellani, Mauro Betti, Giampiero Grifi, entre outros. Deverá sim, procurar contextualizar os conhecimentos produzidos metodológica, histórica, política, econômica e socialmente.

Considerando o tempo como uma rede de intencionalidades, entendemos que o homem não está apenas na história, mas, traz em si já uma história e faz história. Assim sendo, o professor de história da Educação Física pode ter uma participação muito efetiva e intensa na medida que vai ensinar o aluno a reinterpretar a história. Como? Levantando interpretações possíveis de contradição, selecionando e ordenando as informações, chegando até as fontes, enfim, deixando-o consciente de sua cultura corporal e da forma de transmitir o conhecimento adquirido.

Neste contexto, analisar os diferentes tipos de linguagem, as ideologias, o que está subjacente aos textos, passa a ter papel fundamental para o sucesso acadêmico do estudante. Trata-se também, de se detectar as origens das transformações na área e que culminaram numa reinterpretação histórica. Ou seja, entender as estruturas sociais que as tornaram possíveis.

Para BENJAMIM (1986) citado por ZAIDAN (1989):

> ***O historiador dialético seria aquele capaz de recuperar as virtualidades inibidas pelo desenvolvimento histórico, soterrada pelo processo de transmissão (a historiografia das classes dominantes) da obra histórica (p. 31).***

Neste sentido, a prática de processos de leituras são fatores essenciais quando voltados para uma relação dialética entre leitor-texto-realidade. A metodologia de memorização e repetição das idéias, a leitura como um fim em si mesma de nada adiantará. A leitura dos conteúdos de História da Educação Física deverá ser caracterizada como uma prática social de conscientização, possibilitando ao aluno analisar e sintetizar mais objetivamente os problemas atuais - a história contemporânea - através de interpretações do que é divulgado pela mídia, pela legislação, em sintonia com o que ocorre nos campos de trabalho da educação física, tanto em nível escolar, como não escolar.

A história não deve ser pensada como um receptáculo oco, em que os fatos históricos se encaixam seqüencialmente. O conhecimento produzido é sempre um processo, em transformação e, não um dado pronto, acabado e definitivo. Desta forma, podemos reconhecer a Educação Física como uma área de conhecimento socialmente produzida e historicamente cumulativa

SCHAFF (1987) fundamentado na proposição de BECKER (1932), chega à seguinte conclusão:

> ***(...) nos períodos de crise e de oposição, quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados a estar também descontentes com o passado; a história é então submetida a uma reinterpretação na perspectiva dos problemas e as dificuldades do presente (pp. 272-273).***

Torna-se evidente a pluralidade de interpretações no transcorrer da história da Educação Física, não apenas porque os pensamentos selecionados e considerados importantes, diferem de um intelectual para outro, ou porque, embasando-se em diferentes teorias, estabelecem relações diversas. Mas, essas divergências ocorrem principalmente, porque o intelectual não pode libertar-se de suas características sociais. Pois, segundo nos afirma SCHAFF (1987):

> ***(...) não é capaz de pensar sem as categorias de uma língua determinada, possui uma personalidade socialmente condicionada no quadro de uma realidade histórica concreta, pertence a uma nação, a uma classe, a um meio, a um grupo profissional, etc. (...) (p. 104).***

Assim sendo, a reinterpretação da história da Educação Física, surge com diferentes e novas camadas de intelectuais, quando elabora criticamente a atividade intelectual que existe em determinado grau de desenvolvimento.

É importante salientar para o aluno que o docente acadêmico, quando ensina e/ou pesquisa e/ou atende a comunidade, nada mais é que um intelectual acadêmico submetido, em particular, à determinações sociais. E, por isso, introduz, seja no ato de ensinar e/ou pesquisar, uma visão da realidade socialmente adquirida.

Em suma, consideramos importante o aluno e o docente responsável pela disciplina de História da Educação Física, levar em consideração os pontos aqui abordados. Acreditamos que um curso de História da Educação Física, não deve resumir-se somente em um "passar descritivo" de fatos da Educação Física, se atendo somente ao mundo Greco-Romano, os Jogos Olímpicos, aos Esportes, a Dança, aos Métodos Ginásticos, entre outros (se é que existe tempo hábil e produção de conhecimento sistematizado). Deve sim, possibilitar ao graduando um conhecer-te-a-ti-mesmo, a história que já traz em si mesmo e o dever de explorá-la, procurando entender o porquê (numa concepção dialética), enquanto responsável pelo devir da Educação Física.

Enfim, há de existir críticas do presente texto, para firmar um vínculo ainda maior entre nós, que estamos preocupados com o devenir da Educação Física. Que nossa interpretação, jamais seja aceita sob o conceito de verdade absoluta, imutável, pois:

> *(...) o que é inacabado, se tende constantemente a ultrapassar-se, tem, para todo espírito ardoroso, por pouco que seja uma sedução que vale bem o êxito mais perfeito (...) (BLOCH, 1942, p.23).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. Introdução à história. Paris, 1942.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GOFF, Jacques Le. História e memória. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LYOTARD, Joan F. A fenomenologia. Lisboa, Edições 70, 1986.

SCHAFF, Adam. História e verdade. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZAIDAN, Michel Filho. A crise da razão histórica. Campinas, EP: Papirus, 1989.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA PROPOSTA PELA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURSO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Airton Ruy Antunes dos Santos
Divoenyh Julieta Cabral
Professores do DEF/UFPR

ABSTRACT:

"Account of the experience methodological propose by history as a discipline of the Physical Education in graduate course at Federal of the Parana University".

Incontestávelmente, a escola sob seus mais variados aspectos é uma estação de cultura e educação. Mantém o educando por um certo período de vida, em condições bastante especiais e necessárias ao seu desenvolvimento. A difusão do saber constitui-se hoje tarefa primordial das instituições cuja base repousa no ensino, na pesquisa e na extensão: é sua tarefa irrecusável encontrar canais que permitam o fluxo das informações entre ela própria e a sociedade.

Entre estes canais se encontra a disciplina de História da Educação Física no curso de graduação da Universidade Federal do Paraná, cuja a ementa preconiza o estudo dos fatos e eventos da educação física, considerando as diversas fases da existência do homem.

Dentre os procedimentos didáticos também é enfocado as aulas teóricas expositivas, filmes, seminários debates, planos e aplicação de aulas práticas. Os procedimentos relativos as aulas teóricas nos faz apresentar uma proposta diferente ao que se refere o período em que são desenvolvidas as atividades físicas na Idade Média e enunciação dos precursores no Renascimento.

Em 1990 aproveitando a implantação do novo Curriculo do curso de Educação Física, para tornar a dinâmica da disciplina mais acentuada, tendo como referencial a distribuição de tarefa didática (seminário) notou-se um destaque a nível individual do aluno Josué Fonseca dos Santos que tomando para si a responsabilidade de uma apresentação diferente dos demais trouxe de forma teatralizada o estudo sobre o período da Idade Média. No momento causou uma certa espécie de expanto para aos demais colegas.

Notou-se de imediato que na apresentação do trabalho, o acadêmico deu uma enfase positiva no desenvolvimento da pesquisa, na forma corporal, e acentuou de forma positiva o ritmo, tendo como pano de fundo o solo medieval.

A partir desta data ganhou entre os demais acadêmicos a simpatia de uma imediata proposta de reformulação de apresentação dos futuros trabalhos como estratégia de ensino, tendo o Teatro como formula básica referencial para as turmas dos primeiros anos.

A sugestão dos alunos foi amplamente discutida pelos professores que desenvolvem a disciplina de História da Educação Física, que no primeiro momento se posicionaram, questionaram e levantaram os pontos positivos e negativos que poderiam incidir sob o referido procedimento.

Todos nós sabemos que o acadêmico que ingressa no curso de Educação Física não tem grande motivação para as aulas teóricas. Entretanto, o referencial passado a este acadêmico é eminentemente prático, esquecendo que o curso necessita de embasamento teórico para desenvolver e caminhar junto com a prática.

A disciplina de História da Educação Física por ser teórica não oferece prazer, mesmo que sua conceituação seja diferente da História tradicional aplicada no 1o. e 2o. graus.

Após ter estudado e discutido a sugestão dos alunos que ingressaram no curso de Educação Física no ano de 1990, nós professores da disciplina, optamos por fazer experiência piloto nos anos de 1991 e 1992, tendo como principal objetivo a interdisciplinação, que envolveria basicamente a história utilizando-se como recurso, a pesquisa, a organização, a execução do projeto bem como análise crítica.

Existe por parte da população uma expectativa de que o profissional da Educação Física deve estar sempre bem disposto, alegre, feliz e pronto para qualquer emergência de comando e liderança dentro da escola, clube e associações, em outras palavras, desempenhando o papel de ator uma vez que a sua formação é eminentemente prática.

O desenvolvimento desta estratégia de ensino vem sendo realizada desde 1991 e 1992 com bastante sucesso, nota-se a preocupação em primeiro plano com a pesquisa, que constitui uma das bases da Universidade e sua institucionalização plena calçada em padrões de qualidade e eficiência.

O tema Idade Média é proposto aos alunos que devem desenvolver o roteiro, apresentando em seguida a sinopse, a distribuição das mais variadas tarefas, como: escolha do diretor, cenários, figurino, adereços, sonoplastia; neste período deve-se ressaltar a total participação do grupo fazendo com que os acadêmicos que apresentam dificuldades a nível de entrosamento socio- cultural superem as mesmas no desenrolar do trabalho para a apresentação do teatro. Também nota-se a soma de habilidades que compõem o todo da equipe. Cada uma

destas habilidades isoladamente, constitui uma unidade significativa e total em si mesma.

A criatividade faz com que personagens mortos e esquecidos adquiram vida e são adaptados para o contexto sócio-filosófico comtemporâneo. Esta prática torna a individualidade e potencialidade de cada acadêmico amplamente respeitada, bem como a desinibição e principalemente o depoimento dos alunos que tem em mente jamais se manifestar em publico, mesmo abraçando a carreira de futuro professor de Educação Física.

A nova educação física preconiza a busca da crítica, ponto básico com que o acadêmico se depara com a realização do presente trabalho, pois o mesmo procura enfatizar de forma bastante critica o desenrolar da história correlacionando-a com o presente, não perdendo seu conteúdo histórico.

Este ponto crítico também'é explorado pela necessidade de identificação de fatos e ocorrências que serviram de suporte para evolução da história.

Existe uma preocupação dos alunos expositores com local a ser destinado a apresentação do teatro, se vai ou não haver platéia, e até mesmo com a acústica, uma vez que o nosso Departamento não é provido de um local adequado para este tipo de apresentação, ressaltando a improvisação com que a equipe torna possível o referido evento.

O teatro já está formalizado, inclusive fazendo parte do calendário do Departamento de Educação Física, ponto obrigatório dentro da Semana da Pesquisa, quando é presenciado por alunos e professores deste departamento.

A equipe formada por alunos do 1o. ano encarregada da divulgação do presente trabalho expedem convites à alunos e professores de outras unidades desta Universidade, sendo que a presença é bastante significativa. Outro ponto positivo a ressaltar é que não existe uma preocupação de que o acadêmico seja transformado em um ator de teatro, mas, que viva esta experiência e possa contribuir para a sua formação.

A não existência de uma atividade similar nos demais segmentos desta Universidade faz com que o aspecto importância justifique a realização desta forma de trabalho didático visando ensino-aprendizagem.

Os professores encarregados da referida disciplina após o término de cada apresentação teatral reunem as turmas individualmente e aplicam um questionário aberto e fechado onde os acadêmicos relatam suas experiências, expectativas, produção, colaboração, sugestão e conclusão do experimento.

No retorno dos questionários para os professores são analisados e discutidos junto aos acadêmicos, dando-se enfase, a preocupação com o conteúdo, com os objetivos, se os mesmo ficaram claros e se as mensagens propostas inicialmente foram transmitidas.

As apresentações são filmadas pelos próprios alunos, em seguida projetadas a nível de avaliação individual e de grupo, e posteriormente catalogadas na filmoteca da disciplina de historia, onde o referido acervo é utilizado para

conhecimento dos novos acadêmicos que adentram à universidade nos anos seguintes.

O referencial bibliográfico utilizado pelos alunos não fica só no convencional (livros de História da Educação Física), mais também recorrem as enciclopédias, revistas, museus e filmes épicos.

"Mesmo se tornando inexpressiva na Idade Média, a Educação Física não deixou de ter um lugar de destaque dentro do teatro da História. Ela é universal no tempo e no espaço, porque realmente corresponde a certas necessidades fundamentais do ser humano" (DAIUTO, 1991)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃo FÍSICA

AIRTON RUY ANTUNES DOS SANTOS Especialização
Rua Marechal Malet, 185 ap 604
Ahú de Baixo
CURITIBA - PARANÁ 80.530 290 Tel: 041 252-5635

DIVOENYH JULIETA CABRAL Mestre em Educação
Praça Rui Barbosa, 470 ap 181
CURITIBA - PARAN_ 80.010 030 Tel: 041-223-3704
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARAN_
BR 116 km 95 Capanema
CURITIBA - PARAN_ 82.590 400
Tel: 041-262-7574 ou 041-263-4928
Fax: 041-266-2042

HERMENÊUTICA E PESQUISA HISTÓRICA

Lamartine Pereira da Costa

ABSTRACT:

"Hermeneutic and historical research"

To situate the hermeneutic in the context of the social sciences and, especialy, in the historical research, the beginning of the present work refers to the contribuition of HANS-GERORG GADAMER, following the tradition of the German thinkers, from the 19 century, GADAMER focust on the precomprehension and the hermeneutic circle as philosophical bases to the comprehension of the social facts. Then, the language reveals a reality always based on preknowledge that develop different interpretations. Thus, the history is composed of "traditional experiences" and that is confused with the philosophy and consolidating in texts. Finally, it presents a epistemologic perspective of the hermeneutic that considers the "truth" as human knowledge, that is, limited and fragmented, embracing contents and partial aspects of the reality.

Para situar a hermenêutica no contexto das ciências sociais e, em especial, na pesquisa histórica, o ponto de partida do presente trabalho refere-se à contribuição de HANS-GEORG GADAMER. Seguindo a tradição dos pensadores alemães desde o século 19, GADAMER focalizou a pré-compreensão e o círculo hermenêutico como bases filosóficas vis-à-vis compreensão dos fatos sociais. Nestes termos, a linguagem revela uma realidade sempre lastreada em conhecimento anterior que se desdobra em interpretações sucessivas. Assim a história compõe-se, em princípio, em "experiências dentro da tradição, confundindo-se com a filosofia e se consubstanciando em textos. Finalmente, apresenta-se uma perspectiva epistemológica da hermenêutica que considera a "verdade"como conhecimento humano, isto é, limitado e fragmentário, abrangendo conteúdos e aspectos parciais da realidade.

A Relativa Autonomia do Campo Esportivo

Mara Lucia Cristan
Univ. Federal do Espírito Santo - Centro de Ed. Física e Esportes.

A pretensão deste texto está em discutir alguns aspectos que assumem as ações motrizes desenvolvidas durante a prática de esportes profissionalizados. Um de seus objetivos é desmistificar algumas idéias correntes , pois opiniões embasadas no senso comum tendem a associar a prática desportiva de atletas renomados à diversão, ao "trabalho leve", onde ganha-se muito e trabalha-se pouco.

A hipótese central que é colocada situa o esporte profissionalizado como uma prática distanciada do conteúdo imaginado do "ludus", pois o fundamento do desporto profissional é o trabalho e sua relação mais estreita não se estabelece com o sentimento lúdico idealizado por Huizinga (1980), mas com a mercadoria e os aspectos que esta assume na sociedade moderna.

O recorte que esta abordagem ao tema sugere obedece à intenção de desvendar dois aspectos considerados importantes no processo de reconhecimento das diferencas entre as ações motrizes praticadas por trabalho, das realizadas no lazer.

O foco desta diferenciação , dada a referência analítica adotada, está centrado na identificação de duas características: primeira a da mercadoria em seu duplo aspecto, isto é, no âmbito da produção e no âmbito da circulação do bem produzido - o espetáculo desportivo. Segunda, embora compreendida como ação vinculada ao trabalho, nao podemos situá-la no mesmo espaco que o trabalho realizado no setor secundário da produção.

Isto se deve ao fato de que, embora a televisao, o cinema e o vídeo já consigam objetivar as ações motrizes, cristalizando o produto do trabalho dos atletas, a relação desta forma de trabalho com o tempo é mais sutil no que tange às formas de controle do ritmo e aproveitamento da força de trabalho do que a estabelecida entre o trabalhador e a máquina.

Portanto, identificadas estas categorias para análise cabe iniciar uma discussao sobre os aspectos da mercadoria, procurando reconhecer na prática motriz do desporto profissional os tracos pertinentes ao conjunto de características que compoem esta categoria.

O primeiro aspecto que chama atenção na prática motriz realizada no desporto profissional está relacionado à esfera da intencionalidade da ação, pois, como produtores de mercadoria e vendedores de forca de trabalho, ocorre uma perda relativa de autonômia do atleta ante as ordens ditadas por uma vontade exterior ao corpo de trabalho e de que é o capital detentor desta vontade.

Tal qual o trabalhador que cumpre as tarefas de acordo com o ritimo da produção ditado por uma hierarquia em cujo topo estao os movimentos de contração e expansao do mercado, o atleta subordina seus movimentos aos interesses também hierarquizados dentro das prioridades do patrocinador. De modo que a escalação de um jogador ou participação do time em um campeonato estao, dentro de um quadro que deve ser relativizado, em relação direta aos objetivos da promoção publicitária, por exemplo.

Do ponto de vista da profissao esta subordinação desencadeia uma série de consequencias, sobretudo nos desportos de alto rendimento técnico coletivos, onde as formas de resistência e autocontrole estao, eventualmente, minadas pela rivalidade e pela disputa interna por ascenssao na hierarquia de funções, correspondida por outra de salarios.

A subordinação ao capital, que enfraquece as possibilidades de manifestar a ação motriz dentro dos parâmetros da intencionalidade descomprometida com as regras do mercado e a relativa perda de autonomia ante a situações externas ao jogo, completa-se em outras relações de dependência que a profissao estabelece com as leis de demanda. Em outras palavras, para vender seu produto, seus exercícios executados sob uma técnica especial, a demanda está ligada à diversos fatores (marketing, produção paralela de artigos esportivos comercializáveis, poder de "arrebanhamento" da mídia, etc) cuja recorrência última encontramos nas relações econômicas, mas que com elas nao estabelecem uma relação de causa e efeito mecânica ou de reprodução social monolítica.

A qualidade dos exercícios, seu crescente grau de dificuldade e aperfeicoamento técnico, a sofisticada parafernália envolvida na produção do espetáculo, a dependência estreita com os avancos da ciência, sao aspectos que estabelecem uma relação nítida com as determinações a que está sujeito o mercado em sua forma extensa e evidencia os traços da mercadorização do desporto e estruturação de um campo esportivo, cuja aparição é contemporânea e refere-se à produção de bens esportivos (BOURDIEU, 1983).

O campo onde se realiza a produção do desporto corresponde à uma extensao da forma mercadoria. Todavia, embora relacionada aos princípios que estao em vigor na produção econômica em geral, este campo comporta especificidades sobretudo no que concerne às formas simbólicas que este projeta e sob a lógica da qual desenvolve os processos de troca e autorepresentação da imagem dos grupos envolvidos.

Isto confere ao campo desportivo uma relativa autonomia diante de determinados processos sociais e, ao mesmo tempo, impede que se reduza os fenômenos desportivos à um espelho fidedigno das relações econômicas. Entretanto, mesmo estando ausente este aspecto de um mundo que se reproduz perpétuamente num túnel de espelhos, nao é possível deixar de considerar que o

campo desportivo é um produto histórico cuja origem se encontra na forma mercadoria.

Neste quadro justifica-se uma estruturação do campo ornada com elementos semelhantes a qualquer outro ramo da produção do "show bussnies", com o correlato surgimento de uma indústria de equipamentos apropriados, o aparecimento de um corpo de burocratas e de um pessoal técnico altamente especializado que introduz o conhecimento científico na preparação e controle do corpo produtivo.

Embora a extensao da forma mercadoria como elemento constitutivo do desporto moderno ganhe extensao na ciência, no comércio, no corpo de funcionários, isto nao significa que o desporto é simplismente uma cópia de outros processos de produção, mas representa que a forma mercadoria fundamenta um campo esportivo que possui peculiaridades.

Algumas evidências desta relativa autonomia, talvez mais relacionada à esfera das trocas simbólicas, estao presentes na ideologia explicitada na autorepresentação dos grupos envolvidos na produção do espetáculo desportivo. Se nao, como os atletas suportariam a sujeição à uma extensao do espírito de eficiência técnica, tendente à funcionalização das ações motrizes e dos corpos e que objetiva a exploração ? Como suportariam o desconforto dos treinamentos e a desvalorização da profissao ?

A pesquisa empírica sobre a qual estas conclusoes estao sustentadas revelou que os jogadores de um time de futebol da terceira divisao paulista (o Sertaozinho F.C) tinham uma percepção clara da desvalorização social da profissao, entretanto, compensavam esta depreciação do trabalho com uma autorepresentação positiva da imagem. Reconhecidos como "vagabundos" e "boas-vidas" por torcedores e parentes, os jogadores invertiam esta situação de marginalidade colocando-se como "herois do domingo" , "artistas da pelota". Isto lhes tornava suportável a profissao , pois passaram a identificar o estado de marginalidade em que eram colocados como "ossos do ofício", presentes em qualquer outro trabalho.

Da mesma maneira que a autorepresentação positiva da profissao viabiliza a convivência com situações desagradáveis, a exploração do trabalho no esporte nao pode, pelo menos para este caso, ser explicada com o uso do mecanismo clássico de extração da mais-valia tal qual acontece no trabalho da linha de produção.

Neste ponto é importante levar em conta dois aspectos: um, que distingue o trabalho de um corredor do trabalho de um metalurgico, isto é, esclarecer como ocorre a incorporação do valor no trabalho do atleta ; outro, que explica o caráter específico do mercado de aquisições dos produtos esportivos.

Sobre o primeiro aspecto temos a considerar que uma das diferencas entre uma e outra forma de cristalização do trabalho reside na natureza específica da

produção assumida na prestação de servicos em relação ao trabalho desenvolvido no chamado "setor do trabalho produtivo".

O trabalho que o atleta desenvolve nao é cristalizado na forma de um bem que possa ser exposto nas prateleiras de supermercados e, embora atualmente os recursos audio-visuais tenham possibilitado a reprodutibilidade técnica do espetáculo esportivo, a mensuração do valor incorporado à mercadoria produzida pelo atleta nao se dá nos padroes de determinados produtos ofertados no mercado.

Isto acontece porque nao é o tempo de trabalho cristalizado na matéria que dimensiona o valor do trabalho do atleta, mas o grau de eficiência técnica da ação motriz desempenhada, que conduz aos objetivos impostos pela necessidade do capital, investido na produção e conjugado a uma publicidade-consumo conforme as leis de mercado.

A propaganda realizada com a intenção de aumentar o volume de vendas de uma determinada marca de tênis, de promover o crescimento do índice de audiência de uma rede de televisao através da transmissao de campeonatos, ou a soma de votos que a identificação entre um time de futebol e determinado candidato pode render nas eleições, sao exemplos de objetivos pelos quais responde o capital investido.

Em consequência disso, a relação de mercadorização do produto oferecido pelo atleta, em alguns casos, muda de figura no âmbito das trocas simbólicas. Assim, parece dificil aplicar o modelo que explica o consumo do trabalho do atleta como algo mecânico e uniforme em todas as situações, movido pelos mesmos interesses de satisfação de necessidades essênciais a manutenção da sobrevida. Se nao, como entender o investimento que alguns latifundiários paulistas (Usina Sao Joao, Usina Santa Elisa) realizam em times de futebol se, com isto, nao vao obter lucro imediato ?

No exemplo utilizado, o aumento da venda de tênis expande o mercado para a indústria que patrocina equipes esportivas, assim, também a T.V. conquista mais clientes para seu horário de publicidade, mas para o latifundiário que financia o time da terceira divisao de futebol, a troca nao se dá nestes parâmetros.

Ao contrário das indústrias, o latifundiário em questao chega mesmo a desembolsar capital sem que haja retorno imediato. Mas o que ele lucra com isto ?

De fato, para o latifundiário, é mais vantajoso ganhar prestígio político com a imagem do benemérito do que obter um retorno material do que foi investido de forma imediata. Poder político, em muitas situações, equivale ao poder de reproduzir com maior rapidez e em escala mais avancada o capital resultante de outro setor de investimentos.

O sentido da troca para o latifundiário é diferente daquele almejado pelo fabricante de tênis ou pela rede de televisao, pois a necessidade de exibir "status"

pode ser compreendida como relativa a determinados momentos históricos, à situações e interesses diferentes.

Isto não tira ao trabalho do atleta seu caráter de mercadoria integrada em um ramo da industria cultural: a produção de espetáculos. Mas o processo de trocas simbólicas e de representações diferenciadas, criadas para sustentar a perpetuação da prática profissional de esportes evidencia o caráter da relativa autonômia que o campo esportivo possui ante os processos mais gerais da sociedade. Estes processos sao, em última instância, o fundamento deste campo de produção e de trocas, mas isto nao significa dizer que eles apenas reproduzem outros fenômenos sociais.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? -in: Questoes de Sociologia. Rio, Ed. Marco Zero, 1983.

_____. Choses Dites. Paris, Editions de Nuit, 1987.

CRISTAN, Mara Lucia. Parodiando Engels: "O Papel do Trabalho na Transformação do Homem em Macaco" - Estudo Sobre a Disciplina de Trabalho do Jogador Profissional do Sertaozinh F.C. Campinas, Dissertação de Mestrado UNICAMP/FEF, 1992.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. Sao Paulo, Ed. Perspectivas, 1980.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. Livro 1: O Processo de Produção do Capital. vol. I. Sao Paulo, Difel, 1987.

Pesquisa de Opiniao Publica sobre o Contrato do Jogador Zico. Rio, IBOPE (Instituto Brasileiro de Estatística e Opiniao Pública), 1982.

ARTE POPULAR E NOVAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DOS ESPORTES - UM ESTUDO DE CASO

Victor Andrade de Melo - IEFD/UERJ
Dr. Alfredo Gomes de Faria Júnior - IEFD/UERJ

ABSTRACT:

"Popular art and new possibility of sport's study
- an specify case -

The art manifestations reflects the apprehension of the reality by the man, his troubles and wishes (HORCKHEIMER, 1965; RAMOS, 1933; ASSOUN, 1992), so it's intended to use it as a possible alternative to amplify the study about the sports, untill now limited to the academic knowledge. This study will use the popular vision about sports found at Noel Rosa's work, considered by Maximo (1990) as a criticai and perceptive composer and by João Antonio (1978) as a real interpreter of the Rio de Janeiro's voice. The analisys of his work gives a vision of differents aspects of the social, political and cultural life in the 20's and 30's, basic in the Physical Education institutionalization.

---

1. INTRODUÇÃO

Nos cursos de formação de professores de Educação Física o ensino dos conceitos básicos relacionados com o desporto e sua evolução histórica vem se fazendo quase que exclusivamente com o auxílio de livros didáticos.

Os livros didáticos, agentes culturais por excelência, são concebidos como:

> *"aqueles que se destinam a instruir, coadjuvando o trabalho do professor numa área qualquer de conhecimento humano" (SOBRAL, 1992).*

Tendo como objetivos apresentar os conteúdos de disciplinas curriculares esses livros são idealmente e seletivamente organizados, na medida que se apresentam em determinadas seqüências, parcelas do conhecimento humano. O livro didático, seja qual for, não é neutro.

Por isso professores comprometidos com uma visão progressista do processo de formação costumam criticar a estrutura daqueles livros propondo discutí-la em seus aspectos sociais, culturais, políticos e ideológicos. Em resumo, os livros didáticos são geralmente repetitivos e mecânicos, vinculam-se a uma dada visão de mundo e realidade dos autores. São fragmentados e arrolam quase que exclusivamente autores consagrados pela 'academia'. Muitas vezes, atráves dos livros didáticos, valores e representações das elites são reverenciadas a cada dia pelos alunos.

Com isto não se está aqui advogando a exclusão do livro didático do processo de formação de professores. Pretende-se por em questão se, de fato, certos textos tão consagrados se prestariam melhor do que outros a levar o estudante à reflexão sobre o desporto.

Além disso, os estudos ligados a história da Educação Física e dos esportes no Brasil, cuja maior referência ainda são os estudos de Marinho (1953, 1980) desenvolvidos segundo uma tendência documental-factual, pouco consideram a apreensão cotidiana da realidade. Mesmo estudos recentes como os de Castellani Filho (1988) e Guiraldelli Júnior (1988), desenvolvidos segundo uma concepção crítico-dialética, se valeram primordialmente de fontes documentais e fatos históricos globais para sua análise. Isso

> *"tem conduzido, dentro do âmbito da educação física, a escassez de biografias e tem permitido lacunas que podem acentuar controvérsias que precisam ser resgatadas" (MELO, 1993,p10).*

Neste trabalho pretende-se demonstrar uma possibilidade de ampliar o espectro do estudo do desporto e de sua evolução histórica, normalmente restrito a esfera acadêmica, de forma a melhor considerar a apreensão cotidiana por parte de indivíduos que não viveram diretamente o desporto ou a Educação Física.

2. A ARTE COMO POSSIBILIDADE ALTERNATIVA

A arte foi o meio escolhido para alcançar tal fim. Na concepção tradicional, o público contempla a obra de arte, sem dela participar, pois essa obra aurática mantem-se no seu distanciamento, na sua estranheza, no seu algo inatingível

(BENJAMIM, 1980). Com a transformação do conceito de arte, não mais a concebemos somente como expressão, mas a percebemos contruída (CHALUB, 1986), isto é, vinculada a realidade dos problemas sócio-econômicos que lhe são contemporâneos.

> *" A arte... sempre foi e continua a ser uma força de protesto do humano contra a pressão das instituições que representam a repressão autoritária, religiosa e outras, enquanto que delas reflete igualmente, claro está, a substância objetiva"* (ADORNO apud ASSOUN, 1991, p.91).

Diferentemente da visão do texto como objeto único, monológico, autoritário e auto-referencial, típico de uma concepção absolutista, o teórico russo Mikhail Bakhtine (1979) demonstra uma outra possibilidade. Para ele a linguagem humana é um produto eminentemente social, portador dos valores das diversas classes sociais. Aceitando-se essa premissa seria possível analisar a visão popular de desporto, em determinado momento histórico, através da obra dos poetas e músicos populares. Além disso, segundo Assoun (1991), é na música que a distância entre a prática estética e o mundo social se faz maior. Ela pode ser o canto da ideologia como também permitir a reflexão.

Por isso optamos por escolher para análise a obra de Noel Rosa, considerado por João Máximo (1990) como um compositor crítico e perceptivo da realidade de seu tempo. Noel foi um fenômeno de pioneirismo na música popular brasileira, inovando nas estruturas melódicas, nas letras (com a utilização de gírias e neologismos) e principalmente nos temas (TINHORÃO, 1963). É interessante observar que a transformação rítmica é vista por Adorno (apud ASSOUN, 1991) como uma das formas de transformação social.

Embora Noel Rosa não fosse o que se pode chamar de um 'transformador social', em sua essência, "era um autêntico e comprometido intérprete da voz do povo e da terra do Rio de Janeiro" (ANTÔNIO, 1977,p.4). Noel chega mesmo a ter noção do caráter de sua obra, como afirma ao jornal O Globo em 31 de dezembro de 1932 :

> *"Antes a palavra samba tinha um único sinônimo: mulher. Agora já não é assim. Há também o dinheiro e a crise. O nosso pensamento se desvia também para esses gravíssimos problemas".*

É exatamente na temática que foi mais pioneiro, considerando pela primeira vez aspectos da vida social, política e cultural brasileira. Nemhuma ligação tinha com o desporto e com a Educacão Física. Conhecido como filósofo do samba, segundo Antônio (1977) estava sempre atento ao espírito com que o povo e a coisa popular se acasalavam. Isso nos leva a crer que sua obra é perfeita para nosso estudo.

O período em que compôs também foi considerado para nossa escolha: as décadas de 20 e 30. Foram décadas de intensa agitação e contradição no cenário brasileiro. Aprofundava-se o desejo de igualdade, mas assistia-se o rápido acentuar das desigualdades sociais. Uma revolução que supostamente pretendia o novo, curva- se na verdade aos interesses das oligarquias. A busca da industrializacão choca-se com uma sociedade ainda extremamente rural. O início do rádio, o modernismo e a semana de 22, a cultura urbana sobe os morros e estes retribuem descendo sua cultura.

Também para a Educação Física e Esportes, as décadas de 20 e 30 são fundamentais, principalmente no que tange a sua institucionalização e popularização.

3. NOEL ROSA, A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ESPORTES

Foram utilizadas técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) para estudar as letras das 289 composições de Noel, examinadas a dois níveis: a) manifesto, representado pelas estruturas linguísticas (palavras, frases etc.); b) latente, onde encontramos a ideologia, o sistema de idéias-representações, revelado ao se analisarem as mensagens para estudar os mecanismos de escolha e combinação. Foram encontradas 10 letras que fazem referência ao esporte, aqui apresentadas com breve interpretação.

*** Quem dá mais ? (1930)**

Também conhecida como 'Leilão do Brasil' faz uma intensa crítica ao sucateamento da cultura nacional. Relata a falcatrua promovida pelo Clube de Regatas Vasco da Gama por ocasião do 'Grande Concurso Nacional Monroe' promovido pela Companhia Nacional de Fumos Veado para escolher o melhor jogador de futebol do Brasil. O voto era computado com o envio de um maço de cigarros vazio da companhia Veado.

O jogador Russinho, considerado de segunda linha por grande parte da imprensa e do público, ganhou o título, e uma barata Crysler como prêmio, já que os ricos portugueses conselheiros compraram caminhões de cigarros, exclusivamente para o concurso.

*** Mulato Bamba (1931)**

Relata a única alternativa esportiva de um mulato forte do morro do Salgueiro: passear no 'tintureiro', codinome com que se designava as viaturas policiais. Expressa bem as poucas possibilidades esportivas da classe popular nas décadas de 20 e 30.

*** Mulher indigesta (1932)**

Faz uso de termos futebolísticos, atualmente de pouca utilização, como 'center-half' e 'linha'. Esse uso se faz como crítica a 'retranca' imposta por uma mulher.

*** Quem não Dança (1932)**

Da mesma forma que a anterior, faz uso de termos futebolísticos em uma das quadras dessa brincadeira musical.

*** Não tem tradução (1933)**

Faz uma crítica a utilização crescente da lingua inglesa no Brasil, devido a chegada do cinema falado, introduzida anteriormente pelos termos futebolísticos.

*** A melhor do Planeta (1934)**

Crítica a pretensão de uma mulher que julgava-se superior por dançar em um clube da 'liga barbante'(liga secundária não oficial de futebol), se julgando melhor que o Palestra (antiga denominação do Palmeiras, clube de futebol de São Paulo). Assim como em toda a obra de Noel, a crítica social e a ironia se fazem presentes.
Obs: As ligas barbantes eram assim denominadas analogamente devido as cervejas caseiras que possuíam barbantes, ao invés de chapinhas, como tampa.

*** Deixa de ser Convencida (1935)**

Referência a saltos mortais executados como forma de premiação. 'Saltos mortais' são utilizados no sentido figurado como dificuldades.

*** Conversa de Botequim (1935)**

Uma das mais conhecidas composições de Noel é um incrível relato sobre a cidade do Rio de Janeiro, seus 'cafés' e bares, o jogo e o interesse ainda vago pelo futebol. O próprio Noel pouco se interessava. Acredita-se que torcia para o Andaraí F.C., time de menor expressão que sobreviveu a duras penas e em 1937, ápos receber uma goleada do C.R. Vasco da Gama, extinguiu-se. Dizem que

Arubinha, famoso macumbeiro do bairro, enterrou um sapo no campo do Vasco que ficou 8 anos sem se sagrar campeão, só quebrando a escrita no ano que mandou revolver o campo.

* **Tarzan, o filho do alfaiate (1936)**

Crítica ao caráter estético e a cultura física dos interessados em ter o corpo forte e 'musculoso', semelhante a Rodolfo Valentino, ator, e Jonny Weismuller, ator que representava 'Tarzan' na série com o mesmo nome. É a perfeita definição'noelina' de esporte.

* **Negócio de Turco (193?)**

Citação ao Clube de Regatas Vasco da Gama.

4. CONCLUSÕES

A pouca presença de citações ao esporte na obra de Noel Rosa (cerca de 3,5 %), mais do que significar seu pouco interesse, pode refletir também o relativo interesse da população em geral, impedida de ter acesso a tal prática normalmente realizada em clubes da burguesia, com caráter predominantemente estético e pela população masculina. O futebol era de fato a prática esportiva mais conhecida e acessível.

Não foram encontradas referências a participacão feminina. Se a participação masculina era vista com desconfiança pelos paralelos que eram traçados com atividades manuais, consideradas de menor valor pela sociedade, a participacão feminina ainda era mais discriminada. Só posteriormente, com os interesses arianistas de Vargas, que precisava de 'homens fortes', se estimularia , com bastante relatividade, tal prática.

Creio que a utilização de novos caminhos para o estudo do esporte e de sua evolução mostram-se assim eficientes. Com o apresentar de outras visões, que não as das 'elites', o professor pode permitir a seu aluno uma compreensão mais ampla e propiciá- lo condições para um julgamento realizado a partir da multiplicidade de opiniões que deve caracterizar a busca da verdade. Se faz mister aos professores comprometidos com uma visão progressista, apresentarem a visão dos oprimidos, da populacão em geral e de toda espécie de pessoas comuns, sem deixar de apresentar qualquer tipo de visão.

A utilizacão de formas alternativas pode também se constituir em grande estímulo. Muitas vezes o aluno chega a Universidade trazendo uma visão de História como algo estático e monótono, limitando-se ao decorar de fatos, nomes e

datas. O aprendizado e a discussão histórica com o uso de, por exemplo, músicas, pode servir de estímulo, inclusive modificando a concepcão destorcida desses alunos acerca da História.

Além disso, para os estudiosos em geral, a utilização de formas alternativas pode trazer à tona novos elementos, que possibilitarão novas interpretações e novas abordagens, sendo portanto de extrema valia.

Cabe-nos utilizar essas fontes com maior freqüência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.ALMIRANTE. Nos tempos de Noel Rosa. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

2.ANTÔNIO, João. Noel Rosa - literatura comentada. São Paulo: Abril, 1982.

3.ASSOUN,Paula. A Escola de Frankfurt. São Paulo:Ática, 1991.

4.AKHTINE, MIKHAIL. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

5. BARDIN, LAURENCE. A análise de conteúdo. Lisboa, 1979.

6. BENJAMIM, WALTER. A arte de técnicas de reprodução. In: Benjamim, Horkheimer, Adorno, Habermas; textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1980.

7. CALDEIRA, JORGE. Noel Rosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

8. CASTELLANI FILHO, LINO. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

9. CHALUB, SAMIRA. A metalinguagem. São Paulo: °tica, 1986.

10. GUIRALDELLI JUNIOR, PAULO. Educação Física Progressista. São Paulo, Loyola, 1988.

11. MÁXIMO, JOão e DIDIER, CARLOS. Noel Rosa: uma biografia. Brasília: UNB, 1990

12. MELO, VICTOR ANDRADE DE. Ascensão e declínio da Escola Nacional de Educação Física e Desportos - suas histórias e estórias (projeto de mestrado). Rio de Janeiro: 1993.

13.SOBRAL, VERA MARIA MENDES. O ensino de literatura no segundo grau: aplicação do método semiológico. Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 1992.

14.THOMPSON, PAUL. A voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

O TEMPO COMO ELEMENTO DIFERENCIADOR ENTRE JOGO E ESPORTE

Maria Elisete Brigatti
MESTRANDA/FEF/UNICAMP

ABSTRACT:

"The time as different element between game and sport".

This work intend to know the differences between game and sport, that it is determined for questiona of the time from approach historical of development of the game and sport.

Este trabalho tem por objetivo identificar as diferenças entre jogo e esporte, determinadas pela questão do tempo.

Através de uma abordagem histórica da evolução do jogo e do esporte, procuraremos enfocar algumas das questões que o tema propõe.

Levando-se em conta que a história é um processo cumulativo e inacabado de verdades (1), buscaremos o alforamento de questões significativas relacionadas com a dinâmica que comandou a história do esporte e do jogo.

A história do esporte é entendida aqui como:

> ***"uma história relativamente autônoma que mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma sua cronologia específica" (2)***

No entanto, no curso dessa história, faz-se necessário identificar quando o esporte aparece definido como prática específica, não reduzível a um simples jogo ritual ou ao divertimento festivo. (3)

Na tentativa de identificar tal momento, faremos uma breve retrospectiva histórica da origem dos exercícios físicos e dos jogos, atividades estas denominadas ancestrais do esporte. Assim, poderemos compreender melhor suas diferenças, tanto na significação histórica quanto na lógica motora.

Desta maneira, sintetizamos algumas investigações feitas por vários autores, a respeito da origem dos exercícios físicos e dos jogos.

Para Popplow os primeiros exercícios físicos realizados pelo homem são as danças rituais (documentadas em pintura nas paredes das cavernas). Não considera como exercícios físicos os movimentos direcionados a guerra e a caça, o lançamento do dardo por exemplo é caracterizado como necessidade utilitária, ou seja, estágio prévio dos exercícios físicos, pois falta uma raiz e uma atitude espiritual baseadas nos interesses da alma. Já a dança cultuai não obedece a necessidades utilitárias e sim a liberdade criadora do espírito. (4)

Os autores americanos - Van Dalen, Mitchell e Bennett - estudam a origem dos exercícios físicos, enfocando o fator pedagógico. Para eles, desde o início os exercícios físicos e os jogos tiveram princípio educativo. Entendem que a educação é tão antiga quanto a vida humana e que através dela o homem possa ter se desenvolvido. Identificam que os objetivos da educação dos povos primitivos eram a consciência de grupo e a solidariedade de grupo. Sendo assim, a dança e os jogos não tiveram apenas um sentido cultural, mas também da socialização e da recreação. (5)

Partindo de linhas diferentes baseadas no materialismo histórico Lukas e Eichel admitem que o componente espiritual próprio do homem na sociedade primitiva é seu trabalho, e por conseguinte todos os exercícios corporais provém do trabalho. Os exercícios corporais tem uma função própria dentro do processo de produção: servem para aumentar o rendimento do trabalho. Para Eichel os exercícios corporais na sociedade primitiva começa com a caça pois era uma prática concreta, pertencente ao âmbito do processo de produção. (6)

Diem, vê na dança cultuai (a qual destinava-se modificar de forma mágica a realidade) a origem de todos os exercícios físicos. Procurando exemplo nos povos onde o jogo aparece vinculado as festas religiosas, afirma que as competições e jogos desportivos nasceram do culto aos mortos. Para Diem a idéia fundamental dos jogos, requer uma explicação idealista, ou seja, as celebrações funerárias cantavam também a vida que continuava. O jovem que lutava junto ao féretro, atraia para si a força do herói defunto, sentia a valentia e o espírito de vitória dos antepassados, se robustecia com a recordação do morto glorioso, cujas qualidades ele sentia-se obrigado a imitar no futuro. A idéia ritual de todas estas festas desportivas podem resumir-se em uma única forma: estavam dedicadas a eterna juventude. E para confirmar sua explicação idealista Diem recorre ao fogo perpétuo que ardia nos lugares rituais dos jogos olímpicos.. Desta forma para Diem os jogos

tiveram sua origem no culto funerário. (7)

Todas essas diferentes teorias que buscam a origem dos exercícios físicos e dos jogos em determinadas épocas que não se tem tradição escrita, acaba levando os investigadores de uma forma ou de outra, a terem uma interpretação subjetiva.

Todavia, essas investigações apresentaram pontos em comum na motivação humana para realização dos primeiros exercícios físicos: a luta pela sobrevivência e a variedade de formas de jogos rituais.

É interessante observar também, a relação que os exercícios físicos e jogos mantiveram com as festas, sejam elas, de fundo ritual, religioso, recreativo, etc. De maneira geral, parece que o quadro temporal dos exercícios físicos e jogos, organizaram-se em torno do tempo das festas.

Porém, num determinado momento influenciados pelas condições históricas e sociais, alguns exercícios físicos e jogos obtiveram novo significado e função, passando de um simples jogo ritual ou divertimento festivo, para o que denominamos hoje de esporte. Formalizado em torno do final do século XIX na Inglaterra que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, o esporte alastrou-se rapidamente aos demais países.(8)

No primeiro período de sua existência, os objetivos aos quais o esporte serviu, mostram uma relação profunda com os interesses burgueses que se destacavam por toda a sociedade. A prática do esporte foi associada à classe média e à burguesia, que o elegeu como um dos critérios para a distinção de seus membros, daqueles provenientes do operariado e dos trabalhadores do campo. Constitua-se assim, numa atividade ociosa que caracterizava essas novas classes em ascensão. (9)

Para Bourdieu:

> ***" Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public Schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes mudança de significado e função..." (10)***

No âmbito escolar os exercícios corporais da elite foram desligados "das ocasiões sociais ordinárias, (festas agrícolas, por exemplo) e desprovidos das funções sociais (e a fortiori, religiosa)", às quais os jogos populares permaneciam ligados. (11)

Essa mudança se mostrou muito parecida "àquela que o campo da música erudita, impôs as danças populares, bourries e sarabandas, para fazê-las, assumir formas eruditas como a suíte". (12). Com relação aos

exercícios físicos e jogos, em alguns casos, essa mudança foi tão radical que possibilitou a invenção de esportes como o vôlei e o basquete. (13)

Além de serem submetidos as regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, alguns jogos deixaram também, de estar integrados ao calendário coletivo e foram inseridos num calendário específico. (14)

Tal fato nos remete, aos dias de hoje, onde, coexistindo com o calendário oficial temos o calendário esportivo, no qual dentro de cada modalidade esportiva se sobrepõe um calendário próprio, voltado para determinados aspectos operacionais como o clima os melhores horários ou todo o processo de sustentação de "markeling" esportivo.

Além disso, esse calendário é regulado e determinado pelas forças políticas do campo esportivo: dirigentes, treinadores, comerciantes de bens esportivos, meios de comunicação e outros. Nos esportes de alto nível, o calendário se constitui em uma temporada (que na maioria dos esportes é anual) onde neste espaço determinado de tempo se completa um ciclo de vida de um dado esporte.

Se o calendário coletivo proporciona horas de tempo livre, no campo esportivo essas horas são utilizadas como forma de promover o espetáculo e conseqüentemente se torna o tempo de trabalho dos atletas. O futebol por exemplo é possível de ser jogado de domingo a domingo, em todos os tipos de feriados, desde os dias santos até os feriados nacionais; podendo ir um pouco mais além não diria só jogado, mas também utilizado com os treinos e as concentrações.

No entanto, o quadro temporal dos esportes não definiu-se apenas em torno do tempo do calendário específico de cada modalidade, ele (tempo do calendário) está associado ao
tempo do cronômetro, tempo da televisão, etc.

Porém, para este texto enfatizaremos as citações referentes ao tempo cronomêtrico, pois, a marcação e controle do tempo reguladas pelo cronômetro, determinaram momento de grande importância na história dos esportes. (15)

Cabe ressaltar, que o jogo sempre foi possível sem o controle do tempo determinado pelo cronômetro, mesmo alguns esportes marcam seu tempo contando pontos. (16) No entanto mesmo que a modalidade esportiva não tenha o cronômetro como marco divisório de duração, a maior parte do "processo de treinamento, avaliação e controle dos atletas envolvidos é dimensionado pelo tempo cronometrado." (17)

Tempo este, que Thompson denominou de "tempo de máquina", pois historicamente o relógio passou a ser uma necessidade, no momento exato em que a Revolução Industrial exigiu maior sincronização do

trabalho. (18)

A invenção do relógio determinou:

> ***"momento significativo da universalização e uniformização da medida de tempo. Se de um lado, temos a máquina comandando o ritmo da produção e de vida do homem, de maneira complementar, temos o relógio, marcando com precisão, a duração de inúmeros e diferentes tempos agora unificados".(19)***

No âmbito esportivo, o tempo cronomêtrico, além de dimensionar o processo de treinamento dos atletas, mede habilidades, sincroniza movimentos, possibilita a existência de determinadas regras, permite (através do record quantificado pela unidade de tempo) a competição entre atletas que estão distantes no tempo e no espaço, etc.

Note que é muito difícil nos referirmos ao esporte hoje, sem o relacionarmos com o tempo cronomêtrico.

Se hipoteticamente o quadro temporal dos jogos organizou-se de acordo com o calendário das festas (religiosas, culturais, cultuais, etc.) e o quadro temporal da maioria dos esportes desenvolveu-se em torno do tempo cronomêtrico, é possível admitir ainda à nível de hipótese, ser o tempo um elemento deferenciador entre jogo e esporte.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Confira Adam SCHAFF, História e verdade.
2- Conforme Pierre BOURIDEU, Questões de sociologia. op. cit.. p. 137
3- Idem. Ibid.
4- Popplow in UEBERHOST, Revista citius, Altius, Fortius
5- Van Dalen, Mitchell e Benett in UEBERHORST, Revista citius, altius, fortius.
6- Lukas e Eichel in UEBERHOST, Revista citius, altius, fortius.
7- Diem in UEBERHOST, A revista cituis, altius, fortius
8- Confira Erica HOBSBAWN, a era dos impérios 1875-1914.
9- Idem. Ibid.
10- Pierre BOURDIEU, Questões de sociologia op. cit. p.139
11- Idem. Ibid.
12- Idem. Ibid.
13-Idem. Ibid.
14- Idem. Ibid.
15- Confira Ademir Gebara, Tempo e espaço: o livre e o disponível op. cit. p.37

16- Idem. Ibid.
17- Idem. Ibid.
18- Confira E.P. Thompson in Thomaz Tadeu da SILVA.
19- Conforme Ademir Gebara, Tempo e espaço: o livre e o disponível op. cit. p. 36

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983, 208 p.

DUMAZEDIER, Jofre. **Democratização do esporte**. Cadernos de lazer: 4. São Paulo: SESC, 1980.

GEBARA, Ademir. **Educação física tempo e historiografia**. In: Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física. São Paulo. 1989

---------. **Tempo e espaço: o livre e o disponível**. In: Anais do IV Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro. 1993. p. 37

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens.** São Paulo. Perspectiva, 1980

HOBSBAWN, Eric. A **hera dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, Ed. Unicamp, 1992

MAGNANE, G. **Sociologia do esporte**. São Paulo, Perspectiva, 1969

Marx, Karl. O **capital.** Livro 1, vol 1 Ed. Civilização Brasileira, 1975 (Cap. XIII, A máquinaria e a indústria moderna).

PARLEBAS, Pierre. **Perpesctivas para una educacion física moderna.** Andalucia - Espanha: Junta de Andalucia, 1º ed. 1987

SCHAFF, Adam. **História e Verdade.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987

THOMPSON, E.P. O **Tempo,** a **Disciplina do trabalho e o capitalismo**. In: trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Porto Alegre, Artes Médicas, 1991

UEBERHORST, Horst. **Teorias sobre el origen dei deporte**. in: Revista Citius, Altius, Fortius tomo XV fase 1-4 Modri 1973.

HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Um estudo de caso - Rio Claro

Fernando Renato Cavichiolli

Introdução

Durante um século de existência, contrastando com os demais setores, em especial da cultura e da educação, o futebol brasileiro em âmbito nacional até que de certa forma apresenta uma satisfatória estrutura organizacional; seja ela no âmbito amadorístico com as Ligas Municipais, ou profissionalmente com as Federações Estaduais e a Confederação Brasileira.

Estranhamente o futebol sobrevive - no sentido de explica-lo somente ao nível econômico - num país cuja a qualidade de vida a anos está numa curva descendente, onde a estrutura organizacional burocrática inviabiliza e empera a máquina administrativa do Estado, não conseguindo resolver problemas vitais como o aumento constante do desemprego, inflação, fome, habitação e saúde.

Não estamos querendo dizer - e seria ingenuidade demais de nossa parte - que o futebol não venha a ter uma relação com o aspecto econômico. Todavia o econômico talvez venha a ser um dos tantos "elementos" que estruturasse esse esporte.

O Futebol como esporte moderno talvez se estruture também em outros "elementos", os quais possam tornar possível a constituição de um universo conceitual próprio.

Neste universo podemos identificar agentes que direta ou indiretamente impõe as diretrizes próprias ao futebol. Desse universo fazem parte os dirigentes de dubes ("cartolas"), os dirigentes das federações, das ligas municipais e todas as

demais pessoas que se encaixam nessa hierarquia como: departamento de árbitro e jurídico que elaboram e aplicam as normas; médicos especialistas, treinadores, produtores e vendedores de bens necessários à prática e/ou consumo.

Somam-se a estes os produtores e vendedores do espetáculo esportivo (futebolístico), os meios de comunicação, onde dentro dos seus segmentos mantém uma cobertura específica possuindo uma linguagem própria.

Mais um "elemento" desse universo do futebol é o seu calendário próprio. Coexistindo com o calendário oficial, o calendário do futebol se estrutura através das lutas internas das forças políticas que o compõe, ou seja, as decisões sobre o calendário está à merce dos agentes dominadores desse campo esportivo, atuando na verdade como autoridade autônomas.

Será que esses "elementos" os quais nos referimos acima, são suficientes

para consolidar o futebol num campo de concorrência específico ? No caso positivo, de que forma se configura ?

Neste ponto concordamos com a suposição feita por Bourdieu, quando se interroga sobre que aspecto este sistema de agentes e instituições (os quais aqui denominamos de "elementos") começou a funcionar como um campo de concorrência:

"Se é verdade, como minha interrogação parece sugerir, que o sistema de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo, segue-se daí que não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica" (1)

Aceitando a hipótese de uma história autônoma dos esportes, passamos a buscar um exemplo num contexto mais específico: a origem e o desenvolvimento do futebol na cidade de Rio Claro.

Um estudo de caso: porquê ?

Em nossa pesquisa a hipótese elaborada revela que os rumos tomados pelo esporte são determinados dentro do sistema de agentes e instituições que integram esse campo.

Colocar em evidência todos os particularismos e diferenças entre os diversos esportes existentes, relacionando com sua própria história e sua contextualização, exigiriam de nós tempo e esforços relativamente significativos.

Não possuindo uma cultura histórica necessária para elaborar um trabalho que abrangesse tal magnitude, procuramos centralizar nossos esforços em um único e determinado esporte: o futebol.

O mérito da origem do esporte, entendido no seu sentido moderno ocorre na Inglaterra. "O esporte conexo então a vida da nobreza, mudou com o transformar-se dessa; as

transformações da sociedade, de um lado, a renovação cultural econômica e política da nação (...). Todavia, é necessário precisar que o esporte, pelo quanto já foi dito precendentemente, parecia ter nascido da imitação ou da decadência dos costumes de uma época que já se foi, enquanto foi a aristocracia inglesa que, a partir do século XVIII, encorajou os jogos do povo, os promoveu, modificando, alguns na forma e atribuindo prêmio aos vencedores" (2)

O futebol definido como esporte moderno, é integrante de uma idéia moral, e surge na Inglaterra através; "de uma ethos das frações dominantes da classe

dominante realizado através das grandes instituições de ensino privado, destinados prioritariamente aos filhos dos dirigentes da indústria privada..."(3)

Muito rapidamente o sistema esportivo inglês se difundiu no resto do mundo, sendo introduzido formalmente no Brasil ao finai do século passado. Embora o futebol tenha recebido um grande impulso das escolas inglesas no Brasil, como o Mackenzie, essa "regra" não foi seguida por aqui.

A elite brasileira do início deste século atenta a redifinição do país, no bojo do segmento de classe, apresentava o desejo de uma sociedade republicana industrializada e acima de tudo moderna.

Neste contexto de modernização e de assegurar um status ao país de hábitos civilizados, o futebol é importado diretamente da Inglaterra, para não incorrer no risco de ser "abrasileirado". (4)

Nesta época, antes de ser um esporte, o futebol era um acontecimento social. Mas ao longo de sua história aos poucos foi perdendo "os ares de nobreza" e se tornando cada vez mais popular.

Qual então a base de sustentação e difusão do futebol no Brasil, visto que não segue o modelo inglês, onde os clubes tem impulso inicial ligado a colégios e universidades ?

Tendo como passo de fundo estes pontos, e tentando das mais transparência aos nossos argumentos, vamos restringir nosso trabalho em um estudo de caso do futebol na cidade de Rio Claro.

A escolha da cidade se deve ao fato, de que, entre várias cidades da região, as quais apresentam um grande número de coincidências no transcorrer da história, no que tange aos fatores de desenvolvimento - o impulso dado de início pela agricultura, a fase do café, a chegada da entrada de ferro, a colonização - não possibilitou histórias idênticas em relação ao futebol.

Cabe aqui uma pergunta interessante com relação a interrogação maior desse estudo (se o esporte tende a funcionar como um campo específico); porque o ciclo do futebol se estabeleceu de diferentes formas, visto que os fatores responsáveis pelo desenvolvimento dessas cidades da região venham ter vários pontos em comum ? Ou seja, nos parece que o aspecto econômico não foi o único e grande fator determinante para elaborar a história do futebol, outras forças (que em certos casos, possam ter um vínculo muito próximo ao econômico) parecem ter se agrupado para determinar os caminhos do esporte dessa região.

Objetivo

Este estudo pretende verificar se realmente podemos caracterizar o esporte como um campo específico. Será possível, que o sistema de agentes e instituições esportivas tenham um poder próprio para constituir um universo conceituai próprio ? Ou seja, será que mesmo estando articulado aos grandes acontecimentos da história econômica e política o esporte venha a ter uma história relativamente autônoma ?

Para isso, primeiramente realizaremos um estudo para se determinar a partir de que conjunto de condições sociais se pode falar em esporte, no seu sentido moderno, com a finalidade de estabelecer um marco inicial para o nosso trabalho.

A partir daí, o segundo passo de nossa investigação será o de caracterizar os elementos que ao longo da história do esporte possam estabelecê-lo como um campo de concorrência específica. Não se trata de apenas listar esses elementos, mas sim, verificar como influenciam e de que maneira determinam os caminhos da história esportiva.

Dessa forma, a História do Futebol Brasileiro: um estudo de caso - Rio Claro, parece ser um exemplo que possa reunir e oferecer condições necessárias para levantar os dados referentes ao nosso questionamento. Mesmo porque, embora o futebol venha ser "o mais velho esporte praticado em Rio Claro, pois data do século passado", no decorrer de sua história notamos grandes ocilações na sua importância em relação a outros esportes.(5)

Foi assim na década de 40 quando dividiu espaço com o basquetebol, que teve seu impulso dado em uma escola estadual. Repete-se o fato com a natação na década de 50, resultado de esforços de um colégio particular. Nas últimas décadas volta em cena o basquetebol.

Assim sendo, nos parece que um estudo mais detalhado possa reunir e colocar a tona os elementos (os quais supomos existir), que compõe o campo esportivo, para se retirar as conclusões necessárias se realmente o esporte tem seu próprio tempo, o qual permita defini-lo como um campo específico.

Notas Bibliográficas

1. Pierre BOURDIEU, Questões de Sociologia, p.137.
2. Giampiero GRIFFI, História da Educação Física e do esporte, p.250.
3. Pierre BOURDIEU, op. cit., p. 141.
4. Conferir Cláudio BERTOLLI FILHO e José Carlos MEIHY, Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para elite urbana do começo do século in MEIHY, J.C. e WITTER, J.S., Futebol e cultura: coletânea de estudos.
5. Benoni RIBEIRO, Pequena Síntese da história do Esporte, p.287, in TROPPMAIR, H. , Rio Claro: sesquicentenária.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983.
CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial. Ibara, São Paulo, 1990.
----------. Memória do futebol brasileiro. Ibara, São Paulo, 1990.
DIEM, Carl. História de los Desportes. Caralt. Barcelona , vol. 111, 1966.
GRIFFI, Giampiero. História da Educação Física e do esporte, Luzzato, Porto Alegre, 1989.

MEIHY, José Carlos e WITTER, José Sebastião. **Futebol e Cultura: coletânea de estudos.** Convênio IMESP/DAESP, São Paulo, 1982.
PENTEADO, Oscar de Arruda. **Rio Claro. Coletânea História.** Franciscana, Piracicaba, 1977.
PIGNATARO, Lucia Capri. **Imigrantes alemães em Rio Claro e seus descendentes.** Impressão no Arquivo histórico de São Paulo, 1988.
----------. **Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes.**Impresso na Gráfica da Prefeitura de Rio Claro, 1988
TROPPMAIR, Helmet e outros. **Rio Claro, Sesquicentenária.** Imprensa Oficial do Estado S/A IMESP, São Paulo, 1979.

DIMENSÕES DO ESPORTE E DO JOGO

Luiz Alberto Pilatti
Universidade Estadual de Ponta Grossa/CAPES

ABSTRACT:

"Dimension of the sport and of the game".

This text discuss the knowledge about the game and sport. It is related with concepcts about game and sport, starting theoretical points based in Marx, Weber, Thompson and Bourdieu.

That discuss will be possible to establich relations about its knowledge and its real difference between the sport and the game. It's a time questions.

É difícil precisar quando e como os exercícios corporais utilizados sobre a forma de jogos (tradicionais, populares ou religiosos) tomaram a forma de exercícios corporais de elite (entendidos aqui como esporte). Essa passagem designa, sem dúvida, um fato novo, que se identifica como um processo complexo diretamente ligado a utilização do tempo.

Até aproximadamente 1650, particularmente na cultura ocidental, a forma de se compreender o tempo estava diretamente ligada aos fenômenos da natureza, o tempo chamado de natural determinava o ritmo de vida das pessoas. Nesta sociedade, os exercícios corporais eram utilizados normalmente em ocasiões especiais, com a finalidade de celebrar acontecimentos ou simplesmente lazer.[1]

A partir da metade do século XVII a forma de se compreender o tempo, sofre transformações, o tempo dito natural, gradativamente vai deixando de determinar o ritmo de vida das pessoas, em função de um ritmo autômato, determinado pelo relógio. A mudança do controle do tempo social, começa a produzir alterações, significativas na sociedade da época, a principal delas foi a mudança da disciplina do trabalho.

Estas transformações determinaram um fracionamento gradativo do tempo (hora, minuto, segundo...); antes o tempo natural era mais adequado por ser humanamente mais compreensível que o tempo medido pelo relógio, comum a

[1]O núcleo das idéias a respeito do tempo natural e autômato foram extraídos do texto de E. P. THOMPSON: O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial, in: Trabalho, Educação e Prática Social, Artes Médicas, 1991, pp. 44-93.

uma sociedade que tinha as mesmas obrigações e porque o relógio não impunha a idéia de urgência.

Com a fracionalização do tempo, as relações do controle do tempo social ficam cada vez mais complexas, a venda do trabalho é progressivamente determinada pelo relógio, e não mais em função de tarefas. Neste momento ocorre uma gradativa ruptura no ritmo de vida das pessoas, com a passagem do ritmo natural para o ritmo autômato, o que determinou mudanças profundas na sociedade da época.

Não obstante estas transformações, a contagem de tempo foi uma forma de distinção de classes durante muito tempo, a medida que um relógio era um luxo de difícil aquisição, apesar de ser ainda um instrumento bastante impreciso.

A medida em que o relógio em sua evolução, torna-se cada vez mais uma necessidade, vai ganhando exatidão, o que proporciona um maior sincronismo no trabalho. Esta passagem esta diretamente ligada a revolução industrial.

Antes da grande indústria mecanizada, o tempo do trabalho era medido em relação as tarefas, o que determinava um ritmo irregular de trabalho, até em função do próprio calendário, que somente se estruturou de forma mais próxima a atual, depois da revolução industrial.

Minimamente pode-se dizer que o mais significativo dentre os fatores que determinaram a revolução industrial foi o desenvolvimento da maquinaria, substituindo a figura histórica do mestre (profissional que tinha o conhecimento global de todo o processo de produção) e suas ferramentas.[2]

Paralelamente a este processo ocorre uma fracionalização do conhecimento a medida em que o mestre e sua ferramenta são substituídos pelo operário (profissional que domina uma das partes do processo de produção) e pela máquina.

A partir da revolução industrial o ritmo de vida da humanidade é alterado definitivamente, notadamente o ritmo natural (determinado por fenômenos da natureza) perde sua aplicabilidade, para que o ritmo autômato (determinado pelo relógio) de marcação do tempo se torne universal, com o trabalho ganhando um ritmo regular.

Essas mudanças do ritmo, possibilitaram um momento bastante significativo, intrinsecamente determinando a própria história do jogo e do esporte. A questão do tempo e a evolução da maquinaria produziu transformações tais que, contemporaneamente não se concebe um atleta ou um esporte de competição no ritmo natural, ainda que alguns esportes não tenham o cronômetro como baliza de sua duração, como não é adequado pensar em um jogo balizado pelo ritmo autômato.

Ao mesmo tempo em que as máquinas sistematicamente foram deixando de ter seu funcionamento determinado pelo ritmo dos artesões, o movimento humano

---

[2]Na leitura de Karl MARX é explicitada uma nova forma de se compreender o tempo, para MARX o tempo é medido em função do ritmo de produção; ver O capital, livro 1: O processo de produção do capital - capítulo XIII - A maquinaria e a indústria moderna, Bertrand Brasil, 1989, pp. 423-533.

em outra dimensão teve seu ritmo alterado, o que de certa forma é a própria história da Educação Física e do esporte, essa lógica permeou uma inversão de valores, tal que, as máquinas passaram a determinar o ritmo de vida das pessoas, e os padrões de movimentos esportivos (movimentos tecnomotores específicos) a existência da própria Educação Física.

Estas duas formas de compreender o tempo, a partir das visões de Marx e Thompson, se assemelham de certa forma, em muitos pontos fornecendo uma visão que pode, mesmo inadequadamente, ser chamada de uma visão comum, particularmente nas sociedades capitalistas. Em última análise, Marx dimensiona o tempo pelo ritmo de produção (do trabalho) e Thompson estabelece uma dimensão do tempo em função dos ritmos naturais e autômato; tanto Marx quanto Thompson convergem para a revolução industrial.

Não obstante esta ser a dimensão comum dada ao tempo, existem possibilidades diferenciadas de seu entendimento. Uma destas possibilidades de entendimento do tempo é explicitada na leitura de Weber.[3]

Para Weber tempo é dinheiro, assim não se controla mais o tempo só pelo relógio, controla-se também pelo dinheiro, o que de certa forma, reduz a vida a dinheiro. Nesta dimensão a tese de Weber é que o capitalismo se tornou possível a partir da reforma religiosa (elo estrutural), porque nos padrões da igreja católica era inviável sua estruturação.

Neste entendimento o grande acontecimento da história não foi a revolução industrial, foi a reforma religiosa, que deu origem a uma nova ética, onde ganhar dinheiro não é mais pecado, pois quem ganha dinheiro pode servir melhor a Deus, assim contextualizado o pecado ganha uma nova dimensão, que é ganhar dinheiro não é pecado, pecado é o consumo inadequado do dinheiro.[4]

Dando uma nova dimensão aos posicionamentos de Weber é possível dizer que as pessoas podem usar seu tempo para ganhar dinheiro (trabalhar) ou como lazer (fator compensador da atividade básica), o que em última análise, proporciona melhores condições para se executar a atividade básica. Este entendimento do tempo, permite uma maior amplitude a Educação Física e ao esporte, a medida que é tanto profissão, quanto fator compensatório.

Essas passagens são significativas para entender a história do esporte, num contesto mais amplo; a revolução industrial e a reforma religiosa, bem como os componentes que a determinaram, como o controle do tempo e o dinheiro, estão intimamente ligados a história, do que se chama de esporte moderno.

Esta amplitude pode ser discutida a partir da leitura de Bourdieu[5], onde é possível definir o esporte moderno como um conjunto de práticas e de consumos

---

[3] ver Max WEBER, A ética protestante e o espírito do capitalismo - capítulo II: O espírito do capitalismo, Pioneira Editora, 1967, pp. 28-51.

[4] Ibid., - capítulo V: A ascese e o espírito do capitalismo -, pp. 111-32.

[5] Pierre Bourdieu, Como é possível ser esportivo?, in: Questões de sociologia, Marco Zero, 1983, pp. 136-53.

esportivos oferecidos aos agentes sociais para suprir uma demanda social; desta forma o esporte tem uma lógica própria e uma história própria, constituindo-se um sistema de instituições e de agentes, direta ou indiretamente, ligados à existência de práticas e consumos esportivos.

Este corpo, cada vez mais especializado, tendeu a funcionar como um campo, composto por instituições públicas e privadas, que defendem e representam esportitas de determinada modalidade, elaboram e aplicam normas que regem estas práticas, até produtores e vendedores de bens e de serviços necessários à prática de determinado esporte e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e bens associados, direta ou indiretamente ligados ao esporte.

Assim este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência, onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados as posições que ocupam.

"... não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica."[6]

Desta forma a história do esporte, surge a partir do momento em que se constitui um campo de concorrência no interior do qual o esporte apareceu, definido como prática esportiva, irredutível a um simples jogo.

O que permite afirmar que é um equívoco dizer que a história do esporte está ligada com a Grécia antiga, não obstante, ser esta a origem de atividades físicas similares aos movimentos também utilizados no esporte moderno.

Neste sentido constitui-se um campo esportivo, proveniente de uma ruptura (progressiva ou não) das atividades ancestrais (jogos), até se constituir num campo de práticas específicas com lutas próprias, onde se coloca e investe toda uma cultura ou uma competência específica. Nele o jogador não é o mais significativo, o importante passou a ser o local mais adequado para expor este jogador (produto-atleta) a mídia, assim, os atletas passaram a ter de representar a si próprio e a empresas, transcendendo o próprio esporte.

Para caracterizar a ruptura jogo/esporte pode-se dizer que, os exercícios corporais de elite foram separados das ocasiões sociais ordinárias, às quais os jogos permanecem associados, simultaneamente a fracionalização cada vez mais significativa do balizar do tempo, determinou o surgimento dos campos esportivos, que são em última análise, uma superação do próprio esporte.

Esta estrutura persiste até os dias de hoje, assim existem esportes que foram inventados e, tornaram-se esporte moderno a partir do momento que seu campo

---

[6]Ibid., p. 137.

esportivo foi organizado e jogos que permanecem em sua evolução, até sua estruturação enquanto campo esportivo, desta forma surge uma fronteira móvel entre o jogo e o esporte delimitada pelo campo esportivo.

E mesmo o esporte moderno sendo, em alguns casos, uma evolução do jogo, o jogo continua existindo em sua rica multiplicidade de aspectos. A discussão central está inserida na relação esporte/jogo; que em nosso caso, prioritariamente, esta relação possibilita a configuração e estrutura de uma possível pedagogia do esporte.

Bruhns, faz distinção entre jogo e esporte, dizendo: "Partir da premissa de que esporte e jogo são similares, é colocar este último fenômeno dentro de certas restrições pré-determinadas como imposição de regras, modelos, busca de rendimento, recordes, medalhas, juizes, capitães, etc., que se por um lado caracterizam aparentemente o esporte, acabam descaracterizando a atividade lúdica que representa componentes como a espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade, etc., com características culturais próprias."[7]

Apesar de correto o posicionamento de Bruhns, tais conceitos oferecem alguns problemas, na medida em que o esporte se tornou esporte moderno é inadequado pensar que o jogo manteve suas características históricas, para somente o esporte transcender a si próprio. Neste processo histórico a fronteira móvel do jogo e do esporte, esta inserida particularmente nas relações do trabalho e do esporte, a medida que um se tomou quase igual ao outro, assim na relação jogo/esporte, a característica intrínseca ao processo é o profissionalismo.

O jogo evoluiu, e esta evolução tem de ser percebida. Hipoteticamente é possível afirmar que a única distinção significativa, ainda existente, entre o jogo e esporte seja o fator tempo. Indo além, pode-se dizer que o jogo transcendeu a si próprio, assim, falar hoje de jogo e de esporte pode não ser mais adequado, talvez seja mais coerente falar do jogo do esporte e no esporte profissional.

A própria questão do jogo e do esporte não foi superada conceitualmente. A idéia do jogo, ainda nos dias de hoje, esta intimamente ligada a escola, enquanto que a idéia de esporte, esta ligada ao clube. O que não é satisfatório na medida em que a educação formal, informal e não-formal apresenta em sua própria estrutura características similares.

Montagner[8] faz a seguinte classificação: "Educação Formal ou Escolar: Aquele que se realiza através de agências tecnicamente orientadas para este fim, as escolas. Educação não-formal ou Extra-Escolar: corresponde a qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal de ensino, voltada para clientelas mais amplas que a dos jovens e visando fornecer tipos selecionados

---

[7]Heloísa T. BRUHNS, O jogo e o esporte, Revista da Festur, v. 3, n. 1, 1991, pp. 9-11.

[8]Paulo César MONTAGNER citando Demarti e Lang classifica os diferentes tipos de educação em Esporte e Educação: O Basquetebol de Competição, Dissertação em fase de conclusão apresentada para exame de qualificação à UNIMEP, 1993, pp. 2-3.

de conhecimentos a grupos particulares de população. Educação informal ou Difusa: Corresponde ao processo de sociabilização que se realiza ao longo de toda a vida, em casa, no trabalho, no lazer ou por outras vias e que não é especificamente organizada para propósitos de aprendizado."

A Educação Física é provavelmente, uma das poucas, senão a única área de conhecimento, que atua em todos os campos da educação. O que deve ser percebido é que neste contesto é possível questionar a própria estrutura do esporte, a medida que não existe um tipo característico de atividade, que é tão e somente destinado a este ou aquele local; assim tanto o jogo como o esporte são possíveis no clube e na escola, bem como fora da escola e do clube ou ainda na educação formal, não-formal e informal.

O jogo opõe-se habitualmente ao trabalho, pensando assim a questão, não liga bem com a escola, que em última análise é o local de trabalho infantil. Não obstante, o jogo pode ser uma forma de trabalho escolar, que pode fornece instrumentos a educação e a formação.[9]

A materialização da idéia de que, é possível aprender (trabalho) jogando, propiciou nas escolas o surgimento de uma pedagogia dó jogo e pelo jogo[10]. Desta forma o jogo foi sociabilizado, o que deu a está pedagogia aplicabilidade e legitimação na escola, o que coloca o jogo tendencialmente na reprodução da sociedade em que o jogo se insere, para conduzir as crianças ao seu ofício de homens na sociedade adulta.

A sociedade que o jogo reproduz, estabelece uma proximidade muito grande com o esporte. A competição que sempre existiu tanto num quanto no outro, passou a ter características comuns a medida que, ganha-se ou perde-se, procurando ganhar (é utopia falar: jogar por jogar); outro ponto significativo nesta proximidade é o fato de que o jogo só existe quando assentado em regras obedecidas, que acarreta em obrigações técnicas. Assim fundamentalmente o jogo e o esporte podem ser iguais.

O argumento de Bruhns, que defende o jogo como um instrumento adequado e fundamental da Educação Física para a educação nas escolas (muitas vezes em detrimento ao próprio esporte), parece ser contraditório com seu próprio argumento, a medida que jogar: "... é uma acção livremente escolhida, não resultando de qualquer espécie de fim "interesseiro", isto é, exterior a si próprio. Ninguém manda alguém brincar sem cair no absurdo; jogar também não é um imperativo social imposto aos indivíduos."[11]

O jogo na escola apresenta para a criança um mundo já feito e terminado, cujas as regras de funcionamento já estão estabelecidas, sendo portanto imutáveis, um mundo regulamentado e emburguesado; o que determina uma interessante

---

[9]O núcleo das idéias a respeito do jogo foram obtidas a partir do livro Na escola do jogo, escrito por P. FERRAN, F. MARIET e L. PORCHER, Lisboa, Estampa, 1979.

[10]Ibid., p. 12.

[11]Ibid., p. 66.

possibilidade de discussão, a medida que estas são as críticas feitas ao próprio esporte na escola.

No processo de gradativas transformações e adaptações que fazem parte da história do próprio jogo, este sofreu críticas no próprio processo educacional, uma das críticas mais sérias, foi feita por Freinet [12]: "... dado que, em suma, basear-se toda uma pedagogia no jogo é admitir implicitamente que o trabalho é impotente para assegurar a educação das novas gerações.".

O que para o autor é uma verdadeira abdicação pedagógica, assim: "Utilizar o jogo na aula é portanto uma espécie de demissão, uma fuga perante a verdadeira dificuldade que caracteriza o autêntico ofício de educador, a saber a vontade e o esforço a produzir para levar os alunos a tirarem tanto prazer do trabalho como do jogo, precisamente porque a existência humana, social, é essencialmente constituída e valorizada pelo trabalho e orientada para ele. O jogo na escola, utilizado pedagogicamente, fornece uma solução de fertilidade que, além disso, é inadequada ao objectivo primordial de toda a formação: preparar a criança para a vida pela própria vida."[13]

Um dos problemas do jogo na escola é fato de que este é utilizado de forma unilateral e fechada (característica do esporte), o jogo adequado a escola deveria ser aberto, menos complicado e acabado (diferente do esporte), aliando as características do esporte e do jogo. Não obstante, tais concepções não são compatíveis com a concepção do comércio de jogo e sujeição de mercado, neste processo deve ser percebido que a Educação Física não muda a escola e muito menos a sociedade, ela é no máximo um componente do processo educacional.

Em última análise, jogo e esporte enquanto conteúdos da Educação Física escolar, na prática são quase a mesma coisa ou ainda em muitos momentos são a mesma coisa. Me parece, necessário haver uma unificação (ou atualização) conceituai destas duas palavras, que de certa forma se confundem tanto na prática como conceitualmente. Outro ponto bastante claro é que, o jogo existe na escola em horários livres e nos recreios, na Educação Física, o jogo é uma forma menos elaborada do esporte.

Esta proximidade conceituai esta fundamentalmente ligada ao tempo (que pode ser definida como uma baliza) entre o jogo e o esporte, e ao dinheiro que é inegavelmente a baliza entre o jogo do esporte e o esporte profissional, assim não é mais possível pensar em jogo e esporte, sem pensar nestas questões.

---

[12]Ibid., p. 72.
[13]Ibid., p. 72.

ESPECIALIZAÇÃO DESPORTIVA E A INDUSTRIA

MARIZABEL KOWALSKI
Fafig/Unimep/Capes

ABSTRACT:

"The specialization sportive and the great industry".

The present study, emphasize first the industry and the specialization of the human movement, the introduction of the machinery at instruments to time control and the influence of the science.
In second moment, to aim at the time relationship to play and the sport. The choice of a sportive modality and the questionament of the objectives of the social programs of initiation sportive.
The third moment, focalize the problem of the "elimination of the least apt" characterizely the "sportive specialization" and the context social, economic and cultural in etabilishiment to standart of selection.

O presente estudo, enfatiza primeiramente a indústria e a especialização do movimento humano,da introdução da maquinaria a instrumentos de controle do tempo e a influência da ciência. No segundo momento visa o tempo relacionado ao jogo e o esporte.A escolha de uma modalidade esportiva e o questionamento dos objetivos dos programas sociais de iniciação.No terceiro momento enfoca o problema da "eliminação dos menos aptos"caracterizando a Especialização Desportiva e o contexto sócio-econômico e cultural no estabelecimento de padrões de selecionamento.

A especialização não é uma caracterfstica da indústria nem só do esporte moderno.

Parece que nunca foi difícil descobrir que alguns homens eram melhores para correr,outros para lutar,saltar ou arremessar.Tanto nas sociedades primitivas quanto na Grécia Antiga este fato já tinha sido considerado.A diferença essencial em relação ao esporte atual é que a especialização caracteriza-se por receber incentivo da ciência e da indústria.

Com a Revolução Industrial,além da fragmentação do trabalho,o aumento da destreza especffica originária da dedicação a um único segmento do processo industrializador,o surgimento da máquina foi primordial. A facilitação do trabalho reduz o tempo de sua realizaçáo,permitindo a um só homem produzir por muitos.Ligado a uma máquina e a uma só tarefa,acaba por adaptar-se aos

métodos para melhor realizá-la,aperfeiçoando seus movimentos e especializando seu trabalho.

De artesão para assalariado,submete-se real e formalmente ao capital e à ciência a seu serviço.Torna-se operário,tem suas necessidades determinadas pelo processo produtivo da maquinaria.

Com o crescente desenvolvimento desta maquinaria,o homem à disposição da indústria tem o tempo limitado por suas tarefas.No início condicionado totalmente aos acontecimentos da natureza(nascente,poente,chuva e estações do ano,colheita e plantio)diretamente relacionados aos fatores climáticos.

Da necessidade de aparelhagens mais precisas de medição deste tempo,surgiu o relógio,máquina precária e com exatidão discutível.Mais tarde dominava a vida nas cidades mercantis.

A união desses acontecimentos,a necessidade do controle do tempo,a capacidade humana de aprender e criar,o desenvolvimento tecnológico,inventando e aperfeiçoando instrumentos para medir e fracionar,surgem relógios com capacidades de pormenorizar não só as horas de um dia,mas os minutos da hora,o segundo do minuto,o décimo,centésimo,o milésimo... .

O relógio,uma maquinaria,criado para a indústria,transforma-se em símbolo de aperfeiçoamento de movimentos humanos para o alcance da maximização,ecônomia,eficiência e rapidez(mede-se,soma-se e divide-se tudo:distâncias,velocidades,pesos,alturas e o próprio tempo).

Aprendemos à administrar o tempo de nossas vidas,levamos nove meses para nascer,nascemos em dias e horas determinadas.Temos tempo de desenvolvimento característicos(tempo biológico,cronológico,)temos os tempos das infâncias,da pré e da adolescéncia,da juventude,do acasalamento,de ser adulto e de ser velho.Temos tempo de brincar,jogar e praticar esportes.

Temos como consequência dessa capacidade de dividir e multiplicar a contagem do tempo,a idade,e com ela certas limitações em certas épocas da vida.Uma dessas limitações é o esporte.

TEMPO DE VIDA,TEMPO DE JOGO E TEMPO DE ESPORTE

O crescimento e desenvolvimento humano representa as duas primeiras décadas da vida.A utilização deste tempo para amadurecer faz com que o indivíduo permita aos mecanismos adquiridos adptarem-se à natureza.

Como organismo unitário,cresce e se desenvolve,do ponto de vista físico e mental,de forma esquematizada e previsível,cumprindo etapas progressivas à medida que vão ocorrendo modificações e maturação do organismo.

Estas etapas são ações repetidas,utilizadas para realizar construções maiores registradas como símbolos que podem vir a gerar o conhecimento de determinada capacidade.Essas construções simbólicas,em forma de ações

formam o jogo que são meios de aprender repetidos e conservados por longo tempo.E a partir que o jogo se torna especialmente da espécie humana,regras determinadas,normas sociais e culturais e a determinação do tempo,transforma-se em esporte.

O esporte e o jogo como campos de aprendizagem e conhecimento,compõem fases distintas na vida do ser humano.Estas fases possivelmente estão envolvidas com acontecimentos emocionais,afetivos,maturacionais do desenvolimento.

Para MALINA(1984):

"A adequada preparação para a prática desportiva pode ser definidaem termos de confronto entre o nível de crescimento,maturação e desenvolvimento da criança,por um lado,e as tarefas/exigências colocadas pela atividade desportiva,por outro lado".

O fato de a maturação,o crescimento e o desenvolvimento estarem relacionados entre si,a associação que se estabelece entre o tamanho(dimensões)do indivíduo e o respectivo comportamento motor é uma posição que se vê defender com muita frequência no desporto.Porém,a amplitude da variação individual é de tal ordem que o crescimento,a maturação e o desenvolvimento verificados,raramente são os mesmos quando comparados os indivíduos ou grupos de mesma faixa etária.

A diferenciação de crescimento e maturação entre indivíduos de mesma espécie e mesma faixa de idade esta relacionada com a idade biológica e cronológica.

Para HOLLMANN e HETTINGER(1981):

"A idade biológica entre meninos de 13 anos pode variar de até 03- 04 anos e,em meninas da mesma idade ate 03 anos.Encontramos crianças de 10-11 anos,aptas ao treinamento especifico e,outras com 14-15 anos que precisam de mais tempo para enquadrar-se.E comum também encontrar com idade cronológica de 12 anos e idade biológica de 10 e 15 anos".

Esta consideração toma-se importante a partir do momento em que se dá ênfase ao fator tempo e o fator seletivo para a busca do talento esportivo,caracterizando a especialização desportiva(todo repertório motor formado até certa idade e dirigido para uma única modalidade esportiva).

O fator seletivo que impera em separar vencedores de perdedores,aptos de não aptos,líderes de subordinados,inicia-se na infância;rotulado por fases do egoísmo,da predileção....Primeiro na família,mais tarde na escola e depois no esporte.A própria cultura humana(conjunto de conhaecimentos adquiridos através do relacionamento homem ambiente)cultiva um desencadeamento entre"heróis e vilões",transmitindo seus efeitos a cada espaço de tempo.

O selecionamento desportivo é um contexto do fator seletivo estipilado por valores sócio-econômicos,políticos,culturais e por determinantes técnicos pré-estabelecidos.

E a condição pela qual se passa no processo de recrutamento,de adequação e de constituição de equipes infantis e juvenis,dos quadros competitivos oficiais das modalidades esportivas.

As pesquisas e as descobertas no campo da Educação Física e Desportos,na fisiologia,na biomecânica,fornecem informações e instrumentos mais precisos para o desnvolvimento técnico que passaram a ser adaptados na formação do atleta da atualidade.

Com este crescente avanço ,utiliza-se destes meios específicos para julgar a criança apta ou possível talento esportivo(um conjunto de capacidades qualitativas reunidas numa só pessoa),onde a escolha dos melhores é determinada por forças sociais,econômicas e políticas com apoio da ciência.

O esporte de rendimento ao evidenciar os treinamentos,competições,calendários esportivos,estabelece faixas etárias distintas(mirim,infantil,juvenil,juniores,adulto,veteranos)e outras variantes como padrões de selecionamento para esta prática,estabelecendo quem entra em campo,na quadra ou na pista e quem ficará na torcida.

Considerando que o resultado final de uma competição e uma desigualdade muito grande,alguns recebem a valorização,o prêmio,ao passo que muitos ao passarem por este processo são excluídos.

Situações questionáveis que levam a pensar,segundo BRIGATTI(1993),se todas as atribuições feitas ao esporte através de "slogans"como:"Esporte e Saúde","Esporte e Vida",e outros são na prática,verdadeiros?

Até que ponto são válidos os objetivos dos programas sociais de iniciação esportiva para crianças e adolescentes?

Programas como o PRIESP,da Fundação Roberto Marinho(1978),o RECRIANÇA da Secretaria de Assistência Social do antigo Ministério da Previdência(1987)e no Paraná o PIM em Curitiba e o ADHEMAR FERREIRA DA SILVA,em Ponta Grossa,mantido pela Prefeitura e Ipiranga Serrana,desde 1985 vem desenvolvendo atividades de iniciação esportiva,cujos objetivos se fixam na massificação e igualdade social.

Todas essas atribuições ao esporte são sem dúvidas uma das chaves de divulgação do mesmo.Parece que,o que tem conturbado e extrapolado esses objetivos são as situações ou a maneira como este vem sendo desenvolvido.

O INICIO DO TEMPO DO ESPORTE

No entendimento dos programas de iniciaçáo,na necessidade de vir a ser um agente multiplicador nas localidades,o esporte está no lugar de lazer na sociedade industrial modema.Os que chamam de supérfluo ou eletista,acham-se tomados inteiramente pela idéia de que lazer e sinômimo de ócio e, associa também as classes de algum poder aquisitivo,também chamadas ociosas.Nesta relação desinteressada e não utilitária o esporte se distancia do trabalho.

Considerado uma atividade da juventude ou da classe ociosa.porque o esporte tem grande importância nas classes populares?

Nos programas de iniciação desportiva a idéia de que o esporte é parte importante de um projeto educacional,de que e instrumento pedagógico está presente como objetivo desde o início. Para ZALUAR(1991,pg.20,21)a associação entre esporte e pedagogia não se dá no mesmo nível nem da mesma maneira,nem nos projetos,nem na prática dos educadores:

"Se a criança ou o jovem é de fato alvo de interesses da ação educativa ou se o que está acontecendo em questão é o bem estar dos adultos,amedrontados com a possibilidade da violência que vem da rua,também está destruindo os jovens e as crianças que nela vivem".

Na comparação de modelos similares que mostram dispostos a utilização social do esporte como meio de formação educacional,projetos concebidos como programas de massificação esportiva destinados a atingir,com seus benefícios,jovens e crianças de faixa etária específica,com o propósito de levar o esporte a grupos populares de baixa renda onde as crianças não têm ou não podem ter acesso a clubes,nem frequentam escolas dotadas de infra-estrutura adequada para este tipo de prática.

A opção pelo esporte parece residir em seu caráter mais ajustado à necessidade de convivência grupal ao ar livre e mais adequado aos valores e preferências da maioria significativa dos jovens que veém no esporte a descontração e a motivação que as outras atividades parecem não ter.

A afirmação de que o esporte seria uma atividade secundária ou terceária onde o jovem vê primeiro a escola que disputa espaço e tempo com o trabalho e por último o esporte,de fato,o esporte esta fora de produção de bens materiais e do trabalho produtivo.

O esporte moderno faz parte de um campo de conhecimento esportivo que se diferencia do jogo ritual ou divertimento,pois exige um corpo de conhecimentos e equipamentos específicos,e a separação entre o profissional e o leigo.

E esse aspecto do esporte moderno que marca o sonho de virar atleta dos jovens das classes baixas atraídos e frustrados por ele.

Segundo BOURDIEU(1983,pg.142):

"E aqui que se depara com o limite do igualitarismo inerente ao esporte como jogo social baseado em regras universais.Pois,esse acesso continua desigual nessas propostas massificadoras,haja visto a qualidade dos equipamentos e dos conhecimentos passados e dos horizontes limitados na própria proposta dos projetos desportivos".

A capacidade de mobilização desses programas desportivos,parecem estar relacionada com o sonho de ascenção social através do esporte que favorece os jovens pobres,arrancando esses meninos do seu destino de vir a ser operários.

Mas o que fazer com o menino que ao atingir a faixa etária determinada pelo programa,não couber no sistema de especialização?

Sistema que não assegura o não apto a continuar com o esporte como jogo ou lazer,por frustração e,também não assegura ao jovem apto acesso ao clube especializado.

A massificação do esporte,finalidade destes programas esportivos,além de criar um mercado de demanda por grandes espetáculos para grandes massas,tem como efeito segundo BOURDIEU;

"A tendência dos membros das classes populares,especialmente em países muito marcados pelas diferenças de poder aquisitivo,e tornarem-se espectadores do grande espetáculo esportivo por não ter acesso aos clubes,onde os membros das classes superiores podem continuar a praticar os esportes após a adolescência".(pg.144).

Também considerado um ponto de estrangulamento nos programas esportivos voltados exclusivamente para a massificação do esporte,que não conseguem resolver os problemas da sociedade desigual e abrir os clubes para os atletas pobres.

Outro ponto é que os fatores de cultura e as circunstâncias que rodeiam a prática desportiva reforçam a orientação do trabalho efetuado para a competição.A comunicação social destaca"quase"e unicamente so os vencedores,geralmente os"medalhados com ouro".

A competição esportiva,o esporte tanto para FREIRE assim como para LENCK,reproduz valores de uma sociedade;princípio que não vejo como poderia discordar,pois quando construímos ou determinamos padrões,marcas,recordes,regras,conceitos,baseamo-nos em condutas e comportamentos estipulados por fatores sociais,econômicos,políticos da sociedade.Porém,esquecemos que necessitamos de uma certa adaptação para a construção de uma nova realidade.Para isso,precisamos de tempo e seleção desses padrões.

O fator tempo poderá nos dizer se sera possível essa adaptação e o fator seletivo será primordial para a construção da nova realidade mas,para o estabelecimento de padrões no esporte será necessário que a finalidade do trabalho seja mais que disciplina.

O capitalismo,citado por WEBER(1967,pg.34),guiando a liderança da vida econômica de que necessita,pela seleção econômica dos mais aptos,escolhe os empreendimentos e trabalhadores de que tiver necessidade,"obriga o individuo,na medida em que ele e envolvido no sistema de relações de mercado a se conformar às regras de ação capitalista".

Seguindo a mesma linha de pensamento no reflexo desta sociedade,considerando o esporte como uma das manifestações sócio-cultural de nosso tempo,incluo o relacionamento entre os aspectos citados e o estabelecimento dos padrões de selecionamento e da idade

alvo,versus,habilidade,idade cronológica e a estrutura corporal no recrutamento de crianças para o esporte de competição utilizado nas escolinhas e clubes especializados. Colocando que a eliminação desportiva é um problema de formação desportiva que consiste na reprovação dos candidatos à atletas e que estes jovens pretendentes,continuam sendo excluídos das atividades esportivas por padrões de seleção utilizados por profissionais de Educação Física e Desportos.

Estes métodos avaliativos de outros países não se adaptam ao nível de formação desportiva no Brasil,devido a falta de iniciação desportiva,seja na escola ou por falta de acesso a um clube,esse padrão pré-estabelecido interrelacionando com a idade alvo(ciclo de vida entre 11-12 e 13-14 anos)e as habilidades,a idade cronólogica e a estrutura corporal,deveria ser repensado.

E possível um padrão de selecionamento condizente com a realidade específica de um país,estado ou cidade?Na continuidade em se visar a especialização de habilidades em modalidades distintas baseadas em critérios de selecionamento universais mas,indiferentes a certos contextos sócio-educativos,visando crianças já iniciadas ou especializadas precocemente,parece anular os aspectos formativos dos programas de iniciação e do esporte competitivo.

Para FREIRE(1992),o grande desafio do professor,quer esteja no campo desportivo ou na escola,quer ensine matemática ou basquetebol é:

"...conseguir ensinar a todos,o feio,o bonito,o forte,o fraco,altos e baixos,pobres e ricos.E mais,não basta ensinar a todos,é preciso saber ensinar bem a todos.E isso ainda não basta:além de ensinar a todos,e bem,é preciso que o professor de esportes saiba ensinar, ensinando esporte,mais que esporte".(pg.306)

O esporte faz parte da vida,e não ao contrário.A criança deve ser orientada para o futuro para ser ou não esportista através do esporte,porém a conservação do valor educativo deverá ser aprendido;valor humano fundamental a sua existência;tomando-se pelo esporte mais hábil,mais inteligente,afetivo e social.Torná-lo recurso pedagógico dos mais apropriados,valorizando sua universalidade como fenômeno comum de muitas culturas.

O que parece ser o problema da iniciação desportiva tanto nos programas quanto na escola ou clube e a necessidade de uma "metodologia própria".O desenvolvimento da iniciação do esporte que não comprometa os padrões de movimentos corporais(o esporte cultivado por longo tempo formando uma cultura comum de entendimento universal).

E na análise da estrutura sócio-econômica da sociedade capitalista,que tem o esportista e o movimento esportivo inseridos no contexto social BOURDIEU(1983),ao abordar o fenômeno social esporte moderno no aspecto mercadológico,nesta nova forma de espetáculo assumida pelo esporte,serviu para a criação do comércio ao seu redor.

A transformação do esportista em assalariado e o caráter de mercadoria.a intervenção da ciência e da técnica nesse processo de mercadorização do esporte,ampliando sua reprodução e autonomia em relação a seus produtores,como no sentido de fundamentar um novo movimento corporal humano que se adapte melhor à forma de espetáculo,tornando mais fácil sua inserção no mercado e proporcionando a geração de um mais alto valor de troca.

Para melhor análise desse fenômeno social o autor ainda sugere o estudo das condições históricas e sociais que permitem a criação de um Sistema Desportivo Internacional que normatiza as ações que deverão ser desenvolvidas pelos esportes de aceitação popular,bem como do "merchandising",gerado pela demanda que consome os produtos,em troca da venda da imagem do produto a ser consumido e que interferem em outros espaços(sóciais,ecônomico,cultural e educativo).

FREIRE(1992)afirma:

"Não se pode falar de esporte como um caso à parte da vida.Pelo contrário,é uma de suas manifestações,e das mais ricas.Não se pode negá-lo nos dias atuais,tanto não se pode querer compreendê-lo à margem dos sistemas que envolvem o homem e a natureza...e a marca de um fenômeno cultural considerável,que tem o poder de envolver multidões de povos diversos,falando-lhes numa língua comum, portanto, envolvendo-os numa cultura comum".(pg.305).

Cada vez mais o esporte se distancia do jogo para se transformar numa atividade complexa e de carater econômico.A finalidade da iniciação à prática esportiva não pode perder seu caráter precursor,iniciador e recreativo.Pelo contrário,pode vir a favorecer a comercialização ao incentivar prematuramente o esporte competitivo na infância.O elemento competitivo parece se fazer presente com maior ênfase nos programas de iniciação desportiva que reflete na escola,no clube e na vida do indivíduo(tanto na escola,no jogo,os programas de inciação esportiva,o esporte,compreendem um tempo de vida do homem).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero,1983.

_____.Programa para uma sociologia do esporte. Coisas Ditas. São Paulo: brasiliense,1990.

BRIGATTI, E. Algumas reflexões sobre o esporte, 1993.

COMUNIDADE ESPORTIVA.1ºCongresso Brasileiro,1ºCongresso Panamericano de Esportes Para Todos.Rio de Janeiro.nº19 ano III,jul/ago,1982.

_____.Congresso EPT em Curitiba.Rio de Janeiro.nº21 ano III,nov/dez,1982.

_____.Fatos do EPT.Rio de Janeiro.nº22 ano III, jan/fev,1983.
_____.Quintal Comunitario,EPT nas Universidades.Rio de Ja neiro.nº23 ano III,mar/abr,1983.
_____.II Congresso Brasileiro de Esportes Para Todos. Rio de Janeiro.nº24/25/26- Informativa,ano III,mai/out,1983.
_____.II Congresso Brasileiro de Esportes Para Todos: não formal.nº27/28- Tecnica,ano IV,nov/fev,1984.
FREIRE, J. B. Da criança, do brinquedo e do esporte. Revista Brasileira da Ciência e do Esporte.Educação Fisica:Ensino.v.13,nº02,jan,1991.
KEMP,N.H.Treino Desportivo.No desporto dos jovens os verdadeiros campeões.VIII,nº21, Lisboa,1991.
KUNZ,E.Educação Fisica:Ensino & Mudanças.Ed.INUUI.Ijui,1991.
LENCK,H.Deport.Sociedad<Filosofia:in:Altius,Citius,Fortius.Madrid, INEF,1972.
LIMA,T.Treino Desportivo:A Eliminação Desportiva Precoce.nº14,V.II, Lisboa,1989.
NAHAS,M.V.Comunidade Esportiva:A Competição e a Criança.Rio de Janeiro, V.II,nº15,1981.
THOMPSON,E.P.Disciplina do Trabalho e Capitalismo Industrial.in:Trabalho Educação e Pratica Social:por uma teoria da formação humana.Tomaz Tadeu da Silva(Org.)Porto Alegre,Artes Médicas,1991.
WEBER,Max.Etica Protestante e o Espirito do Capitalismo.São Paulo,Livraria Pioneira Editora,1967.
ZALUAR,A.O Esporte na Educação e na Politica Publica.Revista da Ciência da Educação.Educação e Sociedade.ano XII,abril,1991.

O CORPO E O GÊNERO NUMA ABORDAGEM HISTÓRICO-ANTROPOLOGICA. UM ESTUDO ENTRE BAILARINOS E HALTEROFILISTAS.

Márcio Pizarro de Noronha

ABSTRACT:

Thls text present an approach about the "The body and the gemia in an approacn hiatorical-antropological. A atudy between dancer and power man".

1- Corpo-Discurso e Corpo Ritualizado

O corpo-discurso é aquele que é estruturado a partir de um discurso sobre o corpo, onde é afirmado ou negado, mas não regido por sua fala muda, por sua mímica (sua pantomima) e sim por algo que lhe é exterior, que sempre o conta.

Sofremos de um discurso disciplinar a nível ampliado, seja pela correção postural, seja pela educação (formal e informal), seja pela socializaçao. Como disse FOUCAULT o corpo da modernidade é um corpo disciplinado para a produção (MARX), para fazer falar a sexualidade (FREUD), num exercício pleno de autocontrole, do autodomínio como forma de superação de si mas também, apresentado como o único lugar possível para sermos livres. O que temos é um fenômeno de sacralizaçáo e de corpolatria.

Nas práticas do Halterofilismo e do Ballet, a construção do corpo caracteriza-se por uma PRATICA EXAGERADA DA ATIVIDADE CORPORAL, já que este é o suporte primeiro da relação desses profissionais com o mundo, com o seu projeto de vida, com sua forma de entrada na sociedade, ONDE O DISCURSO VAI SENDO POVOADO DE CORPO POR TODOS OS LADOS. COM O CORPO-DISCURSO o que se faz presente é O ESTEREOTIPO DO QUE FOI NATURALIZADO COMO SENDO O CORPO, do que se formou por REPETIÇAO, pelo TRABALHO DO PODER SOBRE O CORPO, pela RITUALIZAÇÃO.

Portanto, a extrema rigidez do processo de adestramento, de investimento no corpo pelo poder,faz dele o lugar privilegiado da REGRA e do RITUAL, como num determinado tipo de "religiosidade do corpo", um "corpo templo" da beleza física, da força. e, mais ainda, um lugar limítrofe, onde estão reunidos um EXCESSO DE FORÇA SIMBÓLICA (UMA NOÇAO DE THERESE BERTHERAT, TEORICO-

PRATICANTE DA ANTI-GINÁSTICA) e NARCISISMO (VIDAL, 1985: 53).

Daí nasceu a hipótese da existência de um CORPO RITUALIZADO. MARY DOUGLAS considera o corpo o lugar primeiro da ritualizaçáo socializadora, mas também o lugar da expressão dos conflitos (dos dramas) e da dinamicidadedo campo social. Como MAUSS, considerará o corpo como uma expressão social, mas como uma existência que não é meramente desta ordem. O corpo opera como significante da sociedade. Para DOUGLAS, a questão fundamental é que há um pré-existente, que é da ordem ao inconsciente e do universal. EM MAUSS, O CORPO É SEMPRE SOCIAL - NUM PENSAMENTO DE FUNDO KANTIANO, ONDE O QUE SE APRENDE E SE APREENDE NUNCA SE FURTA AS CATEGORIAS DO PENSAMENTO, AS REPRESENTAÇOES. EM DOUGLAS, O CORPO E SOCIAL, LUGAR-SIGNIFICANTE ONDE ESTA IMPRESSO O CODIGO ARBITRARIO DAS SOCIEDADES, MAS TAMBEM, DE QUE ESTE CODIGO ARBITRARIO, SENDO TAO ARBITRARIO ASSIM, ESTA PRE-ESTABELECIDO INCONSCIENTEMENTE E OBEDECE A TÉCNICAS NATURAIS AO SER HUMANO - NUMA VERTENTE MAIS ESTRUTURALISTA, ONDE O INCONSCIENTE E COMICO. ASSIM, AS RELAÇOES ENTRE CABEÇA E CORPO, MEMBROS E TRONCO, ORIFICIOS BERÇO ESTRUTURAIS AO INCONSCIENTE HUMANO, REMETENDO A UMA RAIZ FISIOLÓGICA E NATURAL.

A ritualizaçáo desloca e rearranja os elementos e as regras da sociedade. O acontecimento ritual, como forma diferenciada de falar a respeito de um objeto permite um reconhecimento da tipologia que a sociedade produziu. O rito é redundante. Não é apenas o corpo que nos conta isso, o tabalho de um código e de regras e técnicas. Mas também o relato, a insistência em fazer da fala um lugar do corpo e de sua atividade. Cada bailarino e cada halterofilista que ouvi repetiam e exageravam o corpo nas suas falas, desdobrando-os através da voz. Entre halterofilistas, o mesmo aspecto aparece. De um corpo que abunda em músculos, segue-se o relato deste mesmo corpo, como se para legitimar aquilo que está investido de poder (WEBER), mas também como para homogeneizar (no sentido de hegemonia, em GRAMSCI) pela via do poder as diferentes legitimidades.

No corpo, o trabalho incessante e repetido inúmeras vezes e de modo minuncioso e rígido é o que garantirá a eficácia. Muitas vezes temos também a transferências de representações inseridas no corpo anatômico para alguma parte do corpo e/ou de um objeto associado a ele e que o reforce - assim é a perna em "X" dos bailarinos, o "bíceps" dos halterofilistas, e as malhas justas em ambos. Estes elementos ficam ressaltados, totalizando a experiência do indivíduo e a sua representação.

2- O Corpo-Signo

Nesta ordem de ritualizaçáo, o corpo é eleito um objeto funcional sexualizado, capaz de nos salvar e nos liberar. O corpo é duplicado como

signo, simulacro que lhe dá o estatuto necessário para entrar na ordem da produção (e da auto-produçáo). Neste procedimento ritualizado e nesta economia política dos signos do/no corpo, o que se abandona é a dimensão simbólica. O indivíduo é convidado por todos os lados a habitar a sua própria casa corporal, domando-o e dominando-o. O investimento corporal é de ordem narcísica, o corpo é uma marca registrada e o lugar mesmo da fragmentação.

"Objetivado como instância de salvaçáo pessoal, o corpo vinga-se de seu possuidor. A punição pelo próprio corpo, transmutado em duplo pela barra que separa o sujeito de seu corpo-objeto é o efeito imediato desse movimento de emancipação e de autonomizaçáoformal, pelo qual ele é instituído como valor-signo. E esse antagonismo entre possuidor e objeto possuído que constituio que BAUDRILLARD chama o terrorismo do corpo, e um novo paradoxo:

> o ***corpo enquanto instância ameaçadora*** é ***um território a colonizar; enquanto propriedade privada*** é ***objeto-fetiche, prestando-se a um narcisismo dirigido que se configura como a quintessência das técnicas de domesticação da privacidade."*** ***(MELO, 1988: 1)***

Nos procedimentos ritualizados o corpo significante está condenado a significar, a obter sentido. O corpo como discurso é mais alienado do que o corpo explorado como força produtiva, pois tornado valor-signo erotizado, marcado no seu em si - numa situação de potencial estigmatização do sujeito pelo corpo -, já não é mais para si (do sujeito). O corpo é tal qual feito um objeto, estendendo esta relação a todos os outros objetos.

O que na Idade Média foi a reinvidicação do corpo em relação ao dogma dogma da superioridade do espírito, tornou-se hoje a repressão do espírito, lugar ideal da liberdade, mitologia moderna, parcialidade tornada privilegiada pelo mesmo mecanismo que um dia fez da alma um lugar autônomo.

O sujeito está envolvido numa trama e a sua direção é o outro, afetar o outro e captar algo do outro, do corpo desejante, um pedaço do corpo do outro que é capaz de contar a respeito do próprio sujeito, um fim da possibilidade da troca simbólica na liberação de um desejo isolado na individualidade. O que alcança o corpo-signo é o lugar da mutilação.

3- A Política da Identidade Sexual, a Ambiguidade e o Corpo em Festa.

O que se põe em jogo é a própria sexualidade e com ela a identidade sexual. O corpo do sexo torna-se um artifício, ambíguo a transexual. Se a sexo problematiza a diferença, cada vez mais o corpo se distancia do sexo (e do gozo - pois o corpo em psicanálise é o do gozo), tornado-se indiferente a ele, emudecendo-o por exacerbá-lo numa encenação.

Os bailarinos vivem na encenação o corpo masculino, do gênero. Fora da cena a identidade sexual e a de gênero ficam à deriva, ambíguas. Entre os halterofilistas, a encenação ainda é mais drástica. O halterofilista não tem um lugar da cena, ela se dá em todo lugar, pelo investimento extenso de representação. O halterofilista é um mutante, investe no VISUAL.

> "O ***visual*** é ***uma espécie de imagem mínimal, de definição menor***, como ***a imagem vídeo, imagem tátil*** como ***diria MCLUHAN***, ***que nem provoca*** o ***olhar ou a admiração***, como ***ainda o faz a moda, mas um puro efeito especial sem significado particular.*** O ***visual já não é a moda***, é ***uma forma ultrapassada da moda. Já não apela para a lógica da distinção, já não é um jogo de diferenças, recorre à diferença sem nela acreditar. É a indiferença. Ser torna-se uma performance efêmera, sem futuro, um maneirismo desencantado num mundo sem maneiras..."(BAUDRILLARD, 1990:31)***

Diferentemente do bailarino (que ainda vive num regime parcial da estética), o halterofilista se constrói minunciosamente não para a Arte mas para Mutação, para o "Ser". O halterofilista nos livra da problemática do sexo e do gênero. O bailarino hão. Ele nos relembra, atavés daquilo que fabrica, uma mítica, uma transcendência. O Ballet, como técnica de construção do corpo, não alcança a ambiguidade, não é barroco. E entre eles, no tempo fora do espetáculo, na sala de aula, que a vertigem aparece.

Em linhas gerais. o problema sempre esteve em que a cultura do corpo é uma cultura da exterioridade, diferença primordial no centro de uma cultura que segue as normas e regras de um racionalismo exacerbado,de uma cultura da mente. O que esta cultura buscou foi um modo de obter lugar dentro da sociedade, pagando o preço da sua diferença por uma adequaçáoconstante que, desde o evento da Psicanálise, tornou-se paradigmática. Mas os corpos divinizados pelos seus cultores - nos espelhos que surgem de todos os lados; nos aparelhos e nas barras onde a ausência é a própria presença, pois que foram produzidos sobre o desenho do corpo humano; nas fotografias, nos posters, nas revistas; nas roupas, que marcam ou que ampliam as formas; nas estatuetas de pequenos deuses musculosos, prêmios dos campeonatos: e, finalmente, nos homens que circulam, que levantam pesos, que alongam os músculos, que transpiram no peso e na dança -, desenvolvem também uma AMBIGUIDADE, uma reinvidicação do corpo contra o poder, uma transgressão, um "transe". A AMBIGUIDADE - presente, por exemplo, no fato de que o corpo forte e viril de um halterofilista de campeonato é construído num rígido regime alimentar, onde as carnes vermelhas, o sanguíneo, são banidos e trocados por uma carga mínima de verduras e frutas e um copo de suco de laranja a mais é capaz de provocar uma crise estomacal - pode

instaurar um DEVIR-EFERVESCENTE do corpo (GUATTARI, 1985), uma A-ESTRUTURALIDADE fundamentada na corporeidade. Para além ou para aquém do corpo como valor privilegiado, como veículo de comunicação e como potencial de glorificação individual, no FORA DA VISIBILIDADE DOS ESTEREOTIPOS QUE OPERAMOS, há uma ESFERA DE EFERVESCÔNCIA, de MISTURA-AÇÃO DAS CORPOREIDADES, FEMINILIZANDO O MASCULINO PELO SEU EXCESSO.

> "Ao nível do corpo social, a libido encontra-se efetivamente tomada pelos dois sistemas de oposição de classe e de sexo: ela tem que ser machona, falocrática; ela tem que binarisar todos os seus valores - oposições forte/fraco, rico/pobre, útil/inútil, limpo/sujo, etc. Ao nível do corpo sexuado, a libido está empenhada, pelo contrário, num devir mulher. Para ser mais exato o devir mulher serve de referência, eventualmente de tela aos outros tipos de devir (...)." (GUATTARI, 1985: 35)

Com isto, estou a dizer que, o devir-mulher é arregimentador, eixo paradigmático, de ruptura com o procedimento ritualizador e identificatório (pois, lembremos que GUATTARI e DELEUZE são críticos vorazes das Teorias da Identidade). O devir-mulher é um procedimento nômade, que não quer mais a codificação-decodificação-recodificação dos corpos. O devir-mulher é a operação do teatro gestual do homem em sua masculinidade (entendida como a construção desta, dentro do eixo binário de oposicões masculino/feminino), num deslocamento dos códigos estabelecidos, fazendo surgir este corpo-máscara desnaturalizada. Ou, talvez, melhor, revelando ao corpo a máscara que ele é, regido pelo Outro (do código, da cultura) e desvelando-o para a potência de metamorfose que desta iluminação mascarada provém - potência de jogar, de modelar máscaras, de interpretar, de avaliar as imagens pré-estabelecidas pelas categorias que guiam a construção dos corpos deságuam no exibicionismo publico do corpo - nos campeonatos de halterofilismoe nos espetáculos de ballet -, onde o "corpo feito" será apenas o suporte de outras cadeias de significados derivados e à deriva, que dependerão da encenação - por exemplo, quando o corpo de um homem, construído sob os moldes e medidas do corpo masculino é utilizado como suporte para campanhas publicitárias de produtos femininos, ou vestido de mulher, flutuando intensamente para fora da identidade corporalizada (de homem, de macho, de masculino). O corpo congelado só poderá ser um se quiser ser outros, numa dissolução do eu, numa perda da identidade pessoal. No fisiculturismo, no momento mesmo em que sobem ao palco há um prazer não da identidade mas da perda da identidade, pela supressão do eu em favor das massas de corpos ali presentes. O que está em jogo, contrapondo-me aqui às teorias da identidade, é o abandono do eixo paradigmático do idêntico (que pressupõe uma série de elementos contituintes, tais como o grupo, as trajetórias) em nome de uma

"identificação" pela máscara, onde o importante não é se eu me identifico com o outro (para podermos trocar) mas se eu repito o outro. O homem pode ser composto por uma multiplicidade, num traço de ambiguidade sexual. A noção de gênero sofre um rearanjo. A ambiguidade constitutiva que percorre oa homens têm várias faces num plano social, determinadas mais pelas máscaras do que paios papéis que as personagens desenvolverão.

Ao relacionar-se com a sociedade, o corpo é comprimido em séries diversasde elementos identificatórios de gênero (masculino, no caso), sofrendo uma restrição da sua ambiguidade constitutiva. Esta restrição desenha os papéis que não se totalizamnos seres, no seu devir. A vida, portanto, não seria um processo contínuo de acumulação mas de dissolução (GEORGES BATAILLE), excesso, transgressão, parte maldita. O corpo em festa é aquele que pode se dispersar, desfazendo a identidade a cada instante e caindo no esquecimento de Deus. (BAUDRILLARD, 1976: 244)

Desse modo, o corpo-signo, ligado a uma função poética (no sentido de JAKOBSON) e a compreensão de ritual (MARY DOUGLAS), ainda seria apenas a redução do corpo à noção de valor. O corpo, o político e o poético numa revolução em escala microscópica. O corpo que deveria esconder significados ocultos passa a ser apenas aquilo que mostra e se metamorfoseia. Cansado de falar, deixa-se apenas à ordem da contemplação de sua passagem.

BIBLIOGRAFIA

BATAILLE, G. (1975) A **parte maldita**. RJ, Imago.

BAUDRILLARD, J. (1976) L'é**change symbolique et la mort.** Paris, Gallimard/NRF (1990) A transparência do mal. Campinas, Papirus.

DOUGLAS, M. (1970) **Natural symbols**. London, Barrie & Rockliffe.

FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do Poder.** RJ, Graal.

GUATTARI, F. (1985) **Revolução Molecular**. SP, Brasiliense. 2 ed.

MAUSS, M. (1974) **Sociologia e Antropologia**, 2 v. SP, EPU/EdUSP.

MELO, H. (1988) A **Cultura do Simulacro**. SP, Loyola.

NORONHA, M. (1993) **Máscara e Metamorfose**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC.

VIDAL, L. (1985) "Os **idiomas do corpo**". Mesa-Redonda. IN: REVISTA DO CORPO E DA LINGUAGEM, 1 RJ, ICOBE.

PESQUISANDO A HISTÓRIA DO ESPORTE CLUBÍSTICO UM ESTUDO DE CASO

MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES*

ABSTRACT:

Thís text is a summary of master project that aim to comprehend the politic, organization, administration of the sport, searching the construction of the ways to "New History", from analisys of the oral and documental history, beginning for a study of the case.

INTRODUÇÃO

Minha vivência enquanto professora de História da Educação Física, num curso de graduação em Educaçao Física, vem sendo uma experiência que me compromete com a formação de profissionais que possam conhecer, compreender e avançar conhecimentos nessa área.

Nesse sentido, meu interesse de estudos está voltado especialmente para contribuir no processo de evolução da Educação Física, através de sua compreensão histórica.

O fato de existir um número reduzido de estudos históricos sobre a Educação Física no Brasil, os quais, em sua maioria, são construídos sobre o princípio do paradígma tradicional, de orientação positivista, onde a história é traduzida como sendo uma narrativa dos acontecimentos, feita de forma objetiva, factual, acrítica e baseada apenas em documentos oficiais, estimulando-me a tomar outra decisão. Por isso, acredito ser fundamental empenhar-me no desenvolvimento de investigações históricas, críticas acerca de nossa realidade, levando em conta, também, dados do seu cotidiano.

A área da Educação Física no Brasil vive, no momento um período de significativas transformações, que seja como uma área de conhecimento que busca sua legitimidade enquanto processo educacional, quer como campo de ação profissional em ampla expansão em nossa sociedade.

Considerando que meu interesse de estudo se volta, especialmente, para contribuir neste processo através da compreensão histórica da Educação Física,

* . Professora de História da Educação Física da Escola de Educação Física da UFMG e Mestranda em Ciências do Esporte/EEF/UFMG.

acredito ser fundamental avançar em investigações históricas críticas acerca de nossa realidade.

Nesse sentido foi necessário, inicialmente, efetuar em resgate histórico dos estudos até então realizados sobre o assunto. No entanto, o material recuperado apresenta alguns indicadores que precisam ser observados.

Em primeiro lugar, há um reduzido número de estudos históricos sobre a Educação Física no Brasil.

Em segundo lugar, é importante ressaltar que, até o final da década de 70, essa produção teórica, além de escassa, foi construída sob princípio do paradigma tradicional, ou seja, a história era trazida como sendo essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, feita de forma objetiva, factual acrítica e baseada em registros oficiais.

Outro aspecto a ser considerado é que somente a partir dos anos 80 começram a surgir as primeiras produções teóricas críticas, refletindo, assim, o momento em que a educação física inicia um processo de problematização de sua prática social e pedagógica. A produção teórica dessa década suplanta, qualitativa e quantitativamente, tudo o que já vinha sendo construído sobre a área, até entõ. Entretanto, a abrangência desta produção histórica, na sua grande maioria, detém-se na Educação Física enquanto processo educacional escolar.

Enquanto campo de intervenção educacional no cotidiano escolar e não escolar em nosso país a Educação Física lida com diferentes conteúdos. Se pensarmos nas histórias desses cotidianos veremos que várias formas cultutrais de movimento vem sendo consideradas como conteúdo da Educação Física, como é o caso da ginástica, da dança, dos jogos e do esporte.

O esporte é a forma cultural de movimento que se tornou hegemônica na Educação Física a partir dos anos 40 e vem constituindo a base de sua prática educacional, tanto ns vivências ecolares como fora delas. Por esse motivo pretendo aprofundar estudos sobre o esporte moderno[1]

O esporte assumiu, na sua evolução histórica, características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em competição, igualdade formal de chances, rendimentos, busca do "record", racionalização, especificação de papeis, burocratização e quantificação.[2] Na atualidade, apresenta-se socialmente organizado como duas manifestações diferenciadas: o esporte rendimento ou esporte excelência e o esporte enquanto atividade de lazer.[3] Ambos, porém, estão

---

[1]. Apesar de existirem outras concepções, adoto aqui o conceito de esporte, enquanto esporte moderno, entendido como afirma BRACHT (1991:2): "Uma atividade corporal de movimento de caráter competitivo, surgida no âmbito da cultura européia por volta do século XVII e XiX, e que com esta expandiu-se para o resto do mundo (...). O esporte moderno é o resultado de um processo de modificação (eu diria esportivização) de elementos da cultura corporal/movimento das clases populares da Inglaterra(...) e também de elementos da cultura corporal/movimento da nobreza inglesa. (...) sua expansão relaciona-se com o processo de industrialização e consequente urbanização das populações".

[2].IBIDEM.

diretamente relacionadas com os princípios que regem o mundo do trabalho ao molde da produção capitalista.

No Brasil, o esporte é organizado e difundido através da instituição clubística. Creio que esta instituição tem um papel fundamental na construção cultural, pois seu cotidiano é um rico campo de "práticas esportivas" tanto do esporte de rendimento, quanto do esporte lazer, vivenciados em diferentes gêneros, ou seja, como exercitação, consumo e conhecimento.

Acreditando, também, que a organização e a administração clubística vem sendo um dos eixos que dão as rédeas à construção e desenvolvimento do esporte, vejo a importância da realização de estudos que busquem compreender as transformações historicamente construídas pela relação esporte/clube. Apesar de considerar essa importância no levantamento histórico por mim efetuado, com relação aos estudos até então realizados sobre o assunto no Brasil, constato que é quase inexistente a produção de tais invetigações.

Há de se considerar, também, que na área da Educação Física brasileira, não existem produções que reflitam os fundamentos históricos sobre o cotidiano do esporte ciubístico[4]. Por esse motivo, vejo como relevante assumir o esporte clubístico como objeto de meus estudos.

Assim, considerando que "o essencial é sabermos fazer a história de que o presente tem necessidade"[5], é que proponho desenvolver, no curso de metrado um estudo onde busco reconstruir e compreender os sentidos da história política/organizacional/administrativa do esporte (rendimento versus lazer), em clube Belorizontino, analisando os seus significados ao longo de sua vida cotidiana.

Para atingir esse fim, tornou-se fundamental construir caminhos que me orientem na realização desse estudo. No presente texto, discuto algumas pistas nesse sentido.

---

[3]. O esporte de rendimento ou excelência é entendido como aquele exercitado por profissionais buscando a "performance". Esta manifestação tem adeptos que dela participa, também, na qualidade de conumidores enquanto espectadores ou estudiosos. O esporte lazer é aquele procurado pelo sujeito para ocupação do seu tempo livre de forma lúdica.

[4]. Em sondagens iniciais sobre produções que retratam a relação esporte/clube encontrei menções sobre os trabalhos de CARDOSO (1987), que estudou o Clube de Xadrez de Belo Horizonte; Joel Rufino dos Santos, produziu História Política do Futebol Brasileiro e OLIVEIRA (1987) que escreveu a imigração alemã e a introdução do punbobol no Rio Grande do Sul. Estas obras, no entanto, não discutem a questão do cotidiano.

[5]. Le GOFF, J. & NORA, P. (1979:15).

PISTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS

Para desenvolver estudo histórico sobre o cotidiano do esporte clubístico no Brasil busco, no campo de estudos historiográficos, algumas pistas para a construção dos meus caminhos.

O historiador francês Le Goff, comenta que, somente neste século, o cotidiano tornou-se objeto privilegaido de investigação científica no campo da História, mas, esclarece que, desde Heródoto, na Grécia Antiga, as ações cotidianas exerciam fascínio sobre os historiadores [6].

Os passos para tornar os "acontecimentos miúdos", protagonistas nas cenas dos estudos no campo da História, surgem com o movimento iniciado pelo grupo dos *Annales*, grupo este que foi seguido pelos pesquisadores aglutinados em torno do que se convencionou denominar, mais recentemente, de "Nova História"[7]. O interesse virtual destes pesquisadores envolve toda a atividade humana, considerando que "tudo tem uma história".

Com essa nova tendência científica são revertidos conceitos tradicionais postulados pelos historiadores positivistas. Numa construção tradicional os conceitos fundamentam-se em uma história politica,centrada nos feitos dos grandes homens, caracterizando-se por uma narrativa de acontecimentos, feita de forma objetiva, limitada às atividades racionais, voluntárias, onde os documentos oficiais, considerados como "verdade histórica", constituíam a única fonte confiável.

Privilegiando uma história social e econômica, dando ênfase à história da cultura, dilatando o território do historiador, onde objetos nunca pensados passam a ser vistos como "historicizáveis", à "Nova História" caminha acreditando na subjetividade onde a paixão, a sensibilidade e a emoção do historiador passam a dar vida a história. Le Febvre, já na época dos Annales, sugeria que "é preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópoie adormecida, onde só passam sombras despojadas de substância".

Portanto, para os inovadores, a História não pode ser vista como queriam os positivistas, como uma ordenação sucessiva dos fatos revelados através da manipulação científica dos documentos. Os fatos são percebidos, ao contrário, como uma construção do próprio historiador.

Outras características desse movimento inovador precisam ser assinaladas.

Primeiramente, as fontes oficiais escritas, com base em dados documentais, passam a ser consideradas apenas como expressão de uma das várias versões

---

[6]. LE GOFF. Reflexões sobre a História (1986).

[7]. Movimento que surgiu associado à *École des Annales*, que reuniu historiadores em torno da revista - *Annales: économies, societés, civilisations*, criada em 1929, na França, por Lucien Febvre e Mark Bloch. Dentre as várias inovações tradizidas pelo movimento, destaco às que referem à ampliação do campo de pesquisado historiador, à própria concepção de conhecimento histórico e de fontes históricas.

possíveis para um mesmo fato. As fontes não se restringem aos documentos oficiais escritos, ganhando tanta importância quanto estes, a fotografia, a pintura, a literatura, a correspondência, os móveis e objetos usados, os depoimentos orais, dentre outras fontes.

Em segundo lugar, há que se destacar a aproximação e a incorporação de análises e modelos teóricos provenientes de outras áreas das ciências sociais estimuladas pelo movimento da "Nova História". Nas últimas décadas, vem crescendo a aproximação da História com outras áreas do conhecimento, em especial, com a Linguística e a Antropologia. A incorporação desta última ao trabalho do historiador, torna, ainda mais, forte, a tendência à pesquisa do cotidiano. Le Goff indica que o enraizamento do cotidiano no "coração da investigação histórica", deu-se precisamente quando ocorreu o encontro da História com a Etnologia[8].

Assim essas reflexões, realizadas no campo da História, abraçando as idéias da "Nova História", me indica alguns encaminhamentos.

Miguel de Certeau define o trabalho historiográfico como sendo uma operação que implica considerá-lo em um dado lugar social, em uma dada prática e em uma certa escrita. O autor considera que:

> *"toda pesquisa historiográfico se articula com o lugar de produção sócio-econômico, político e cultural e (...) é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes são propostas, se organizam*[9].

Partindo desse pressuposto, optei pela pesquisa operacionalizada através de um estudo de caso, por compreendê-lo como o mais adequado para o tipo de investigação que se instaura[10]. Nessa investigação, objetivo reinterpretar as transformações historicamente construídas pelas relações esporte/clube, nas trilhas percorridas no cotidiano de uma instituição clubística, esforçando-me por compreender os sentidos dados ao esporte nessa trajetória.

O clube escolhido para o estudo é uma instituição de Belo Horizonte que possui uma presença marcante na História da Educação Física e do Esporte brasileiros. Foi criado nos anos 30, no omento em que a organização esportiva se estabelece no Brasil. Este período histórico corresponde ao Estado Novo, onde o

---

8. LE GOFF, Jaques, 1966.

9". CERTEAU, Michel de A. A escrita da História, 1982, p.66.

10. TRIVINOS (1987) comenta que entre os tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o estudo de caso seja um dos mais relevantes. Cita um tipo específico de categoria de pesquisa, que é o Estudo de Caso Histórico Organizacional, onde o interesse do pesquisador recai sobre a vida de uma instituição. A unidade pode ser uma escola, uma universidade, um clube, dentre outros.

esporte se consolidou e estabeleceu suas bases organizativas e burocráticas, ao ser utilizado como um dos instrumentos de legitimação de um Estado Autoritário[11].

O clube a ser estudado apresenta, em sua trajetória de vida, momentos históricos relevantes desde a sua fundação enquanto praça de esportes pública, à sua privatização, tornando-se um clube da classe burguesa, cuja história de glória atinge, hoje, o auge da realidade brasileira voltada tanto para a evolução do esporte de rendimento, ou também chamado de esporte excelência, quanto para a vivência do esporte de lazer.

Para a realização do presente estudo será necessário combinar as pesquisas exploratória e bibliográfica.

Tomando como ponto de partida a pesquisa exploratória[12], com o objetivo de mapeamento dos eixos articuladores da problemática a ser estudada, levantarei dados que possibilitarão decidir as necessidades ou não de recortes temporais e também o delineamento das categorias de análise e interpretação dos dados.

Quanto às técnicas[13], na pesquisa exploratória, utilizarei, como instrumento de coleta de dados, a pesquisa documenta e a história oral.

A pesquisa documental, além de possibilitar o desvelamento da história oficial a ser estudada, será a base para a seleção das pessoas a serem ouvidas através da história oral.

O acervo documental do clube, como atas, relatórios, arquivos e fotografias, bem como jornais de diferentes épocas, será analisado considerando o fato de que:

> *"(...) os documentos que nos foram legados do passado não são, como alguns crêem, uma amostra acidental do que originalmente existia. Foram escolhidos para que prevalecessem, normalmente por membros dos grupos sociais, políticos ou instruídos, ao supô-los significativos. Refletem, portanto, a estrutura de poder e os preconceitos de sua época"*[14].

Concordo também, com Jacques Le Goff, quando em artigo clássico, se expressa a respeito:

---

11. Essas questões são discutidas por MANHÃES em **Políticas de Esportes no Brasil**, 1986.

12. TRIVINOS (1987) comenta que os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em tomo de determinado problema.

13. Entendidas aqui como "procedimentos mais restritos e mais concretos que (...) operacionalizam os métodos, servindo-se de instrumentos". (SEVERINO, 1980, 168).

14. THOMPSON (1984:54).

> *"O documento não é inócuo. É antes de mais nadas o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da História, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silência. O documento é uma coisa que fica, que dura, o tetemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem si próprias. No limite, não existe documento - verdade. Todo o documento é mentira"*[15].

Acredito que a associação de depoimentos orais com fontes documentais escritas será uma possibilidade rica de entendimento sobre a realidade a ser estudada e que irá auxiliar substancialmente este estudo.

A história oral[16] será uma forma de levantar dados significativos sobre a história do clube, pelos depoimentos de pessoas que vivenciaram os seus acontecimentos e conjunturas, em seus diferentes momentos.

Na pesquisa em questão, adotarei a história oral, envolvendo depoimentos colhidos por entrevistas temáticas sob forma de estruturas abertas.

A escolha dos entrevistados será feita em função da potencialidade de suas contribuições para os propósitos da pesquisa. Dessa forma buscarei pessoas que experienciaram ou vivenciaram o esporte na instituição estudada, tanto como dirigentes, funcionários, técnicos, esportistas e/ou sócios que tenham vivido o processo histórico nas suas diferentes épocas.

Para MONTENEGRO, toda história que alguém escreve é marcada pela época vivida. Numa construção histórico-crítica, evita-se o ceticismo e a aceitação passiva de uma realidade constatada, guiando-se pelo interesse emancipatório dessa instituição e pelas contradições encontradas. Para isso a realidade precisa ser lida dialeticameme e de diferentes maneiras[17].

---

15. LE GOFF, Jacques, 1984, p. 103.

16. Existe uma dificuldade em se responder o que é História Oral e, segundo ALBERTI (1990:10) "seus limites esbarram com categorias de diversas disciplinas das ciências humanas, como a biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc., e sua definição não se estabelece facilmente: ora constitui método de investigação científica, ora fonte de pesquisa, ora aind técnica de produção de depoimentos gravadas".

17. As idéias aqui articuladas são encontradas na obra de MONTENEGRO (1992), **História Oral e Memória.**

Desenvolverei esse estudo numa linha de raciocínio dialético onde os dados coletados na pesquisa exploratória serão organizados e codificados no sentido da definição das categorias de interesse que irão subsidiar a análise e discussão das questões propostas no estudo.

Será preciso, portanto, para a interpretação dos dados utilizar a análise de conteúdo[18] de forma crítica e contextualizada, objetivando compreender os significados das representações que se mostram e se escondem nas experiências vividas por aqueles que vêm construindo a história da instituiçãoda ser estudada.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica também, subsidirá teoricamente as discussões que serão desencadeadas ao longo do estudo, no sentido de compreender, historicamente, o significado do esporte vivenciado no cotidiano clubístico.

Gostaria de ressaltar que, tendo optado pela pesquisa envolvendo enfoque qualitativo, as etapas aqui apresentadas de formas distintas não serão realizadas desta maneira, pois, não podemos estabelecer separações marcadas entre coletas de informações e a interpretação das mesmas. Concordo com TRIVINOS[19] no sentido de que "isto permite a passagem constante entre informações que são reunidas e, que em seguida, são interpretadas, para levantamento de novas hipóteses e nova busca de dados".

Concluindo, acredito que as pistas aqui encontradas, me possibilitaram encontrar caminhos, que poderão auxiliar na construção de um trabalho científico, que possa contribuir para a compreensão dos significados sobre o esporte, presente no cotidiano clubístico historicamente construído no Brasil, bem como para a conservação da sua memória e do seu significado para a História da Educação Física brasileira.

---

18. A análise de conteúdo é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (variáveis inferidas) dessas mensagens" (BARDIN, 1991:42). Este método é recomendado por esta autora para os estudos das motivações, atitudes, valores, crença, tendências. TRIVINOS (1987) acrescenta a função de desvendar ideologias que possam existir nos dispositivos legais, princípios e diretrizes, dentre outros.

19. IBIDEM. p.170.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990, 197p.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições Setenta, 1991.

BRACHT, Valter. Produção e Veiculação do conhecimento acerca do Esporte no Brasil: análise crítica e perspectivas. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, VII, 1991, Uberlândia, 11p.

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

DOSSE, François. A História em Migalhas: dos Annales à Nova História. Campinas: Editora da UNICAMP e Ed. Ensaio, 1992.

FREIRE, Ana Maria. Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista. São Paulo: Cortez: Aut. Associados, 1989. 236p.

GEBARA, Ademir. Educação Física e Esporte no Brasil: Perspectivas (na história) para o século XXI. In: MOREIRA, W. Wey (org.). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas Papirus. 1992. p. 13-31.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dops conteúdos e a educação Física Brasileira. São Paulo: Loyola, 1988. 63.p.

GRIFI, G. História da Educação Física e do esporte. Trad. Ana Maria Brandri, Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1989, 299.p.

KUNZ, Eleonor. Educação Física: Ensino e mudanças. Ijui: INIJUI ed. 1991.

LE GOFF, J. e Nora, P. História, novos problemas. Rio de Janeiro: francisco Alves, 1976.

LENHARO, Alcir Alonso de. O corpo no espaço e no tempo: A Educação Física no Estado Novo (1937-1945). Rio de Janeiro: Instituto de Estudos avançados em Educação da Fundação Getúlio vargas, 1980. (dissertação de Mestrado).

MANHAES, Eduardo Dias. Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 136.p.

MARINHO, Inezil Penna. (1952a). História da Educação Física e desportos: Brasil colônia, brasil império, Brasil república; ; documentário e bibliografia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Divisão de Educação Física. V.1.

----------. (1952a) História da Educação Física e desportos: Brasil colônia, brasil império. Brasil república; ; documentário e bibliografia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Divisão de Educação Física. V.3

----------. (1952a) História da Educação Física e desportos: Brasil colônia, brasil império, Brasil república; ; documentário e bibliografia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Divisão de Educação Física. V.4

MCINTOSH, Peter C. O desporto na sociedade. Lisboa: Prelo, 1975.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória. São Páulo: Contexto, 1992.

SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 1980.

PINTO, Leila Mirtes S. M. A Recreação/Lazer e a Educação física: a manobra da autenticidade do jgo. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1992. 127p. (dissertação de Mestrado).

THOMPSON, P. La Historia Oral y el historiador. Debats, Valência, nº 10, dic. 1984.

TRIVINOS, Augusto N.S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175.p.

"PESQUISA HISTÓRICA: um relato de experiências"

Edison Francisco Valente
UNICAMP/FEF

ABSTRACT:

"Historical research: an account of the experiences".

This text present experiences about historical research. It is a proposal of methodology and questions about Physical Education, Sport and Sport for ali, as knowledege's field, from History.

It was based from personal experiences of the author as Sport for ali agent, in Alagoas-Brazil - 1979-1988 - and researcher in that area from master course on History of the Physical Education, at State University/Campinas/São Paulo/Brazil.

It is a presentation about the ways more recent of the knowledege production on Physical Education, and Sport History in Brazil.

A história, enquanto processo de conhecimento é, também, tarefa e responsabilidade individual no processo das relações sociais. Objetos diversificados de pesquisa, têm levado a humanidade a identificar caminhos para a produção científica, surgindo como um princípio que se perde sem cessar e se recupera à medida em que se transforma na própria sinificação da história - é o denominado princípio da continuidade e descontinuidade.

Paul RICOUER, em sua obra "história e Verdade" (1955:13), fazendo uma análise sobre a verdade histórica afirma:

> "O problema da verdade da história é não mais no sentido de um conhecimento verdadeiro da história ocorrida - mas no sentido de um cumprimento verdadeiro de minha tarefa de obreiro da história - atinge seu ponto culminante na questão da unidade fundamental do movimento histórico da civilização (...) focalizada do ponto de vista daquilo que se poderia chamar uma história da cultura; vê-se então o perceber, o agir, o saber ramificarem-se em atitudes que, cada qual por sua vez se supõem uma à outra, tentam absorver-se mutuamente, excluem-se, rivalizam umas com as outras; o movimento da civilização aparece, então, como fenômeno de pluralização indefinida, compensada sem cessar peia emergência de instâncias e potências unificadoras (...) a dialética do dizer e do fazer (...)".

Na historiografia brasileira, caminhos mais recentes da produção do conhecimento científico, nas áreas da Educação Física e do Esporte no Brasil, têm apontado para direções distintas no que se referem aos objetos de pesquisa. No entanto, poucos são os trabalhos que se preocupam em proceder, especificamente, uma abordagem histórica dessa prática, embora Educação Física e Esportes sejam termos e/ou expressões, hoje em dia, que já comportam análises e conteúdos diversificados.

Um exemplo dessas afirmações são constatadas quando GEBARA (1988:131), no "Educação Física e Esportes na Universidade", diz:

> "(...) a Educação Física constitui-se em um momento histórico definido, como ciência aplicada, enfocando o corpo humano em movimento como seu objeto de estudo; neste sentido, o Lazer, a Educação, a atividade física e os desportos, embora relacionados à Educação Física enquanto práticas do movimento humano, nem definem, nem podem confundir-se com o objeto científico da Educação Física. Corpo em movimento é a unidade que constitui o objeto desta ciência aplicada: a Educação Física".

Nesta citação feita por GEBARA (1988), concordamos quando esse pesquisador se refere à Educação Física como "momento Histórico definido". A nossa concordância está baseada na argumentação de que a Educação Física, assim como o Esporte, o EPT, a Educação, a Física, a Matemática, dentre outros campos do conhecimento, possuem suas histórias "relativamente autônomas e seus marcos cronológicos específicos".

Segundo HABERMAS, todo conhecimento contém um interesse que comanda o processo histórico. "Tudo é um jogo de poder baseado no conhecimento e interesse, em busca de um movimento emancipatório, onde tudo está conectado com a história da humanidade". Dessa forma, o entendimento da Educação Física, enquanto um movimento histórico, faz com que esta seja, também, visualizada através de uma possível abordagem científica, bem como, enquanto tentativa de movimento emancipatório em relação às demais ciências.

Embora várias produções científicas tenham sido publicadas e reconhecidos os avanços no conhecimento, outras questões ainda permanecem em aberto em relação ao conhecimento da Recreação e Lazer, dos Desportos, das Atividades Físicas. "Apesar dessas áreas estarem relacionadas com o movimento humano, não podem confundir-se com o objeto da Educação Física" (GEBARA-1988). Provavelmente, seja um dos motivos da existência de lacunas em suas Histórias e para a falta de um melhor entendimento dessas áreas, condicionando para que a maioria de seus profissionais adotem atitudes tradicionais e ainda conclamem a sua dita crise paradigmática.

A busca de nexos que compõem as histórias dessas áreas, a partir da problematização de suas gêneses, provavelmente venham esclarecer fatos alusivos aos seus objetos específicos de estudo, uma vez que tratam-se , também, de atividades sócio-culturais, historicamente construídas pelo conhecimento humano.

Como exemplo, podemos citar o Movimento Esporte Para Todos no Brasil enquanto um componente desses questionamentos em aberto no processo histórico da Educação Física e Esporte brasileiros - motivo do nosso interesse em aprofundar esse estudo, o qual, preliminarmente, já foi concretizado em nossa pesquisa "Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil".

Este trabalho nos proporcionou uma série de outros questionamentos que, obrigatoriamente, nos levou a recorrer à História social do Brasil, entre 1974 e 1984, para um melhor entendimento do contexto em que movimentos como o Cooper, Mexa-se, Mudes, Esporte Para Todos, dentre outros, ocorreram nessas áreas do conhecimento - Educação Física e Esporte. Isto nos fez refletir e até mesmo a crer que um dos problemas mais grave existente na Educação Física e no Esporte brasileiros, de modo geral, situa-se na falta de um conhecimento mais aprimorado de sua própria História, por parte de seus profissionais. Não a História como simples relato de fatos, mas uma História problematizada, em busca do desvelamento de fenômenos que nos favoreçam para a apreensão do conhecimento já experienciados por essas áreas.

Enquanto isso não acontecer, provavelmente, por muito tempo, ainda, estejamos cotejando uma dita crise de identidade ou paradigmática, denunciada por Uriel SIMRI, em sua crônica escolar "A diversidade dos conceitos de Educação Física e sua influência sobre seus objetivos" (1979:42). Diz esse autor: "desde 1953 estamos discutindo essas questões, sem possuirmos um denominador comum a esse respeito, ou seja, sem termos claro em nossas mentes a construção do objeto de estudo da Educação Física". Isso é o mesmo que construir um prédio onde o assentamento dos tijolos se faz sem o alicerce ou é o mesmo que aprender natação por correspondência.

A cada dia, essa perspectiva torna-se mais clara perante historiadores da área, retratando, assim, uma preocupação presente, em pesquisas mais recentes na História da Educação Física. Configura-se como mais uma busca incessante de procurar investigar, trabalhar, escrever, construir histórias que não sejam estórias de vilões e heróis. Uma História não, apenas, referente aos grandes fatos ou vultos políticos (Colônia, Império, República, D.Pedro I, Getúlio Vargas, Sarney, Collor etc.).

Dea FENELLON, em seu texto "Pesquisa em História: perspectivas e abordagens" (1989:117), afirma que "a predominância política vem dessa valorização excessiva dos acontecimentos, dos fatos, dos heróis, das pessoas que fizeram isso ou aquilo". Isto, normalmente, diz respeito a um tipo de História profundamente enraizada no positivismo Francês. Numa História cujo enfoque está alicerçado na reconstrução do acontecido (enfoque empíricista). É como se direcionássemos a objetiva de nossa máquina fotográfica para um determinado ponto e obtivéssemos, simplesmente, a fotografia.

Essa perspectiva de reconstruir a História, ou seja, de reconstruir, apenas, os acontecimentos, levava o historiador à idéia de que estava reconstruindo a História

tal como a mesma aconteceu, distanciando-o dos fatos, ficando, quase que exclusivamente, com relatos do passado - sem se preocupar com o presente - num relacionamento de causa e efeito.

A metodologia Histórica que propomos para os campos do conhecimento da Educação Física, do Esporte e do Lazer, possui uma perspectiva que não busca, simplesmente, uma verdade histórica nos documentos do passado - apregoada pela corrente positivista - nem, muito menos, um negar filosófico da História e do envolvimento do sujeito nesse processo de conhecimento. Mas, levando em conta de que "o campo da História é um campo de possibilidades que vai ser trabalhado com os agora a serem investigados. Assim, somos induzidos a abandonar a idéia de que vamos reconstruir o passado tal qual aconteceu - mesmo porque é impossível - mas, fazer desse passado uma leitura, em termos de referências recentes, que abrangem o hoje e o agora, com perspectivas sociais, teóricas, ou uma concepção de vida, de mundo do pesquisador(...) ". É trabalhar a História reconhecendo que nela existe toda uma diversidade de abordagens, cujo processo deva ser desenvolvido de forma coerente e contribua, também, para o avanço do conhecimento, numa determinada direção, reconhecendo que essa direção não esgota o processo histórico. (FENELLON-1989:128)

Dessa forma, fica evidente que a concepção de verdade modifica-se e fica sem rótulos - bem como o resultado da produção do conhecimento transforma-se num fato construído pelo historiador, através do dialogo com as evidências inseridas no contexto social - passado ou não.

Por exemplo, no estudo sobre o EPT, centralizamos nossa análise, tentando dar "voz" aos fatos que estávamos estudando, procurando interrogar suas evidências e, ao mesmo tempo, deixando que esses fatos procurassem, com bases nos questionamentos formulados, falar por si, numa tentativa de buscar a dinâmica que comandou a lógica interna desse movimento no Brasil.

Ao recorrermos à historiografia, não procuramos, simplesmente, ler os autores e documentos por fora, de forma superficial para detectar suas heresias. Procuramos entendê-los e, ao mesmo tempo, tentamos construir novos conhecimentos, cujos referenciais foram os próprios discursos e formas como esses autores demonstravam apreender esse movimento.

Ao adotar esse posicionamento elaboramos questionamentos que objetivassem desvendar fatos na História do movimento EPT brasileiro, ainda não muito claros na Históriografia.

Através de uma forma um tanto poética[1] e, ao mesmo tempo, didática, relacionamos nossas inquietacões - os nossos problemas - em torno desse objeto de estudo:

Movimento EPT no Brasil.
Qual a sua gênese?

---

[1]. Numa tentativa de parafrasear BRECHT.

Nos livros constam ter sido da Europa.

Mas, foi cópia de um movimento europeu?

Dizem que foi o Prof.Lamartine Pereira da Costa o autor de suas idéias em nosso país.

Só foi ele? Como isso aconteceu? Quando?

O EPT foi implantado no Brasil no período da ditadura militar.

Por que? Qual era o contexto da sociedade brasileira em que o EPT foi implantado?

A Campanha EPT do MOBRAL.

Quem a conduziu?

Só foram os dirigentes do MOBRAL?

E os agentes, as instituições e a comunidade como participavam?

Quais os motivos da desativação da Campanha em 1979.

Foi por pressão política?

Em 1979, o EPT foi para a SEED.

Qual foi a política adotada pela SEED para o desenvolvimento do EPT no Brasil?

A Rede EPT foi um sistema nacional que procurou integrar pessoas e entidades.

Que sistema foi esse? Como isso aconteceu?

Afinal de contas, qual foi a lógica interna que comandou o Movimento EPT no

Brasil?

O movimento EPT influenciou alguma mudança de prática na Educação Física e no Esporte brasileiro?

Como? Em que nível isso aconteceu?

Atualmente, a nível internacional, programas de Esporte Para Todos estão cada vez mais evoluindo.

E no Brasil?

Uma pergunta para cada História.

Cada História com suas verdades.

E, tudo acontece evolutivamente.

Esses questionamentos nos levaram a perceber muito mais a importância de um estudo com base nessas perspectivas, como também, compreendê-lo, enquanto um ato histórico.

> "Todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo homem coletivo (...) Ele pressupõe a obtenção de uma unidade cultural-social pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, se solidificam na busca de um mesmo fim, sobre a base de uma idêntica e comum concepção do mundo". (GRAMSCI, 1989:37).

Estratégicamente, escolhemos três fases para o desenvolvimento da metodologia eleita: descritiva, teórica e conceituai.

Na fase descritiva tentamos relatar uma série de fatos específicos do Movimento Esporte Para Todos, a partir de sua gên-ese. Na realidade, procuramos buscar verdades através dos fatos pesquisados, retratando, segundo nossas percepções, esses momentos históricos. A elaboração de uma periodização[2], com base nos fatos mais marcantes da História do EPT, foi fator que, metodologicamente, delimitou bem as diversas histórias desse movimento no Brasil - nos vários EPT's. Essa periodização foi assim distribuída: 1977-1979 (período de implantação da Campanha Esporte Para Todos/MOBRAL - FASE EXPERIMENTAL); 1980-1981 (período de replanejamento do Programa Esporte Para Todos/SEED/MEC); 1982-1986 (período de implementação do movimento Esporte Para Todos - FASE DA REDE EPT).

Na fase teórica procuramos buscar significados dos fatos, dentro de um contexto maior. Ou seja, procuramos "mergulhar" na História do Movimento Esporte Para Todos, numa tentativa de "radiografar" esse movimento, levando-se em consideração aspectos temporal e sócio-cultural. Foi, também, a fase em que recorremos à Historiografia e procuramos analisar idéias de pesquisadores brasileiros emitidas sobre o EPT.

Na fase conceituai, também denominada de fase criativa, foi o momento em que tentamos nos posicionar, enquanto pesquisador, bem como, emitir juízos de valores a respeito do Movimento Esporte Para Todos, a partir dos resultados obtidos das fases descritiva e teórica.

As estratégias escolhidas foram, basicamente, voltadas para as pesquisas bibliográfica e documental e entrevistas informais - como uma técnica exploratória de auxílio para a elucidação de fatos.

A partir daí, baseado na experiência do EPT, tentamos buscar um constructo que explicitasse a sua lógica interna.

Assim, partindo da concepção de que não há compreensão de um fenômeno isolado, mas, da existência de uma lógica processual, constante, historicamente construída que comanda a dinâmica do processo das relações sociais, abordamos essas questões sobre o EPT, baseados numa concepção de História pluralista, poliforme, inacabada, intermediada culturalmente em tempos e espaços distintos, segundo características de seus próprios momentos históricos.

---

[2] . Para fins de estudo, entendo por periodização da História como sendo o interrelacionamento entre tempos e espaços históricos. Por exemplo: a nossa periodização elaborada para a História do EPT, está baseada em marcos históricos que consideramos importantes nesse Movimento (1977-1979; 1980-1981; 1982-1986). E, foi justamente nesses espaços existentes - entre os marcos históricos - que procuramos analisar e desvendar a lógica interna do objeto estudado - no caso, o EPT brasileiro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DE REFERÊNCIA:

BERCITO, S.de D.R. **Ser forte para fazer uma Nação forte**. Dissertação de Mestrado: USP-SP, 1990.

FENELLON, D. **Pesquisa em História: perspectivas e abordagens**. In Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

GEBARA, A. **Educação Física: tempo e historiografia**. Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física: Rio Claro, 1989.

RICOEUR, P. **Hiistória e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

SCHAFF, A. **História e verdade**. Lisboa-Portugal: Estampa, 1974.

SIMRI, U. **Crônica escolar: a diversidade dos conceitos de Educação Física e sua influência sobre seus objetivos**. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Jan/Mai 1979.

VALENTE, E.F. **Perspectivas Históricas sobre o Movimento Esporte Para Todos no Brasil**. Dissertação de Mestrado: FEF/UNICAMP, 1993.

AS CONCEPÇÕES DE TEMPO E A QUESTÃO DA HISTORICIDADE DO OBJETO NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Silvio Sánchez Gamboa
UNICAMP-PUCCAMP

ABSTRACT:

"The conception of the time and the question of the historicity in research object at social science".

This article intend to present an analysis about ways as the science social research apprehend the historicity and its objects. We had organized based in three moments: in first, we tried to justify our rflection in the new fleld of the history; second, we had presented some result about the ways as the social phenomenons research had apprehended the hitoricity of the object wich was investigated; and, finaly, we had presented ours conclusions.

INTRODUÇÃO:

Antes de apresentar a temática central proposta no título, convém situá-la no âmbito dos estudos da historiografia. Dentre as várias acepções que o termo historiografia comporta, pode-se entendê-lo como o estudo crítico da producão do conhecimento histórico, ou crítica epistemológica e ideológica da história. Mas, numa concepção epistemológica mais ampla, pode-se estender sua compreensão a outros campos da produção científica, embora não propriamente histórica. Campos esses trabalham no entanto, com categorias essenciais à história, como as concepções de tempo e historicidade.

No caso específico deste artígo, pretendemos apresentar dentro dessa concepção ampla de historiografia, uma uma análise sobre as formas como a pesquisa em ciências sociais vem tratando a historicidade de seus objetos. Partimos do pressuposto de que em toda pesquisa científica sempre se trabalha com um "a priori" fundamental do real, com o tempo, e com uma maneira de apreensão deste, seja como um dado, uma variável, um elemento de contexto, ou como uma categoria fundamental para a explicação e a compreensão desse real. O

investigador, quando realiza o processo de conhecimento do fenônomeno, está optando implicitamente por uma concepção de tempo, e, em decorrência disso, e dependendo da abordagem teórico-metodológica utilizada, está priorizando a historicidade do objeto, ou encobrindo ou negando esse atributo.

Na tentativa de aprofundar tais questões, organizamos nossa reflexão em três momentos: no primeiro, tentamos justificar nossa reflexão dentro do novo campo de atuação da historiografia; na segunda, apresentamos alguns resultados da busca das formas como a pesquisa dos fenômenos sociais vem abordando a historicidade do objeto investigado, e, finalmente, destacamos algumas conclusões e recuperamos algumas questões que irão incentivar o debate e motivar novos estudos.

A HISTORIOGRAFIA COMO CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA

Warde (1990), ensaiando uma historiografia da Educação considera que entre os historiadores, preocupados com a relação entre historia e historiografia parece que não há discenso quanto à dependência da historiografia em relação à história, "...até porque é dessa que vem a sua matéria prima. Assim é que historiadores das mais diversas tendências, freqüentemente, utilizam de modo indiscriminado o termo historiografia para indicarem o conjunto ou os conjuntos das obras de história; para se referirem a um mapeamento, a um arrolamento, ou qualquer outra forma de ordenação dessas obras, bem como para nominar o estudo efetuado a partir de alguma forma de ordenação" (p. 4). O discenso aparece na variedade conceituai que o próprio termo sugere. Para os historiadores ligados à concepcão positivista, a historiografia é entendida como o conjunto de escritos de história e o estudo sistemátizado desse conjunto. O estudo do conhecimento já produzido deve seguir as mesmas regras que orientaram a produção dessa conhecimento. Isto é, no conhecimento do objeto, ou no estudo sobre os resultados e processos desse conhecimento, para manter o critério de objetividade, são vedadas inferências ou dedução não contidas no prório objeto. Dessa maneira, a historiografia torna-se um "reflejo espectacular" um ālbum fotográfico" ou um museu arqueológico da própria história.

Para os historiadores antipositivistas (utilizando a mesma expresão da autora) as possibilidades da historiografia ultrapassam o quantum já produzido e ela assume complexas funções relacionadas com questões de ordem teórica e epistemológica, tentando discutir a natureza da história, seu estatuto cientffico, seu campo objetal, seus efeitos sociais, etc.

Nesse sentido, dependendo das várias concepções de história, desdobram-se diferentes funções para a historiografia."Para uma história concebida nos moldes do presentismo croceano - onde não cabem os atributos científicos da objetividade e da universalidade- ... (e)... Se a história, como desenrolar dos acontecimentos, só se apresenta através do pensamento, a Historiografia não pode ser senão a

consciência que a história adquire de si mesma" (Warde, op. cit. p.4) Os historiadores dos Annales (Fevre, Bloch e outros), que concebem a história além das fronteiras estreitas da divisão das ciências e que buscam uma ciência unitária que desvende as leis gerais do movimento e permita explicações dos fenômenos a partir da história dos próprios fenômenos atribuem à historiografia um papel de crítica epistemológica e/ou ideológica. Nesse sentido, segundo Warde, a historiografia deve ser entendida como crítica epistemológica e, também, ideológica. "A historiografia deve interrogar a história como conhecimento e como ideologia..." (1990, p. 8)

Tentando progredir nessa concepção, podemos entender que a historiografia como crítica epistemológica e ideológica não apenas focalizaria as obras de história sobre um dado fenômeno, senão também a forma como a pesquisa científica em geral, inclusive a histórica, aborda a historicidade dos fenômeno estudados. Entendemos que na medida em que ampliamos o campo de atuação, estamos ensaiando um novo papel para a historiografia.

Esse nosso ensaio fundamenta-se no presuposto de que toda pesquisa que aborda fundamentalmente fenômenos histórico-sociais, tais como a educação, na sua concepção mais ampla (incluindo aqui a Educação Física) trabalha com categorias relacionadas com a existência do real, tais como, tempo, espaço, movimento etc. De igual maneira, pressupomos que, segundo os modelos conceituais e os processos metodológicos percorridos, os pesquisadores utilizam, seja de forma explícita ou implícita, algumas categorias que fazem referência à temporalidade e ao caráter histórico do objeto. Isto é, trabalha-se com concepções de tempo e historia. Sem dúvida, nem todas as abordagens teórico-metodológicas priorizam essas categorias. É possível que as principais diferenças entre elas, estejam, precisamente, nas diversas maneiras de abordar a historicidade do objeto.

Na análise de uma dada produção científica, quando procedemos à recuperação das categorias epistemológicas, encontramos uma certa articulação lógica entre as abordagens teórico-metodológica e seus pressupostos gnoseológicos. Isto é, suspeitamos que fundando os processos científicos existe uma teoria do conhecimento atuando. De igual maneira, na forma de conceber o objeto se (re-)produz uma concepção do real. Na recuperação das inter-relações entre os pressupostos epistemológicos e gnososeológicos com as concepções do real (categorias ontológicas) podemos desvendar as implicações filosóficas e ideológicas de um determinado modelo de pesquisa científica e assim também elucidar as profundas relações entre conhecimento e interesse (Cf. Habermas, 1982)

Nesse sentido, podemos deduzir que a historiografia, entendida como crítica epistemológica, na medida em que recupera os pressupostos gnoseológicos e ontológicos, torna-se também crítica ideológica como sugere Warde.

A HISTORICIDADE DO OBJETO.

Para desenvolver a crítica epistemológica, especificamente com relação às categorias próprias da investigação historiográfica, podemos ingagar em toda pesquisa sobre as formas de abordar a historicidad do objeto, perguntando sobre as concepções de tempo e história que são trabalhadas na pesquisa sobre os fenômenos educativos, dado o caráter histórico-social de tais fenômenos.

Algumas pesquisas recentes sobre a produção das pesquisas em Educação (Sanchez Gamboa, 1990) e em Educação Física (Silva, 1990) nos dão subsídios para encontrar algumas respostas. Neste estudo, tentamos recuperar as abordagens teórico-metodológicas utilizadas nessas pesquisas, e, a partir delas, procuramos elucidar os pressupostos epistemológicos e gnoseológicos que substentam essas abordagens. Constatamos, à luz de três grandes epistemológias modernas: as tendências empírico-analíticas, fenomenologicas, e dialéticas, diversas maneiras de elaborar a categoria tempo e de abordar a historicidade dos fenômenos estudados.

Na recuperação dos pressupostos ontológicos que se referem às concepções de sociedade, homem e educação, dada a especificidade das pesquisas analisadas, isto é, pesquisas poduzidas nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educacão do Estado de São Paulo, além das categorias anteriores, incluímos as categorias de história (tempo) e concepcão de realidade, esta última tentando elucidar as implicações filosoficas e ideológicas, relacionadas com a visão de mundo que, de forma implícita, se imprime em toda obra científica (Cf. Goldmann 1979)

A história, tomada como categoria gnosiológica inerente à concepção ontológica de realidade, marca, a diferença entre as várias abordagens. No universo de pesquisas estudadas destacam-se duas. grandes concepções. Por um lado, aquela que tem uma preocupação sincrônica, campartida pelas pesquisas com abordagens empírico-analíticas e fenomenológicas (especialmente as de corte estruturalista), por outro lado, aquela que tem preocupação diacrônica, compartida por algumas pesquisas com abordagens fenomenológicas (existencialistas e hermenêuticas) e dialéticas.

Na preocupação pela descrição do fenômeno no seu imediatismo empírico, os estudos do tipo survey ou levantamento e as pesquisas experimentalistas que registram situações de pré-teste e pós-teste "se limitam a oferecer uma visão gerai e instatânea de um determinado assunto, como se uma máquina fotográfica o tivesse registrado em determinado momento" (Ludke e André, 1986, p.6). Esses estudos apresentam o retrato do fenômeno, do educador, do aluno, do administrador, da escola, da universidade ou registram, em pesquisas mais complexas, num gráfico dois ou mais momentos da percepção do fenômeno na situação experimental. Registra-se o instante em que se faz a coleta do dado, ou a data em que se aplica o questionário ou se faz a entrevista; fixa-se esse presente e dele se elabora um perfil, uma descrição, ou um gráfico que demonstre a relação de variáveis. Nas pesquisas mais complexas é possível registrar o fenômenos em

vários "presentes" colocando o tempo como variavél, como acontece nos delineamentos de série temporal, que se caracterizam pela "presença de um processo periódico de medida em algum grupo ou indivíduo e a introdução de uma mudança experimental nessa série temporal de medidas..."(Campbell-Stanley, 1979. p.67),(1).

As pesquisas com abordagens fenomenológicas, mais preocupadas com o invariante dos fenômenos do que com seus variantes, com a estrutura simbólica do que com os sintomas (acontecimentos), com o sentido oculto do que com o sentido manifesto, ou que explicam os segundos como tendo origens nos primeiros, têm como paradigma comparativo a radiografia, que desvela ou mostra a estrutura interna, ultrapassando a aparência fenomênica. Outras pesquisas que recuperam os sentidos nos seus contextos de significação procuram resgatar o "contexto histórico" como pano de fundo, o cenário do acontecer fenoménico. Nesse tipo de abordagem, no qual poderiam se situar algumas das vertentes da chamada "Nova História" o interesse maior está na recuperação do cenário, com riqueza de detalhes, o pano de fundo com multiplicidade de contrastes, ou mesmo, no resgate da variedade de roupagens, maquiagens, etc (isto é, variantes) que um mesmo fenômeno apresenta. Não é prioritário historiar a evolução ou as transformações do fenômeno, pois isso não sería objeto da pesquisa científica, que deve cuidar das essências que permanecem (isto é, os invariantes) e não das formas esporádicas, passageiras, que busca compreender os seres (as coisas em si) na sua permanência e não cuida dos acontecimentos irrepetíveis. Nesse caso, a descrição detalhada das exterioridades e as diferentes formas de manifestação dos fenômenos, tão comum neste tipo de abordagem, não se referem às transformações ou mudanças evolutivas, mas a contextos (históricos) de um mesmo fenômeno que na sua essência é o mesmo, isto é, permanece, apesar da troca de roupagens ou contextos.

As duas tendências, mantendo suas diferenças em outros elementos epistemológicos, se assemelham na sua preocupação sincrônica.

"A preocupação sincrônica, que aparece na articulação dos dados num universo de fatos estruturados, transparece nas ciências do espírito no processo de seleção fatual pela compreensão, embora sem a preocupação com a elaboração de leis gerais do suceder histórico, integra-se no âmbito de preocupação da ciência empírico-analítica: na preocupação de uma descrição de uma realidade estruturada, assumindo ante a mesma uma postura teórica" (Habermas, 1983, p.302),

A preocupação diacrônica apresenta-se em algumas pesquisas fenomenológicas existencialistas, que privilegiam na análise, a existência viva e dinâmica, em vez da essência realizada, definida ou pré-definida, e em algumas pesquisas hermenêuticas, que colocam o fio condutor da interpretação na "estrutura encarnada", no acontecer ou na história dos fenômenos ou na presença do "símbolo encarnado". Essa preocupação diacrônica é mais marcante nas pesquisas dialéticas que consideram a "existencialidade" como eixo da explicação

e da compreensão científicas, e têm na ação, uma das principais categorias epistemológicas.

A ação é, na sua concretude, critério de verificação da relação cognitiva e prova da coincidência das leis do ser e do pensar. A história, na dialética, não é, como nas pesquisas empírico-analíticas, um dado acidental ou secundário, uma variável denominada "tempo" ou "data", ou uma cronologia dos fatos, ou, como na teoria estruturalista, um dado circunstancial de contexto, uma referência ou uma "ciência auxiliar". Principalmente, nos enfoques dialéticos, a compreensão da dinâmica interna do fenômeno coloca-se como foco prioritário das buscas. O processo de transformações constantes devido a suas contradições torna-se o eixo central da pesquisa. De tal maneira que o conhecimento do fenômeno se elabora na medida em que se desvenda esse processo evolutivo. Nesse sentido, a explicação e comprensão dos fenômenos está na própria história do fenômeno e a sua historicidade passa a ser preocupação prioritária neste tipo de abordagem. À semelhança dos exemplos anteriores, as pesquisas preocupadas com a diacronia, podem ser comparados ao cinema, no sentido da preocupação com o registro do movimento, a evolução e a dinâmica dos fenômenos.

A concepção de realidade ou de visão de mundo, como categoria mais geral e abrangente, é um pressuposto fundamental que elucida a lógica implícita nas várias abordagens epistemológicas. Segundo Goldmann (1979, pp. 14-17), a visão de mundo, como instrumento conceituai de trabalho científico, permite compreender a produção humana como um todo coerente em si mesmo, e, ao mesmo tempo, como uma obra contextualizada na realidade viva, histórica que determina a formação desse conjunto coerente., por outro lado, explicita os nexos com as condições sociais e históricas dessa produção, mostrando os interesses, as preocupações, as diversas influências culturais, teóricas e políticas que os homens vivos - pesquisadores-, tiveram nas situações concretas de seu trabalho. A visão de mundo coloca-se, então, como uma categoria que explicita o nexo conhecimento e interesse.

A concepção de realidade relaciona-se com as concepções de história, de homem, de sujeito, de objeto, de ciência etc. Dessa forma, permite recuperar o fio condutor da compreensão e da explicação das várias abordagens teórico-metodológicas

Na recuperação dos nexos entre as concepções de História e as concepções do real, podemos identificar duas grandes tendências, aquela que privilegia uma visão dinâmica e conflitiva a partir das categorias materialistas de conflito e de movimento, e aquela que prefere uma visão essencialista, fixista, funcional, pré-definida e pré-determinada da realidade.

As pesquisas com preocupação sincrônica concebem os fenômenos enquanto fixos e situados num cenário, ambiente, ou contexto. Em alguns casos os contextos são ignorados ou controlados (variáveis intervinentes), em outros, referem-se às condições circunstanciais, ou macrosistemas com os quais os fenômenos (ou

sistemas) estabelecem relações funcionais. Para outros enfoque, os contextos, os ambientes externos, os cenários podem mudar, embora o fenômeno, na sua "essência", permaneça fixo, variando apenas suas circunstâncias. Desde outras perspectivas, a realidade é percebida como totalidade presente, universo de significados, fonte de múltiplos sentidos, universo oculto, que aparece e, ao mesmo se esconde, mas que fundamentalmente está aí, permanece, mais ou menos estático. Os fenômenos estão aí para serem compreendidos. Embora adquiram "movimento" na variação das circunstâncias ou no conflito das interpretações, eles são a manifestação de uma essência permanente (o invariante).

A visão anterior é criticada frequentemente pelas pesquisas com preocupação diacrônica. As críticas referem-se à visão homogênea e não conflitiva da sociedade (realidade mais ampla), e à visão estática dos modelos positivistas, funcionalistas e estruturalistas, que privilegiam a concepção ontológica do mundo, fundada no princípio de identidade e que preferem a descrição do universo ordenado, sujeito a leis permantes. As pesquisas com preocupação diacrônica são coerentes com a visão dinâmica da realidade e as noções ontológicas de "mundo inacabado" e "universo em construção", e estão preocupadas com perceber os fenômenos no seu devenir e na sua história.

A preocupação com a descrição, a análise, a especificidade e a interpretação dos fenômenos, utilizando para isso categorias fundadas na lógica formal, no raciocínio hipotético dedutivo, e nos princípios da identidade e da não contradição, opõe-se à preocupação com a dinâmica dos fenômenos, o devir da natureza e a história do homem, que utiliza categorias fundadas na lógica dialética e nos princípios do movimento e da luta de contrários.

CONCLUSÕES E OUTRAS QUESTÕES

Dado o caráter histórico dos fenômenos sociais, devem eles serem abordados, considerando-se sua historicidade. Mas a pesquisa científica, dependendo da abordagem teórico-metodológica utilizada, nem sempre considera essa característica inerente à existência do real.

As formas como o tempo é tratado e conceitualizado indicam diversas concepções do real e maneiras de compreender a historicidade dos fenômenos. Revelar, a partir das abordagens teórico-metodológicas utilizadas na pesquisa científica, essas implicações e as articulações entre as dimensões epistemológicas e ontológicas na elaboração do conhecimento é importante, não somente para desvendar os nexos entre conhecimento e interesse, mas qualificar a própria pesquisa científica. Esta torna-se qualitativamente mais significativa, quando na sua elaboração se consideram os pressupostos epistemológicos e filosóficos nos quais se fundamenta. Por outro lado, o conhecimento das implicações das opções teórico-metodológicas permitem elucidar sua abrangência, suas limitações e pertinências na produção do conhecimento.

A busca dessas dimensões implícitas no exercício da pesquisa científica é necessária e deve ser preocupação constante dos pesquisadores, visando ao aprimoramento dos processos de elaboração do conhecimento. A vigilância sobre os processos e as implicações da produção da ciência exige o desenvolvimento da crítica como condição necessária para o avanço da própria ciência e a progressão do conhecimento humano. Nessa linha de preocupações, a historiografia, como crítica epistemológica e ideológica, coloca-se como espaço de reflexão, na medida em que cuida dos desdobramentos da pesquisa e desvela as implicações filosóficas e ideológicas implícitas nos modelos de investigação científica e interroga sobre as formas como a ciência aborda a historicidade dos fenômenos sociais.

A historicidade dos fenômenos sociais não é apenas um objeto da história. Outras formas de elaboração científica deverão cuidar desse atributo. Do contrário, caberia questionar os motivos (interesses) que negam ou silenciam essa característica existencial de todo fenômeno social

Como desenvolver essas procupações e aprofundar essas questões? No diálogo permanente entre as ciências, caberia à Historiografia interrogar às outras áreas do conhecimento sobre a historicidade dos fenômenos? Qual é o forum para esse diálogo? É possível que a epistemologia, devido a seu caráter interdisciplinar seja um espaço para essa importante discussão. Temos aí algumas afirmações e algumas interrogações para incentivar a discussão e motivar novos estudos.

NOTAS:

1. Silva, analisando uma amostra das 160 dissertações defendidas nos cursos de Mestrado em Educação Física (USP, UFSM e EFRJ) até 1987, identifica as concepções de história com as seguintes expressões: " A história é reduzida ao presente estático... relacionada como cronologia de fatos...É vista... como a evolução do indivíduo em seus caracteres biológicos ou psicológicos de acordo com uma cronologia etária (p.175). Também é entendida "como progresso que implica em mudança de comportamento e adaptação do indivíduo a novas condições ou como progresso social, avanço da civilização que tem a tendência de diminuir a atividade corporal do ser humano" (p.176).

BIBLIOGRAFIA

CAMPBEL, D. STANDEY, J., Delineamentos Experimentais e Quase-experimentais de Pesquisa, São Paulo: EDUSP, 1979.

CROCE, B., La Historia como hazaña de la libertad, México: Fondo de Cultura Econômica, 1971.

GOLDMANN, L., Dialética e Cultura, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

HABERMAS, J. Conhecimento e Interesse, In Os pensadores, SãoPaulo:Abril Cultural, 1983, pp. 278-312.

LUDKE M., ANDRÉ M., Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, São Paulo: EDU, 1986.

SANCHEZ GAMBOA, S., Epistemologia da Pesquisa em Educação, Campinas:Editora UNICAMP, 1990 (no prelo)

SILVA, Rossana Valéria de Souza. Mestrados em Educação Física no Brasil: Pesquisando suas Pesquisas, Dissertação de Mestrado, UFSM, Santa Maria, 1990

VIET, J., Métodos estruturalistas em ciências sociais, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

WARDE, M. J., Contribuições da História para a Educação, in Em Aberto, Brasília, INEP, an. IX, n. 47, jul-set 1990.

A Lei na Gênese e Constituição da Educação Física Escolar Brasileira.

Ricardo de F. Lucena.
Universidade Federal do Espírito Santo / Centro de Educação Física e Desportos.

ABSTRACT:

"The law in genesis and constitution of the Physical Education at Brazilian schools".

This paper tries to demonstrate how is relevant the study of the peciflc legislation regarding the teaching of Physical Education at Brazilian Schools. Ahhough üttie attention has been given to this particular subject, studies have shown the peculiar influence that this body of laws upon the way Physical Education is taught in schools. In fact, this legislation determines even what itens should be included in the Physical Education school programs.

As últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas deste marcaram com a legislação pródiga muitos momentos da Educação Física brasileira . Situando nossa análise entre o final do século passado até os anos trinta e quarenta deste século e nos apoiando, principalmente em fontes como decretos, leis e pareceres realizados por nossos legisladores, objetivamos demonstrar neste passeio pela história da Educação Física no Brasil que na gênese e constituição da Educação Física, na escola brasileira de primeiro e segundo graus, a análise legal constitui importante elemento para a compreensão dos motivos que definiram sua inclusão no ambiente escolar.

Alguns autores tem demonstrado que a legislação em certos momentos foi determinante para a análise da Educação Física brasileira, mesmo e principalmente na sua vertente escolar. Castellani Filho (1), Betti (2) e Guiraldelli Jr. (3), são autores que se preocuparam com a referência legal em partes dos seus trabalhos.

Castellani Filho, mesmo mostrando a influência militar e médica associa aí ainda a importancia dos pareceres de Rui Barbosa que serviram, "sem sombra de dúvida, de referencial a todos aqueles que - notadamente nos primórdios do período republicano e nas primeiras décadas do séc. XX - vieram defender a presenca da Ed. Física no sistema escolar brasileiro." p. 53

Mauro Betti, só para citar mais um exemplo, faz uma síntese da Ed. Física na escola brasileira, traçando uma relação entre a política educacional e a Ed. Física e apoiando sua argumentação, em vários momentos, nos textos legais.

Mas nosso propósito aqui é tracar um paralelo entre Lei e Educação Física, tentanto demonstrar a especificidade desta em relação às outras disciplinas na escola de primeiro e segundo graus, visivelmente exposta pela legislação que, como fizemos questao de ressaltar anteriormente, será nosso principal material de análise. Contudo, antes de seguirmos adiante, vamos procurar entender um pouco melhor o que é a Lei e que enfoque buscamos neste estudo.

A LEI:

Ao trabalharmos com a legislação é preciso termos claro a definição do termo e o papel deste elemento denominado Lei.

É bom salientarmos, antes de tudo, que o enfoque destacado à questão legal parte da premissa de que, no caso da Ed. Física, é através de uma análise do projeto legislativo que poderemos entender com maior clareza os vários e diferentes momentos do seu enfoque pedagógico.

O enfoque que buscamos adiantar passa por uma distinção entre Lei e Direito, ou seja, não há nada a ser buscado acima ou além da Lei porque ela resume (e resolve) todas as possíveis contradições sociais. Já numa visão dialética do Direito a Lei é vista como parte deste Direito que se apresenta como canal móvel, expressão consciente das conquistas e lutas sociais. Deixando assim de ser vista como entidade situada acima dos interesses sociais, a Lei é revelada como apêndice do Direito e invariavelmente está ligada às intenções da classe dominante. Portanto, a Lei vista como todo Direito é fruto de um pensamento hegemônico que busca passar por geral sua visão particular do assunto.

O positivismo, que marcou acentuadamente o fazer legislativo na Educação Física, desloca o lugar da Lei tomando-a pelo Direito e define este pelo que dita a norma passando a idéia de igualdade social com o simples ditame social.

Baseado nesta forma do fazer legislativo Nicos Poulantzas nos chama atenção que "a Lei detém um papel importante na organização da repressão ao qual se limita; é igualmente eficaz nos dispositivos de criação de consentimento (...) muitas das ações do Estado que ultrapassam seu papel repressivo, suas intervenções econômicas e sobretudo seus compromissos materiais impostos pelas classes dominantes às classes dominadas, uma das razões do consentimento vem inscrever-se no corpo da Lei, fazendo parte de sua estrutura interna"(4).

Este direito de visão positivista, teve grande influência no ditame legal do nosso meio. Ele baseia-se numa forma funcionalista (porque reprodutora das

relações sociais) de encarar a Lei e essa associação feita entre Lei e Direito serviu sobremaneira aos interesses de uma elite inclinada em ver no ditame legal o fim das contradições sociais. Todos são iguais diante da Lei! (sic). Nesse particular é que G. Sarotte chama atenção que o relativo caráter de generalidade da Lei "passa a aparência de ser feita para todos sem discriminação alguma, o que leva alguns a extraírem a conclusão que ela tem por objetivo o interesse comum" (5).

Portanto, ao nos depararmos com o discurso de um elemento veiculador dos interesses de uma classe e aí vendo a expressão de que "todos têm de se sujeitar às atividades da Educação Física aí ministradas (na escola), porque assim determina a Lei" (6), vemos que esta disciplina está muito mais à disposição dos ideais de uma elite do que da vontade dos seus executantes. Ratificando o que vimos dizendo, G. Sarotte escreve que "na ordem histórica o costume precedeu a norma escrita emanada do poder. Mas, pouco a pouco, no decurso do tempo, esta substituiu aquele, sem contudo o eliminar totalmente" (7). Essa afirmativa nos leva até a pensar que na Educação Física, através do ditame legal, os poderes econômicos e políticos objetivaram dar contorno de costume a esta prática tomando assim um caminho visivelmente autoritário.

A EDUCAÇÃO FISICA É LEGAL ?

Dois pontos aqui merecem ser destacados: o primeiro é que, na ânsia de tracar uma política para o setor, visando tornar essa prática costumeira junto à população, o Estado usou prerrogativa de que a Lei é o Direito em si e aí encerrava todos caminhos da possível atividade física. O segundo, é que tracando as normas, estas deveriam também ditar o conteúdo da matéria pois assim se asseguraria uma prática mais afinada com os pressupostos assumidos pela olasse dirigente. No tocante ao primeiro caso, ou seja, de tornar costumeira a Educação Física, os pareceres de Rui Barbosa são um bom exemplo. Rui, nos idos de 1882, tratando da reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública, via a prática da Educação Física estendida às escolas como "um meio de lançar nos hábitos da mocidade a base da defesa nacional e como princípio influenciador de elevadas qualidade morais (...)" (8). Também poderíamos citar, neste particular, o decreto-lei nº 2.072 de 8 de março de 1940 que dispõe sobre a obrigatoriedade da Educação Física, Moral e Cívica e cria a juventude brasileira (9).

Com relação à explícita interferência no conteúdo da matéria, que faz ainda mais distinta a Educação Física das demais disciplinas da escola, poderíamos citar o Anteprojeto de 1929 que em seu artigo 41 determina que: "Enquanto não ficar criado o método nacional de Educação Física, fica adotado em todo território

brasileiro o denominado Método Francês sob o título de Regulamento geral de Educação Física." (10).

Definir seu conteúdo é também definir a "melhor" forma de praticá-la, o "melhor" caminho (e mais rápido) para se fazer justificada a prática e a formação desejada. A ênfase na legalidade vem, assim, pretender tornar costumeira esta prática. A Lei, neste caso, visa induzir (também obrigar, por que nao ?) a prática da Educação Física, dando-lhe contorno de costume e consequente justificativa legal. O que importa é que a legislação criando o fato, tece uma teia de relações que busca cercar o elemento proposto.

CONCLUSÃO:

Na visão funcionalista, baseada na norma e aceitação inconteste desta como definidora da ordem social, o costume é aceito como ratificador da norma escrita e muitas vezes esta antecede aquele - como foi o caso da Educação Física com seu projeto legislativo - buscando na norma sua justificativa social. Alguns viram nessa ordem a manutenção dos valores sociais ou, por outra, buscaram incentivar a prática "costumeira" de atividade física para através da Lei, troná-la importante socialmente.

Já a crítica a essa visão leva a encarar as leis como cristalização dos embates entre os segmentos do setor, inclusive entre a sociedade civil e o aparelho de Estado, constituindo-se assim no espaço limite que os segmentos, através dos estatutos e o Estado, através dos planos, possuem para direcionar ou redirecionar os esforcos e para intervir na organização do setor (11). Mas, como vimos, o tratamento dado à Lei na constituição da Educação Física Escolar brasileira a considera não como produto do embate social, mas como agente determinante na organização da área.

Portanto, é com a idéia de se atender aos ideais de uma Educação Física de forma ampla e formadora de homens fortes e sadios (de acordo com o modelo previsto e desejado por alguns) que se tomou o caminho legislativo, visto como ordenador e justificador da prática, cercando seu universo até com definições de conteúdo. Fica a impressão de que, definindo o método, ou por outra o conteúdo da Educação Física na escola, se delimitaria com a maior precisão o universo de atuação, garantindo o produto final almejado, ou seja, o homem fisicamente sadio "cônscio de suas responsabilidades e apto a contribuir eficientemente para a economia e a defesa da nação." (12).

NOTAS:

(1) CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a História que nao se conta.
(2) Mauro BETTI. A Ed. Física na Escola Brasileira de 1_ e 2_ Graus no período de 1930-1986: Uma abordagem sociológica.
(3) Paulo GUIRALDELLI JUNIOR. E. Física Progressista.
(4) Nicos POULANTZAS. A Lei. in: Crítica do Direito. Sao Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1980, p. 72.
(5) G. Sarotte. O Materialismo Histórico no Estudo do Direito. p. 254.
(6) Ovivio S. SOUZA. Inspeção em Educação Física. in: Revista de Educação Física, p. 08.
(7) Op. Cit. p. 201.
(8) Rui BARBOSA. Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública. Parecer e Projeto p. 131.
(9) Decreto-lei n_ 2.072. LEX. p. 152 e 160.
(10) Inezil Penna MARINHO. Contribuição para a História da Educação Física no Brasil. 1943. p. 185 a 203.
(11) Eduardo MANHAES. Política de Esportes no Brasil.
(12) Revista Brasileira de Educação Física. Ano IV, n_ 42.

BIBLIOGRAFIA:

BETTI, Mauro. A Educação Física na Escola Brasileira de 1_ e 2_ Graus, no Período de 1930 - 1986: Uma Abordagem Sociológica. Sao Paulo, Mestrado/USP, 1988.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: A História que nao se Conta. Campinas, Papirus, 1988.

Decreto-lei nº 2.072, de 08/03/40 - Dispoe sobre a obrigatoriedade da Educação Cívica, Moral e Física da infância e da juventude; fixa as suas bases e para ministrá-las organiza uma instituição nacional denominada juventude brasileira.

GUIRALDELLI JR, Paulo. Educação Física Progressista. Sao Paulo, Ed. Loyola, 1988.

MANHÃES, Eduardo Dias. Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

POULANTZAS, Nicos. A Lei. in: Crítica Direito. Sao Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1980.

Projeto nº 22 de 04/09/1882. Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares de Instrução Pública. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1983.

SAROTTE, Georges. O Materialismo Histórico no Estudo do Direito. Lisboa, ed. Estampa, 1972.

SOUZA, Ovidio S. Inspeção em Educação Física. Boletim de Educação Física. 6(13) 7- 17. 1955.

MARINHO, Inezil Penna. Contribuição para a História da Educação Física no Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943.

XXI Jogos Escolares Municipais de Vitória
XXII JEMVI - 1992

Dirce Maria Corrêa da Silva
Chefe do Serviço de Recreação e Pedagogia
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria Municipal de Educação
Divisão de Educação Física e Recreação

ABSTRACT:

"22nd. Municipal School Games - XXII JEMVI/Vitoria-E.S./Brazil-1992".

This text tells about the 22nd. Municipal School Games - XXII JEMVI - 1992. It compares the two sides of a coin (heads and tails) in an attempt to estabilish and analogy between the pleasure and the power so much present in those games.

---

1. Os dois lados da moeda:

Moedas são assim: tem um lado da coroa que representa o valor, o poder; e tem o lado da cara que diz do lugar, da sociedade em que se dá este poder.

Jogos também tem dois lados. Um que fala do que,por que, com que realizar; e outro lado que fala do com quem.

Neste artigo iremos tratar dos dois lados dos XXII Jogos Escolares Municipais de Vitória - 1992 (XXII JEMVI - 1992). Vamos falar dos dois lados da moeda que, apesar de separados, fazem parte da mesma moeda.

Pensar os jogos escolares sem priorizar o podium foi algo interessante, desafiador e relativamente fácil. Viver essa perspectiva, nem tanto... Mas esse ato desafiador foi comungado por todo o grupo de professores treinadores da Rede Municipal de Ensino.

Entre os educadores é comum se relacionar o desporto ao poder enquanto o primeiro instrumento do segundo.

Bracht (1987) ao falar da socialização do esporte diz:

"...um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso país.(...), é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentam como normas desejáveis."

A partir desse referencial buscou-se junto aos professores treinadores sair da crítica reprodutivista e propor uma concepção de desporto enquanto instrumento da contra-ideologia, capaz de efetivar na prática a formação do aluno cidadão.

Desta forma o XXII JEMVI, teve aumento no número de modalidades, limite de participação do aluno em uma modalidade coletiva e o atletismo; ampliando assim a participação do aluno nos jogos. Também nesta perspectiva incluiu-se pela primeira vez os alunos portadores de necessidades educativas especiais da Rede Municipal nos jogos, juntamente com alunos de outras instituições (ADEVICA, UNICEP, APAE-Vitória, APAE-Cariacia, ESCOLA ORAL AUDITIVA, ASURVI, CREFES E PESTALOZZI).

Porém, apesar dos avanços, ainda persistem algumas contradições que precisam de ser amplamente discutidas para que possamos chegar a uma prática desportiva mais humana.

2. A coroa (ou o poder) da moeda:

Realizado a vinte e dois anos os jogos Escolares Municipais de Vitória contam por si o sucesso deste evento junto aos estudantes. Mas não falam igualmente da preocupação da Prefeitura com a sua realização.

Existe na Prefeitura Municipal de Vitória uma política de esporte que privilegia o desporto de alto nível, através da Lei Jaime Navarro de Carvalho, mas não prioriza o desporto escolar.

A própria Secretaria Municipal de Educação (SEME), em 1992, não compreendeu os jogos como parte do processo educacional, o que levou a maioria das Escolas a agir assim também.

E, se tem este lado intitucional, também tem o nosso lado competidor por excelência que ainda privilegia o ganhar, o vencer.

Somente a participação efetiva e compromissada de todos os segmentos envolvidos com os jogos podem transformá-los.

3. A cara (ou o prazer) da Moeda:

Aqui, ousamos trascrever parte do texto incluído no Relatório dos XXII JEMVI - 1992 por considerá-lo uma poesia. E como tal, melhor recitá-la que interpretá-la.

Com discurso de integração, participação e educação, na prática os XXII JEMVI foram o resultado do compromisso assumido por professores, alunos e diretores que "vestiram a camisa" da INTEGRAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E

EDUCAÇÃO. Só com a demonstração de que isto é possível podemos hoje nos sentir recompensados.

A INTEGRAÇÃO nesse JEMVI foi para além das partidas, das escolas, das pistas e para além das fronteiras da competição. Durante a realização dos jogos, a visão dos professores (teoricamente adversários) se ajudando e a vibração dos alunos a cada gol, ponto ou classificação que, sem a preocupação em saber se era a sua escola ou não, fazia um barulho ensurdecedor. Tinha-se a certeza de que apesar dos pesares valeu a pena pensar e fazer do esporte um direito do aluno que desejamos cidadãos. Parabéns a essa torcida que chegou a ser contida nas suas manifestações de euforia nos jogos de GOLBOL. Parabéns aos alunos quem souberam mostrar a que lá esteve que nenhuma deficiência é obstáculo para integração e para a vida.

Participar foi o grande lance! Ninguém melhor do que os próprios alunos que recepcionaram seus colegas para constatar isto de perto. Um cartaz da EPG "Arthur da Costa e Silva" recebia os alunos assim: "Campeão ou fracassado, o que importa é ter jogado. Parabéns Atletas." Em 13 dias circularam pelos caminhos dos XXII JEMVI aproximadamente 2.000 alunos jogando, correndo, nadando ou pedalando e outros tantos que compareceram para simplesmente torcer, para simplesmente mostrar que a integração é para além da escola, para além de fronteiras tantas vezes repressoras da alegria. Era lindo ver professores fazerem questão de que todos os seus alunos inscritos participarem dos jogos. Foi arrepiante ver a relação de "cumplicidade" entre os alunos e professores. Uma relação mais próxima que estabelece intimidade e que traz a certeza da retribuição na quadra e fora dela. Educar precisa ser assim, essa troca de afetos e seduções que permitem cumplicidade, experiências e comemorações. Ainda bem já existem algumas escolas que respeitam a jornada dupla (treinamentos e aulas) dos alunos e não fazem disto um campo de batalha onde o aluno é aquele que está no lado mais ruído da corda!

Aqueles que entenderam que EDUCAR está além de provas finais e notas sabem o quanto foi emocionante o gostinho de voltar para a escola não porque trouxeram troféus, certificados e medalhas, mas porque o JEMVI foi a escola que cresceu.

Só foi lamentável que todos puderam verificar este festival de alegrias e que certamente não se repetirá, porque na próxima pretendemos que seja ainda melhor.

Mas apesar de tudo, mesmo sem contar com a importância devida, existe a certeza de que quando levamos a sério o propósito de EDUCAR, INTEGRAR e PARTICIPAR, podemos ver que valeu a pena.

Parabéns alunos, professores, pais, diretores e todos aqueles que além de contribuírem durante o desempenho de suas funções puderam assistir ao maior espetáculo de Educação, Participação e Integração. Afinal,

"... A educação que eu necessito É aquela que faz de mim mais eu, que desperta, do ministério do meu ser, as potencialidades adormecidas. É uma educação que

promove minha identidade pessoal. Eu me educo fazendo cultura e neste ato de geração cultural eu construo minha educação conquisto o meu ser, relação dialógica Homem/Natureza." (Vital Didonet)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, M. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Ed. Movimento, 1991.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo.. capitalista. In:

OLIVEIRA, V.M. (org) Fundamentos Pedagógicos: educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

VITÓRIA, P. M. Relatório dos XXII Jogos Escolares Municipais de Vitória - 1992. Vitória: PMV, 1992.(mimeo).

A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA DE 1o GRAU

Paulo da Trindade Nerys Silva
Maria Beatriz Rocha Ferreira

ABSTRACT:

The procedures to evahiation learning, utilized by Physical Education teachers in first grade schools, gain importance by the proportion in wich they link with an educational project and with it's consequent teaching project. The approach to the problem is based around several central ideas:

1 - The significance that evaluation of the learning has been acheived and to what conception of school and Physical Education the actual model satisfy.
2 - The Historical conditions that influenced the evaluations of teaching-learning process of Physical Education.
3 - New reference to conduct methodologycaly the evaluation of the teaching-learning process in Physical Education School.

O texto ora apresentado leva em consideração a investigação realizada em escolas de 1o grau - de 5o a 8o série - da rede pública municipal de ensino, da cidade de Campinas, SP, que dentre os objetivos destacamos o estudo da prática da avaliação pelo professor de Educação Física (SILVA 1993).

Escolas estudadas.

A coleta de dados foi feita em 10 escolas, dentre as 38 existentes na rede pública de ensino da cidade de Campinas. O número de escolas não chega a ser uma amostra representativa do conjunto delas em Campinas e, portanto, não há intenção de generalizar os resultados encontrados para outras escolas.

O estudo do conhecimento, opinião e vivência do professor de Educação Física sobre a avaliação da aprendizagem na escola de 1o grau, de 5o a 8o série foi realizado através do método desenvolvido por SCRIMSHAW e HURTADO

(1990). denominado - Procedimento Avaliativo para Pesquisa Antropológica Pápida (PAPEAR). Embora este método tenha sido elaborado para a área de saúde, o mesmo foi adaptado para o presente estudo no que diz respeito às técnicas de observação e conversa.

Um longo período de observação dos professores seria ideal para a apreensão de suas atitudes em sala de aula, entretanto, opto-se pelo método PAPEAR pelo mesmo ter como uma das vantagens a realização do trabalho de campo num prazo curto, ou seja, de quatro a oito semanas.

As técnicas utilizadas na presente pesquisa foram: observação, entrevista formal e conversa.

A prática avaliativa

Com o objetivo de descrever os procedimentos avaliativos utilizados pelos professores de Educação Física, segue-se um relato sucinto, organizado a partir das informações obtidas nas observações, entrevistas e conversas.

A prática da avaliação não apresentou diferenças entre escolas, mesmo levando-se em conta que existe diferenças entre elas no que diz respeito aos recursos materiais, como também no que concerne à formação profissional.

Considerando que a maioria dos professores entrevistados foram graduados na década de 80, momento em que estava sendo veiculado no país a produção cie..fica em Educação Física dentro de uma linha crítica; não se notou diferenças significativas na maneira de agir dos professores com menor tempo de experiência (por volta dos 5 anos) e aqueles com mais tempo (por volta de 10 anos). Era de se esperar uma diferença de comportamento, haja visto os professores formados há mais de 10 (dez) anos não terem tido as mesmas influências em seu processo de formação que aqueles com menos tempo de formado. Esse comportamento pode ser explicado pelo grande volume de trabalho a que os professores são submetidos, conforme citado anteriormente. Por outro lado, a Educação Física sendo caracterizada como atividade, não recebe o mesmo tratamento que as disciplinas. As suas aulas são, em geral, fora do horário normal das disciplinas, portanto com poucas chances de ser incluída na interdisciplinariedade escolar. O controle sobre as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física não é o mesmo exercício sobre as disciplinas. Ao que parece, isto leva a uma acomodação do professor em relação às preocupações pedagógicas.

Tal fato nos leva a crer que as mudanças propostas e vinculadas durante a última década não estão repercutindo no comportamento dos professores nas

escolas estudadas. O processo de formação profissional não está conseguindo solucionar o problema da prática do professor.

Embora a maneira de agir dos professores tenha sido semelhante, não houve uma tendência comum entre eles, quanto às suas concepções sobre educação e o papel da avaliação no processo educacional.

Em geral, os comportamentos desejados não se referem aos expressos nos planos de aula, mas tão somente aos objetivos internos ao professor. Isto ocorre devido ao fato de que o planejamento é considerado pela maioria dos professores como mais um aspecto burocrático da direção da escola. De acordo com os depoimentos este fato é caracterizado pela exigência da direção da escola para que os professores apresentem os seus planos no início de cada período letivo, sem que haja um acompanhamento do trabalho didático durante este período.

Em alguns casos foi observado que os professores não haviam feito o planejamento, mesmo considerando-se que já estavam com a carga horária do semestre próxima ao final. Dessa forma, o planejamento, assim como a avaliação estavam presentes somente na memória de cada professor. Em geral os alunos são observados em seus aspectos motores ligados à busca de talentos esportivos.

A avaliação do aluno não se dá em função do conteúdo desenvolvido. Não se percebeu algum tipo de preocupação dos professores com a discriminação dos tipos e níveis de aprendizagem que esperam ser decorrentes do trabalho desenvolvido.

As diferenças do pensar a avaliação não estão nas escolas, e sim entre os professores. Os resultados indicam que a prática da avaliação não está sendo influenciada pela condição da escola e pelo processo de formação do professor, mas tão somente pela concepção de mundo, de educação e de ensino.

Ao que parece, os professores não dispõem de tempo para trabalhar o ato pedagógico. As condições de sobrevivência lhes impõe uma carga de trabalho exaustiva, impossibilitando-os de estabelecer contato com as mudanças ocorridas na área.

O que podemos esperar de um professor que trabalha sessenta horas semanais, que atende mais de quinhentos alunos duas vezes por semana e ainda desenvolve atividades comerciais durante o seu "tempo livre"? Que tipo de pedagogia funciona a avaliação da aprendizagem em Educação Física é importante, necessária e prioritária?

É necessário o rompimento dos processos de avaliação com o modelo tradicional de supervalorização dos alunos bem sucedidos e o conseqüente desinteresse e abandono das necessidades dos grupos de baixo rendimento

Quando os objetivos de ensino não são alcaçados, a tendência é atribuir a responsabilidade ao aluno, pelo fracasso, pois o professor parte do princípio de que foram dadas iguais oportunidades para a ocorrência de aprendizagem - conforme BOURDIEU e PASSERON (1975), BROADFOOT (1979), GOLDBERG (1980), OTT (1983), LIBANEO (1984) e SOUSA (1986).

A prática do professor nos mostra a necessidade de um trabalho mais profundo envolvendo critérios, categorias para dar embasamento à avaliação, fugindo do reforço aos aspectos individual, meritocrático e seletivo. São desconsiderados os valores e as condições concretas dos alunos e dos vários agentes envolvidos no processo educativo, e a sua articulação com as características do contexto escolar e social, onde se desenvolve. Há, portanto, a produção de um modelo pedagógico dicotômico e atomizado dos elementos do processo pedagógico - objetivos, conteúdos, processos de ensino e avaliação (ENGUITTA, 1989).

Na prática da avaliação, o primeiro aspecto a ser considerado foi o planejamento do professor. A afetividade e a sociabilidade são os principais objetos de avaliação. Na forma de abordar o conteúdo das aulas, a prática desportiva é referência fundamental. No que se refere às formas de avaliação, o aspecto formativo se constitui na principal modalidade

O sentido que vem se revestindo a avaliação da aprendizagem em Educação Física evidenciou alguns fatos, a saber:

1- Todo processo de avaliação desenvolvido nas escolas estudadas decorre das experiências do professor em sala de aula;

2- A produção do conhecimento está tendo uma repercussão pouco efetiva nas atividades desenvolvidas no interior dessas escolas;

3- A avaliação, tal qual o modo como se apresenta não leva em consideração a reflexão crítica da realidade. Isto pode ser percebido nos depoimentos dos professores entendendo o ato pedagógico como autônomo e dissociado da sociedade.

Chama a atenção o fato de que alguns professores queiram para a Educação Física o statua de disciplina, apenas para fazer o que as outras disciplinas fazem. Se a Educação Física é uma atividade e por isso ela tem problemas de avaliação, não é o fato de torna-la disciplina que vai resolver esse problema, até porque as que têm esse mesmo status têm o mesmo problema.

Ao que parece, os problemas da avaliação da aprendizagem em Educação Física, estão cercados pelos mesmos acontecimentos que cresciam a escola como um todo, como forma histórica e que mais especificamente agora o equacionamento da questão da Educação Física passa por uma redefinição do que nós entendemos por formação humana, ou seja, diz respeito a como nós nos

posicionamos sobre a formação do homem integral no aparato escolar. A Educação Física até poderia deixar de ser uma atividade para integrar o rol das disciplinas regulares mas, calçada por uma concepção de formação diferente daquela que é a real causadora dos problemas da escola tanto na Educação Física como nas demais disciplinas.

Um dos estidos mais recentes sobre a avaliação do processo ensino-aprendizagem da Educação Física foi realizado pelo COLETIVO DE AUTORES (1992), que entre várias propostas aponta para:

- explicitação das referências às quais a avaliação da Educação Física deve estar articulada em um projeto histórico de sociedade;
- avaliar levando em consideração aspectos do conhecimento, habilidades e atitudes e as condutas sociais do aluno;
- superação das práticas mecânico-burocráticas;
- avaliação participativa;
- considerar a avaliação em seus aspectos de ensino e aprendizagem, informando e orientando o ensino;
- compreensão crítica da sociedade;
- ênfase nos princípios da ludicidade e da criatividade.

Este estudo propõe um repensar sobre as concepções que tem direcionado o trabalho dos educadores, na área de avaliação de aprendizagem, na perspectiva que possam atuar como mediadores de uma nova prática avaliativa, onde o ensino e a aprendizagem se aproximem do eixo curricular, sùperando as práticas vigentes através da reflexão crítica da realidade.

O encaminhamento dessa problemática diz respeito a uma crítica da escola a sua concepção de formação. É, portanto, a concepção fragmentada que se tem de formação do homem na escola que termina gerando problemas para todas as disciplinas e inclusive para a EEducação Física. Revisto o conceito do homem, revista a concepção de formação humana que está implícitana escola capitalista, nós abriríamos a possibilidade de equacionarmos o problema da Educação Física entendendo que a formação humana não comporta uma divisão entre aquelas disciplinas que apontam para a "constituição física do homem".

O cerne da questão sobre a avaliação da aprendizagem é que os seus problemas não são problemas das disciplinas ou atividades, mas de algo maior na escola que afeta por igual todas elas, que é a concepçãode homem, a concepção de formaçãoe a organização curricular da escola.

BIBLIOGRAFIA:

BERGO. A.C. **O positivismo como supestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação.** São Paulo: Dissertação de mestrado, PUC, 1979.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FARIA JR. A.G. de. **Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento cientifico: descrição e análise.** Revista Tema de Educação - Revista do Mestrado da UERJ, 2, Jan/abr. 1987.

_____. **A questão da avaliação em Educação Física e Esporte.** In: II Simpósio Paulista de Educação Física . UNESP- Rio Claro, 1989b.

FERREIRA. V. L.C. **Prática da Educação Física no 1g grau.** São Paulo: Ibrasa: 1984..

SILVA. P.T.N. **Avaliação da aprendizagem em Educação Física na escola de 1g grau.** Dissertação de mestrado FEF/UNICAMP, 1993.

SILVA. R.V. de S. **Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas.** Dissertação de mestrado: UFSM-RS, 1990.

SOUZA, N. M.P de. **Tendências da avaliação do ensino-aprendizagem na Educação Física escolar.** Dissertação de mestrado/ UGF, 1990.

WARDE, M.J. **Liberalismo e educação.** Tese de doutorado. PUC-SP, 1984.

O MÉTODO FRANCÊS E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: da caserna à escola (1)

Silvana Vilodre Goellner
ProP Assistente ESEF/UFRGS

ABSTRACT:

"The French Method and The Physical Education and Brazil: from the barracks to tbe school".

This work is directed towards a historical study of Physical Education that can enable us to aprprehend its origins, developments and, especially its implications on Brazilian Physical Education.
The French Method has been chosen due to its significance in Brazil, where it has marked deeply the pedagogical work on this school discipline, in so far as it has been directed towards improving health conditions, strengthening the race, consolidating certain disciplines and maintaining the order. For ali that, it has introduced this same orientation, so that is represented, in the area of physical activities, a transposition to the school of the work carried out in the barracks.
Sumary of the dissertation presented for master's degree at Federal of the Rio Grande do Sul University (UFRGS), in April 1992.

1. Raízes históricas do Método Francês

A identificação das atividades físicas como um meio de educação data de muito tempo. Na Idade Moderna encontramos no Renascimento um momento particularmente interessante à essa observação, pois ao redimensionar a compreensão do ser humano em relação à Idade Média, o percebeu como sujeito a uma educação integral, onde se inseriam também as práticas corporais. Dadas as condições econômicas precedentes a esse período - crise no modo de produção feudal, surgimento dos burgos, economia monetária em substituição a de subsistência, crescimento do comércio - houve, com o movimento renascentista, um impulso a maturação da burguesia enquanto classe social, cuja concepção de mundo firmou-se nos princípios da ideologia liberal. Esse conjunto de circunstâncias acabou por valorizar o "culto à razão" que resultou no desenvolvimento dos métodos experimentais, no empirismo, na observação e na comprovação, pois buscava-se através dessa atitude denominada de científica "a

obtenção do máximo domínio sobre o meio natural, a fim de explorar-lhe os mínimos recursos em proveito dos lucros do mercado" (2).

Dentro desse contexto foi atribuído, tanto à educação quanto à ciência, um papel significativo na tentativa de assegurar a nova ordem social. A educação por voltar-se para a formação do "homem integral", portanto, saudável, forte e produtivo; a ciência, por possibilitar novas perspectivas de conhecimento do mundo em função da atenta observação empírica que fazia sobre a natureza.

Nesse momento, as atividades físicas adquirem relevância e a ginástica aparece como um elemento capaz de enobrecer a alma e fortalecer o corpo, na medida em que poderia atuar no aprimoramento da saúde e no forjar de certas disciplinas. Esse pensamento vem ao encontro do movimento nacional-patriótico que dissemina-se na Europa, fundamentalmente depois da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, e acaba por colocar como imperiosa a necessidade de formação do soldado combatente capaz de lutar nas guerras em função de conquistas territoriais e da formação dos Estados Nacionais.

O Método Francês, analisado nesse texto a partir da versão que foi oficialmente adotada no Brasil, não foge a essas determinações históricas. Origina-se no final do século XIX dentro de uma instituição militar, a Escola Militar de Joinville-le-Pont, absorvendo também as influências das Revoluções Francesa e Industrial, expressas na sua doutrina a partir de duas perspectivas distintas mas não antagônicas: uma fundada nos ideais nacionalistas e outra centrada nos estudos advindos da fisiologia.

Após uma detalhada análise acerca do Regulameto nº 7 e de outros documentos que o complementam, é possível afirmar que há uma compreensão limitada acerca de homens e mulheres regida por uma concepção de ciência que, fundada nas leis biológicas, os percebe apenas a partir dessa dimensão, ignorando a dialeticidade do indivíduo como um ser biológico-social. Com relação ao movimento humano, parte também de uma visão reducionista na medida em que o analisa apenas através de seus aspectos anátomo- mecânicos. Observações essas que estão expressas já na sua primeira parte, quando afirma que "a educação física deve ser orientada pelos princípios anátomo-fisiológicos" (3) e compreende "o conjunto dos exercícios cuja prática racional é suscetível de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico, compatível com sua natureza" (4).

De acordo com essa ótica, as atividades físicas aparecem como um meio de aprimorar a saúde e a compreensão que se tem de saúde diz respeito a um conceito limitado e individualista, que resulta de uma vida tranquila e de um bom funcionamento do organismo, ou ainda, do "perfeito equilíbrio das funções vitais" (5). Nem uma vez se concebe a saúde numa instância mais ampla e resultante de um aglomerado de pré-condições como, por exemplo, alimentação, moradia, trabalho, educação, meio-ambiente, lazer, transporte, acesso aos serviços públicos de saúde, entre outros. Condições essas que são objetivas e se definem na concretude das relações sociais num determinado momento histórico conforme o

modo de produção vigente, no caso, capitalista. A saúde é incorporada aos objetivos do Método Francês como uma idealização individual.

Esse incessante cuidado com a saúde passa, então, a ser entendido como uma possibilidade de controle sobre o corpo individual e, a partir dele, o social. Pois, sob o discurso da regeneração e fortalecimento da raça estava colocada a idéia de preparar o cidadão não apenas para vencer as guerras como também para empregar sua força produtiva em prol do engrandecimento da nação. Por outro lado, há que se referenciar que o cuidado com a saúde não foi apenas ideológico e autoritário. Refletiu também uma preocupação com a precariedade da condição de vida das pessoas cuja deficiente infra-estrutura que não era condizente com o crescimento das cidades que se expandiam rapidamente frente ao desenvolvimento da indústria e do comércio. Acrescidos a estes, havia a existência de epidemias, as consequências das guerras e a condição de miserabilidade da maioria da população.

Assim, se por um lado, a atenção com a saúde esteve direcionada para o controle social e a disciplinação, por outro, trouxe melhorias ao conjunto da população, atendendo até mesmo algumas reivindicações dos trabalhadores. Fato esse que não isenta o que estava colocado como questão de fundo, que era o fortalecimento da raça, que por sua vez, impingia a preparação do soldado combatente e do trabalhador produtivo provocando, finalmente, o que se concebia como desenvolvimento da nação.

2. O Método Francês no Brasil: saúde, raça, disciplina e ordem

A ginástica de Joinville-le-Pont chega ao Brasil em 1907, e desde então dissemina-se pelo país, gerando uma uniformização das práticas corporais que não mais se restringia às Forças Armadas.

Analisar as implicações desta ampla utilização do Método Francês no cenário da Educação Física brasileira requer estabelecer nexos históricos com o panorama político e econômico vigente no período em que se manifestou, uma vez que, enquanto instrumento de uma política estatal esteve atrelado à questões conjunturais e estruturais. Nesse particular cabe destacar o período compreendido entre 1920-1946 como aquele em que houve maior preocupação com a Educação Física e, por consequência, com o Método Francês.

O Brasil estava passando por uma transição de seu modelo econômico que da agroexportação apontava para o setor industrial que adquiriu expressão no final da Grande Guerra. Houve, então, um grande incentivo a esse setor trazendo consigo uma nova realidade marcada inclusive pelo acirramento das disputas políticas que resultou no que golpe que se convencionou chamar de "Revolução de 1930".

Nasce, a partir de então, um Estado forte orientado por uma política centralizadora e intervencionista onde figurava a idéia da "colaboração nacional" em prol do desenvolvimento da Pátria. Getúlio Vargas buscou essa "unidade

nacional" aprovando uma estratégia que comportava a necessidade de um "homem brasileiro", de uma "raça brasileira", homogênea, produtiva e obediente para seguir os desígneos de uma elite poderosa. Motivo pelo qual o Método Francês teve plena e oficial aceitação no governo Vargas. Se fazia premente assegurar a política emergente que contava com o apoio do Exército e o Método Francês continha elementos adequados para tal, na medida em que, resguardadas as particularidades da França, privilegiava um caráter nacionalista em defesa também do engrandecimento da Pátria, do fortalecimento da raça e da formação do trabalhador produtivo. Ou seja, dentro dos limites de sua provável ação poderia exercê-la com eficiência ao valorizar a ordem, a disciplina, o controle da população por meio de seu caráter higiênico, eugênico e disciplinador, onde posso dizer que, no Brasil, o higienismo e a eugenia revelaram o racismo, a ordem e o autoritarismo.

Esse discurso alastrou-se pelo país e foi amplamente apoiado pelos militares que, ao agirem na "defesa dos interesses da Pátria", utilizavam-se de várias estratégias para o disciplinar dos comportamentos sociais. Há que se notar também que não só os militares direcionavam a Educação Física e o Método Francês. Houve grande influência dos médicos higinistas que, desde os primeiros anos da República, ditavam as normas higiênicas e os cuidados corporais da sociedade brasileira, imiscuíndo-se em diversos espaços como cursos, congressos, políticas estatais e o mercado literário. Estes trouxeram à Educação Física um caráter científico que se fez soberano e foi usado pera que houvesse maior aceitação daquilo que se propunha. Em função dele, os médicos acabaram direcionando o trabalho com a ginástica através de "prescrições", cabendo aos professores e instrutores um papel secundário que consistia em executar tais prescrições.

A Educação Física, que vinha de uma tradição militar, absorve a influência do pensamento médico-higienista, dando suporte a ideologia dominante apresentando-se, muitas vezes, como palco de suas manifestações perpassando e reproduzindo aqueles valores necessários à efetiva consolidação da sociedade marcada pelo nacionalismo e espírito autoritário que, em última instância, favoreceu a sociedade industrial e o primado do lucro em favor da classe e dos grupos sociais dominantes.

A tentativa de uniformização da Educação Física em torno do Método Francês atingiu grande abrangência, quase que homogeneizando as práticas da Educação Física escolar. Para ilustrar essa idéia recorro aos índices percentuais apresentados por Cantarino Filho acerca da utilização do Método Francês no ensino secundário. No ano de 1938, um total de 56% das escolas existentes no país o adotaram. Em 1939 esse índice aumentou para 77,89% e no ano seguinte 88,87% das escolas trabalhavam com o Método Francês (06). Esse percentual se manteve alto por um longo período, influenciando de forma contundente o fazer pedagógico da Educação Física brasileira, pois manteve-se, na maioria das vezes, como o seu único conteúdo.

O Método Francês, vislumbrado como capaz de colaborar significativamente na construção da nova ordem social por incultir a ordem, a disciplina e a submissão e por possibilitar o fortalecimento da raça frente ao seu rigor anátomo-fisiológico, foi eleito pelos governantes como aquele que uniformizaria a Educação Física. Em 1952 Inezil Penna Marinho faz a seguinte constatação: "o Método de Joinville-le-Pont, vigente há 25 anos sob forma oficial foi finalmente assimilado, incorporando-se a nossa cultura" (08). Assim, apesar da existência de outras manifestações na área da cultura corporal como a ginástica sueca, o Método Desportivo Generalizado, a ginástica feminina moderna, entre outras, o Método Francês figura ainda no contexto escolar 9 como seu conteúdo mais expressivo pois "até próximo dos anos 60 era a metodologia da Educação Física oficialmente adotada nas escolas brasileiras" (09).

Não posso deixar de citar que, nesse momento, o Método Francês já era pouco considerado no cenário internacional, visto que as atividades físicas em evidência centravam-se nos trabalhos atléticos e desportivos da escola inglesa. Mas aqui persistia ainda a orientação militarizada que tinha como pano de fundo a intenção de formar o "homem brasileiro".

Dada a sua consolidação no contexto escolar brasileiro, o Método Francês acabou por formar um arcabouço teórico que se enraizou nessa área, projetando uma concepção de Educação Física e movimento humano que até hoje se fazem sentir nesse âmbito. Basta observar o autoritatismo e o caráter disciplinador nas quais, muitas vezes, as aulas são conduzidas. Além disso, estão permeadas por atitudes voltadas quase que unicamente para o aperfeiçoamento físico, a partir de uma visão biologicista de mulheres e homens, onde hipervaloriza-se a consagração dos talentos individuais mediante sua performance.

Nesse sentido, o Método Francês, ao direcionar-se para a instrução militar, o adestramento físico e a imposição de valores nacionalistas traduziu no âmbito da Educação Física, uma transposição direta do trabalho realizado na casema à escola.

NOTAS

1. Resumo da dissertação de mestrado apresentada no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na ESEF/UFRGS em abril de 1992.
2. Nicolau SEVCENKO, O Renascimento, p. 11.
3. BRASIL, Ministério da Guerra, Regulamento nº 7 da Educação Física, p. 7.
4. Ibid, p. 20.
5. Ibid, p. 21.
6. Mario R. CANTARINO FILHO, A Educação Física no Estado Novo: história e doutriona, p. 195.
7. BRASIL, Ministério de Educação e Cultura/Divisão de Educação Física, História da Educação Física, p. 95.

8. I.P. MARINHO, op. cit., p. 193.
9. Mauro BETTI, op. cit., p. 73.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus, no período 1930- 1986: uma abordagem sociológica. São Paulo, USP, 1988. (dissertação de mestrado)

BRASIL, Ministério da Guerra. Regulamento nº 7 de Educação Física. Rio de Janeiro: Biblioteca "A Defesa Nacional", 1934.

_____. Ministério de Educação e Cultura/Divisão de Educação Física. História da Educação Física. Brasília, 1965.

MARINHO, Inezil Penna. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Companhia Brasil Editora, s.d.

SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. Campinas: Atual e Editora da UNICAMP, 1988.

As propostas de Fernando de Azevedo sobre a educação física*

Pedro Angelo Pagni**

ABSTRACT:

"The proposal of Fernando Azevedo about Physycal Education".

This article aims to show a part of the discussion present in the dissertation Fernando Azevedo body of the educator: 1916-1933.

This discussion focuses on the program of Physical Education proposed by Fernando Azevedo. This program is based on a "cientificai model", in the activity's teaching accordlng's to sex and the age and to methodology wich pretends individualized. Its goais are the health aprimoration, the racial and esthetics regeneration of the our population. We don't hàve indicts of the its concretization, but we can say that this program intends to perfect the corporal control and discipline development in the practice Physical Education and that part of these proposts can be found, nowadays, cristalizaded in the classes of Physical Education.

* texto apresentado no I Encontro de História da Educação Física e dos Esportes, realizado em Campinas (1993). Este texto apresenta os resultados parciais da pesquisa Fernando de Aazvedo c a educação física: ama concepção dos mecanismos do adnconçáo do corpo (1916-1933) que encontra-se em processo de redação e será apresentada como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-graduação em História e Filosofia da Educação da PUC/SP.

** professor do Departamento de Educação responsável pelas disciplinas História da Educação Física e Prática de Ensino do curso de Educação Física da Faculdade de Ciência e Tecnologia da UNESP/Pres. Prudente.

Fernando de Azevedo[1] discute a questão da educação física entre os anos de 1916 e 1933. Em sua primeira fase de elaboração 1916-1925 dedica-se mais as questões relativas a sua compreensão enquanto atividade curricular ou como sinônimo de modalidade esportiva. No período correspondente a 1926-1933, a educação física constitui-se apenas numa parte de suas preocupações, já que o que elabora durante esses anos é um projeto voltado para uma "escola nova". Desde sua primeira obra sobre a educação física ele a entende como parte integrante de uma "teoria geral de educação" e, portanto, de um certo projeto de escola.

Nesse projeto de escola a educação física é uma parte importante da "educação integral", a medida em que complementa a "educaçao intelectual" do aluno através de uma "educação corporal"[2], e da "educação higiênica", a medida em que cuida dos aspectos da saúde do escolar aprimorando suas qualidades físicas e ensinando-lhe hábitos higiênicos. Tanto a educação corporal como a "educação higiênica" tentam responder a problemas colocados pelo processo de urbanização e industrialização e de efervescência cultural que ocorrem no período.

Devido às grandes epidemias do início do século e as reações populares

---

[1] Fernando de Azevedo (1895-1971) foi um dos integrantes do chamado "movimento escolanovista" que surgiu a partir da década de 1920 e desenvolveu-se durante os anos de 1930. Foi ainda um dos fundadores da Universidade de São Paulo e integrante da Academia Brasileira de Letras. Por várias vezes ocupou cargos administrativos junto aos governos estaduais (especialmente no eixo Rio-São Paulo) e foi indicado pelo menos uma vez para assumir o Ministério da Educação. Escreveu diversas obras (mais de vinte livros), dedicando-se especialmente às questões educacionais e à sociologia. Entre elas destacamos uma das obras clássicas da história da sociologia brasileira "A cultura brasileira". Seu primeiro livro foi uma tese apresentada num concurso no Ginásio Mineiro onde concorreu à cadeira de Educação Física. - cf. Fernando de Azevedo, *História de minha vida*, 1971.Essa preocupação com a Educação Física, neste momento e em outros momentos de sua rica carreira de intelectual, foi o que nos motivou a pesquisar sobre sua produção a respeito da Educação Física.

[2] a educação física entendida como atividade do currículo da escola não é a única a "educar a vida corporal" do aluno. Fernando de Azevedo revela em seu "plano de educação física" que o "trabalho manual" e a "educação dos sentidos" também realizam a educação corporal - cf. Fernando de Azevedo, *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*, 1960, p. 57-62. Pode-se dizer com isso que seu conceito de educação física é entendido como educação do corpo. Deste modo, pode-se dizer que a educação física enquanto atividade curricular (ou seja, a Educação Física - como entendemos hoje) é apenas um dos mecanismos disciplinares que procuram desenvolver na escola um controle sobre o corpo.

contra as medidas de saneamento e higienização imposta em cidades como o Rio de Janeiro[3], criou-se a necessidade de estabelecer medidas que viessem ensinar à população noções básicas de higiene e cuidados com o corpo a fim de prevenir doenças. Essa é uma das finalidades adotadas na proposta de educação física de Fernando de Azevedo.

Outro problema desse "processo de civilização" que ele procura responder com sua proposta de Educação Física é a exigência de uma mão de obra adaptada ao trabalho industrial. Para isso, essa proposta procura através do ensino de atividades como a ginástica, base de seu programa de ensino, adestrar o corpo para torná-lo mais apto a um tipo de trabalho industrial. Procura, assim, através de movimentos analíticos (pois adota como método ginástico o "método sueco"), muito próximo aos movimentos fragmentados desenvolvidos no trabalho industrial, desenvolver as habilidades e a postura corporal necessária ao trabalho moderno.

Seu programa de ensino[4], entretanto, não prepara o aluno apenas para o trabalho através do ensino da ginástica. Procura através desse e de outros conteúdos desenvolver o "gosto do esforço" e o "hábito do trabalho" a fim de que, mesmo nos momentos livres, de lazer, esses alunos se ocupem de alguma atividade física. Isto mostra que Fernando de Azevedo preocupa-se também com a forma como os indivíduos desenvolvem seu lazer.

A educação física em seu programa buscar combater a ocupação do lazer com atividades como a freqüência aos bordéis, o jogo e o álcool[5]. Constitui-se assim como uma atividade que prepara os alunos para um lazer que "preserve o corpo", através da prática de atividades físicas (consideradas como saudáveis), desses males da civilização.

Essa preparação para um lazer que deveria "preservar o corpo" do ponto de vista da saúde tem o intuito de preservar a força de trabalho mais do que o homem e assim justificar inclusive uma necessidade de controle do corpo que se estabelece não só durante o processo produtivo, mas também durante o tempo-livre e a vida

---

[3] sobre às medidas de saneamento, em algumas cidades como o Rio de Janeiro, adotadas no início do século cf. Nicolau Sevcenko, *A revolta da vacina*, 1984 e José Murilo de Carvalho, *Os bestializados*, 1991.

[4] para delimitar aquilo que talvez mais interesse à História da Educação Física selecionamos, para expor nesta comunicação, apenas uma parte bastante restrita de sua produção que revela como é seu programa de ensino.

[5] cf. Fernando de Azevedo, op.*cit.*, 1950, p. 44-5.

privada da população.

O modelo de corpo perseguido pela preparação das atividades que deveriam preservar o corpo estabelecido na proposta de Fernando de Azevedo também deveria assumir um outro tipo de representação. Seu programa de ensino visava a transformação da representação que o brasileiro tinha de seu corpo: um corpo magro e frágil (representado pela figura de "Jeca-Tatú"). Pretendia, assim, transformá-lo na representação de um corpo forte e saudável.

Fernando de Azevedo investiga, deste modo, um dos problemas colocados pelos movimentos médico, pelas discussões sociológicas e pelo movimento educacional durante os anos 1920 e 1930. Estes problemas diziam respeito a constituição étnica brasileira e a necessidade de se instituir certos mecanismos de "regeneração racial"[6].

A preparação do corpo e do movimento do aluno para as atividades de trabalho e lazer assim como para a formação de um novo tipo étnico ocorreria, segundo seu programa de educação física, de acordo com a idade, o sexo e as necessidades dos alunos.

Fernando de Azevedo propõe atividades de acordo com a faixa etária do aluno, mas dá atenção especial aos adolescentes. Suas propostas procuram, grosso modo, enfatizar a educação física para o adolescente porque ela pode desviar para uma atividade física os impulsos sexuais da juventude(que afloram nessa idade), os vícios e as atividades proibidas socialmente. Deste modo, ajudaria, além da formação física, a formação moral deste que seria o homem do amanhã, desviando as atividades dos jovens para a prática do exercício físico.

Propõe também atividades de acordo com o sexo dos alunos. Destaca em suas propostas principalmente a "educação física feminina". A "educação física feminina" visa preparar o corpo da mulher para a maternidade e, desta forma, gerar filhos sadios[7]. Com isso, pretende aprimorar gradativamente as qualidades raciais do brasileiro e ao mesmo tempo imputar a mulher a função de mãe e procriadora. Além disso, as atividades e os movimentos desenvolvidos pelo seu programa de ensino valorizam uma estética corporal baseada num corpo robusto, pronto para parir filhos fortes e aprimorar a nossa constituição racial[8].

---

[6] este é um dos eixos principais da discussão apresentada por Fernando de Azevedo mo seu livro "Antinoüs", escrito em 1919 - cf. Fernando de Azevedo, "Antinoüs" In:_____, op. *cit.*, 1960, p. 223-78.

[7] cf. ibidem.: 75-83.

[8] essa análise também é explorada nos estudos de Castellani e Soares - cf. Lino Castellani Filho, ***Educação Física*** no ***Brasil:a história que não se conta***, 1988 e Carmem

Além de desenvolver seu programa de ensino segundo a idade e o sexo, privilegiando o controle do corpo do adolescente e da mulher adaptando-os às exigências da "civilização", Fernando de Azevedo, apresenta uma tentativa de "individualização do ensino" com a finalidade de fazer as atividades desenvolvidas nas aulas atenderem ao interesse e a necessidade dos alunos. Isto ocorre, por exemplo, no processo de ensino-aprendizagem nas aulas com crianças até os onze anos, motivando-os com "jogos infantis" que são praticados de forma mais ou menos espontânea e ativa. Esses jogos desenvolvem um certo "gosto do exercício" importantes para que aprendam num momento seguinte a ginástica que, ao ser ensinada, é justificada racionalmente aos alunos pelos efeitos fisiológicos que produz sobre seus corpos e sua necessidade para o aprimoramento da saúde[9].

Essa justificativa racional que pretende convencer o aluno a praticar ginástica, assim como todo, seu programa de ensino procuram se basear num discurso cientificista sobre o adestramento corporal. Esse é um traço distintivo das propostas de Fernando de Azevedo das propostas desenvolvidas até então[10].

Esse discurso cientificista que procura legitimar a educação física enquanto uma atividade escolar é responsável pela configuração de uma metodologia de ensino e pelo processo de mensuração de medidas corporais e de exame médico periódicos que se estabelecem nas suas propostas[11].

Essas mensurações procuram enquadrar o corpo a uma classificação preestabelecida (apto-inapto, normal-anormal) para que se tenha um maior controle a respeito das condições de saúde e físicas dos alunos. Um processo de avaliação que já na organização das turmas procura estabelecer uma hierarquia capacidades.

A finalidade desses exames é diferenciar os alunos entre si, tornando visíveis uma hierarquia justificada por critérios pretensamente científicos. Como

---

Lúcia Soares, *O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930*, 1990, p. 216-38.

[9] cf. Fernando de Azevedo, op. cit., 1960, p. 63-7.

[10] para se verificar isso, utilizou-se na pesquisa dois registros sobre a prática da educação física nos colégios no final do século passado e início deste. Um deles é o registro literário de Raul Pompéia expresso no seu livro *O Ateneu* e o outro é desenvolvido no relato das memórias do próprio Fernando de Azevedo (apresentados nos livros *História de minha vida* e Figuras do meu convívio) sobre a educação física que recebia no colégio jesuíta onde passou sua infância.

[11] cf. Fernando de Azevedo, op. cit., 1960, p. 187-195.

afirma Foucault, "é o fato de ser visto sem cessar , de sempre poder ser vistos, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar. E o exame é a técnica pala qual o poder, em vez de emitir sinais de seu poderio, , em vez de impor sua marca aos seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação"[12].

Desta forma, o programa de educação física proposto por Fernando de Azevedo, tanto na formação de turmas como nas estratégias que utiliza em aula, procura estabelecer um tipo de hierarquia que, no limite, procura adaptar o corpo do aluno, disciplinando-o segundo as normas estabelecidas pela ordem social vigente.

Este programa assume, assim, uma série de posicionamentos quanto às questões sociais e culturais do período, expressas não apenas num discurso sobre essas questões, mas também em propostas práticas. O que foi exposto acima permite-nos entender sua posição quanto a questão da saúde e a questão racial, sobre a situação da mulher, do adolescente e alguns aspecto de sua metodologia de ensino. Posicionamentos que reforçam a necessidade de uma reformulação do ensino de uma atividade curricular na escola, denominada educação física, colocando-a como base das atividades físicas que se desenvolvem na sociedade.

Não se verificou se essa proposta conseguiu ou não reformular a educação física desenvolvida nas escolas durante o período que nos propusemos analisar (1916-1933). O que se sabe é que pelo menos nos momentos em que esteve a frente das secretarias estaduais de educação tornou a educação física obrigatória, criou serviços específicos para o seu desenvolvimento nas escolas, construiu espaços destinados a sua prática, etc. Mas se não é possível verificar as mudanças que suas propostas tiveram na prática pedagógica desenvolvida nas escolas durante os anos de 1916 a 1933, podemos observar suas propostas aqui apresentadas atuariam no sentido de reforçar os padrões de comportamento dominantes com relação ao corpo e ao lazer, incorporando-os aos hábitos dos indivíduos sem uma reflexão mais apurada. Desta forma, ao invés de apresentarem um questionamento frente à cultura e a ordem social dominante implicam no seu reforçamento. Um reforço que se legitimaria pelo discurso cientificista e pelo aprimoramento da disciplina, dado por um maior detalhamento, na escola que, através da Educação Física, enquadra e controla o corpo e os movimentos do aluno a uma ordem social capitalista.

Mesmo não constituindo um programa que não foi capaz de modificar a prática pedagógica desenvolvida nas escolas brasileiras do período, a proposta de Fernando de Azevedo se apresenta como uma referência para compreendermos e

---

[12] Michel Foucault, ***Vigiar e Punir***, 1991, 167.

percebermos o que esta tem a ver com a memória dessa atividade escolar. Vários dos aspectos que desenvolve em sua proposta até hoje não são muito questionados. Foram incorporados acriticamente à prática dos professores de educação física.

Do que foi exposto aqui pode-se apresentar algumas idéias que ainda hoje são pouco debatidas e questionadas em nosso cotidiano sem ao menos que se reflita sobre essa atitude.

A idéia de que a educação física promove a saúde, de que deve ensinar hábitos higiênicos, de que ela cuida exclusivamente da "educação corporal", de que deve agir como um agente moralizador dos adolescentes, de que deve cuidar de uma certa estética feminina, de que deve medir o corpo do aluno e submetê-lo ao exame médico, de que deve centrar-se exclusivamente na assimilação de um padrão de movimento, entre outras formuladas por Fernando de Azevedo, foram incorporadas na prática cotidiana do ensino da atividade curricular denominada educação física e ainda hoje, se encontram como componentes da prática pedagógica. Provavelmente com certas modificações e adaptações à realidade atual esses aspectos, ainda assim, encontram-se cristalizados nas aulas. Muito mais transmitidos por uma tradição e assimilados acriticamente pelos professores de educação física esses vários aspectos só podem ser compreendidos por pesquisas históricas e antropológicas que, ao invés de fundar uma subárea da educação física, auxiliem-nos a refletir sobre a memória dessa modalidade de ensino desenvolvida na escola.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, F. de. ***Da educação física:*** *o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser.* 3.ed. São Paulo: melhoramentos, 1960.

_____. ***História de minha vida.*** Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CARVALHO, J.M. de. ***Os bestializados.*** 3.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CASTELLANI FILHO, L. ***Educação Física no Brasil: uma história que não se conta.*** Campinas: Papirus, 1988.

FOUCAULT, M. ***Vigiar e Punir.*** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SEVECENKO, N. A Revolta ***da Vacina.*** São Paulo: brasiliense, 1984.

SOARES, C.L. ***O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930.*** São Paulo: PUC/ dissertação de mestrado, 1990.

ALBERTO LATORRE DE FARIA, HISTÓRIA ORAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

ACADÊMICO VICTOR ANDRADE DE MELO - IEFD/UERJ
PROF. DR. ALFREDO G. DE F. JÚNIOR (ORIENTADOR) - IEFD/UERJ

ABSTRACT:

This study has the purpos to discuss the possible contribuitions of the teacher Alberto Latorre de Faria to the Brasiliait Physical Education, from the tecnics or Oral History. This teacher was responsible, between 1939 and 1966, for the subject `sports of atack and defense' at Nacional Scbool of Physical Education (NSPES), first in Brazil to be connected to an University (Brazil - Rio de Janeiro). LATORRE was one of the most of his time. He was the unic Physical Education teacher incluted in the institutional act 5 and in the Miilitary Police Inquerity of the Communist Party of the BraziL This teacher was recognized by his acting in boxe and fights in general, in High Institute of Brazilian Studies and mainly joined civil society organized, mainlyy political parties.

To reach this goal was used one of the tecnics of content's analysis about interviews made with the refered abow and about bis contributions published in the NSPES'S files, oficial magazine of this school, edited between 1945 and a966. It was concluded that his pioners contributions were extremily important concerned to: a) woiry about the educational aspect of the sports, maily the boxe, where he had the worry about the redution of the violence; b) worry about the bulding of the concious professional involved with the transformation of the society; c) Introduction of the marxism criticai in the Physical Education; d) Incentive to the organization of the students mouvement in Physical Education. His contribution can be resumed in the proposition of the Physical Education engaged in a social process. It was concluded that the utilizations of Oral History technic can be very value for studies in Physical Education.

Uniterm: Physical Education History, Oral History, biography.

---

1. INTRODUÇÃO

Este estudo, mais do que apresentar a biografia de Alberto Latorre de Faria, aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educacão Física, pretende discutir as possibilidades de ampliação do estudo da história da Educação Física no Brasil a partir da utilização de técnicas de história oral, de uso ainda restrito em nosso âmbito.

Assim, a biografia do professor Latorre serve tamb,m como exemplo das possibilidades levantadas no decorrer deste estudo. Para escrever tal biografia, embora também, tenha feito o uso de técnicas como a revisão da literatura e a pesquisa documental,

primordialmente utilizei-me de suas entrevistas. Mais do que fazer uso dos fatos por ele narrados, procurei fundamentalmente perceber os aspectos subjetivos que permeavam a esses, uma das maiores potencialidades da história oral, como veremos a seguir.

2. A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Desde o fim do século XIX, não sem dificuldades, assiste- se a gradativa recuperação da técnica oral como uma das possibilidades de estudo da História. A expansão de seu uso se dá basicamente a partir de questionamentos acerca do papel que o documento vinha representando, principalmente sobre seu aspecto parcial, pois somente considerava a opinião unilateral de seus emissores, normalmente ligados a classe dominante detentora dos meios de produção, e sobre a possibilidade de seu uso restringir- se a aspectos objetivos, desconsiderando os subjetivos, como emoções e sentimentos.

Não se pode negar que o uso quase que exclusivo de documentos para estudos históricos se dà a partir de uma clara ideologia funcional-estruturalista, que utilizava parâmetros positivistas para justificá -la, esvaziando o sentido crítico e a multiplicidade de opiniões que deve caracterizar tais estudos. Na verdade, a motivação maior na recuperação das técnicas orais parte de historiadores que percebem a necessidade de uma nova interpretação da História perante a sociedade.

"O mérito da História Oral..., é o de levar os historiadores a tomarem consciência que sua atividade se exerce inevitavelmente dentro de um contexto social e que tem implicações políticas" (THOMPSON,1992,p.10).

A história oral, que ressurge inclusive pelo abalar do reinado da escrita, devido a ascensão de meios de comunicação como o rádio e a televisão, pode possibilitar a mudança desse enfoque historiográfico, passando tamb,m a se preocupar com toda espécie de pessoas comuns, e também com seus sentimentos e sua apreensão da realidade. O passado se humaniza nessa abordagem. A história se democratiza, passando a ser de todos, já que se nem todos leêm ou escrevem, com certeza podem falar.

"A história oral devolve a história ...s pessoas em suas próprias palavras. E aos lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por eles mesmos" (THOMPSON, 1993, p.337).

Com o transpor das abordagens exclusivas de governantes ou representantes da classe dominante, surgem novos fatos e pontos de vista, muitas vezes em contraposição a história oficial. Logo, surgem novas abordagens e interpretações, desta vez a partir da multiplicidade de opiniões que constitui a verdade.

O importante observar, no entanto, que a História Oral , um conjunto de técnicas, que pode ser utilizada da forma acima sugerida, como também para o desenvolver de estudos factuais e/ou desprovidos de sentido crítico. Esta passa ser uma alternativa do historiador.

Embora essa tendência historiográfica esteja bastante difusa no país, poucos são os estudos, no âmbito da Educação Física, que se utilizam de tal técnica. Âpesar dos esforços recentes, ainda hoje, nos estudos ligados a História da Educação Física no Brasil, impera a tendência documental-factual, cuja maior referência são os estudos do professor Inezil Penna Marinho (1953,1980). A utilização quase que exclusiva desse referencial foi uma das principais responsáveis pela homogenização das abordagens por parte de profissionais de Educação Física, principalmente ...queles ligados a disciplinas vinculadas história nos cursos de formação (CASTELLANI FILHO, 1988).

Contribuições recentes como as de Castellani Filho (1988), Guiraldelli J£nior (1988) e Pereira (1988), ainda que desenvolvidas segundo uma concepção crítico-dialética, se valem basicamente de fontes documentais e fatos históricos globais para suas análises, embora Castellani Filho (1988) tenha utilizado alguns depoimentos em seu estudo.

A pouca consideração da apreensão cotidiana da realidade, individual ou de instituições tem conduzido, dentro do âmbito da Educação Física, a escassez de biografias e tem permitido lacunas que podem acentuar controvérsias que precisam ser resgatadas. Parece que em contraposição a história oficial factual- reprodutora-acrítica surge uma unânime história crítica. Parece faltar multiplicidade de opiniões e posturas que transitem entre esses extremos.

Acreditando em todas as possibilidades que o uso das técnicas orais pode trazer para o estudo da Educação Física brasileira e de sua História, escrevi 'ALBERTO LATORRE DE FARIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA - UMA BIOGRAFIA AUTORIZADA', procurando interpretar as contribuições deste professor ... Educação Física brasileira e reinterpretar concepções históricas a partir de sua percepção e vivência.

Para melhor alcance desses objetivos abordei toda sua vida, por considerá-la fundamentalmente o veículo concreto de sua existência histórica. Só percebendo-a ponto a ponto , que se pode observar conexões entre ela e os diversos sistemas em que o prof. Alberto participou, percebendo as trocas mútuas de influência.

Ainda mais se tratando de vida tão intensa e agitada como a de Alberto. O prof. Latorre foi de fato um dos personagens mais polêmicos e desviantes dos procedimentos comuns entre aqueles de seu tempo, no âmbito da Educação Física brasileira. Fez parte de grande período de sua história. Foi lutador e esteve ligado as lutas em geral nos mais diversos cargos; um dos primeiros a receberem instruções do método francês; um dos fundadores da EsFex da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, primeira ligada a uma Universidade; militante de diversos partidos como o PTB, PSB, PDT e tendo grandes amigos no PCB; incluído no AI-5 e em cinco inquéritos policiais-militares; enfim, só esses pequenos fatos isolados já exemplificam sua atuação.

Como afirma Thompson (1992):

"Em casos importantes ela (a vida) pode ser utilizada para transmistir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transformar-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma série extremamente complexa de eventos" (p.303).

3. ALBERTO LATORRE DE FARIA - UM ESTUDO DE CASO

Passo então a apresentar as contribuições do prof. Latorre como forma de comprovar as suposições acima e comunicar os importantes resgates históricos concretizados a partir dessa obra. Foram utilizadas como fontes para se chegar a tais conclusões além das entrevistas concedidas pelo professor a esse autor, seus artigos publicados nos 'Arquivos da ENEFD', revista oficial desta instituição, entre os anos de 1945 e 1961

Apresentar-se-ão, neste artigo, suas contribuições divididas em quatro itens, simplesmente por inspiração metodológica. No entanto, se faz mister que se perceba como fazem parte de um mesmo todo e têm uma interrelação clara com suas propostas e pensamentos acerca da Educação Física e de sua função social.

a) Preocupação com o aspecto educacional do desporto, principalmente do boxe, onde também se preocupou com a redução da violência.

Desde seus tempos de lutador, freqüentemente Alberto, conhecido pelo público e pela imprensa em geral como um valoroso e gentil 'sportman', concedia entrevistas criticando o excesso de violência nos estádios. Os estádios Brasil e Riachuelo, locais cariocas onde se

desenvolviam as lutas, eram verdadeiros palcos de agressividade, onde o público sedento de violência contava com a complacência de árbitros despreparados e de técnicos que de tudo faziam para vencer, inclusive 'pentear' as luvas de quatro onças de seus atletas, isto é, afastar a cobertura nas regiões proeminentes das mãos para potencializar os golpes. Alguns lutadores sempre apanhavam muito, mas continuavam sempre a tentar, pois o valor das bolsas de premiação eram atraentes.

Uma de suas maiores preocupações era a mudança da luva de quatro para seis onças. De fato, foi um dos responsáveis por tal mudança. Mas a maior contribuição de Alberto foi o seu trabalho 'o punch-drunkness', apresentado no Congresso Sulamericano de Educação Física de Montevideo, sendo agraciado com menção honrosa. Nesse estudo aborda o estado patológico que surge entre aqueles que sofreram sérios ou freqüentes traumatismos na cabe‡a.

Para isso fez uma revisão da escassa literatura, toda norte-americana, procurando levantar efeitos e causas, propondo precauções, inclusive com mudança de regras. Foi concebido a partir da observação dos constantes derrotados que viviam em um estado denominado na ocasião de 'sonato', corruptela do espanhol que significa 'no mundo da lua'. Por mais que seu valor científico possa hoje ser questionado, não há como negar que, pela primeira vez, alguém manifestava esse tipo de preocupação, principalmente com os derrotados.

Em seus artigos também por diversas vezes condenou o excesso de violência, mas prioritariamente os utilizou para propagar a necessidade de se organizar metodologicamente o ensino para melhor alcance de objetivos claros. Nunca esqueceu as possibilidades educativas do boxe e também de outros desportos, sem cair por completo nas concepções que permeavam a Educação Física, concepções principalmente de ordem higienista (GUIRALDELLI JÚNIOR, 1988).

b) A preocupação com a formação de um profissional atuante na transformação dé sua sociedade.

Com certeza devido a influência de sua militância política ascendente e de sua ligação ao ISEB, seus artigos começam substancialmente a mudar a partir de 1955. Tendo como grande influência o nacionalismo e mais tarde o marxismo, teoria que estudou profundamente, seus artigos claramente trazem uma maior preocupação social e procuram pensar a Educação Física imersa nesse contexto. Seus estudos passam a ultrapassar o campo desportivo, para pensar a educação física como uma disciplina, um campo de conhecimento, que poderia ser ou não utilizada para fundação de uma nova ordem social. Essa postura fica ainda mais clara quando se deixa influenciar pela ala mais a esquerda do ISEB e quando se desliga do PTB, ingressando nas fileiras do PSB e mantendo grandes contatos com o PCB.

Em 1955 publica o que considera um de seus maiores trabalhos. 'A profissão de professor de Educação Física (suas implicações culturais) - a universidade como clima adequado a formação de professores de Educação Física', surge como reação aos que afirmam que a universidade não era local adequado para a formação, já que esta não era uma profissão. Mais do que ser mais um exemplo de obras do período pedagogicista (GUIRALDELLI JéNIOR, 1988), essa se destaca por sua preocupação com a formação em si, não procurando exaltar o profissional de Educação Física, mas sim por levemente conclamá-lo a preocupa‡ães sociais. Utiliza-se de categorias como consciência ingênua e crítica, at, então jamais utilizadas no âmbito da Educação Física, e procura as relações com as ciências sociais e a cultura.

As idéias que começou semear nesse artigo se fortalecem em seu discursso de paraninfo, em 1960, quando reclama um professor consciente de sua realidade e da necessidade de transformação. Um discursso com fortes influências humanistas, e sem dúvida de caráter deveras progressista para a época.

c) Estímulo a organização do movimento estudantil

Enquanto, em fins da década de 60, a sociedade brasileira vivia o início de intensa agitação social, a ENEFD continuava a viver os velhos tempos com fortes influências militaristas. Alberto, freqüentemente, instigava os estudantes a reagirem contra tal situação: "Os alunos de direito tem o pescoço fininho, mas levantam o dedo e falam grosso com seu diretor; nós não, nós temos o pescoço grosso, os ombros largos e falamos fino diante dos professores".

Alberto estimulava frequentemente a participação política através do Diretório Acadêmico e do Diretório Central de Estudantes. Em sua gestão como diretor pela primeira vez um estudante teve direito a participação ativa na Congregação, órgão máximo da Faculdade. Foi também o único a claramente se colocar a favor das reinvindicações dos estudantes por ocasião da greve na ENEFD, em fins de 1956.

Frequentemente em seus discursos de paraninfo ou de aula inaugural ressaltava o Diretório Acadêmico e alertava para sua importância e necessidade de participação. O estímulo de Alberto foi fundamental, como diz o prof. Vinícius Ruas a Castellani Filho (1988): "Foi o Latorre ao dizer aquilo que nos ajudou a retirar a catarata dos olhos. Nós tínhamos os pescoços e os braços grossos, mas não tinhamos a capacidade de argumentar".

d) Introdução da preocupação sócio-transformadora em educação física - origem da abordagem critica de inspiração marxista

Não se pode negar que até, 1955, as preocupações de Alberto refletem, em parte, certas influências higienistas e militaristas. A sua aproximação das ciências sociais e humanas leva-o pela primeira a fazer uso dessas exatamente nesse ano, no artigo marco de sua obra 'o professor de educação física como profissão', buscando sua relações com a educação física. Esse estudo ainda têm fortes características do per¡odo pedagogicista (GUIRALDELLI JéNIOR, 1988), mas j se podem observar nítidas evoluções quanto ao conceito de sociedade, o papel da educação física perante a ela e mesmo o quanto ao uso de referenciais teóricos.

Com o acentuar da utilização do referencial marxista, suas preocupações ganham caráter eminentemente progressista e transformador. Elementos do marxismo são frequentemente utilizados para a interpretação e proposição de uma nova sociedade.

Começa por criticar o aspectos militares impregnados na prática desportiva e da Educação Física em geral. Critica as mistificações idolatras, egocêntricas e narcisistas que a impregnavam. Começa a questionar os desfiles e uniformes. Critica o professor estereotipado, musculoso e pouco consciente da sociedade ao seu redor. Propõe uma ginástica contextualizada em contraposição a ginástica que ele denomina de burra'.

Obviamente seus colegas de classe são criticados por não perceberem a necessidade de novos modelos de ensino para atenderem a necessidade de formação de um profissional cr¡tico e que tenha recursos para influenciar o processo de superação de uma ordem social não satisfatória. Percebe que o uso das ciências biomédicas em excesso suplantam e anulam o estudo das ciências humanas, desmascarando o projeto político-ideológico que esta por trás disso.

Tudo permeado por uma clara percepção de uma sociedade dividida em classes.

"Era obrigatório na sua critica mostrar que, nas sociedades divididas em classes, essas representações sofrem os efeitos de uma lei que polariza e as aproxima ou afasta do conteúdo de acordo com os intereses das classes, em particular quando se trata da 'vida humana', quando as representações e práxis a reduzem ao abstrato. Num contínuo desvendar dessas contradições, conscientiza várias gerações a estabelecer a dialética professor/aluno..."(SILVA, 1991,p.5).

4. CONCLUSÃO

Creio que as contribuições do professor Alberto possam ser sintetizadas na proposição de uma Educação Física que não estivesse a serviço de determinadas classes, mas sim que estivesse engajada em um processo de atuação social. Embora tal proposta nem sempre estivesse clara, se utilizado os padrões atuais de comparação, talvez até pelas mais diversas influências que permearam a vida de Alberto e por este não ser imune aos períodos históricos a que viveu, com certeza Alberto constituiu- se excessão a maioria de sua época.

A análise da vida de Alberto, e de muitos outros professores e/ou instituições que ora mergulham no esquecimento, ainda muito tem a esclarecer, principalmente por se constituir em uma nova visão, alternativa àquela propagada pelos documentos oficiais, ainda muito considerados em uma área que sofreu fortes influências positivistas.

Mas essa , apenas um das muitas possibilidades que se abrem com o uso de técnicas de história oral que, seutilizadas segundo uma concepção crítico-dialética, podem contribuir para o desvelar de ideologias e, a partir disso, propor alternativas, funções a meu ver fundamentais ao historiador.

5.BIBLIOGRAFIA

1. ARQUIVOS DA ENEFD.Nos 1,4,5,6,7,8,9,11,12,14,15,16. Rio de Janeiro, ENEFD, 1945-1961

2. CASTELLANI FILHO, Lino. Educa‡ŁEo F¡sica no Brasil: a histeria que nÆo se conta. Campinas: Papirus, 1988.

5. GHIRALDELLI JéNIOR, Paulo. Euca‡Æo F¡sica Progressista. SÆo Paulo: Loyola, 1988.

6. MARINHO, Inezil Penna. Histeria geral da Educa‡Æo F¡sica e desportos no Brasil. Rio de Janeiro: Minist,ro da Educa‡Æo e Sa£de, 1953.

7. PEREIRA, Fl vio Marinho. Dial,tica da cultura f¡sica. SÆo Paulo: Icone, 1988.

8. THOMPSON, Paul. A voz do passado - histeria oral. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

A EDUCAÇÃO FíSICA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Amarílio Ferreira Neto[1]

ABSTRACT:

"Physical Education in Espirito Santo State".

The objective of this essay is to raise quetions about Physical Education in Brazil, from historical point of the view tha alow us reconstruct the history, or add new historical facts wich enable a contextualized approach of the past, apprehend the determinants of the present and estabilish perspectives of study in Physical Education History for the future.

O objetivo desse ensaio é levantar questionamentos acerca da Educação Física brasileira a partir da ótica histórica que nos permite recontar a história ou acrescentar novos fatos históricos que nos possibilite uma aproximação contextualizada do passado, apreender os determinantes do presente e estabelecer perspectivas de estudo em história da Educacão Física para o futuro.

O interesse do Estado brasileiro em legalizar sessões de práticas corporais no âmbito escolar remonta ao primeiro império. Todavia, é no segundo império, notadamente a partir de 1850, que esse interesse se evidencia e, os exemplos típicos são: Reforma Couto Ferraz de 1851 e o Parecer de Rui Barbosa de 1882, que em última instância expressavam o desejo de propiciar a prática da ginástica a um contingente maior da sociedade brasileira, já que as políticas públicas emanadas do govemo central jamais logrou êxito a nível nacional, dada as dificuldades de comunicação, de estradas/transporte e na economia (ROMMANELLI, 1987). Na prática o que funcionou foi a perspectiva médico-higienista que aliava os interesses desse segmento social com os do estado (SOARES, 1990). No meu modesto entender, a questão da legislação nesse momento não traz elementos suficientes para apreensão da realidade, pois a legislação em Educação Fisica daquele momento representa apenas o debate periférico que acontecia no contexto social. Assim, CASTELLANI FILHO (1988), embrionariamente, e SOARES (1990), com maior densidade acadêmica, inspirados pelos "insights" de COSTA (1983) vão buscar nas relações entre poder, política e economia as explicações últimas, determinantes das práticas corporais no Brasil entre 1850-1930.

[1]. Prtofessor Assistente do Departamento de Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

O clima instalado no contexto brasileiro a partir da proclamação da República em 1889, vai desencadear uma série de movimentos em campos diversos da sociedade. Na economia começa um processo de industrialização embrionário, que ganha força nos anos 30, superando o modelo agro-exportador até então hegemônico. Na política o centro de decisões situa-se em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, de onde emergem a orientação política para os outros Estados da República, que vai configurar a chamada "política dos governadores", que funcionava da seguinte forma: poder central, oligarquias estaduais, coronéis, voto de cabresto. Ainda na política havia como contra-ponto a movimentação de setores civis, militares e o operariado socialista e anarquista composto predominantemente por imigrantes insatisfeitos que pregavam amplas reformas no sentido de minorar os graves problemas sociais que afligiam a população naquele momento. Devem ser lembrados em particular a Coluna Prestes e a Semana de Arte Moderna como movimentos representativos dessas insatisfações de origem politico-cultural. No campo da educação, esse momento foi marcado pelo debate entre representantes do "entusiasmo pela educação" e "otimismo pedagógico". Após esta apresentação sucinta do contexto brasileiro do início do século, cabe-nos explicitar como a Educação Física se situava neste espaço e quais as perspectivas que se tinha para essa área.

A partir de meados do século XIX conviveram pacificamente na área da Educação Física o "método" alemão e o "método" sueco. No final do século passado o "método" alemão já tinha perdido a hegemonia para o "método" sueco, apesar de continuar sendo a proposta oficial para a área. Simultaneamente, anunciava-se os estudos e reflexões de origem francesa. Todavia, é o intercâmbio entre profissionais franceses e brasileiros que vai determinar a evolução da educação física brasileira, tal como a concebemos hoje. Falo de intercâmbio, uma vez que num primeiro momento tivemos a presença no Brasil das "missões francesas" que contribuíram para a rápida assimilação do "método" francês por profissionais brasileiros, de tal forma que quando o referido "método" foi oficializado, o mesmo já era uma realidade na prática social, quer seja no âmbito civil, quer seja no militar. Posteriormente, profissionais brasileiros fazem reiteradas viagens de estudos na França. No meu entendimento foi desse intercâmbio que se definiu as duas prioridades para a área naquele momento: criar um "método" nacional de Educação Física que fosse capaz de forjar um protótipo de homem brasileiro; e formar professores de Educação Física que assumiriam a função de disseminar o novo"método" para toda população.

É neste contexto que aparece o Estado do Espírito Santo como força emergente na Educação Física brasileira. Segundo ARAÚJO (1953), desde 1849 que a recreação existe nas escolas do Espírito Santo. Porém, só no governo de Jerônimo de Souza Monteiro através da Lei 545 de 16 de novembro de 1908, é incluída a ginástica como disciplina no curso primário e nas séries do curso normal. Em mensagem enviada à Assembléia Legislativa o Senhor Jerônimo

Monteiro assim se expressou: "ao lado da instrução literária é ministrada a educação física ao aluno, que pelos exercícios variados, inteligente e metodicamente executados, mantêm sempre o seu organismo em favorável formação". Em 18 de julho de 1908 é assinado o decreto 131 que designa Emília Franklin Mululo como professora de ginástica do sexo feminino na Escola Normal e Escola Modelo. Pelo decreto 132 de mesma data, foi designado o tenente do corpo de polícia Francisco de Carvalho, para professor de exercícios militares e de ginástica dos alunos do sexo masculino da Escola Modelo. São esses dois professores os primeiros profissionais contratados pelo Estado do Espírito Santo, especialmente para ministrar aulas de ginástica. Ainda no governo de Jerônimo Monteiro foram contratados os seguintes professores: Adalgiza Amada da Fonseca e Silva, Jasinta Escobar, Erzila Nicoletti, Sérgio Mendonça Furtado, Alonso Fernandes de Oliveira, Maria Duarte Rabello e Rita Tosi Quintais.

Após incluir a disciplina ginástica nas escolas e contratar professores, o Estado do Espírito Santo tentou colaborar, no sentido de construir um "método" nacional de ginástica capaz de formar o homem brasileiro idealizado. Esta iniciativa parece ter se dado por solicitação do governo central a todos os Estados da República, que chegaram a fazer várias reuniões onde eram analisadas as contribuições ao pretendido "método". Considerando o caráter precário das contribuições oriundas dos Estados para criação do referido "método", é oficializado o "método" francês, até que se constitua "método" nacional, para militares e civis.

Com relação a formação de professores de Educação Física no Brasil, a participação do Estado do Espírito Santo é das mais relevantes que conheço. A partir da ascensão de Getúlio Vargas ao poder é feito intervenções em alguns Estados brasileiros entre eles, o Espírito Santo.

Foi nomeado interventor no Estado do Espírito Santo o então Capitão João Punaro Blei, que governou até 1945. Por solicitação do governador Bley é enviado para Vitória, oriundos do Centro Militar de Educação Física do Distrito Federal, criado em 1928 e que vai se constituir em 1933, na Escola de Educação Física do Exército, os Tenentes Carlos Marciano de Medeiros, Horácio Cândido Gonçalves e Wolmar Carneiro da Cunha. Esses Tenentes são os responsáveis pela criação, organização e administração do Departamento de Educação Física pertencente à Secretaria da Instrução do estado do Espírito Santo, que foi regulado pelo Decreto 1366 de 26 de junho de 1931. No artigo 3o o referido decreto prevê a realização de um curso de formação de professores anualmente conforme a seguinte redação: "O Departamento manterá annualmente um curso especial que funccionará durante o período das férias escolares, com fim de habilitar o professorado estadoal a ministrar a instrucção de educação phisica pelo methodo moderno" (ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1931a). Em 15 de julho de 1931, é assinado o Decreto 1450, que estabelece instruções para o funcionamento do Curso, que inicia as aulas da

primeira turma, que foi composta de 9 alunos, em 4 de agosto do mesmo ano (ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1931b).

A título de observação, informo que no Estado de São Paulo foi criado a 26 de janeiro de 1931, um Departamento similar ao do Espírito Santo, inclusive chegou a realizar 2 cursos rápidos para qualificação de professores em 1931. Todavia, os movimentos políticos que se abateram sobre o país e com epicentro em São Paulo, dificultaram o desenvolvimento do Departamento e do Curso nos anos de 1932 e 1933. A partir do dia 16 de maio de 1934, no governo do interventor Armando de Sales Oliveira se reestabelece o Departamento de Educação Física de Sào Paulo e em 1o de agosto do mesmo ano instaura-se o Curso Superior de Educação Física (REVISTA DE EDUCAÇÃO FíSICA, 1936,p.40).

Com base em documentação pertinente à matéria, a meu juízo, os Cursos de formação de professores de Educação Física dos Estados do Espírito Santo e São Paulo representam as experiências pioneiras nesse campo no Brasil. Os cursos criados nesses Estados tiveram como preocupacão principal a formação de professores civis, embora aceitassem matrículas de alunos oriundos dos quartéis. Essa afirmação se contrapõe às informações de estudos anteriores que falam que o primeiro curso criado para formar professores civis teria sido na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, só criada em 1939, pelo Decreto-Lei 1212.

Neste ponto, destaco das normas de funcionamento do curso de Educação Física do Espírito Santo os seguintes tópicos: DAS NOTAS, EXAMES E CONCLUSÃO DO CURSO E PLANO DE ENSINO. No tópico DAS NOTAS... no artigo 30, parágrafo 3o fala da existência de um trabalho escrito, com o caráter das atuais monografias como pré-requisito para conclusão do curso, assim descrito: "Antes de iniciados os exames de fim do curso cada alumno apresentará à direcção do curso um trabalho escripto, sobre Educação Phisica, ficando o assumpto à sua escolha" (ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1931b). Uma demonstração da existência desses trabalhos é a listagem apresentada pelo professor Inezil Penna Marinho, onde consta o nome dos autores e o título das monografias concluídas por ano no curso do Espírito Santo na década de 30 (MARINHO, 1943). Há indicadores que esse material era publicado em jornais e revistas da época. Entretanto, localizar tais trabalhos é relevante, uma vez que este acervo é de suma importância para a compreensão da produção do conhecimento nessa área pois, essas pistas apresentadas aqui, a meu ver, são suficientes para duvidar, insisto em duvidar que a produção do conhecimento na área da Educação Física tenha se dado a partir, principalmente, da criação na década de 70 dos programas de pós-graduação em Educação Física no Brasil. O fato de não termos sistematizado ou se quer termos tido acesso ao conhecimento produzido nos anos 30 por exemplo, não significa dizer, ausência de produção de forma sistemática e institucionalizada. Ou, os estudos feitos em torno dos "métodos" ginásticos que influenciaram a Educação Física brasileira, as publicações feitas na Revista de

Educação Física da Escola de Educação Física do Exército e as monografias de final de curso não representam produções sistematizadas?

No tópico PLANO... artigo 7o, letra d, vê-se a inclusão da disciplina História da educação phisica como obrigatória, já no curso de 1931. Dado a ausência de material bibliográfico pertinente para realizar a contento o programa da disciplina, a não ser através de notas esparsas de autores estrangeiros, em 1o de dezembro de 1931, na cidade de Vitória é lançado o primeiro livro de história da Educação Física no Brasil. O livro de autoria dos professores tenentes Laurentino Lopes Bonorino, Antonio de Mendonça Molina e Carlos Marciano de Medeiros intitulou-se "Histórico da educação física" e passou a ser o texto básico da disciplina que lhe deu o nome.

A partir desse momento as bases da Educação Física do Espírito Santo estavam postas: recursos humanos qualificados, estrutura organizacional e administrativa sólida e apoio do interventor federal no estado. Com tal suporte a equipe de profissionais do Espírito Santo montam um trabalho que vai ter o reconhecimento nacional, durante o VII Congresso Nacional de Educação, realizado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), que foi destinado à educação física. A experiência capixaba foi exposta pelo Capitão Horácio Cândido Gonçalves em documento publicado com o seguinte título: Tese apresentada pelo Cap. Horácio Cândido Gonçalves ao VII Congresso de Educação (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1935, p.37-40). O trabalho acima referido logrou êxito, dado que: "Os resultados colhidos pelo Espírito Santo nesse certame nacional não podiam ser maiores: basta que cite ter sido considerado como "Estado padrão" para êsse ensino, no meio civil do país" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1936, p.2).

Outro fato histórico relevante desse mesmo período é a inclusão da Educação Física em 1935, na Constituição do Espírito Santo. O artigo incluído foi escrito pelo professor Capitão Carlos Marciano de Medeiros e teve a seguinte redação: "A Assembléia Constituinte do Estado do Espírito Santo aprovou a emenda apresentada pelo deputado Cap. Carlos Marciano de Medeiros, assim redigida: EMENDA no 476 - Título V - Da Obra Educacional - Art. 146 - $ 4o - O Estado manterá junto à Secretaria a que estiver afeto o ensino público, um órgão técnico destinado a dirigir e difundir a educação física, que fará parte, obrigatoriamente, dos programas dos estabelecimentos oficiais, cabendo ainda ao referido órgão orientar a formação e o aperfeiçoamento dos professores especializados - 5 de agosto de 1935" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1935, p.40).

Suponho que a conquista pioneira do Espírito Santo de ter incluído a Educação Física em sua Constituição vai determinar ações a partir da Escola de Educação Física do Exército que culmina com a inclusão do Artigo 131, da Constituição Federal promulgada em 10 de novembro de 1937.

Neste ponto, a Educação Física do Espírito Santo é referência nacional. Desta forma, tivemos a responsabilidade de transmitir nossa experiência acumulada para

vários Estados do país, entre eles: Santa Catarina, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Geralmente, o trabalho consistia de organizar um Departamento de Educação Física, criar um curso de formação de professores e realizar concursos para professores dos cursos criados (ARAÚJO, 1953; FERRARI, 1958; REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, p.44).

Os fragmentos de fatos históricos, aqui arrolados, só me permitem supor que as duas prioridades básicas definidas por franceses e brasileiros no início do século, já referidas nesse texto, no final dos anos 20, vão configurar uma política articulada, a partir do Centro Militar de Educação Física do Rio de Janeiro com dois pilares fundamentais: Espírito Santo e São Paulo. Estes dois Estados vão contribuir de modo decisivo na implementação da estrutura organizacional da Educação Física brasileira, bem como na formação de professores durante e até o fim do "Estado Novo". Este movimento, a meu ver, só começa a se modificar a partir da criação da Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro, que foi criada com o objetivo precípuo de oferecer a direção, o caminho a ser percorrido pela Educação Física em todo território nacional. Este objetivo, nunca foi cumprido por aquela Escola, mesmo quando tinha o apoio irrestrito do Govemo Federal e da Escola de Educação Física do Exército, a não ser de forma precária.

Isto posto, quero dizer quer há muito estudo a ser feito de forma que possamos conhecer nosso passado e presente bem como seus determinantes sociais. Neste sentido, ouso sugerir alguns temas para estudo em história da Educação Física: qual paradigma ou quais paradigmas orientam as pesquisas em História da Educação Física brasileira? O objetivo desse estudo seria estabelecer, uma espécie de estado da arte da pesquisa nessa área; qual ou quais influências tiveram os vários "métodos" ginásticos que permearam a Educação Física brasileira? O objetivo, nesse caso, seria detectar o que ficou, marcou substantivamente nossa cultura, uma vez que a ginástica enquanto um dos conteúdos possíveis de ser trabalhados no âmbito escolar, carece dessas informações, até o momento, ainda não sistematizadas; o que se fez em torno da "idéia força" de se criar um "método" nacional de Educação Física? O objetivo, aqui, seria identificar o material pertinente ao assunto, sistematizá-lo e oferecer interpretações que configure sua relevância ou não; quais os elementos configuradores de uma política para a Educação Física brasileira oriunda da Escola de Educação Física do Exército com repercussão efetiva nos diversos cursos e departamentos criados no Brasil? Neste caso, o relevante seria mapear essas ações não só a partir do que diz os decretos, leis ou similares, mas também e sobretudo considerar o ponto de vista dos Estados onde os cursos e departamentos foram criados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. Q. de. Contribuição do Estado do Espírito Santo para a educação física nacional. Vitória: Secretaria da Educação e Cultura/Serviço de Educação Física, 1953.

CASTELLANI FILHO, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1988.

COSTA, J. F. Ordem médica e norma familiar. 2ed., Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Decreto n 1366. Vitória: Secretaria da Instrucção/Departamento de Educação Física, 1931a.

_____. Decreto n 1450. Vitória: Secretaria da Instrução/Departamento de Educação Física, 1931b.

FERRARI, O. A. A história da educação física do Espírito Santo. Vitória: Escola Técnica de Vitória, 1958.

MARINHO, I. P. Contribuição para a história da educação física no Brasil: Brasil colônia - Brasil império - Brasil república. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Incluída a educação física na constituição capixaba. Rio de Janeiro, (25):40, 1935.

_____. Tese apresentada pelo Cap. Horácio Cândido Gonçalves ao VII Congresso de Educação. Rio de Janeiro, (29):37-40, 1935.

_____. Histórico do departamento de educação física do estado de São Paulo, de 1931 a 1934. Rio de Janeiro, (31):40, 1936.

_____. O estado do Espírito Santo e a educação física. Rio de Janeiro, (33):2, 1936.

_____. A educação física nos estados. Rio de Janeiro, (43):44, 1938.

ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil. 9a ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

SOARES, C. L. O pensamento médico-higienista e a educação física no Brasil: 1850- 1930. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

ANTONIO CARLOS FRASSON
HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE E. DE PONTA GROSSA

ABSTRACT:

"Physical Education in Ponta Grossa State Univesity"

This work present a historical analisys about the Physical Education in graduate course of the Ponta Grossa University, from history of that University and its activited in this country - Ponta Grossa.

No início da década de 30, Ponta Grossa começava a destacar-se como pólo de desenvolvimento sócio-econômico na região do Campos Gerais, com isto criando uma expectativa no que diz respeito a estrutura para receber a população oriunda de outras cidades do Estado, tendo em vista o crescente processo de urbanização vivido por quase todas as regiões brasileiras.

Dentro desta estrutura, a criação de um estabelecimento de ensino a nível superior viria dar o suporte educacional as necessidades de qualificação profissional presentes em qualquer processo de concentração urbana, particularmente em cidades que se destacam como pólos regionais. A cidade e a região contavam com inúmeras escolas de nível primário, ginasial e colegial, os quais articulavam uma forte demanda em relação a oportunidade de frequentar uma faculdade na sua própria cidade e região.

Em 1.937, Ponta Grossa ganha o seu primeiro estabelecimento de nível superior e parece que estava começando a sedimentar o tão sonhado ideal, com a instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, criada pelo Governo Estadual, com isto oportunizando aos que tinham concluído o curso colegial e não tinham possibilidades de recorrer a outros centros para frequentar um curso de nível superior.

Mas, infelizmente por problemas alheios a área educacional e ao povo pontagrossense e da região, esta primeira tentativa de tornar Ponta Grossa em um centro de estudos superiores não foi possível, pois..infelizmente por injunções

polfticas([1] grifo nosso) de um regime descricionário, teve suas portas cerradas quando se preparava para formar as suas primeiras turmas."[2]

Estas injunções políticas(grifo nosso), não se preocupou com a qualidade de ensino até então praticada nos colégios e tampouco com os que concluíam os seus estudos a nível superior ou colegial, obrigando-os a procurar outros centro estudantis, para que concluíssem ou ingressassem em uma faculdade sem evidentemente preocuparem-se com os benefícios que poderiam trazer para a cidade a continuação desta faculdade. Porém, esta primeira dificuldade só fez crescer os esforços dos cidadãos pontagrossenses para que a cidade fosse agraciada com uma faculdade, e isto só foi possível em 1.949 quando através do Decreto número 8.837 foi autorizado a criação da Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Ponta Grossa. As áreas da Filosofia, Ciências e Letras foram as escolhidas para comporem esta faculdade que no futuro alicerçaria o caminho para tornar Ponta Grossa num centro estudantil do Paraná, pois serviria como uma das bases para a criação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Sedimentando o caminho para tornar Ponta Grossa neste tão sonhado centro estudantil de nível superior,a criação de uma nova faculdade era necessária e através da Lei número 921 de 16 de setembro de 1.952 o povo pontagrossense obteve mais uma conquista com a criação da Faculdade Estadual de Farmácia e Odontologia. Com o crescimento da procura pelos cursos ofertados e a necessidade do desdobramento do curso de Farmácia em dois novos cursos, um que visasse a formação do farmacêutico e outro a formação do bioquímico, esta faculdade foi desmembrada, surgindo então a Faculdade Estadual de Odontologia e a Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica, esta separação só foi possível após a promulgação da Lei Estadual número 5.646 de 03 de outubro de 1.967. Em 1.957, Ponta Grossa contava com aproximadamente 70.000 habitantes e o ensino universitário já tinha suas duas primeiras faculdades devidamente instaladas e funcionando, mas era necessário dotar a cidade com mais opções de estudos de nível superior, quando então pela Lei Estadual número 2.179 de 1.954 a cidade ganhava mais uma opção com a criação da Faculdade de Direito de Ponta Grossa. Estava lançada em Ponta Grossa mais esta semente, impulsionando o povo pontagrossense e da região em procurar novas conquistas a nível de ensino superior e neste até foi gestionado

---

[1]O significado deste termo está sendo pesquisado.2.Ofício encaminhado pelos Diretores das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de Farmácia e Bioquímica, de Odontologia e de Direito aos membros oda Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educaç_o, solicitando a apreciaç_o do processo para a instalaç_o da Universidade Estadual de Ponta Grossa em 04 de setembro de 1.968.

[2]Oficio encaminhado pelos Diretores das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de Farmácia e Bioquímica, de Odontologia e de Direito aos Membros da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educaç_o|o, solicitando á apreciaç_o|o do processo para a instalaç|o da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na data de 04 de setembro de 1.968.

junto ao Governo do Estado a possibilidade de instalar mais uma faculdade, pois a cidade já contava com três faculdades em pleno funcionamento e o número crescente de procura por uma vaga neste nível de ensino.

Com a necessidade de oportunizar os profissionais que atuavam nas áreas de Ciências Econômicas, Administração e Contábeis foi solicitado a instalação de um faculdade que abrangesse estas áreas, sendo que a concretização desta foi realizada na data de 12 de janeiro de 1.966.

Artigo.1 "Fica criada uma Faculdade de Ciências Econômicas em Ponta Grossa de acordo com o Decreto Lei Federal número 7.988 de 22 de Setembro de 1.945 abrangendo os Cursos de Ciências Ecônomicas e Ciências Contabéis e Atuariais"[3] Convém salientar como fato interessante que neste mesmo diploma legal foi criada a Universidade Estadual de Ponta Grossa, no seu artigo segundo:

Artigo Segundo "Fica criada uma Universidade Estadual em Ponta Grossa, integrada pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Odontologia, Farmácia e Direito e as que vierem a ser criadas, por iniciativa do Estado, naquela cidade."[4] .lm.0.00" Ponta Grossa,já contava com cinco faculdades instaladas e funcionando quando foi autorizada a criação de uma Universidade Estadual em Ponta Grossa, porém mais uma vez, não foi possível concretizar este sonho, mas veio reforçar a ânsia do seu povo para tentar conseguir novas conquistas a nível de ensino superior quando, o Governo do Estado autoriza a funcionar uma Fundação de Ensino Superior do Paraná Central, com sede e foro na cidade de Ponta Grossa, cuja finalidade era o de criar e manter a Faculdade de Medicina, conforme o que determinava a sua Lei: "Súmula: Autoriza o Poder Executivo a instituir uma fundação sob a denominação de "Fundação de Ensino Superior do Paraná Central"com sede e foro na cidade de Ponta Grossa...".Artigo 3 "A fundação terá objetivo criar e manter a Faculdade de Medicina de Ponta Grossa, na Instituição de Ensino Superior de pesquisa médica".[5] Porém, a criação desta Faculdade também não foi concretizada, fazendo com que se formassem vários grupos para que pudessem sensibilizar o Governo do Estado para implantar definitivamente uma Universidade em Ponta Grossa. Entre os grupos constituídos estava o que representava as Faculdades já instaladas e funcionando na cidade que além de reunirem-se com o Governador Paulo Cruz Pimentel nas dependências da Faculdade de Direito, enviaram um documento aos membros do Conselho Estadual de Educação manifestando-se favoráveis a instalação desta Universidade.

---

[3]PARAN°.Lei Estadual número 03 de 12 de janeiro de 1966. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 18 de março de 1966. Pag. 1 .Atos do Poder Legislativo ato

[4]Ibid..., pag 01

[5]PARAN°. Lei número 5753 de 04 de abril de 1968. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 06 de abril de 1966. Número 32, Ano LVI, pag. 01 . Atos do Poder Executivo.

"Com o objetivo de termos realidade a Universidade Estadual Ponta Grossa, organizamos o processo competente e ..."[6].

"A região dos Campos Gerais, segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresenta uma população de 1.120.954 habitantes distribuídos entre 43 municípios paranaenses... será melhor servida pela Universidade em apreço...".[7] "O pedido de instalação da Universidade

Estadual de Ponta Grossa, formulado pelos Diretores dos diversos estabelecimentos de

Ensino Superior de Ponta Grossa jamais poderá ser interpretado como um ato de vaidade ou de polítíca bairrista, mas sim como um imperativo do seu próprio desenvolvimento cultural nestes últimos 20 anos, como consequência de uma atividade intelectual de mais de um século".[8]

Somente após quatro anos a criação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, obteve o desfecho favorável a todo este processo, quando o Governo do Estado cria as Universidades Estaduais de Londrina, Maringá, Ponta Grossa e a Federação das Escolas Superiores de Curitiba, por intermédio da Lei número 6034 de 06 de novembro de 1.969.[9].

Constituiu a Comissão Instituidora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que que tinha como função principal Instituir a Uníversidade e promover a incorporação das faculdades existentes no momento, ao novo sistema que estava sendo adotado, a composição das listas sextuplas para os cargos de Reitor e Vice-Reitor.Esta Comissão foi constítuida por intermédio da Portaria 9.722 de 20 de novembro de 1.969.[10]

Coube também a esta comissão a elaboração do primeiro Estatuto e Regimento da Universidade Estadual de Ponta Grossa que obteve a sua aprovação através do Decreto número 18.613 de 24 de março de 1.970.

" Ficam aprovados em caráter intertemporal os Estatutos das Universidades Estaduais de Londrina, Ponta Grossa e Maringá que este baixam."[11] Após muitas lutas o povo pontagrossense tinha certeza de que a sua Universidade Estadual de

---

[6]Ibid..., pag 01.
[7]Ibid pag. 01
[8]Ibid. pág.08

[9]PARAN|. Lei número 6.034 de 06 de novembro de 1.969. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 10 de novembro de 1.969. Número 209, Ano LVII, Pagina 01. Atos do Poder Executivo.
[10]PARAN|. Portaria número 9.722 de 04 de novembro de 1.969. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 20 de novembro de 1.969. Número 217, Ano LVII, Pagina 10. Secretária da educaçlo e Cultura.

[11]PARAN|. Decreto número 18.613 de 24 de março de 1.970. Diário Oficíal do Estado do Paraná, Curitiba, 30 de janeiro de 1.970, Pagína 02. Atos do Poder Executivo.

Ponta Grossa estava definitivamente instalada e preparando-se para dar início as suas atividades. Esta certeza veio a ser confirmada com o Decreto numero 18.111 de 28 de janeiro de 1.970 que cria sob forma de Fundação a Universidade Estadual de Ponta Grossa, conforme o que demonstra: "Artigo 1 "Fica criada a Universidade Estadual de Ponta grossa, como resultante da incorporação dos seguintes estabelecimentos de ensino:..."

Artigo 2 "A Universidade Estadual de Ponta Grossa será organizada como Fundação de Direito Público, sob a denominação de Fundação Universidade Estadual de Ponta Grossa." .

Artigo 3 Inciso 7 "A Universidade na sua organização incluirá uma Faculdade de Educação,..."

Inciso ll Letra B " A formação de profissionais no campo das ciências biológicas."

Artigo 7 "Para proceder as medidas preliminares de incorporação aos estabelecimentos de ensino mencionados no artigo 1 são nomeados os professores..."

Artigo 11 "Nos termos do disposto no item V do artigo 4 com o Parágrafo 3 do artigo 1 da lei ... fixa extinta a personalidade jurídica individual e autonoma da Fundação do ensino Superior do Paraná central, da Autarquia Faculdade de Ciências Econômicas e Administração de Ponta Grossa e dos demais estabelecimentos de ensino incorporados á Fundação Universidade Estadual de Ponta Grossa."[12]

A criação e instalação da Universidade Estadual de Ponta Grossa foi feita com muita luta e brilhantismo pelo seu povo, a partir de 1.937 quando da instalação da primeira faculdade, mas viu seus sonhos ruírem-se pelas "injunções políticas", transformando o seu ideal em luta, perseverança para que um dia pudesse ver a sua cidade ser agraciada com uma unidade de ensino superior. Foi graças a muitos pontagrossenses ou não, que no anonimato do seu trabalho, de uma forma ou de outra lutou para que isto acontecesse, deixamos de citar nomes porque poderíamos cometer injustiças de não relacionarmos todos, porém fica a nossa homenagem nas palavras do Reitor Ewaldo Podolan:

" A história da Universidade Estadual de Ponta Grossa está sendo construída com real brilhantismo. Suas raízes históricas tem origem presa já a primeira instituição de ensino superior estabelecida em Ponta Grossa, quando em 1.949 foi criada a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa. De lá para cá, com o surgimento das demais Faculdades foi, paulatinamente, evoluindo e amadurecendo a idéia de institucionalização de uma Universidade. É bem verdade que a concretização desse ideal maior não foi fácil, principalmente se levar em

---

[12]PARANÁ. Decreto número 18.613 de 24 de março de 1.970. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 20 de abril de 1.970, número 35, ano LVIII, pagina 1. Atos do Poder Executivo.

conta as dificuldades de ordem burocrático-legais e até mesmo sentimentais".[13]

O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO PONTAGROSSENSE

Para a instalação da Universidade Estadual de Ponta Grossa em 1.970, tornou-se necessário a criação e implantação de novos cursos que viessem atender a demanda dos alunos oriundos do segundo grau ou colegial, visando com isto preencher as lacunas existentes no campo profissional e os requisitos legais estabelecidos pelo artigo 3 incisos 7 e 11 letra B do decreto da criação da Universidade que determinava a criação de uma faculdade de Educação e a formação de profissionais no campo das Ciências Biológicas

A proposta para a criação desses novos cursos foi encaminhada aos Conselhos Superiores da Universidade bem como toda a sua documentação, e neste contexto encontrava-se o Curso de Licenciatura em Educação Física.

Com o crescimento escolar da região onde poucos professores de Educação Física tinham uma formação acadêmica, possibilitaria aos mesmos que já atuavam na area a oportunidade de habilitarem-se para tal. Também Ponta Grossa sempre destacou- se a nível nacional e estadual em competiç•es da qual participava necessitando, portanto de profissionais habilitados para tal.

Após a tramitação legal do processo para a criação e implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física junto aos Conselhos de Administração, Ensino Pesquisa e Extensão e Universitário o mesmo recebeu aprovação unamine dos Senhores Membros destes Conselhos, cabendo ao então Reitor Professor °lvaro Augusto da Cunha Rocha atender a deliberação do Conselho Universitário em sua reunião do dia 1 de julho de 1.973, através da Resolução número 15 de 14 de dezembro do corrente ano que determinava:

Artigo 1 "Criar para funcionamento a partir do ano letivo de 1.974, os cursos a seguir especificados com os respectivos números de vagas:.

2 - Licenciatura em Educação Física: Masculino 25 vagas, Feminino 25 vagas"

Artigo 2 "Aprovar os currículos dos cursos criados pelo artigo primeiro cujos créditos, cargas horárias e elenco de disciplinas que vão a seguir especificados:

2 - Curso de Educação Física Masculino e Curso de Educação Física Feminino".[14] Com a publicação no Diário Oficial da União número 16.716 de 17 de outubro de 1.978, o Curso de Licenciatura em Educação Física obteve o seu reconhecimento por intermédio do Decreto número 82.413 de 16 de outubro do mesmo ano, visto que já tinha obtido parecer favorável do Conselho Federal de

---

[13]Universidade Estadual de Ponta Grossa.Assessoria de Planejamento. 35 anos de ensino superior... Ponta grossa, Imprensa Universitária, 1.984. 150p.ilust. Pagina V.

[14]PONTA GROSSA Resoluçlo número 15 de 14 de dezembro de 1.974. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa14 de dezembro de 1974. Conselho Universitário.

Educação através do Parecer numero 5.185/78. A instalação do Curso de Licenciatura em Educação Física se deu no ano de 1.974 junto ao Departamento de Biologia do Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, com o crescimento da Universidade nos seus aspectos didáticos e administrativos, necessário se tornou uma reforma á nível departamental, em sua nova divisão o curso de Educação Física por ter uma caracteristica de licenciatura foi transferido para o Departamento de Educação do Setor de Letras e Ciências Humanas, onde já se encontravam quase todas as licenciaturas ofertadas pela Universidade. Com o desmembramento do Departamento de Educação, em três novos departamentos, Serviço Social, Educação e Educação Física, o Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão entendeu por bem retornar o curso de Educação Física para o Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, por tratar-se de um curso com caracteristicas biológicas. A questão curricular do curso é de responsabilidade do Colegiado de Curso, que deverá estar atento para a melhoria da qualidade de ensino que é ministrado aos seus acadêmicos. O Curso de Licenciatura em Educação Física além de suas atividades normais de ensino, procura através do seu corpo docente e discente participar das mais diversas atividades, integrando-se cada vez com a comunidade universitária e dos campos gerais. Tal integração visa que os seus discentes conheçam a realidade sócio-econômica-cultural da região de abrangência da Universidade, para que este no futuro possa ao retornar para a sua comunidade aplicar os ensinamentos adquiridos para o seu desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

1-PARANÁ. Lei Estadual número 03 de 12 de janeiro de 1.966. Diário do Estado do Paraná, Curitiba, 18 de março de i.966. Página 1. Atos do Poder Legislativo.

2-... Lei número 5753 de 04 de abril de 1.968. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 06 de abril de 1.966. Número 32, Ano LVI, página1. Atos do Poder Executivo.

3-...Lei número 6.034 de 06 de novembro de 1.969. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 10 de novembro de 1.969. Número 209, Ano LVII, página 01. Atos do Poder Executivo.

4-... Portaria número 9.722 de 04 de novembro de 1.969. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 20 de novembro de 1.969. Número 217,

5- ... Decreto número 18.613 de 14 de março de 1970. Diario oficial do Estado do Paraná. Curitiba, 20 de abril de 1970, número 35, ano LVIII, pagina 1. Atos do Poder Executivo.

6- PONTA GROSSA. Universidade Estadual de Pontas Grossa. Assessoria de Planejamento. 35 anos de ensino superior.... POnta Grossa. Imprensa Universitária. 1984. 150 p. ilust.

EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCURSO HISTÓRICO - PROCESSO DE MATERIALIZAÇÃO IDEOLÓGICO.

Verter Paes Cavalcanti[1]

ABSTRACT:

"PHYSICAL EDUCATION: HISTORICAL DISCUSS - PROCESS OF IDEOLOGICAL MATERIALIZATION

This text present a analisys about the discuss of the Physical Education History and as the ideological process it is in that field of the knowledge. This study have been developed in the master course at Methodist of Piracicaba University.

This work intend to explain as the ideology materiialize on the production process of the historical knowledge from Physical Education in Brazil.

Este trabalho pretende tentar explicitar, ainda que, preliminarmente, como, na Educação Física brasileira, a ideologia materializa-se no processo de produção do conhecimento histórico.

Até a década de 80, a historiografia da Educação Física brasileira, apresentava discursos que refletiam basicamente uma concepção empírico-analítica de pesquisa histórica, limitando-se, quase sempre, ao simples relato de fatos, marcos cronológicos e/ou vultos políticos. Nesse período, esta concepção de história era predominante como orientação teórica. Identificamos com essa concepção historiográfica autores como: Inezil Penna Marinho, Jayr Jordão Ramos e A. R. Accioly[2].

---

[1]. Prof. do Departamento de Educação Física/UFAL, Mestrando em Educação/UNIMEP, área de concentração: Educação Motora e bolsista da CAPES.

[2].MARINHO, I. Penna. História Geral da Educação Física. São Paulo: Cia Brasil Editora, s.d.

RAMOS, Jayr Jordão. Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

ACCIOLY, A. R. e MARINHO, I. P. História e organização da Educação Física e Desportos. Cadernos de Divulgação Cultural. Rio de Janeiro: 1956.

A partir desse período, que coincide com o processo de distensão política - após um período marcado pelo autoritarismo instituído no País pelo golpe militar de 64 - surgem fatos que possívelmente tenham contribuído para o surgimento de novos estudos, os quais possibilitaram outras tendências teórico-metodológicas para a pesquisa na História da Educação Física brasileira.

Entre esses fatos, destacamos o surgimento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, em 1978, bem como, influências decorrentes de discussões que segundo BRACHT (1992), desenvolviam-se no âmbito mais geral da pedagogia contribuindo para o surgimento de uma corrente que começou a refletir o papel social da Educação Física brasileira. Ainda, nesse período, ressaltamos a importância da implantação dos cursos de pós-graduação (lato sensu e strictu sensu) em Educação Física o que, em termos de hipóteses preliminares, nos permite afirmar que estes acontecimentos refletiram nessa área um maior dinamismo na produção de conhecimentos e, entre estes, o histórico.

Mesmo se efetivando de forma tímida, a historiografia da Educação Física brasileira, de acordo com GEBARA (1989), teve um avanço razoável. Avanço esse decorrente da contribuição de trabalhos de natureza sociológica e/ou pedagógica.

Entre os pesquisadores que têm contribuido com a historiografia da Educação Física brasileira, na década de 80, mesmo alguns não se afirmando enquanto historiadores, mas com trabalhos os quais evidenciam o trato histórico em seus objetos de estudo, destacamos: CAVALCANTI (1984), CARMO (1984), CASTELLANI FILHO (1988), GHIRALDELLI JR. (1988), BETTI (1988), assim como, pesquisadores mais recentes: BERCITO, (1990), SOARES (1990), LUCENA (1991) e VALENTE (1993).

Outro aspecto a ser evidenciado é o trabalho de GEBARA, desenvolvido na FEF/Unicamp, estimulando a pesquisa nessa área. Esse autor, tem chamado a atenção no que diz respeito a necessidade de ser trabalhada na historiografia a questão da especificidade da Educação Física e do Esporte, principalmente, na questão da periodização, uma vez que para ele, não podem ser tratados como sendo um mesmo objeto de estudo, pois apresentam diferenças em suas naturezas - tanto a nível de abrangências quanto as suas historicidades.

Assim como nos revela **BORDIEU** (1983), em relação o esporte com sua história autonoma, **GEBARA** (1989), entende que a Educação Física necessita reescrever a sua história, tendo em conta a existência de "sua leis, com seu tempo próprio, suas crises relativamente autônomas."[3]

Se até os anos 80, a Historiografia da Educação Física no Brasil, basicamente, fundamentou-se numa metodologia que evidenciava o trato linear do objeto histórico, limitando-se a dar conta - no sentido estrito de relato - dos fatos que aconteceram. A década de 80, apresentou novas abordagens, confrome já nos referimos antes e, que teve como fio condutor discursos[4] referendados no aspecto social da Educação Física.

A nossa visão de História, enquanto campo do conhecmento, encontra-se em consonância com **VIEIRA et al** (1991:29):

> "A história dever ser pensada no dúplo sentido do termo: como experência humana e como sua própria narração, interpretação e projeção.
> Essa experiência humana não se modifica enquanto passado. O que se modifica é a investigação sobre ela, de acordo com a problemática que o investigador se colocano presente que envolveu a sua própria experiência de vida e as concepções das quais parte. Essa subjetividade está presente no trabalho do historiador, independente de ele se dar conta ou não, influindo na compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de expressão da atividade humana (...)".

Ao entender a história enquanto processo do conhecimento, inacabada e variável, estamos concordando com **SCHAFF**, que em sua obra ***História e Verdade*** (1991: 131), afirma:

> "(...) A história nunca é acabada - refutam os presentistas. Nunca se pode afrimar que seu estudo está acabado, porque ela é sempre uma resposta às perguntas e aos problemas que se levantam ao historiador no momento em que efetua o seu trabalho. Portanto, a história é perpetuamenle variável e reescrevemo-la constantemente; não apenas porque descobrimos fatos novos, mas também porque a nossa perspectiva sobre o que é um fato histórico (ou seja, sobre o que é importante do ponto de vista do processo histórico) muda."

Prosseguindo em suas considerações acerca das leituras que os historiadores fazem , ao explicar e interpretar um mesmo fato histórico. A verdade histórica, fica assim, condicionada a imagem histórica que decorre de fatores subjetivos da vida do pesquisador/historiador.

E, ainda de acordo com **VIEIRA et** al (1991:65), o conhecimento histórico é sempre uma construção do real e não o real. Nesse processo de construção do real, pelo historiador, independentemente, da metodologia e,

---

[3]. BORDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? 1983.
[4]. Discurso, aqui é entendido como: Teses, Dissertações, livros, artigos, textos, etc.

consequentemente, da abordagem epistemológica que tenha optado, a sua visão/concepcão de mundo - ideologia[5] - far-se-á presente ao discurso, explícita ou implicitamente.

ORLANDI[6], afirma que não há discurso sem sujeito e, sujeito sem ideologia e, que a noção de sujeito é fundamentalmente histórica. Portanto, partindo desse pressuposto, não há discursos ideológicos, todos os discursos são ideológicos, uma vez que, ainda segundo a autora, é através do discurso que a ideologia materializa-se.

> "(...) não há um discurso ideológico, mas todos os discursos os são. Essac postura deixa de lado uma concepção de ideologia como "falsa consciência" ou dissimulação, mascaramento, voltando-se para outra direção ao entender a ideologia como algo inerente ao signo geral. Dessa forma, pelo caráter arbitrário do signo, se por um lado a linguagem leva a criação, à produtividade de sentido, por outro representa um risco na medida em que permite manipular a construção de referência. Essa liberdade de relação entre signo e sentido permite produzir , por exemplo, sentidos novos, atenuar outros e eliminar os indesejáveis".
>
> (BRANDÃO, 1991:27)

A noção de ideologia desenvolvida em alguns discursos e, aqui inscrevo os da historiografia, por ser nosso objeto de preocupação nesse texto, provávelmente, encontre-se "matizado por diferentes nuances significativas"[7].

Buscando o viés da Análise do Discurso que apoia-se no conceito desenvolvido por **ALTHUSSER**, num sentido mais genérico, entendemos que "a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência", ou seja, "a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e esta relação é necessariamente imaginária"[8]. E, por imaginário, entendemos, como sendo, "o modo através do qual o homem atua, relaciona-se com as condições reais de vida".

Assim, tendo esses pressupostos como referenciais de análise, recorremos ao trabalho desenvolvido por **CAVALCANTI** (1984), que teve como objeto de estudo, o discurso do "Esporte Para Todos"[9]. Tal opção, permite-nos

---

5. Nos apoiamos em BRANDÃO, Helena H. Nagamine - que recorre a uma noção mais ampla de ideologia, definindo-a como uma visão,uma concepção de mundo de uma determinada comunidade social numa determinada circunstância histórica.

6. Afirmação feita durante aula ministrada pela referida porfessora, na disciplina Análise do Discurso, no dia 29/10/93, no IEL/Unicamp.

7. In: BRANDÃO, Helena H. Nagamine, p. 19.

8. Ibid, p. 22.

9. A autora analisa o discurso do movimento "Esporte Para Todos" - desenvolvido de 1977 até 1980. Tal movimento, inseria-se no Plano Nacional de Educação Física e Desportos. Ver trabalho desenvolvido por **VALENTE, Edison F.** Perspectivas históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil (1993-FEF/Unicamp).

refletir como as categorias discurso e ideologia são trabalhadas em seu objeto de estudo.

Parafraseando GADOTTI (1981), essa pesquisadora ainda afirma:

"O Esporte para Todos é um fenômeno social recente que já possui um discurso próprio. Um disucrso pode ser verdadeiro ou falso; pode desvelar o fenômeno ou dissimulá-lo ".[10]

Ao tomar o discurso como verdadeiro ou falso, a autora faz opção pelo conceito de ideologia em seu sentido mais restrito, isto é, reduzido a idéia de ilusão ou mascaramento da realidade social.

Tal concepção, se aceita, nos leva a uma compreensão aparente e reducionista do termo ideologia. Pois, uma vez que a ideologia é sinônimo de ilusão e/ou mascaramento da realidade e, que os discursos ideológicos cumprem esse papel, o contrário, ou seja, os discursos que não tenham esse objetivo, seriam então, discursos "desideologizado".

Nosso objetivo, não tratar de analisar o trabalho da autora em sua totalidade, na verdade, recorremos a algumas categorias analisadas em seu objeto de estudo, conforme já nos referimos, no sentido de tentar explicitar a materialização da ideologia no discurso, assim como, reconhecemos, mesmo tratando-se de uma abordagem filosófica acerca do objeto enfocado, consideramos a importância da questão relativa a periodização para inseri-lo no quadro de discurso histórico.

À guisa de conclusão, entendemos, assim, a materialização ideológica, como sendo, a concretização das idéias. Enquanto que, "o discurso é uma das instâncias em que a materialidade se concretiza" (**BRANDÃO, 1991: 37**). Este, para ter sentido, é necessário que ele seja conhecido historicamente, ou seja, que haja uma busca de seus significativos.

A historiografia também revela que em todos os discursos, a ideologia faz-se presente, explícita ou implícitamente. Provavélmente, não estando simplesmente em seu conteúdo, mas prioritariamente, no seu mecanismo - processo. Assim, o discurso eixtente na historiografia da Educação Física brasileira, provavelmente, nos proporcione leituras e/ou análises que possibilitem entender outras tematizações, nessa área de conhecimento, bem como novos significados.

---

[10]. **CAVALCANTI, K. B.**, Esporte Para Todos - um discurso ideológico, p. 21.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DE SUA CONSTRUÇÃO.

Profa. Rita de Cássia Garcia VERENGUER(*)

ABSTRACT:

"History of the Physical Education in Brazil: first consideration about its construction".

It is a try of the historical reconstruction from Physical Education in Brazil and aim exemplificate a problem of its historical period from own expression Physical Education.

Qualquer tentativa de reconstruir os caminhos pelos quais passou a Educação Física no Brasil se reveste de dificuldade dada a amplitude do termo.

Afora o problema da periodização, como apresenta GEBARA (1989), estudar e analisar a História da Educação Física no Brasil é tarefa que requer cuidados especiais visto que, sob a denominação ***Educação Física*** encontram-se: (a) um grande leque de atividades motoras com objetivos e/ou funções bem variadas e, (b) a tentativa de circunscrever os limites profissional e acadêmico.

Este ensaio objetiva exemplificar a problemática em torno da amplitude do termo ***Educação Física*** para a construção da História da Educação Física no Brasil.

Em primeiro lugar, é possível observar o termo ***Educação Física*** designando atividades motoras do cotidiano. Confundir estas atividades com a Educação Física ou com práticas esportivas é comum entre os leigos. É possível encontrar referências peculiares, como por exemplo, alguém correndo para pegar o ônibus estaria se preparando para uma maratona!

No entanto, os historiadores da área também contribuem para esta situação. RAMOS (1982) afirma, no capítulo que caracteriza a História da Educação Física no Brasil, que

* Depto. de Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.

"... a caça e a pesca, a luta e o uso do arco e flexa e do tacape, a navegação e a canoagem, a marcha e a corrida, a dança, a natação e o mergulho sintetizam, sem pormenores, as principais práticas físicas usadas pelos nossos índios..." (p.290).

MARINHO (1943), após relatar as proezas dos índios, utilizando-se, principalmente, dos documentos (cartas) dos colonizadores portugueses conclui que:

"... podemos resumir a História da Educação Física no Brasil às práticas existentes entre os íncolas, que consistiam no manejo do arco e flecha, no arremesso de lanças, na caça e pesca, na natação, na canoagem, e na equitação..." (p.39)

Num segundo momento, vê-se a ***Educação Física*** como atividade desenvolvida na escola sendo definida como disciplina curricular.

Do ponto de vista legal, a Educação Física foi introduzida na escola quando da Reforma Couto Ferraz, em 1851 (CANTARINO Fo.,1982). A partir de então, o que se observa, tanto nos textos legais quanto nas obras especializadas, são os múltiplos sentidos do termo. Nota-se tal ambiguidade quando se denomina a atividade motora realizada na escola como "ginástica", "jogo" ou "esporte".

No Parecer que regulamenta a Educação Física em todos os níveis de ensino (Parecer CFE no.257/71) é possível encontrar, para se referir à Educação Física, os conceitos de "atividades físicas", "exercícios ginásticos", "jogos" e "educação física/desportos".

Nas publicações sobre Educação Física escolar é comum encontrar descrições de atividades do cotidiano infantil para delimitar este componente curricular.

RODRIGUES (1978) afirma que a Educação Física infantil deve

"... ser baseada nas atividades naturais da criança: andar, correr, saltar, saltitar, trepar, girar, balançar, rodar, escorregar, tracionar, equilibrar, etc ..." (p.10).

Quando as preocupações se dirigem para o conteúdo das aulas de Educação Física a amplitude do conceito se revela mais intensa:

"... os jogos, os desportos,a dança e a ginástica feminina moderna começam, nas escolas modernas a substituir as clássicas formas de trabalho..." (FARIA Jr, 1974, p.88).

É importante registrar que, quando se fala em Educação Física escolar, esta se reveste de objetivos que vão da melhoria da aptidão física, passando pela eugenia, pelo desenvolvimento psico-social, até chegar na conscientização política!

O terceiro ponto refere-se a possibilidade de caracterizar Educação Física como profissão. Certamente, esta possibilidade deveu-se às discussões em torno da preparação profissional, notadamente no que se refere ao binômio bacharelado/licenciatura.

A Educação Física, que sempre foi vista como Educação Física escolar sofreu, durante a década de 70, um processo acentuado de desescolarização, ou seja, os conteúdos desta disciplina curricular, as atividades com tipificações esportivas e a ginástica, começam a surgir em outros locais como a praça pública, os clubes, as

academias e como eventos institucionalizados (Esporte para Todos, Campanha Mexa-se, por exemplo).

O desenvolvimento de programas de atividades motoras fora do âmbito escolar foi uma das razões pela qual se iniciou o debate sobre como deveria ser conduzida a formação de recursos humanos para elaboração e execução de tais programas.

Deste debate originou-se o Parecer 215/87 que reestrutura os cursos de graduação em Educação Física.

Segundo este Parecer,

"... Fica evidenciada a distinção entre o Bacharel (graduado em nível superior, para o exercício profissional na área de seus estudos) e o Licenciado (graduado em nível superior, cuja formação é direcionada para o magistério de 1o. e 2o. grau..." (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, p.175).

Observa-se, então, o surgimento da profissão Educação Física, enquanto bacharelado, desvinculada da formação do licenciado. E mais, o surgimento de propostas para o bacharelado em Esporte (UNICAMP e USP) e em Lazer (UNICAMP).

(É possível afirmar, até com certa margem de segurança, que ao se escrever a História da Educação Física no Brasil do final do século XX, as questões relativas à preparação profissional serão lembradas, inclusive em função da polêmica desencadeada).

Por último, encontra-se a ***Educação Física*** designando uma área de estudo. Como aconteceu em outros países, a Educação Física no Brasil se vê forçada a justificar sua presença na Universidade e passa a caracterizar e limitar sua área de investigação. Tem-se, pois, o termo como sinônimo de área de conhecimento, de pesquisa.

É de se registrar que o Parecer 215/87 alerta para o fato:

"... A verdade é que a Educação Física não tem sido pensada como um campo de conhecimento científico. (...), sem maiores preocupações com os aspectos da pesquisa, muito tem contribuído para a descaracterização desses profissionais. Está aí, talvez, um dos problemas agudos para o desenvolvimento da Educação Física no Brasil..." (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, p.173).

Curiosamente, ao se delinear uma área de estudo, que pudesse resolver as ambiguidades, advoga-se o abandono do termo ***Educação Física*** elegendo-se, para substituí-lo, o de "Motricidade Humana" ou "Cinesiologia".

TOJAL (1993), quando avalia as perspectivas da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, esclarece que

"... ao assumir a Motricidade Humana como matriz disciplinar, venha a manifestar uma unidade entre todos os seus membros, quer docentes, quer discentes, possibilitando assim o início da constituição, em todo o país, de uma Comunidade Científica, respeitante à Motricidade Humana..." (pp.170-1).

Na mesma linha de argumentação, TEIXEIRA (1993), após afirmar que a Educação Física nunca foi questionada academicamente por não produzir conhecimento, propõe como alternativa a definição do objeto de estudo e o nome da área: "... o nome *cinesiologia* parece ser o mais apropriado para rotular o estudo da motricidade humana..." (p.88). (itálico no original).

Pelo apresentado, notam-se as variações do conceito Educação Física: atividade motora do cotidiano, atividade motora dentro da escola, profissão e área de conhecimento. Esta ambiguidade provoca, para aqueles que estudam a História da Educação Física no Brasil, a constante tarefa de definir seu foco de análise, ou seja, definir o que estão chamando de Educação Física.

Referências Bibliográficas:

CANTARINO Fo. Mario R. A Educação Física no Estado Novo:história e doutrina. Brasília, Universidade de Brasília.(dissertação de mestrado),1982.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Reestruturação dos cursos de graduação emEducação Física, sua nova característica, mínimos de duração e conteúdo. Brasília:Documenta (315).

FARIA Jr. Alfredo G. Introdução à Didática de Educação Física. Rio de Janeiro: Fórum Ed., 1974, 2o. ed.

GEBARA, Ademir. "A Pesquisa em História e em Sociologia da Educação Física e do Esporte". Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro, 1989 (vol.II)

MARINHO, Inezil P. Contribuição para a História da Educação Física no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

RAMOS, Jair J. Os Exercícios Físicos na História e na Arte: so homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1982.

RODRIGUES, Maria. Manual Teórico-prático de Ginástica Infantil.São Paulo: Brasiliense,1978.

TEIXEIRA, Luís A. "Estudo da Motricidade Humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão e um componente do currículo escolar". Rev. Paul. Educ. Fís. 7(1):77-91, 1993.

TOJAL, João B.A.G. A Emergência da Motricidade Humana no percurso histórico da Unicamp: aplicação de referências epistemológicas à concepção de um modelo de estrutura curricular. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. (tese de doutorado), 1993.

A EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA

Profs Mestrandas Alexandra M.A. Viana e Gilca E. de C. Maia
Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ABSTRACT:

"The critical Physical Education".
This article present an analysis and questiona about the Physical Education , the behaviour of the teacher and its methodology in Brazil, from its concepts.

I- Introdução

Durante muito tempo dominaram na Educação Física do Brasil, os princípios formais de um "Método Francês", assim como os movimentos geométricos reinvidicando apenas partes isoladas de um corpo - A Calistenia. Quanto aos esportes, tem-se dado um valor ilimitado aos métodos internacionais, muitas vezes transferidas com restrições pela precária estrutura das escolas brasileiras. Tornando-se esta causa, como também a orientação pedagógica da Educação Física do Brasil, os motivos de vir se mantendo dentro de um currículo fechado, o ensino do esporte praticado na escola.

Se o Brasil quiser libertar-se da cópia unilateral do exemplo estrangeiro, e desenvolver uma "Educação Física Brasileira", deverá considerar sua realidade, suas peculiaridades culturais, regionais e climáticas, sua política social e situação sócio-ecônomica como fatores decisivos para uma reforma.

O papel do professor, em todo esse processo evolutivo de métodos adequados tem sido muito discutido. Até onde deve ser levado o seu estudo? Até onde se estendem as atividades por eles desenvolvidas? Embora se some tantos debates a respeito, as contribuições literárias ainda são insuficientes para um completo entendimento.

É importante salientar em cima dessa teoria de mudanças, a dificuldade de implamtá-las levando em conta o ser humano por si só; Na verdade, respiramos a vida política, pelo simples fato de vivermos em sociedade,trabalhamos em instituições, e participamosno modo de organização e funcionamento da sociedade, que por sua vez, depende das relações de poder e do confronto de interesses entre as classes. Mas,

acima de tudo é de primordial relevância, o estudo crítico de toda uma história, tendências e correntes que vem se manifestando, oferecendo dessa forma uma reflexão crítica de seus fundamentos teóricos e metodológicos.

II- O que é Educação Física Crítica

Se trata de uma Educação Física fundamentada no movimento corporal parametrizado. Em outras palavras, para que um movimento seja classificado como integrante da Educação Física, o mesmo deve fazer parte dos conteúdos que a escola propõe como parâmetros. São eles, a dança, a luta, a psicomotricidade, os jogos pré-desportivos, os desportos e a ginástica.

Para que se faça um emprego crítico correto da Educação Física no país, deve-se inicialmente conhecer a sua história político-sócio-ecônomica, procurando se aprofundar dentro desse processo histórico em suas correntes e tendências mais especificamente na área da Educação e da Educação Física. A partir destes conhecimentos técnicos tem-se então condições de responder algumas quest_es que todo professor deve se perguntar ao planejar suas aulas:

Os conteúdos e habilidades podem ajudar o aluno a ser cidadão participativo?

Em que condições materiais de vida, experiências, conhecimentos e valores afetam o desnvolvimento da aula?

Como a evolução do corpo, do movimento, os esportes podem contribuir para o exercício de uma prática social consciente e menos alienada?

Por que motivo as metodologias aplicadas até hoje não foram suficientes ou até mesmo impróprios para um bom programa de Educação Física?

Ghiraldelli (1989) é um dos estudiosos que vem ajudar os professores a repensar a sua profissão, a desenvolver uma visão crítica dos conteúdos e práticas existentes ao longo da história pedagógica brasileira, alertando ao corpo recente que devem buscar formar alunos críticos e participativos, a compreesão e uso sadio do corpo, o esporte educativo, o auto-domínio, a formação do caráter, a auto-valorização da atividade física, enfim o corpo como ser social ao invés do corpo instrumento.

Cabe ao professor descobrir a todo instante, na sua prática de vida e trabalho, as relações sociais reais que estão por trás das tendências, das

técnicas, dos programas de ensino, dando assim uma dimensão política a sua prática pedagógica.

III- Educação Física no Brasil

Relatamos neste contexto,a história da educação, vista por ângulos diferentes, pois identificada em diferentes momentos históricos dão origem a diversos entendimentos do que dei conhecemos.

Serão abordadas as suas tendências e correntes, através de um quarto classificatório, confeccionado após coleta de dados de revistas e livros, desde os anos 10 até os dias de hoje, segundo Ghiraldelli (ibid). Por outro lado, uma visão histórica relacionada por auto com as necessidades do povo de acordo com o momento político

Nos anos finais do império e no período da Primeira República, num período que ultrapassa 40 anos (1889-1930), é o produto de um pensamento liberal que atibui à educação um poder sobrenatural de reformar a sociedade, dando ênfase em primeiro plano a saúde. Teve como figura paradigmática o baiano Rui Barbosa que soube expressar enfaticamente a necessidade da Educação Física de enraizar hábitos higiênicos na juventude, defendendo a tese de que "a higiene do corpo e a higiene da alma são inseparáveis".

A Educação Física higienista é uma concepção que se preocupa em erigir a Educação Física como agente de saneamento público na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas que se instalaram com a grande concentração de massa nos centros urbanos; provocado pela industrialização deste período, não significando o imobilismo do governo e classes dominantes que agiam com o intuito de organizar e disciplinar o espaço urbano, separando o operariado das demais classes, aplicando uma política de "desodorização do espaço".

Em 1921, o Brasil adotou um " Método Oficial de Educação Física", o "Regulamento No 7" ou "Método do Exercito Francês" trazendo à tona o falso caráter dos que se diziam "Liberais Brasileiros", visto que o próprio Rui Barbosa vai aconselhar as escolas à adoção da prática da Educação Física Militar. E a Educação Física militarista que no período de 1930-1945 absorve a Educação Física higienista, embora com um ponto em comum, era a mesma séria preocupação coma saúde individual e pública, o objetivo fundamental era a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta e a guerra até pela própria conjuntura da época, influenciada pela ascençáo do facismo, liderado por Mussolini e o nazismo por Hitler, pregando que a saúde da Pátria era a força. Dessa forma foi facilmente incorporada a ideologia

facista praticamente monopolizada pela escola de Educação Física do Exército, se distinguindo assim da inspiração liberal higienista.

Em 1931, a EducaçãoFísica era obrigatória nos cursos secundários (Método Francês), em 1933 foi fundada a escola de Educação Física do Exército, que funcionou como coordenador do pensamento sobre a Educação Física Brasileira nas duas décadas seguintes.

Sua idéia central era a "Seleção Natural", atrvés do aperfeiçoamentoda raça, utilizando a Educação Física como meio de formar homens obedientes e adestrados "cidadáo-soldado" a serviço da pátria; subvertendo o próprio conceito de saúde, colocando em primeiro plano a "Saúde da Pátria", representado pela transformação do homem em máquina de colaboração e rendimento.

Em clima de nazifacismo foi, em parte, contido nos anos 40. A guerra provocou alterações profundas no país. Podemos dizer, em um certo sentido,que o fim da guerra trouxe o término do Estado Novo a queda do governo Vargas.

O período após 1945 é chamado de período de democratização populista. A concepção militarista cedia espaço a Educação Física como "disciplina educativa por excelência" no âmbito da rede pública de ensino, culminando no seu crescimento nos anos 50 e 60 tendo seu impulso vital por parte da ideologia nacionalista desenvolvimentalista do governo JK. Ela encara a Educação Física como uma prática eminentemente educativa através do uso da "Educação do Movimento" como única forma de promover a chamada "Educação Integral".

Nesta fase de 1945 a 1964, cresceu a Educação Física comparada, e o modelo americano se torna mais cativante. A Educação Física pedegogicista desenvolveu um cilto ao "desporto-espetáculo" que mais tarde após o golpe de 1964 com a ditadura, serão incentivadas a tender para o desporto de "alto-nível", trazendo a tona o caráter competitivo da Educação Física.

Retornando a orientação conservadora do estado novo, a idéia força era usar o esforço físico como meio de afastar o estudante da política. Buscava-se com esta política desportiva produzir a "coesão nacional e social" que a ditadura não havia conseguido com o Mobral nem com a propaganda de televisão. Se pretendia em suma, o extermínio de qualquer tipo de oposição que não aceitasse a continuidade do modelo econômico internacionalizado.

Esta tendência funciona até 1985 sustentada pelo regime militar que usava a Educação Física através do desporto de alto nível como analgésico no movimento social, usando como fórmula mágica, o entretenimento da população com o intuito de ocupar seu tempo livre.

A Educação Física competitivista chega então ao 1o e 2o graus pela secretaria de educação de São Paulo, criando assim dois tipos distintos de Educação Física na rede escolar, resultando numa estratificação interna do seu corpo discente em "Turmas de Treinamento" (alunos com conhecimento prévio do desporto), e "Turmas normais de Ginástica" (alunos não iniciados desportivamente).Deixando claro seu desejo de, através da "massificação" e hierarquia desportiva, inocular o germe da competitividade por toda sociedade brasileira.

Esse período se define pelo pacto da burguesia industrial brasileira, os capitalistas internacionais e a tecnoburocracia militar e civil, que à partir de 1974, com a vitória esmagadora da oposição (MDB) sob o governo (AREA) e posteriormente a eleição de Trancredo Neves via colégio eleitoral, configurou-se a necessidadede mudança de rumo da Educação Física brasileira, sugindo enfim a Educação Física popular, que emerge da prática social dos trabalhadores,e em especial das iniciativas ligadas aos grupos de vanguarda do movimento operário e popular. Hoje vivemos uma fase de grande significância, tanto relativo ao crescente número de profissionais empenhados na discussão de "Práticas Alternativas", como na promoção de encontros direcionados à conquista de uma "Educação Física Crítica".

IV- A Educação Física Hoje

Hoje com relação a tendência que se encontram na Edçcação Física, segundo Saviani, são três: uma que se apresenta na sua biologização; outra que se percebe na sua psico-pedagogizaçáo, e a última, na sua concepção histórico-crítica de educação, distinguem sinais que passam vir a apontar para sua inserção na proposta de uma pedagogia sedimentada.

Alguns profissionais da área, atualmente procuram também, através de estudos, debates e livros, divulgarem e discutirem a respeito de concepções novas de ensino baseadas na crítica do mesmo. São exemplos Hildebrandt em seu livro "Concepções abertas no ensino da Educação Física" - e Taffarel (1985) com "Criatividade nas aulas de Educação Física". Efetivando uma contribuição para a ampliação da consciência social dos alunos e sua participação ativa tanto naprática desportiva,como na prática social.

V- Conclusões

Muitos são os conceitos da Educação Física que se modificam ao longo dos anos, definidos basicamente pela evolução político-econômico-social.

Embora tantas divergências, um ponto em comum e preocupante esteve e está em todas essas épocas; é a discriminação das classes sociais.

A classe proletária é diferenciada e desvalorizada, desde o método de ensini até o seu espaço físico, materiais e corpo docente não especializado. Para trabalhar indivíduos carentes em todas as áreas, cognitiva, afetiva e motora, portadores de deficiencia em geral que abrange desde alimentação e saúde até a carência afetiva, a solidão ou o abandono, teria que se ter um treinamento específico para se conseguir um equilíbrio e na medida do possível (pois o Brasil é isso), podermos contribuir para sua integração à sociedade.

Nos clubes, academias, colônias de férias e escola, a discriminação é feita de uma só maneira, mensalidades e taxas absurdas a serem pagas, impossibilitando a participação da classe baixa; e já alcançando nos dias de hoje a classe média, que luta desesperada para manter o mínimo básico (educação) a seus filhos, deixando a atividade física em segundo plano, o que acarreta um desequilíbrio emocionalnessas crianças que normalmente residem em locais que não disp_e de espaço para que eliminem suas energias acumuladas.

A Educação Física deve ser criticada não só pela forma em que é transmitida, mas também sob o ponto de vista de suas adaptações, pois ainda mais grave que cópias estrangeiras ao aalto nível dos atletas brasileiros; são suas adaptações internas relacionando regi_es e condições sócio-econômicas; enfim as condições de vida que variam para cada região do país.

Referências Bibliográficas:

CASTELLANI, Lino filho. Educação Física no Brasil: A História que não se conta. Campinas: Papirus, 1979.

GHIRALDELLI, Paulo Júnior. Educação Progressista. São Paulo: Loyola, 1989.

HILDEBRANDT, Reiner. Concepções Abertas no Ensino da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

SOARES, Carmem Lúcia. et ai. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

TAFFAREL, Celli Nelza Zulke. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

O COTIDIANO E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA - UM ESTUDO DE CASO

Acadêmico: Marcelo Guina Ferreira
Orientadores: Prof. Dr. Alfredo G. de Faria Jr.
Prof. Dr. Vítor M. de Oliveira

ABSTRACT:

This work present study about everyday situation lived on Physical Education course of the Rio de Janeiro University, from Physical Education and Sport Institute.

O estudo tratará de situações vividas no cotidiano de um curso de graduação em Educação Física (EF). O IEFD/UERJ é mais uma escola onde a História da Educação Física encontrou alguns de seus personagens. Comprometidos com uma atitude investigativa que, busca observar na história da EF brasileira não só o que ficou evidente, mas o que pensou omitir. Entendíamos que, as estrelinhas do processo fonnativo do professor de EF na IEFD, escondiam interesses de classes conflitantes. No período de 1988 a 1993 a presença de um movimento estudantil (ME) estruturado naquele Curso, possibilitou que se alterasse a correlação de forças entre distintas e, até mesmo, antagônicas concepções de EF. O Centro Acadêmico de EF (CAEF) foi o instrumento encontrado por concepções não homogênicas para ganhar espaço na graduação.

Desta forma, entendendo que a disputa em torno da concepção de EF e, portanto, da própria concepção de mundo que assumirá acadêmico, é uma questão de luta de classes. O CAEF foi elemento decisivo para que, os setores de ideologia socialista pudessem afirmar a sua WELTANSCHAUUNG como para os futuros professores de EF.

CAEF : UMA ÉTICA de HISTÓRIA

A história é produto e produtora do cotidiano. Dele partem e a ele retornam os acontecimentos daquela, pois "toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente por seu posterior efeito na cotidianidade" (AGNES HELLER, 1972, p. 20).

Este estudo tratará de situações no cotidiano de um curso de Educação Física (EF).

O Instituto de EF e Desporto (IEFD) da universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é mais uma Escola onde, a história da Educação Física encontrou alguns de seus personagens, realizando assim dialética processo-produto. Nesta somos um presente cujas circunstâncias resultam de todo um passado histórico. Sabemos porém, da inevitabilidade de, aos poucos, tornarmo-nos o passado que gerou as circunstâncias de um outro presente que será o nosso futuro.

É com esta visão dialética que desejamos relatar o processo pelo qual o CENTRO ACADÊMICO de EF (CAEF) tornou-se LOCAL PARA e FORMA DE fazer histórico que alguns estudantes encontraram naquela graduação, de 1988 a 1993.

Considerando que o homem é comprometido com seu mundo, mesmo através da amizade de contribuir para a transformação do quadro social em que vivemos. Sabíamos da necessidade não só de mudanças, mas de comprometimento, pois de acordo com PAULO FREIRE (1979): "o compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto" (p. 15).

Lutávamos por mudanças por entendermos o mundo a partir da ótica de quem é explorado e oprimido, o que era já uma opção de classe, pois no capitalismo não há como ausentar-se perante a luta de classes. Assim o confirmam KELLE e KOVALZON :

A propriedade privada dos meios de produção é a fonte econômica dadivisão da sociedade em classes, o fundamento econômico da exploração a que são submetidas as classes trabalhadoras pelos proprietários dos meios de produção, base do antagonismo social das sociedades (1976, p.217)

Esta ótica adotada para nossa militância no ME e, no CAEF em especial, encontra o melhor apoio teórico no marxismo-leninismo. Este, na verdade, é mais

que o cumprimento de uma exigência acadêmica, pela qual toda pesquisa deve ter uma referência teórica que lhe forneça o devido arsenal argumentativo, e domínio de posturas explicativas (DEMO, 1989). O marxismo-leninismo é antes a teoria que dá base a concepção de homem e de mundo que, por sua vez, em conjunto, formam a ótica com a qual buscamos realizar nossa práxis política.

Passemos, nesse instante, a relacionar geral e particular, sem esquecer que se deve perceber no particular no que se pensa do geral; ao ver o que se pensa do geral entender o que se faz no particular.

Como é sabido, o Movimento Estudantil (ME) foi um dos alvos preferenciais da ditadura militar. Com isto, ao findar-se tal período obscuro de nossa história, o ME encontrava-se em meio a um grande esforço de reconstrução.

A EF, sobretudo a partir da década de 80, também inicia processo semelhante quando então, só para citarmos um exemplo, "cresceu o número de encontros regionais de profissionais da área preocupados com a conquista de uma EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA" (GUIRALDELLI Jr, 1988, p. 46).

Segundo Lino Castellani Filho (1988) é neste período que começa a tomar corpo na história da EF brasileira, a tendência ou a concepção HISTÓRICO-CRÍTICA. É, enfim, um momento importante para a pedagogia no país, pois a Educação vê surgir uma nova tendência pedagógica que busca sua práxis com um referencial cuja matriz teórica é o marxismo.

Portanto, a reconstrução do ME e o surgimento de matriz teórica marxista na EF nos anos 80, serão dois acontecimentos de grande influência nas atividades que o CAEF iniciaria no ano de 1988.

Aquele ano marcaria não só a reestruturação do CAEF após um período de desativação, mas também o início de um confronto no curso entre concepções de EF distintas e, porque não dizer, antagônicas. Pois, se observarmos na história da EF brasileira não só o que ficou evidente, mas o que se pensou pmitir. Se atentarmos para as estrelinhas, conforme proposta de Castellani Filho (op. cit.), percebemos os interesses de classe que ali estão alojados. Tal atitude investigativa faz-se urgente para que a EF não tenha apenas relatos históricos ricos em fatos mas pobres em contextualização. E também porque sempre seremos vítimas do engano dos outros e do próprio, se não descobrirmos "por trás das frases,

declarações, promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses de uma ou de outra classe (LENIN, 1982, p. 38).

FORMAÇÃO ACADÊMICA : INTERESSES CONFLITANTES

Para um melhor entendimento do já citado confronto, precisamos analisar o IEFD como resultado de determiadas condições históricas.

Voltemos pois a década de 70 quando, pensando em mecanismos de desmobilização ideológica do ME, a ditadura editou o decreto 705/69 instituindo a obrigatoriedade da EF também no terceiro grau. Foram então criados os Centros de Desporto (CD) como forma de organização da EF no Ensino Superior.

Na Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ) o CD foi implantado em 19 de novembro de 1970, tornando-se o embrião do atual IEFD. Em tal origem encontram-se os traços que caracterizam a concepção hegemônica no curso.

Tendo nascido sobre a égide do decreto 705/69, não é de se admirar que tal licenciatura não contivesse a participação política no leque de atividades a serem desenvolvidas pelos estudantes.

Em verdade, o IEFD como tantas outras Escolas de EF no país, seguia à risca a estratégia de "racionalização despolitizadora" (GUIRALDELLI Jr., 1988, p. 30) traçada pelo governo. É importante ressaltar que, para a EF em particular, a diretriz oficial do regime militar apoiava-se no COMPETITIVISMO e na APTIDÃO FÍSICA.

Já Castellani (op. cit.) aborda as concepções de EF detectanto três grandes tendências. A BIOLOGICISTA e a PSICOPEDAGOGICISTA seriam acríticas, se relacionadas no quadro geral da Filosofia da Educação. A outra se configuraria na concepção HISTÓRICO-CRÍTICA.

Com isto, entendemos que a formação do professor de EF na UERJ estava sob à hegemonia de uma visão acrítica, pretensamente despolitizada, onde o aspecto TÉCNICO-ESPORTIVO era absoluto em relação as Ciências Humanas. Buscou-se, então, caminhos para uma interferência neste processo formativo.

O ME de EF, tendo assimilado um ideário de tipo socialista, logo empatizou com as idéias geradas de acordo com o pensamento Histórico-crítico da EF. Naturalmente o CAEF foi o lugar encontrado pelo ME e alguns professores do curso, para passarem à disputa pela hegemonia do processo de formação dos acadêmicos.

Alguns instrumentos de contra-ideologia foram utilizados:

1- A criação, em 1989, do CICLO DE PALESTRAS. Este Evento atinguiu em 1993 sua quarta versão. Ressalte-se que nos dois últimos Ciclos o CAEF abriu espaço para a produção acadêmica dos estudantes (TEMAS LIVRES).

2- A discussão de grandes temas nacionais e internacionais por meios diversos : o Jornalzinho do CAEF, notas, panfletos, etc.

3- As OLIMPÍADAS INTERNAS do IEFD. Hoje damos o nome de JOGOS INTERNOS e alteramos o seu paradigma que era a Aptidão Física e passou a ser Cultura Corporal.

4- O I CONGRESSO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E EF COMPARADA.

5- O XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE EF (ENEEF).

Um momento importante de conflito no curso ocorreu com as eleições para reitor em 1991. O grupo hegemônico, que dirige o IEFD, apoiou a candidatura do professor Wilson Choeri, cujosantecedentes o ligam ao regime militar. O ME de EF não titubeou em denunciar tal postura e apoiar a candidatura do professor Bruno, cujo perfil era oposto. É intereçante notar que, em 1987, quando também ocorreram eleições para reitor, Choeri venceu o pleito na EF sem maiores resistências. Desta feita, quatro anos depois, o candidato que o ME apoiou venceu as eleições entre os estudantes. Entre os professores e funcionários, contudo, Choeri venceu novamente.

Este episódio é bastante elocidativo do conflito existente no Curso. E, juntamente com os Ciclos de Palestras, o I Congresso (dentro do qual realizamos o I encontro de professores de EF socialistas), Olimpíadas, etc, configura o poder de intervenção alcançado pelo CAEF.

A presença de um ME estruturado foi fundamental para a alteração da correlação de forças no curso.

O CAEF foi o espaço ocupado que permitiu aos partidários de uma visão Histórica-crítica da EF, levarem a efeito uma "guerra de posição" (GRAMSCI apud FIORI, 1979, p. 299), na qual se disputava a hegemonia, isto é, a direção moral e intelectual da formação do professor de EF na UERJ.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A coleta de dados, até o momento, contou com uns questionários de perguntas abertas aplicado a turma de formandos 92/2. Será ainda realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) dos documentos do arquivo do CAEF e das atas do Conselho Departamental (CONDEP) do IEFD.

Embora ainda em andamento, o estudo permite constatar que :

1- O CAEF foi o instrumento usado pelas correntes não hegemônicas para ganhar espaço no IEFD.

2- O ME foi fator decisivo para a democratização decorrente da alteração na correlaçãode forças. Ainda mais porque, como comprovam as eleições para reitor, os professores e funcionários, em sua maioria, mantiveram uma postura conservadora.

3- O IEFD é apenas um exemplo de como muitas Escolas deEF assumem posturas, por vezes, reacionários. Basta considerarmos que o CONDEP em 1992 diminuiu a sua representação estudantil de 3 para 2 estudantes. A própria direção do IEFD, conforme consta em Ata do CONDEP, afirma não reconhecer uma Assembléia realizada por estudantes e professores psrs exigir a volta do terciero estudante no CONDEP.

4- Sabendo que a disputa em torno da concepção de EF e, por isto, da própria concepção de mundo que o acadêmico irá adotar é uma questão de luta de classe. E, pelo fato de que o ME de EF assumiu posições políticas à esquerda, o CAEF foi o elemento decisivo para que os setores de ideologia socialista pudessem afirmar a sua WELTANSCHAUUNG como uma opção para os futuros professores de Educação Física.

Apoio : CNPq.

ASPECTOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADA PELA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Carlos da Fonseca Brandão

ABSTRACT:

"Aspects of the production scientifical on Physical Education, published by magazine of Science of the Sport in Brazil".

The article shows the aspects of the production of the knowiedge in Physical Education area published in "Revista Brasileira de Ciencia do Esporte (RBCE)" since the first edition to present days (1979-1993). The article gathers four topics: the first refers to some indicators of the growing institutionalization of Brazilian Physical Education area in the analysed period. The second and third topics refer to a division of the articles per subject and the percentual of problems, doubts or questionings found. The fourth and last topic indicates some conclusions in inspire of the situation of the production of knowledge in Physical Education area, according to the articles published by RBCE.

INTRODUÇÃO

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) çe a publicação que representa o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) , fundado em 17 de setembro de 1978 . Com maior exatidão, desde a publicação do número inicial , em setembro de 1979 , vem impresso em suas páginas os dizeres " _RGÇO DE DIVULGAÇ·O OFICIAL DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE " (1) .

A escolha dessa publicação deu-se pelo fato dela representar uma intituição científica , sem fins lucrativos ou comerciais. Existem também outras publicações no Brasil nesta mesma condição , que representam instituições científicas como universidades, faculdades, centros de estudo, etc..., porém consideramos que o CBCE, dentre todas as instituições científicas que produzem um veículo de informação científica, por ser autônomo, é o que melhor representa os profissionais ligados às ciências do esporte e da Educação Física. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), referiu-se à RBCE como sendo " o periódico mais representativo da área " (2).

Caracterizar a RBCE como um veículo de informação científica é devido as próprias afirmações contidas nos editoriais da revista. No editorial do volume 6, número 1, de setembro de 1984, os editores propõem " que alguns artigos pequenos, que não tenham realmente as características de um trabalho científico nos sejam enviados para publicarmos no boletim do CBCE. É uma maneira de divulgarmos contribuições ou propostas importantes, mas que não poderíamos fazer dentro da revista, por não ser um trabalho científico." (3) O editorial do volume 6, número 3, de maio de 1985, diz " Publicar qualquer coisa também nem sequer entra em cogitação em se tratando de uma revista científica" (4)

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo da produção teórica da RBCE, através da análise dos artigos nela publicados. Foram analisados 214 artigos, publicados até o volume 15 (1), setembro/93, dos quais, 76 (35,51%), segundo nosso ponto de vista, não suscitaram dúvidas ou questionamentos sobre os conteúdos ou sobre os métodos utilizados nas pesquisas.

Não foram considerados os artigos publicados sob as formas de temas livres, resenhas de livros e resumos de dissertações e teses.

Os motivos de exclusão dos temas livres são : na publicação em questão eles são apresentados de forma reduzida, o que compromete a sua análise ; esses temas livres são, na maioria das vezes, intenções de pesquisas que poderiam ou não, virem a serem realizadas. Entendendo como sendo apenas as pesquisas realizadas, passíveis de serem publicadas na RBCE em forma de artigos, o editorial do volume 4(3), maio/83, diz que o " CBCE desde a sua fundação realizou 3 Congressos Brasileiros, totalizando 161 apresentações de Temas-Livres na área de Ciências do Esporte. Desses 161 temas-livres apresentados, apenas 9 (nove) vieram até agora a ser publicados em nossa RBCE " (5).

Os resumos de dissertações e teses não foram analisados por considerarmos que, em se tratando de uma dissertação ou de uma tese, o correto seria analisar o trabalho original, e não o seu resumo. Não fomos ao trabalho original para não fugir ao objeto desta pesquisa que é a análise dos conteúdos e dos métodos utilizados nos artigos publicados na RCBE. Alguns autores publicaram suas dissertações e/ou monografias em foma de artigos, sendo assim considerados e, portando analisados.

As resenhas de livros não foram analisadas pois, neste caso, estaríamos analisando a opinião de uma determinada pessoas sobre a obra, e não o que o autor da obra quis transmitir com ela

As tanscrições de palestras, coferências, debates e mesas-redondas foram analisadas por serem duplamente importantes, visto que seus conteúdos além de terem sido divulgados oralmente para um determinado público, foram também

publicados nessa revista, fazendo com que mais pessoas tenham acesso a esses conteúdos, aumentando as possibilidades de um maior alcance social

As traduções publicadas pela RBCE foram analisadas pelo mesmo motivo das exposições orais, apesar das traduções infringirem as NORMAS PARA PUBLICAÇÃO publicadas pela RBCE a partirdo volume 1(2), no tópico INFORMAÇÕES AOS AUTORES, que diz: " Os trabalhos deverão ser enviados para publicação na condição de estarem somente sendo submetidos para esta publicação e portanto não foram ou serão publicados em outro local " (6). O fato de ser uma tradução significa que o trabalho já foi publicado em outro local.

É preciso deixar claro que essa não é uma análise da instituição CBCE, mas apenas uma análise dos artigos publicados na revista por ela produzida, editada e distribuida, a RBCE, vistos em seus aspectos metodológicos e de conteúdo. Qualquer das colocações aqui expressas nào se referem, também, às pessoas de seus autores, sendo que, nenhum dos autores foi procurado para esclarecer quaisquer dúvidas surgidas ao longo de nossa análise. Consideramos, para efeito de análise, apenas e tão somente, o que está escrito e publicado na RBCE.

Este trabalho está dividido em quatro tópicos. O primeiro refere-se ao crescimento do número de cursos de graduação e pós-graduação, no Estado de São Paulo, como indicado do desenvolvimento institucional da área de Educação Física, no período analisado.

Em todo Brasil, existem hoje 123 cursos superiores de Educação Física, sendo que, 38 localizam-se no Estado de São Paulo (7), o que corresponde à 30,89% do total. Em 1978, o Estado de São Paulo possuía apenas uma escola pública de ensino superior de Educação Física, a Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, localizada na cidade de São Paulo, com o curso de Educação Física sendo ministrado em período integral. Hoje, em 1993, o Estado de São Paulo possui, além desta, mais quatro cursos superiores de Educação Física em universidades públicas, a saber: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), esta com cursos superiores em Educação Física no campus de Rio Claro, Bauru, e Presidente Prudente, não só ministrados em período integral, mas também, como por exemplo no campus de Presidente Prudente, ministrado no período noturno, todos no interior do Estado de São Paulo. Foi também criado, pela Universidade de SÇo Paulo, em 1992, com início de primeira turma de 1993, o curso superior de bacharelado em Esporte (8).

Em 1988, a UNICAMP iniciava quatro cursos de pós-graduação Iato-sensu, na área de Educação Física. Em momento semelhante, a UNESP, Campus de Rio Claro, iniciava também curso de pós-graduação Iatu-sensu, com área de concentração em aprendizagem motora.

Atualmente, existem também cursos de pós-graduação lato-sensu em escolas privadas, e com outras áeas de concentração, como por exemplo, o curso de especialização em Animação Sócio-cultural, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e o curso de especialização em Recreação e Lazer das Faculdades Anhembi-Morumbi, também na cidade de São Paulo, entre outros.

A nível de mestrado, em 1978, esse curso só era ministrado na Universidade de São Paulo (USP), sendo que, durante o período por nós analisado, foram criados também cursos desse nível na UNICAMP e na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), sendo o primeiro do caráter publico e o segundo privado.

Também em artigo recente, sobre o mesmo assunto, Eleonor Kunz (9) afirma que " já existem no País, dois cursos de Doutorado em Educação Física em pleno funcionamento e outro em vias de ser iniciado. (10) Infelizmente o autor não cita quais são esses cursos e onde estão localizados. Não cita também qual o curso de doutorado que está em vias de ser iniciado, nem onde será ministrado. Porém o mais importante dessa citação, segundo nosso ponto de vista, é mostrar que em 1978, ano de fundação do CBCE, não existia no país nenhum curso de doutorado em Educação Física, o que é mais um indicativo da crescente institucionalização dessa área.

No segundo tópico são analisados artigos que abordam aspectos de saúde e de performance física e esportiva na área de Educação Física, do ponto de vista dos métodos e conteúdos utilizados. Essa parte do trabalho compreende 111 artigos, que correspondem a 51,87% do total de artigos publicados pela RBCE, distribuídos entre as disciplinas de treinamento desportivo, biometria, crescimento e desenvolvimento, aprendizagem motora, cotrole motor, psicologia do esporte, Educação Física adaptada, testes, medidas e avaliações, cinesiologia, biomecânica, medicina do exercício, fisiologia do exercício, entre outras.

Desse total de artigos, apenas 33 (15,41% do total e 29,73% dessa sub-área) não foram alvo de algum tipo de questão, seja sobre métodos utilizados ou sobre conteúdos abordados, sendo que, nos 78 artigos restantes (36,45% do total e 70,27% dessa sub-área), algum tipo de questionamento foi levantado.

O terceiro tópico é constituído pela análise, sobre o mesmo prisma de observação (métodos e conteúdos utilizados), de 103 artigos, correspondentes à 48,13% do total de artigos publicados pela RBCE, que abordam aspectos pedagógicos, históricos e filosóficos na área de Educação Física. Essa parte inclui artigos sobre metodologia de pesquisa, produção de conhecimentos, prática de ensino, política educacional, Educação Física escolar, recreação, história e filosofia da Educação Física, currículos, entre outras disciplinas.

Desse total, em 43 artigos (20,09% do total e 41,76% dessa área) não foram encontradas dúvidas ou questões quanto ao método utilizado ou aos conteúdos abordados. Porém, nos 60 artigos restantes (28,04% do total e 58 24% dessa sub-área), surgiram dúvidas e/ou questões.

Como quarto e último tópico, chegamos à algumas conclusões, divididas em três itens.

O primeiro refere-se à crescente institucionalização da área de Educação Física, no período de 1978 a 1993, que foi por nós analisado, em função da criação e existencia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), que , por sua vez, editou e publicou a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), cuja produção científica foi objeto de nossa investigação.

Essa crescente institucionalização deu-se, entre outros fatores, comprovadamente, pela criação e aumento da oferta de cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado em Educação Física no país.

Como segundo aspecto, temos que a quantidade de artigos publicados pela RBCE, por cada uma das sub-áreas que analisamos, se equivale. A diferença de oito artigos, ou 3,74% não foi por nós, considerada significativa, em função do tipo de análise que nos propusemos a realizar.

Durante o período analisado pode ter havido momentos em que uma das sub-áreas foi predominante em relação a outra, porém ao analisarmos o período de maneira global, vimos que as duas sub-áreas publicaram quantidades semelhantes de artigos. A diferança maior ficou por conta do percentual de artigos, que apresentaram problemas ou questões, de conteúdo ou de ordem metodológica, de cada uma das sub-áreas.

O último e principal tópico de nossa conclusão é que, tanto a primeira como a segunda sub-área apresentaram mais da metade de seus artigos, com problemas, dúvidas ou questões de ordem metodológica, ou nos conteúdos abordados, o que é uma quantidade elevada. O total de artigos com os problemas citados chega a 64,49% do total de artigos publicados, o que, também é um percentual elevado.

Esses números mostram que mesmo com o crescimento institucional da área de Educação Física, nos útimos 15 anos, ela ainda apresenta problemas básicos na sua produção científica, produção essa que, segundo os mesmos dados, pode ser considerada de baixa qualidade e de pouco rigor teórico e metodológico.

Com certeza não possuímos conhecimentos, em igual profundidade, de todas as disciplinas envolvidas. Também temos a certeza que outros problemas metodológicos ou de conteúdo, podem ter passados desapercebidos pelo nosso crivo.

Porém, ao mostrarmos as deficiências encontradas nos artigos analisados, esperamos, com este trabalho, poder contribuir para o aumento no nível de conscientização e criticidade dos profissionais da área de Educação Física, quando esses se propuserem a consumir, produzir e publicar trabalhos, que almejam o adjetivo de científico, nessa área.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Educação Física, avaliação e perpectivas: atualização, metas e prioridades para o triênio 1987- 1989. Brasília, 1986, mimeo.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Séries históricas de demanda e atendimento - 1987/1990: bolsas no país (no.), bolsas no exterior (no.) e auxílios a pesquisa (no. e valor). Brasília, 1991, mimeo.

ECO, Humberto. Como se faz uma tese. 3.ed., Perspectiva, São Paulo, 1986.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. Novo dicionário aurélio de língua portuguesa. 2.ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

GUIA DO ESTUDANTE 94, Abril, São Paulo, 1993.

LAKATOS,Eva Maria & Marconi, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed., Atlas, São Paulo, 1991.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 12.ed., Bertand, Rio de Janeiro, 1(11), 1988.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÒNCIASDO ESPORTE, São Paulo, vols.1 a 15(1), setembro/79 a setembro/93.

SEVERINO,Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho ciêntifico: diretrizes para o trabalho didático na universidade. 4.ed., Cortez & Moraes, São Paulo, 1979.



UNICAMP
IMPRESSO
GRÁFICA-ASE-UNICAMP